



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL

Warrington Wallace Veras de Araújo



# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL

WARRINGTON WALLACE VERAS DE ARAÚJO

**DOM AVELAR BRANDÃO VILELA, ENTRE O TEXTO E O  
CONTEXTO:** trajetória e representações do Arcebispo do Piauí (1956-1971).

WARRINGTON WALLACE VERAS DE ARAÚJO

**DOM AVELAR BRANDÃO VILELA, ENTRE O TEXTO E O  
CONTEXTO:** trajetória e representações do Arcebispo do Piauí (1956-1971).

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, como requisito para obtenção do título de Mestre em História do Brasil.

Orientadora: Profa. Dra. Áurea Paz Pinheiro

A663d Araújo, Warrington Wallace Veras de.

Dom Avelar Brandão Vilela, entre o texto e o contexto: trajetória e representações do Arcebispo do Piauí (1956-1971). / Warrington Wallace Veras de Araújo – Teresina, 2008.

211f. il.

Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí.

Orientadora: Profa. Dra. Áurea da Paz Pinheiro.

1. Dom Avelar – Trajetória 2 Igreja Católica – Teresina  
3 Arquidiocese – Teresina. I. Título.

CDD 981  
922.2

WARRINGTON WALLACE VERAS DE ARAÚJO

**Dom Avelar Brandão Vilela, entre o texto e o contexto:**  
trajetória e representações do Arcebispo do Piauí (1956-1971)

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí, como requisito para obtenção do título de Mestre em História do Brasil.

Orientadora: Profa. Dra. Áurea Paz Pinheiro

Aprovado em        /        /

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Áurea Paz Pinheiro (Orientadora)  
Doutora em História Social  
Universidade Federal do Piauí

---

Profa. Dra. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz (Examinadora)  
Doutora em História Cultural  
Universidade Federal do Piauí

---

Profa. Dra. Adelaide Maria Gonçalves Pereira (Examinadora)  
Doutora em História do Brasil  
Universidade Federal do Ceará

À minha família, Raimunda Veras (mãe), Neulza e Nerissa (irmãs), Mariana (aFILHAda), Maria da Graça (tia-mãe), Goethe Rommel Veras de Sandes (*in memoriam*) e Wellington Veras Cardoso (primos), Aline e Alex (sobrinhos) e aos amigos Antônio Francisco de Sousa e João Bandeira Monte Júnior, pois minha história de vida não poderá ser construída sem estes nomes.

## AGRADECIMENTOS

No percorrer de uma trajetória é mister lembrar das companhias, invisíveis e visíveis, que acompanham e cooperaram desde o simples caminhar conosco até aos incentivos concretos e abstratos. O mestrado e a construção desta dissertação constituíram um caminho difícil e muitos foram os que colaboraram com textos, fontes, tempo, sugestões para elaboração do texto, indicação de leituras, incentivos, orações, escutas etc. Estas variadas formas de apoio são necessárias diante da complexidade do mestrado, então agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que este estudo fosse realizado e se materializasse nesta dissertação.

Agradeço, inicialmente, a Deus, pois, sem Ele nada existiria. Agradeço, também, a Santa Rita de Cássia e a Santa Teresinha do Menino Jesus, que muito me ouviram nos meus momentos de angústias, e que certamente intercederam para que este processo se concretizasse.

Existem pessoas da minha família e amigos que não convivem mais conosco mas que, vivos na minha memória continuam sempre, me apoiando. Neste momento gostaria de citar alguns por acreditar que não existe nenhuma distância entre nós: Rita (avó), Maria Anunciada (mãe preta), Valdemar Sandes (tio), e os amigos Mitonho, Fernando Aires, Mateus Barradas.

Gostaria de agradecer a colaboração da minha orientadora, professora doutora Áurea da Paz Pinheiro, que me conduziu no entendimento do fazer biográfico e na escrita de um texto científico.

À minha família: Raimunda Veras – mãe, Neulza e Nerissa - irmãs, e tia Dadaça um agradecimento especial por me agüentarem as minhas irritações e a minha distância dos eventos familiares. Aos meus primos e primas que me incentivaram sempre com palavras de estímulo e até com apoio logístico, entre estes destaco: Wellington, Valdecírio, Teresa Maria, Graça Maria, Lúcia Maria, Goethe (*in memoriam*), Teresa Cristina, Vitor, Teresinha de Jesus.

Aos professores do programa de mestrado, agradeço as contribuições para este trabalho através das disciplinas ministradas,: Dr. Alcides Nascimento, Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco, Dra. Áurea da Paz Pinheiro, Dr. Edwar Castelo Branco, Dra. Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz.

Agradeço, de forma especial, aos professores doutores que participaram da minha banca de qualificação pelas idéias e sugestões que fizeram esta dissertação crescer em qualidade: Solimar Oliveira Lima e Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz.

Agradeço às funcionárias do mestrado: dona Eliete e a Lêda por me ajudarem nesse período.

Agradeço, carinhosamente, a professora doutoranda e amiga Elizângela Cardoso que, mesmo nos seus momentos difíceis, me doou parte do seu precioso tempo me ouvindo, indicando leituras, lendo e sugerindo idéias para esta dissertação.

Minha gratidão se estende às que cuidaram da minha saúde nestes últimos três anos: doutora Sylrei Ferreira, doutora Maria das Dores Rodrigues e a terapeuta Socorro Veras.

Aos meus amigos agradeço o apoio recebido sempre que preciso: Marcão, João Bandeira, Carmem, Antonio Francisco, Carlinhos, José Antônio, Maria Helena, Lourdinha, Renaud, Cristina, Uchoa, Oscarina, Herbert, Tânia, Sylrei, Genivaldo, Rosa Barradas, Afonso, Rosângela, Neila, Mirinha, Dom e Raí, Eugênia, Socorro Lira, Marco Aurélio, Cleonice, Francimélia.

Um obrigado muito especial aos amigos que fiz durante esses anos de estudo nos quais dividimos vitórias e angústias, especialmente aos que fizeram parte do grupo de estudo, no qual cresci muito com as leituras e discussões: Demétrios Galvão, Emilia Nery, Luciana, Marylu Oliveira e Rosário Trancilin. Dentre estes meu muito obrigado a Marylu Oliveira que além de sua amizade confiando em mim, me ensinou a arte de ser historiador, ensinando como pesquisar, arquivar as fontes, a realizar entrevistas e ajudando, principalmente, na escrita desta dissertação, e peço desculpas pelos momentos nos quais ficava contrariado quando ela pedia para cortar trechos do meu texto. Agradeço a Emília Nery pelo incentivo e o ombro amigo em certos momentos, pelas fontes e pela leitura dos meus textos, contribuindo sempre

com suas críticas inteligentes e por ceder sua casa para debates sobre os nossos temas, sempre regados com os lanches de sua mãe: dona Lourdes. Luciana, esta foi minha parceira de momentos cruciais, e pela proximidade dos temas trocávamos fontes como se troca figurinhas: muito obrigado minha amiga. Agradeço, ainda, a Demétrios e Rosário que “acrescentaram poesia ao mestrado” em estilos diferentes e, por estarem mostrando, através de suas posturas, outras possibilidades de ser mestrando.

Durante esta caminhada, outros amigos colaboraram para nos fazer crescer como pessoa, e contribuíram com este trabalho: Nilsângela, Elson, Jaison, José Maria, Mairton e Santiago.

Neste momento quero agradecer aos meus colegas de trabalho que me apoiaram de diversas maneiras: Euda, Tonny, Maria José, Teresinha, Nilma, Uzelina, Salomé, Conceição Silva, Cristiane.

Agradeço, também, à Profa. Dra. Socorro Magalhães, minha amiga, pela revisão e por sua contribuição que foi além desta tarefa, à minha irmã Neulza Veras pela capa, à amiga Maria Helena Oliveira pelo “Abstract”.

Um agradecimento, especial, para a mestra Maria do Amparo Alves de Carvalho por sua generosidade ao ceder as entrevistas que foram realizadas por ela para sua dissertação, para fazerem parte do conjunto de fontes que me ajudaram a compreender a trajetória de Dom Avelar por Teresina.

Finalmente, agradeço a contribuição e a disponibilidade, que me permitindo que pudesse adentrar em suas memórias, aos meus entrevistados: Maria Isabel Vilela, Monsenhor Luís Soares e Monsenhor Isac Vilarinho.

*IMPRIMATUR*

*Pois viva o tempo! esse caderno em branco  
até que o homem se anuncie e imprima  
nele os riscados da matéria prima  
de seu estilo pessoal e franco.*

*Só depois desse anúncio, desse arranco,  
é que a vida se faz, tudo se anima  
e as coisas acontecem; e há um clima  
propenso ao passo firme. Em passo manco*

*caminha a maioria dos humanos  
sem atinar que o ideal é a luz  
que evita o rumo triste dos enganos.*

*Imprima-se nosso ideal, seguro  
na mão do Amor – a mão que bem conduz  
a escrita do presente e do futuro.*

Hardi Filho - 2007

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise da trajetória de vida de Dom Avelar Brandão Vilela, no período de 1956-1971, época em que esteve à frente da Arquidiocese de Teresina. A sua passagem pelo Piauí deixou marcas profundas. O mundo e o Brasil nas décadas de 1950 e 1960 estavam imersos em transformações sociais, políticas e econômicas. A Igreja Católica percebendo aquelas transformações procurou se adaptar às novas realidades. Para tanto, realizou o Concílio Vaticano II (1962-1965). Dom Avelar diante das novas formas de representação da Igreja Católica procurou implementar as mudanças promovidas pelo Concílio, na Província Eclesiástica do Piauí. No processo da pesquisa, o trabalho valeu-se do conceito de “batalhas de memória”, de Michel Pollack, para poder evidenciar as continuidades e os conflitos de memória. As primeiras mudanças chegaram através do 1º Congresso Eucarístico realizado em Teresina, em 1960, para comemorar os 25 anos de sacerdócio de Dom Avelar. O Congresso de Medellín, em 1968, foi um evento, duas vezes importante, primeiro por ter adequado a documentação do Vaticano II para a América Latina e segundo por outra, Dom Avelar estar na presidência da Conferência Episcopal Latino Americana – CELAM, órgão que organizou aquele evento. Outra preocupação de Dom Avelar foram eram as questões rurais. Por este motivo resolveu apoiar o sindicalismo rural e a reforma agrária. Devido a esse apoio alguns atritos foram gerados entre os latifundiários e o governo instalado no Brasil, em 31 de março de 1964. O estudo da trajetória pública de Dom Avelar é uma forma de entender os elementos religiosos, políticos e sociais, que fizeram parte do contexto histórico do Piauí nas décadas de 1950 e 1960.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dom Avelar Brandão Vilela. Arquidiocese de Teresina. Igreja Católica. Política brasileira nos anos sessenta.

## ABSTRACT

This work presents an analysis of the trajectory of life of Dom Avelar Brandão Vilela, in the period of 1956-1971, time that was to the front of the Archdiocese of Teresina. Its stay in Piauí left deep marks. To its passage by the Piauí left deep marks. The world and Brazil in the decades of 1950 and 1960 were immersed in economic, political, and social transformations. The Catholic Church perceiving those transformations found be adapted to the new realities, for so much carried out the Council Vatican II (1962-1965). Dom Avelar faced with the news forms of be represented of the Catholic Church found to implement the changes promoted by the Council in the Ecclesiastical Province of Piauí. In the trial of the research we be worth ourselves of concept of "battles of memory", of Michel Pollack, for we will be able to perceive the continuities and the conflicts of memory The first changes had arrived through 1° Eucharistic Congress carried out in Teresina to commemorate the 25 years of priesthood of Dom Avelar, in 1960. The Congress of Medellín, in 1968, was an event, two times important, one for having adjusted the documentation of the Vatican II for Latin America and another one, Dom Avelar was in the presidency of the Episcopal Conference Latin American - CELAM, agency that organized that event. Another concern of Dom Avelar had been the agricultural questions, for this reason his decided to support the agricultural unionism and the agrarian reform. Due to that some support dissensions were generated between the landowners and the form of government installed in Brazil, in 31 of March of 1964. The study of the public path of Dom Avelar is a form of understand the social, political, and religious elements, that were part of the historical context of Piauí in the decades of 1950 and 1960.

Dom Avelar Brandão Vilela. Catholic Church. Vatican Concil II. Archdiocese of Teresina.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

|                      |  |    |
|----------------------|--|----|
| <b>Fotografia 01</b> | Dom Avelar Brandão Vilela 2º Arcebispo da Arquidiocese de Teresina (1956-1971).....  | 26 |
| <b>Fotografia 02</b> | Dom Avelar com os padres redentoristas, os frades, padre Luís Soares, Monsenhor Joaquim Chaves e padre Carvalho.....   | 38 |
| <b>Fotografia 03</b> | Dom Severino Vieira de Melo (1923-1955).....   | 43 |
| <b>Fotografia 04</b> | Dom Joaquim Antonio Almeida - 1º Bispo da Diocese do Piauí (1906-1910).....  | 46 |
| <b>Fotografia 05</b> | Dom Otaviano Pereira Albuquerque - 2º Bispo da Diocese do Piauí (1914-1922).....   | 46 |
| <b>Fotografia 06</b> | Dom Avelar, sua irmã freira, senhor Elias (pai) e dona Isabel (mãe).....   | 55 |
| <b>Fotografia 07</b> | Dom Avelar com as irmãs Nair (freira – irmã Maria) e Giselda   | 55 |
| <b>Fotografia 08</b> | Dom Avelar, ao centro, ladeado por seus pais nas bodas de ouro dos mesmos, em 1951.....  | 56 |
| <b>Fotografia 09</b> | Dom Avelar na Lagoa do Cumbi com a família.....  | 56 |
| <b>Fotografia 10</b> | Cartão (frente) endereçado a sua irmã Giselda que não pôde ir à reunião familiar na Lagoa do Cumbi.....  | 57 |
| <b>Fotografia 11</b> | Cartão (verso) endereçado a sua irmã Giselda que não pôde ir à reunião familiar na Lagoa do Cumbi.....   | 57 |
| <b>Fotografia 12</b> | 1º Congresso Eucarístico – 26 a 30 de outubro de 1960 – 1ª dama dona Maria do Carmo, o Governador Chagas Rodrigues (1958-1962), o Núncio Apostólico Dom Armando Lombardi e Dom Avelar..... | 81 |
| <b>Fotografia 13</b> | Capa da Revista Caravana, Rio de Janeiro GB, Ano XIV, janeiro de 1961.   | 92 |
| <b>Fotografia 14</b> | Emblema do 1º Congresso Eucarístico da Arquidiocese de Teresina, 1960.....   | 92 |
| <b>Fotografia 15</b> | Vista panorâmica de uma missa realizada no 1º Congresso Eucarístico.....   | 98 |
| <b>Fotografia 16</b> | Vista do Altar-Monumento, construído no átrio da Igreja São Benedito.....  | 98 |

|                      |  |     |
|----------------------|--|-----|
| <b>Fotografia 17</b> | Matéria do jornal O Dia sobre o falecimento de João XXIII.....   | 108 |
| <b>Fotografia 18</b> | Papa João XXIII (1958-1963).....   | 110 |
| <b>Fotografia 19</b> | Papa Paulo VI (1963-1978).....   | 110 |
| <b>Fotografia 20</b> | Matéria do jornal O Dominical sobre a indicação de Dom Avelar para o CELAM.....  | 121 |
| <b>Fotografia 21</b> | Dom Avelar na abertura da II Conferência Episcopal Latino Americano proferido pelo papa Paulo VI, na catedral de Bogotá, Colômbia, em 24 de agosto de 1968.....  | 122 |
| <b>Fotografia 22</b> | Capa da Revista Visão sobre a fragmentação do Igreja no Brasil.....  | 127 |
| <b>Fotografia 23</b> | Palanque armado na avenida Frei Serafim para o desfile do 7 de setembro, com Dom Avelar Brandão Vilela, João Clímaco D'Almeida, Helvídio Nunes de Barros, Coronel Jofre do Rego Castelo Branco.....  | 134 |
| <b>Fotografia 24</b> | Iracema dos Santos Rocha Silva - professora, advogada e jornalista presa e cassado em 1964.....  | 144 |
| <b>Fotografia 25</b> | Jesualdo Cavalcanti Barros - vereador preso e cassado em 1964.....   | 144 |
| <b>Fotografia 26</b> | Visita do Presidente da República marechal Humberto de Alencar Castelo Branco (1964-1967), ao Estado do Piauí. O governador Petrônio Portella Nunes, Dom Avelar Brandão Vilela presidente Chefe do Gabinete Militar general Ernesto Beckmann Geisel..... | 145 |
| <b>Fotografia 27</b> | Nota do jornal O Dominical de janeiro de 1969 sobre os números censurados.....   | 156 |
| <b>Fotografia 28</b> | Capa da Revista Veja de setembro de 1968 sobre o comunismo na Igreja.....  | 171 |
| <b>Fotografia 29</b> | Matéria do Jornal do Piauí sobre o posicionamento de Dom Avelar sobre as Ligas Camponesas.....   | 194 |

**LISTA DE TABELAS**

|                 |  |    |
|-----------------|--|----|
| <b>TABELA 1</b> | Crescimento Populacional do Piauí e Teresina .....           | 32 |
| <b>TABELA 2</b> | Piauí: população economicamente ativa (pea) por setores..... | 33 |

## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| <b>INTRODUÇÃO</b>  | 15  |
| <b>1 DOM AVELAR E O SEU MAGISTÉRIO ECLESIAÍSTICO</b>   | 26  |
| 1.1 A Igreja Católica e o espaço urbano de Teresina  | 28  |
| 1.2 Morre Dom Severino, chega Dom Avelar   | 42  |
| 1.3 Dom Avelar em cena   | 53  |
| 1.4 Dom Avelar - a construção de um perfil   | 64  |
| <b>2 UMA CIDADE SERENA E VAZIA INSERIDA NAS TRANSFORMAÇÕES DA IGREJA CATÓLICA: os rumos de Dom Avelar para atravessar esses desafios</b> | 81  |
| 2.1 Igreja Católica  | 85  |
| 2.2 Um Congresso Eucarístico para comemorar o jubileu sacerdotal de Dom Avelar   | 91  |
| 2.3 Aberto o Parlamento de Deus: o <i>aggiornamento</i> da Igreja Católica chega a Teresina pelas mãos de Dom Avelar                     | 102 |
| 2.4 Dom Avelar preside Medellín: a Igreja enfrenta os novos desafios para evangelização da América Latina.                               | 118 |
| <b>3 A ARQUIDIOCESE DE TERESINA E AS DISPUTAS POLÍTICAS</b>  | 134 |
| 3.1 Ecos do golpe de 1964 no Piauí   | 136 |
| 3.2 A Igreja Católica e o Comunismo  | 157 |
| 3.3 O movimento sindical ruralista católico  | 175 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>  | 196 |
| <b>REFERÊNCIAS E FONTES</b>  | 199 |

## INTRODUÇÃO

As décadas de 1950 e 1960, no Brasil, foram marcadas por diversas transformações sociais, políticas e econômicas. A Igreja Católica brasileira participou, ativamente, dessas mudanças que ocorreram no país. Internamente, a Igreja, também, sofreu modificações, o que levou seus membros adotar novos posicionamentos. Naquele momento, se encontrava à frente da Arquidiocese do Piauí Dom Avelar Brandão Vilela, que foi, talvez, o mais complexo e múltiplo dos grandes Bispos da Igreja Católica. Sua obra começa a ser estudada, mas permanece um desafio constante aos historiadores.

Considerando que a história de vida de Dom Avelar Brandão Vilela se encontra inserida na história da Igreja Católica, procuramos realizar leituras relacionadas a esta instituição no Brasil e no Piauí, em particular. Encontramos, nas leituras sobre a Igreja no Brasil abordagens que mostram o posicionamento da instituição em muitos aspectos, como o social e o político. Quanto à Igreja, no Piauí, a bibliografia consultada não aborda o posicionamento dos bispos sobre esses assuntos, como assunto central de um estudo.<sup>1</sup> Dessa maneira, os atos e as opiniões dos bispos da Diocese do Piauí e da Arquidiocese de Teresina, sobretudo Dom Avelar, no que tange às questões políticas e sociais ainda não constituíram o tema principal da maioria das pesquisas acadêmica. Alguns trabalhos utilizaram as figuras dos bispos e de Dom Avelar para ilustrar um ou outro tema de estudo, sendo que, em geral,

---

<sup>1</sup> As obras publicadas e encontradas que abordam sobre a Igreja Católica no período de 1950 e 1960 foram CARVALHO JR, Dagoberto Ferreira de. *História episcopal do Piauí*. Teresina: COMEPI, 1980; MEDEIROS, Antonio José. *Movimentos sociais e participação política*. Teresina: CEPAC, 1996; NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *História e memória da Rádio Pioneira de Teresina*. Teresina: Alínea Produções, 2004; PEREIRA, Luciana Lima. *O discurso da Igreja Católica de Teresina e a formação do ideário cristão através de "O Dominical" (1950-1956)*. Monografia de conclusão de curso apresentada ao Departamento de Geografia e História da Universidade Federal do Piauí – Teresina: 2005; CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. *História e repressão: fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre a Igreja Católica e o regime militar em Teresina*. Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenação do Mestrado Acadêmico em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. Teresina: 2006.

as biografias encontradas de Dom Avelar apontam para uma escrita apologética do Arcebispo,<sup>2</sup>

O objetivo deste estudo é analisar a trajetória pública de Dom Avelar destacando a relação do indivíduo com a sociedade, tal como é apontada por Norbert Elias, o que constitui ponto de apoio e reflexão para este trabalho.<sup>3</sup> Nesse sentido, a conjuntura social e político-religiosa do período de 1956 a 1971, será privilegiada, tendo em vista se tratar do período que Dom Avelar administrou a Arquidiocese de Teresina.

No recorte temporal proposto, 1956-1971, a Igreja Católica e o Estado brasileiro<sup>4</sup> passaram por profundas transformações. A instituição eclesial realizava o Concílio Vaticano II, o que lhe permitiu abrir as portas para uma atualização de suas doutrinas e práticas, buscando assim sua inserção no mundo moderno, para se tornar mais próxima de seus fiéis.<sup>5</sup>

No campo político brasileiro, as tensões da década de 1960 desembocaram no golpe civil-militar de 1964, acelerando, assim, mudanças abissais. Em Teresina, naquele período, ocorreram mudanças significativas em vários setores: na juventude, com os movimentos de jovens, implementados pela Igreja<sup>6</sup>; na educação, com o Movimento de Educação de Base – MEB, a criação das Faculdades Católica de Filosofia – FAFI, de Odontologia, de Medicina. Emergiu, também, uma redefinição do assistencialismo promovido pela Igreja no Piauí, através da criação da Ação Social Arquidiocesana - ASA. Nessas áreas, a figura de Dom Avelar ocupou lugar de destaque por ter dado apoio, como também por estar à frente da Arquidiocese de Teresina.

A participação de Dom Avelar na vida pública piauiense pode ser notada em vários setores: educação, política, comunicação e assistência social. Sem esquecer as suas posturas como pastor da Igreja Católica, frente

---

<sup>2</sup> GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário enciclopédico piauiense ilustrado: 1549-2003*. Teresina: Halley Gráfica, 2003.

<sup>3</sup> ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. p. 150.

<sup>4</sup> “[...] o Estado, mais que qualquer outra camada da identidade-nós, tem a função, na consciência da maioria dos membros, de unidade de sobrevivência, de unidade de proteção da qual depende sua segurança física e social nos conflitos entre grupos humanos e nos casos de catástrofes físicas”. Cf. ELIAS, N. *Op. Cit.* 1994. p.170.

<sup>5</sup> SOUZA, Ney de. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In. GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; e BOMBONATTO, Vera Ivanise (orgs). *Concílio Vaticano II: análise e prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004. p.24.

<sup>6</sup> Alguns movimentos de jovens foram a Juventude Operária Católica – JOC, Juventude Agrária Católica – JAC, Juventude Universitária Católica – JUC e outros.

ao 1º Congresso Eucarístico, realizado em Teresina, no ano de 1960, ao Concílio Vaticano II, chegando ao seu apogeu na II Conferência Episcopal Latina Americana – CELAM, momento em que a participação de Dom Avelar não foi, ainda, suficientemente estudada.

A busca de compreensão e análise das transformações ocorridas na Igreja Católica do Piauí, no período de 1950 a 1960, motivou a escolha da figura de Dom Avelar Brandão Vilela como centro deste estudo.

Procuramos realçar as posturas, as decisões, as escolhas tomadas pelo personagem diante do Concílio Vaticano II e pelo golpe civil-militar de 1964. Examinando os diversos discursos presentes nos jornais, que construíram o personagem no contexto local, os diversos depoimentos, nos quais percebemos as marcas deixadas por Dom Avelar na memória dos teresinenses.

Dom Avelar Brandão Vilela foi o quarto bispo do Piauí e o segundo arcebispo. Foi indicado pelo Papa Pio XII, para ser Arcebispo de Teresina, em 1955, tomando posse em 5 de maio de 1956, deixou a Arquidiocese, no dia 29 de maio de 1971, para tomar posse no dia seguinte em Salvador no Estado da Bahia, como Arcebispo, concomitantemente, Bispo Primaz do Brasil e, depois elevado a Cardeal.

No período que esteve em Teresina, Dom Avelar foi diretor nacional do Movimento de Educação de Base - MEB, vice-presidente, por duas vezes, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, vice-presidente e presidente do Conselho Episcopal Latino Americano - CELAM. Enquanto presidente do CELAM, organizou e presidiu a II Conferência realizada na cidade de Medellín – Colômbia – (1968). Foi convidado pelo Papa Paulo VI, para colaborar na elaboração do Sínodo dos Bispos, em 1971 e, também foi nomeado Arcebispo de Salvador, Bispo Primaz do Brasil e Cardeal.

Podemos perceber, considerando a breve narrativa da trajetória de Dom Avelar no período em que esteve em Teresina, que há aspectos múltiplos na trajetória pública do clérigo, percurso atrativo como objeto de investigação histórica. Desta forma, considerando esta multiplicidade de aspectos, este estudo privilegiou alguns segmentos que envolveram esse personagem e, a partir daí, construímos a sua história de vida. Advertimos que o lugar social

ocupado por Dom Avelar, enquanto Arcebispo de Teresina (1956-1971), terá maior visibilidade na tessitura da narrativa a ser construída.

Elegemos o recorte temporal 1956 – 1971, tomando como referência os conceitos de *acontecimento* e de *fato*, de Michel de Certeau<sup>7</sup>. Compreendido aqui *acontecimento* como a permanência de Dom Avelar em Teresina. Contudo, a atuação de Dom Avelar, como Arcebispo de Teresina, consideraremos *fatos* históricos algumas mudanças ocorridas na Igreja Católica do Piauí provocadas por escolhas suas, frente às transformações sociais, religiosas e políticas daquele tempo.

Para entender a constituição das histórias de vida como um fazer historiográfico possível, se faz necessário diferenciar esta escrita da construção de uma escrita tradicional. Inicialmente, é necessário refletirmos a partir da idéia de Peter Burke, para quem “[...] a história tradicional oferece uma visão de cima, no sentido de que tem sempre se concentrado nos grandes feitos de grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente eclesiásticos.”<sup>8</sup> Esse paradigma de uma história tradicional, conhecido como “história rankeana”, muito utilizou o recurso de contar a história de vidas, “[...] com uma função pedagógica na medida em que apresentava personagens célebres e revelava-lhes as virtudes públicas e os vícios privados.”<sup>9</sup>

Na década 1930, com o movimento dos Annales, sobretudo a partir das intervenções de Marc Bloch e Lucien Febvre, a biografia, por exemplo, foi encarada como um trabalho historiográfico menor, chegando mesmo a ser abandonada como instrumento da pesquisa em história, somente reaparecendo no final do século XX.<sup>10</sup> Atualmente, muito se fala do retorno do modelo biográfico na instrumentalização da pesquisa histórica, no entanto,

---

<sup>7</sup> *Acontecimento* é aquele que recorta, para que haja inteligibilidade; o *fato* histórico é aquele que preenche para que haja enunciados de sentido. O primeiro condiciona a organização do discurso; o segundo fornece os significantes, destinados a formar, de maneira narrativa, uma série de elementos significativos. Em suma, o primeiro articula, e o segundo soletra. Cf. CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002. p. 103.

<sup>8</sup> BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In BURKE, Peter (org.); *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 12.

<sup>9</sup> LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (orgs.) *Usos e abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p.171.

<sup>10</sup> PINHEIRO, Áurea da Paz. Notas sobre história, memória e biografia. *História: publicações avulsas*. Teresina. Universidade Federal do Piauí. Departamento de Geografia e História, n.1, 2002. p.1-19

Áurea Pinheiro<sup>11</sup> não considera que houve um retorno desse gênero, pois, segundo a historiadora, a biografia esteve sempre presente como uma narrativa, sem deixar de estar presente na produção historiográfica.

Para Benito Bisso Schmidt, o retorno da biografia

[...]pelo menos no âmbito da história, não significa simplesmente a retomada de um gênero *velho*, mas está inserido em um processo de profunda transformação das bases teórico-metodológicas da disciplina, com um conseqüente repensar de questões clássicas como: relação indivíduo sociedade, as formas narrativas do conhecimento histórico, entre outras.<sup>12</sup>

Benito Schmidt ao mostrar as profundas transformações no fazer biográfico realça a mudança na escolha dos personagens que para os biógrafos tradicionais esta eleição recaia sobre os homens considerados grandes vultos da história. Hoje se verifica que o interesse recai sobre homens e mulheres membros de qualquer classe social. Outra mudança se referem a destinação das biografias tradicionais que se propunham em louvar ou negar os biografados. Hoje, os trabalhos afastam-se do cunho apologético “para a compreensão de questões e/ou contextos mais amplos”<sup>13</sup>.

Outra questão examinada por Schmidt é a construção da narrativa que, no modelo tradicional, busca a infância, a adolescência, para justificar uma predestinação para suas atividades futuras. Contudo, os historiadores biógrafos de hoje não se fixam nessa busca linear da vida dos seus biografados: “mas que precisam sim apreender facetas variadas de suas exigências, transitando do social ao individual do inconsciente ao consciente, do público ao privado [...] sem tentar reduzir todos os aspectos da biografia a um denominador comum”<sup>14</sup>. A última transformação ressaltada pelo autor se refere à ficção presente nas biografias, cuja existência os historiadores tentaram negar no modelo tradicional. Atualmente, se aceita o conteúdo

---

<sup>11</sup> Idem. Notas sobre o gênero biográfico. In: PINHEIRO, Áurea Paz; NASCIMENTO, Francisco Alcides do. (orgs.) *Cidade história e memória: Teresina 150 anos*. Teresina: EDUFPI, 2004. p.69-80.

<sup>12</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema. In: SCHMIDT, Benito Bisso (org) *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 51.

<sup>13</sup> ibidem. p. 55.

<sup>14</sup> ibidem. p. 63.

ficcional das narrativas biográficas, como destaca a Natalie Davis: “[...] o que aqui ofereço ao leitor é, em parte, uma invenção minha, mas uma invenção construída pela atenta escuta das vozes do passado”<sup>15</sup>

Com a ampliação dos horizontes historiográficos nas últimas décadas, a história passou a dialogar com antropologia e com a sociologia, o que provocou deslocamentos fundamentais, como “[...] das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as estratégias singulares.”<sup>16</sup> É nesse contexto interdisciplinar que a biografia surge como um restaurador do papel dos indivíduos no tecido social. Para Roger Chartier<sup>17</sup>, esse deslocamento atinge o objeto da história, pois se começa a perceber que o indivíduo por meio de suas escolhas, de seu posicionamento diante dos conflitos, bem como de seus embates, vai construindo o mundo social que vive. Logo, como afirma Roger Chartier afirma que:

O objeto da história, portanto, não são, ou não são mais, as estruturas e os mecanismos que regulam, fora de qualquer controle subjetivo, as relações sociais, e sim as racionalidades e as estratégias acionadas pelas comunidades, as famílias, **os indivíduos**. [grifo nosso]<sup>18</sup>

Ao se trabalhar histórias de vida, é preciso, sobretudo, considerar a relação do indivíduo com a sociedade, pois é por meio dessa relação que o indivíduo constitui sua história. Numa tentativa de compreender essa relação, a que nos referimos, Aristóteles usou a metáfora de uma casa de pedra, sendo os indivíduos as pedras e a sociedade a casa. Para o filósofo, a sociedade é constituída de indivíduos, assim como a casa é constituída de pedras. No entanto, essa forma estática e harmoniosa da casa de pedra não permite uma análise profunda do contexto sociocultural no qual estão imersos os indivíduos, pois se olharmos o todo (a casa), bem como as partes que a compõem (as pedras), não chegaremos a compreender cada pedra como também não compreenderemos a casa. Mas sem descartar, totalmente, essa proposta

---

<sup>15</sup> DAVIS, Natalie Zenon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 21.

<sup>16</sup> CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: v. 7, n. 13, 1994. p. 97-113.

<sup>17</sup> Ibid, id.

<sup>18</sup> Ibid, id.

aristotélica de análise, Norbert Elias discute a relação entre o indivíduo e a sociedade. Para o pesquisador:

[...] apenas na sociedade que a criança pequena, com suas funções mentais maleáveis e relativamente indiferenciadas, se transforma num ser mais complexo. Somente na relação com outros seres humanos é que a criatura impulsiva e desamparada que vem ao mundo se transforma na pessoa psicologicamente desenvolvida que tem o caráter de um indivíduo e merece o nome de ser humano adulto. Isolada dessas relações, ela evolui, na melhor das hipóteses, para a condição de um animal humano semi-selvagem.<sup>19</sup>

Quando Norbert Elias se refere ao ser humano como um indivíduo único e possuidor de história individual, diz que “[...] cada pessoa parte de uma posição única em sua rede de relações e atravessa uma história singular até chegar à morte.”<sup>20</sup> Para o pesquisador, o todo é como uma rede, onde cada fio (o indivíduo), de forma isolada, conforme seu lugar, liga-se com os demais, articula-se de maneira diferente, modificando-se de acordo com as tensões, mas também modifica a estrutura da rede como um todo.

Percebendo o indivíduo como único e, ao mesmo tempo, participante de uma sociedade (a rede), Giovanni Levi propõe um modelo de oficina histórica que chama de *biografia contexto*, oferecendo uma possibilidade de compreensão da relação entre indivíduo, aquele que é biografado, e a sociedade ou o grupo na qual está inserido. Esse modelo leva em consideração “[...] a época, o meio e a ambiência [que] também são valorizados como fatores capazes de caracterizar uma atmosfera que explicaria a singularidade das trajetórias.”<sup>21</sup> Para Benito Schmidt, “[...] uma das tarefas fundamentais do gênero biográfico na atualidade é recuperar a *tensão* e não a oposição, entre o individual e o social”.<sup>22</sup>

Giovanni Levi considera que o historiador utiliza a biografia contexto, procurando recompor o meio no qual está inserido o biografado, na tentativa de compreender o que, às vezes, parece inexplicável. Este autor ainda sugere que esse gênero, o biográfico, preenche lacunas deixadas pela escassez de

<sup>19</sup> ELIAS, N. *Op. Cit.* 1994. p. 27

<sup>20</sup> LEVI, G. *Op. Cit.* 2002. p. 27.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 175.

<sup>22</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias ... historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. *Revista Estudos históricos*. Rio de Janeiro: n. 19, 1997. p.12.

documentos, uma vez que se pode recorrer às analogias e às comparações para ocupar os espaços vazios. Giovanni Levi recomenda, também, que o pesquisador tenha em mente que o contexto não é algo imóvel nem imutável, e, portanto, não deve ser utilizado simplesmente como um pano de fundo para construir o mundo do biografado.

Na busca de construir este contexto e a história de vida de Dom Avelar as fontes hemerográficas foram fundamentais para se tecer o contexto histórico de 1956-1971, sendo pesquisados os seguintes periódicos: *Jornal do Piauí* de 1956 a 1971, *Jornal do Comércio*, de 1956 a 1971, *O Dia*, de 1955 a 1971, *Folha da Manhã*, de 1960 a 1961, *O Dominical*, de 1948 e 1971. Outras fontes foram encontradas, como alguns exemplares do jornal bahiano *A Tarde*, de 1974. As fontes iconográficas constituem outros instrumentos que foram utilizadas para a construção deste trabalho.

Ainda foram encontrados vários atores sociais que conviveram com D. Avelar naquele tempo, por este motivo, alguns depoimentos foram usados neste estudo. É interessante perceber nas narrativas as representações que atravessaram tanto os narradores como o personagem e objeto deste estudo. É nessa via de mão dupla, na relação sociedade, aqui compreendida pelos narradores e indivíduo, o personagem, bem como as transformações contextuais ocorridas no período em que Dom Avelar viveu em Teresina, que serão abordadas no presente trabalho.

As entrevistas que utilizamos neste trabalho pertencem ao acervo do Núcleo de História Oral da Universidade Federal do Piauí, realizadas, em 2001/2002, por Francisco Alcides do Nascimento e uma equipe, para a construção do trabalho publicado em 2004 *História e memória da Rádio Pioneira de Teresina*<sup>23</sup>, os entrevistados: Carlos Augusto de Araújo Lima, contratado pela Rádio Pioneira, em 1964, como diretor do Departamento de Jornalismo, e locutor de programas jornalísticos. José Lopes dos Santos, acionista da Rádio Difusora, desde 1951, tendo sido, também, diretor administrativo e de jornalismo, e criador do programa Jornal Q-3; Padre Tony Batista, vigário da paróquia de Nossa Senhora de Fátima, atual diretor da

---

<sup>23</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *História e memória da Rádio Pioneira de Teresina*. Teresina: Alínea Produções, 2004.

Rádio Pioneira; Maria do Carmo Alves do Bomfim, professora do Movimento de Educação de Base – MEB, à época de Dom Avelar, hoje professora da Universidade Federal do Piauí, do Centro de Ciências da Educação; Deoclécio Dantas, editor do jornal *Folha da Manhã*, trabalhou como jornalista, na Rádio Pioneira, de novembro de 1964 a 1979; Luis Fernandes de Carvalho, eletricista que montou a Rádio Pioneira e participou da criação, aconselhando, na parte técnica, Dom Avelar; Joel Silva, Radialista da Rádio Pioneira, desde 1969, até hoje, portanto contemporâneo de Dom Avelar; Jesus Elias Tajra, diretor da Rádio Pioneira a convite de Dom Avelar, no primeiro momento não pode assumir porque era deputado estadual, mas depois exerceu este cargo por vinte anos, hoje, é empresário na cidade de Teresina.

Constituíram ainda como corpo documental deste trabalho as entrevistas realizadas por Maria do Amparo Alves Carvalho em 1998 para a construção de sua dissertação de mestrado *História e repressão: fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre a Igreja Católica e o regime militar em Teresina*<sup>24</sup>, tendo como entrevistados: Monsenhor Joaquim Raimundo Ferreira Chaves, nomeado por Dom Severino vigário da paróquia de Nossa Senhora do Amparo, onde ficou até falecer, foi Vigário Geral e diretor do jornal *O Dominical* durante os quinze anos em que Dom Avelar esteve em Teresina; Monsenhor Isaac José Vilarinho que, na arquidiocese foi coordenador da Juventude Agrária Católica – JAC, foi capelão da Penitenciária Feminina de Teresina, vigário de União, Regeneração e Campo Maior; Padre Raimundo José Airesmoraes Soares, foi diretor da Faculdade Católica de Filosofia, vigário da Igreja Nossa Senhora das Dores, coordenou a Pastoral da Arquidiocese de Teresina, foi assessor da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, participou da II Conferência Episcopal Latino-americana, em 1968, na cidade de Medellín – Colômbia; Manuel Emílio Burlamaqui de Oliveira, advogado e técnico em desenvolvimento agrônomo, coordenador do movimento sindicalista rural a convite de Dom Avelar; João Gualberto nasceu em 12 de julho de 1944 em Caxias – Ma, entrou para a Juventude Operária Católica – JOC em 1964 e militou até 1978; Antonio Neto começou a participar dos grupos de jovens em 1972, é formado em Letras, é fiscal do INSS; Palmira

---

<sup>24</sup> CARVALHO, M do A. A. de. *Op. Cit* 2006.

Luzia Soares, professora do MEB de 1962-1973; Teresinha de Jesus Santos, membro da JAC, residia na zona rural do município de União, na localidade chamada Sossego; Pedro Ribeiro Piauiense, natural de Guadalupe do Piauí, veio morar em Teresina em 1941. Formado em direito, história e filosofia pela Faculdade Católica de Filosofia. Fundou, a pedido do prefeito Petrônio Portella, o colégio Eurípedes Aguiar do qual foi diretor por dois anos. Em 1965 prestou concurso para Tribunal de Contas da União e foi morar em Brasília, aposentando-se em 1990; Padre Francisco das Chagas Carvalho, nomeado por Dom Avelar assistente da Juventude Operária Católica, foi vigário da paróquia de São José Operário na Vila Operária e da paróquia de Nossa Senhora de Lourdes, no bairro Vermelha.

Foi realizada uma entrevista com Maria Isabel Vilela Marinho Fortes do Rego sobrinha de Dom Avelar que forneceu uma compreensão do ambiente familiar em que se formou a personalidade de Dom Avelar.

Este trabalho está dividido em três capítulos:

No primeiro capítulo apresentamos o Estado Piauí e a cidade de Teresina, no período de 1956-1971, por ser este o recorte espacial e temporal da trajetória de vida de Dom Avelar Brandão Vilela que destacamos para este estudo. Construímos uma narrativa acompanhando a trajetória da vida de Dom Avelar. Parte desta narrativa está centrada no depoimento de sua sobrinha, Maria Isabel, e nos textos de suas Preces, quando se refere a sua missão pastoral: ser bispo. Destacamos a importância da chegada de Dom Avelar mostramos o modelo de administração implementado na Arquidiocese de Teresina por seu antecessor Dom Severino Vieira de Melo. Finalmente, os estudos de memória, para possibilitar a compreensão das marcas deixadas por Dom Avelar.

No segundo capítulo, apontamos como a Igreja Católica do Brasil se constituiu, após a Proclamação da República e o rompimento entre as instituições: Estado e Igreja Católica. A seguir mostramos a relação de Dom Avelar com a Igreja de seu tempo. As primeiras mudanças na instituição eclesial de Teresina que foram implementadas por seu modelo de administrar, cujo marco foi a realização do 1º Congresso Eucarístico, no período de 21 a 30 de dezembro de 1968. Analisamos as repercussões desse congresso, numa Teresina ainda bucólica e calma. A sua atuação no Concílio

Vaticano II é outro tema abordado. Realçamos as transformações ocorridas na Igreja Católica mundial e conseqüentemente na Igreja de Teresina provocadas por este Concílio e conduzidas pelo Arcebispo. Há dificuldades nesta construção da trajetória de vida de Dom Avelar realçadas por Luiz J. Baraúna<sup>25</sup>:

Buscamos também informações – mas inutilmente, ao que parece – sobre a documentação do card. Avelar Brandão Vilela, que foi arcebispo da Bahia e primaz do Brasil, além de presidente do CELAM e figura de relevo indiscutível no episcopado brasileiro. O atual arcebispo da Bahia, Dom Lucas Moreira Neves, em carta de 02/08/89, informou o seguinte: ‘Lamentavelmente, não encontramos nenhuma anotação de cunho pessoal de Dom Avelar’.<sup>26</sup>

Neste capítulo, também, focalizamos Dom Avelar como presidente do CELAM, e mostramos a II Conferência do Episcopado Latino-Americano, realizada em 1968, presidida pelo clérigo, na cidade de Medellín, na Colômbia, cujo objetivo era o de traçar os novos rumos da Igreja Católica, nesta região, frente às transformações trazidas pelo Concílio Vaticano II.

No terceiro capítulo, ressaltamos a atuação de Dom Avelar, diante da política nacional. Refletimos acerca da sua relação com golpe civil-militar, mostrando as tensões que se estabeleceram entre a Igreja e os militares, já que certas atitudes do Arcebispo, em apoio a população carente da zona rural, foi intermediada, em determinado momento, como uma afronta aos militares que conduziam a política nacional. Para contextualizar a questão, esse capítulo inicia por uma reflexão sobre o receio dos militares de que viesse a ser instalada no Brasil, uma República de esquerda. Num segundo momento, observamos o embate entre o comunismo, principalmente o instalado na ex-U.R.S.S. e em Cuba, e a Igreja Católica através das encíclicas papais. Finalmente o apoio à população rural, que se deu, primeiramente, através das *Semanas Ruralistas*, e a criação de sindicatos rurais. Discutimos que esse apoio gerou descontentamentos e até adjetivos os mais diversos aplicados a Dom Avelar. Destacamos que foi na conjuntura de um estado ditatorial que

<sup>25</sup> Licenciado em Filosofia e Teologia, doutor em teologia, perito sobre Concílio Vaticano II. Livros publicados: A sagrada liturgia renovada pelo Concílio Vaticano II, A Igreja e o mundo hoje.

<sup>26</sup> BARAÚNA, Luiz J. Fontes brasileiras do Concílio: fundo Vaticano II. In. BEOZZO, José Oscar. *A Igreja Latino americana às vésperas do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 34.

Dom Avelar se equilibrou, mantendo uma estratégia de sobrevivência, empreendida por ele, à frente da Arquidiocese de Teresina. Ressaltamos, ainda, neste capítulo, que, aos olhos de alguns membros da elite conservadora, o clérigo seria um homem de esquerda, havendo até quem quisesse a sua prisão. Mas, por outro lado, também, foi considerado como um grande conciliador, visto que era necessário uma grande capacidade de diplomacia, para contornar certas situações, peculiares àquele momento de exceção vivido pelo Brasil e que coincidiram com a ascensão da liderança de Dom Avelar Brandão Vilela, junto à Igreja Católica, na esfera local, nacional e internacional.

## 1 DOM AVELAR E O SEU MAGISTÉRIO ECLESIAÍSTICO



Fotografia 01  
Dom Avelar Brandão Vilela  
2º Arcebispo da Arquidiocese de Teresina (1956-1971)  
Fonte: Arquivo particular de Tupy Neto

Este estudo da história de vida de Dom Avelar Brandão Vilela recorta o período em que ele foi Arcebispo do Piauí, os anos de 1956-1971. Para tanto, muitos cortes foram necessários, o que é próprio dos trabalhos historiográficos, muitas escolhas feitas e desistências foram feitas. Acrescente-se que alguns momentos e temáticas são trabalhados de forma geral apenas para que o leitor tenha uma noção panorâmica da vida de Dom Avelar.

Cora Coralina, ao responder em poesia, *Cora Coralina, quem é você?* nos informa que:

Nasci numa rebaixa de serra  
entre serras e morros.  
'Longe de todos os lugares'.  
Numa cidade de onde levaram  
o ouro e deixaram as pedras [...]

Nasci para escrever, mas, o meio,  
o tempo, as criaturas e fatores  
outros, contramarcaram minha vida [...]

Nunca recebi estímulos familiares para ser literata.  
Sempre houve na família, se não uma  
hostilidade, pelo menos uma reserva determinada  
a essa minha tendência inata.<sup>27</sup>

Assim como a poetisa goiana, que ao falar de si mesma<sup>28</sup>, recorre a um espaço geográfico para iniciar, assim também para entender a trajetória de vida de Dom Avelar, se faz mister, primeiramente, traçar um perfil da cidade de Teresina, que mesmo não sendo sua cidade natal, foi onde o clérigo viveu o período de 1956-1971, recorte cronológico do estudo desta dissertação.

Assim como na segunda estrofe do poema Cora Coralina nos informa o que seria a sua marca central na vida: escrever, da mesma forma este capítulo aponta para a marca central que Dom Avelar, quis deixar de si a vocação para o sacerdócio. Segundo ele: “tenho procurado *abrir o coração para todos*, sentir-me perto, espiritualmente, de todos os grupos e segmentos da sociedade,

<sup>27</sup> CORALINA, Cora. *Meu livro de cordel*. São Paulo: Global, 1994. p. 75.

<sup>28</sup> Sobre memória discursiva vê: FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Vozes, 1972; e PINHEIRO, Odette de Godoy. Entrevista: uma prática discursiva. In: SPINK, Mary Jane. (org.) *Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2000.

mesmo quando possa dar a impressão de um certo distanciamento.”<sup>29</sup> Para compreender sua permanência em Teresina, se faz necessário mostrar como foi construída a Arquidiocese de Teresina, destacando seu antecessor, Dom Severino Vieira de Melo, até mesmo para entender a chegada de Dom Avelar em Teresina, já que este fato foi comemorado por vários dias e de várias maneiras.

Como no poema de Cora Coralina, encerramos este capítulo, mostrando as relações do sujeito, Dom Avelar, com os outros e as influências destes outros em sua vida. Seguir-se-á o caminho das marcas deixadas por Dom Avelar na vida de várias pessoas que conviveram com ele, traçando-se as “batalhas de memórias”, como diz Michael Pollack<sup>30</sup>.

## 1.1 A Igreja Católica e o espaço urbano de Teresina

Essa é, pois, uma das importantes tarefas que espero para ser desempenhada por D. Avelar Brandão em nossa terra, terra de milhares de casebres de palha e de centenas de indigentes, muitos dos quais menores de ambos os sexos, que perambulam pelas ruas e praças, de dia e de noite, pedindo esmolas; terra onde a prostituição floresceu à custa mais da pobreza do meio e do desamparo moral e espiritual; terra pobre, sem indústrias e sem deslumbramentos arquitetônicos dos centros adiantados, e por isso constituída por um proletariado muito pobre e humilhado ao lado de reduzido número de capitalistas e ricos de vistas curtas, *como se aqui não houvesse campo para os homens de ação*, para os homens de capacidade empreendedora, como se aqui só houvesse agiotas e califas retrógrados.[grifo nosso]<sup>31</sup>

Através da crônica jornalística, *O novo arcebispo*, Cunha E SILVA fez um quadro da cidade de Teresina, em abril de 1956, mostrando ao Arcebispo que iria tomar posse, em maio, os problemas que o aguardava, em uma cidade

<sup>29</sup> VILELA, Dom Avelar Brandão. *A prece que brota da vida*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1983. p. 107.

<sup>30</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol. 2. n. 3. 1989. p. 04.

<sup>31</sup> E SILVA, Cunha. O novo arcebispo. *Jornal O Dia*. Teresina, ano VI, n. 351, 29 abr 1956, p. 02-04.

onde as moradias eram, na sua maioria, casas de “taipa”, com coberturas de palha e paredes de barro amassado com os pés sustentados com madeira extraída da folha (palha) de coco, conhecido como *talo de coco*. Existia, ainda, na capital, um contingente de pessoas que estavam inseridas em uma miséria que os levava a pedir esmolas. Ressalta, ainda, o cronista, que entre esse grupo, se encontravam menores, de ambos os sexos. Muitos desses miseráveis extraíam da prostituição o sustento para suas vidas. Quanto à população detentora das riquezas locais, esta era sem expressão, se comparada ao quadro nacional, e pouco investia na cidade de Teresina, “como se aqui não houvesse campo para os homens de ação”.

Diante de tal retrato, o cronista deposita suas esperanças em Dom Avelar, como solução para os problemas de Teresina, como se percebe no trecho abaixo:

Precisamos então, dum homem que, com o prestígio moral da Igreja e com a autoridade da sua inteligência, do seu talento e da sua cultura, como D. Avelar, seja o exemplo de espírito progressista e lidere a campanha de assistência social em Teresina, [...] <sup>32</sup>.

Ao perceber a angústia e a esperança do cronista podemos perguntar: teria a Igreja Católica, na pessoa de Dom Avelar, Arcebispo de Teresina, esse prestígio, autoridade, inteligência, que pudessem transformar uma cidade?

Na busca de entender essa expectativa, apontada pelo cronista, é lícito supor que isso se deve ao fato de a cidade ter sua origem a partir da construção de um templo católico a Igreja Nossa Senhora do Amparo, primeiro prédio edificado na Vila Nova do Poty, na qual foi incrustada a pedra fundamental da cidade, que, depois, passou a se chamar Teresina.

Observamos, então, que a influência da Igreja Católica na cidade de Teresina é marcante desde a sua criação, a cidade vai irradiar seu crescimento a partir desse templo religioso.

Encontramos em Zeny Rosendahl uma contribuição, ao analisar as relações entre espaço, religião e a política, percebendo que, desde a origem das cidades, a religião faz parte desse processo tanto como centro irradiador

---

<sup>32</sup> Ibid, id.

em torno do qual a cidade se desenvolve, como um pólo a partir do qual repercutem as relações econômicas e tecnológicas. Nessa maneira de perceber a gênese da cidade, o sagrado também tem papel relevante, e é por compreender o papel da religião na construção do espaço urbano, e as alterações que ela provoca nesta geografia, que a autora afirma:

As identidades religiosas imprimem no espaço transformações que estão fortemente relacionadas com os aspectos culturais da população, de tal modo que o espaço pode ser percebido de acordo com os valores simbólicos ali representados.<sup>33</sup> (2003, p. 162).

Na perspectiva da autora a representação<sup>34</sup> do simbólico em um espaço urbano está diretamente ligada aos aspectos culturais da sociedade que se faz representar, pois, para se estudar as cidades, se deve considerar as diversas maneiras de o homem se expressar, através dos significantes impressos na geografia local e percebendo a forma de apropriação<sup>35</sup> deste, pois ao mesmo tempo em que o ser humano usa a cidade como um transgressor que a transforma, dela se apropria de maneira subjetiva, resignificando os valores simbólicos.

Dentro deste aspecto de representação do simbólico, a cidade de Teresina teve como primeira construção um templo católico. Contudo, a edificação dos templos seguintes não acompanhou o crescimento populacional da cidade, este movimento se deu, principalmente, na segunda metade do século XX. E por que isso ocorre?

Na busca dessa resposta, um estudo sobre o aumento da população urbana em Teresina nos auxilia nesta compreensão.

Ao estudar o universo da pequena cidade do final do século XIX e início do século XX, um dos contrastes observados em relação às grandes cidades da Europa, dos Estados Unidos e mesmo do Brasil é o de que os processos de transformação

---

<sup>33</sup> ROSENDAHL, Zeny. Cultura e cidade: para uma geografia das relações entre espaço, religião e política. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges (orgs). *Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 162.

<sup>34</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1990, p.17

<sup>35</sup> Apropriação aqui “visa uma história social dos usos e das interpretações, relacionadas às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem”. CHARTIER, R. *Op. Cit.* 2002, p. 68

por que ela passa não são dramáticos como das últimas, especialmente em seus aspectos quantitativos.<sup>36</sup>

Na segunda metade do século XX, houve um componente marcante que foi a migração, como mostra o trabalho da Fundação CEPRO<sup>37</sup>:

As análises que se tem feito no Brasil, acerca das causas da migração rural/urbana, grosso modo se dividem em duas posições antagônicas: alguns acham que a principal causa para o êxodo rural se encontra no fascínio que a cidade exerce sobre as populações rurais, o que faz da migração um símbolo de ascensão social; outros, considerando simplória esta análise, afirmam que as causas de mudança se explicam nas condições sócio-econômicas da vida do campo. Consideram-se, neste trabalho, válidos os dois tipos de postura, porque verifica-se não serem antagônicos, e sim complementares.<sup>38</sup>

O crescimento populacional da cidade de Teresina, até a primeira década do período em que Dom Avelar administrou a Arquidiocese (1956-1971), mostra-se de forma quase que constante, variando de 1872 a 1950 entre 8,27% e 13,55%, mas esse fenômeno ocorre em relação à população urbana do Piauí, que, em 1940, era de 15,0%, em 1950 de 16,6%, em 1960 subindo para 23,4% e em 1970 para 32,0%. Nota-se que o percentual, nas décadas 1940 e 1950, apresenta um crescimento de apenas de 1,6%, enquanto que, nos anos compreendidos entre 1950 e 1970, esse percentual quase dobrou. O motivo realçado pelos pesquisadores, para a migração da zona rural para a urbana, foi a seca. Inicialmente, este contingente migrou para casa de parentes e/ou amigos que já haviam migrado antes. Na esperança de vida melhor, esta população se estabeleceu nas periferias da cidade.<sup>39</sup> No caso de Teresina, o crescimento é demonstrado pelo quadro abaixo:

---

<sup>36</sup> QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a República*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1994. p. 17.

<sup>37</sup> Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí órgão do Governo Estadual que se destina aos estudos nas áreas pertinentes e afins com a finalidade assessorar a Secretaria de Planejamento do Estado e o Governo de uma maneira geral.

<sup>38</sup> MARTINS, Agenor de Sousa. ... [et. al] *Piauí: evolução, realidade e desenvolvimento*. 3. ed. Teresina: Fundação CEPRO, 2003. p. 197.

<sup>39</sup> *Ibidem*. p. 196.

**TABELA 1**  
**CRESCIMENTO POPULACIONAL DO PIAUÍ E TERESINA**

| <b>ANO</b> | <b>POPULAÇÃO DO PIAUÍ</b> | <b>% PIAUÍ / NORDESTE</b> | <b>POPULAÇÃO URBANA DE TERESINA</b> |
|------------|---------------------------|---------------------------|-------------------------------------|
| 1872       | 202.222                   | 4,36                      | 21.692                              |
| 1890       | 267.609                   | 4,46                      | 31.523                              |
| 1900       | 334.292                   | 4,95                      | 45.316                              |
| 1910       | 428.145                   | -                         | 48.614                              |
| 1920       | 609.027                   | 5,66                      | 57.500                              |
| 1940       | 817.601                   | 5,82                      | 67.641                              |
| 1950       | 1.045.696                 | 5,63                      | 90.723                              |
| 1960       | 1.263.368                 | 5,98                      | 142.691                             |
| 1970       | 1.680.573                 | -                         | 220.487                             |

FONTE: FIBGE – 1980 / Fundação CEPRO *apud* MARTINS, Agenor de Sousa. ... [et. al] *Piauí: evolução, realidade e desenvolvimento*. 3. ed. Teresina: Fundação CEPRO, 2003. p. 169, e QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1994. p. 18.

Através do quadro 01, percebemos que o crescimento populacional do Piauí, com relação ao Nordeste, até a década de 1960, tem sido uma constante, de onde se pode concluir, diante desta série histórica, que não existiu, naqueles períodos, nenhuma tendência ascendente ou descendente. Mas o crescimento da população de Teresina, nas décadas de 1960 e 1970, foi notável. Esta visão, também, foi mostrada pelo padre Luís Soares em sua coluna *Em torno de tudo*:

Efetivamente, deve ser triste residir numa cidade decadente e estagnada. Deve-se ter a impressão de se viver num mundo que está se acabando, e nós com eles. Basta de 'explosão demográfica'. Ao crescimento demográfico devem corresponder as providências necessárias ao desenvolvimento equilibrado. Cidade não é cauda de jacaré para crescer numa só direção. Cidade deve crescer em todos

sentidos. Desenvolver o seu corpo e o seu espírito. Sim, porque cidade também tem alma.<sup>40</sup>

A visão do padre Luís Soares é de uma cidade que cresce às custas da migração da população pobre, nesta ótica a urbe cresce de forma desordenada e horizontalmente, gerando bairros onde as habitações são casebres, sendo que tanto o bairro, como as casas não possuem a infra-estrutura necessária para que a população viva dignamente.

Olhando a população piauiense pelo prisma econômico, percebemos que a população retirava seu sustento da agricultura, como mostra o quadro seguinte.

**TABELA 2**

**PIAUI: POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA (PEA) POR SETORES**

| SETORES      | 1940                |                   | 1950                |                   | 1960                |                   | 1970                |                   |
|--------------|---------------------|-------------------|---------------------|-------------------|---------------------|-------------------|---------------------|-------------------|
|              | N°                  | %                 | N°                  | %                 | N°                  | %                 | N°                  | %                 |
| PRIMÁRIO     | 217.21<br>4         | 81,1              | 252.09<br>2         | 83,0              | 287.08<br>1         | 75,8              | 346.87<br>5         | 71,6              |
| SECUNDÁRIO   | 18.785              | 7,0               | 10.775              | 3,5               | 19.029              | 5,0               | 38.024              | 7,8               |
| TERCIÁRIO    | 31.953              | 11,9              | 40.866              | 13,5              | 72.798<br>3         | 19,2              | 99.767              | 20,6              |
| <b>TOTAL</b> | <b>267.95<br/>2</b> | <b>100,<br/>0</b> | <b>303.73<br/>3</b> | <b>100,<br/>0</b> | <b>378.89<br/>3</b> | <b>100,<br/>0</b> | <b>484.66<br/>6</b> | <b>100,<br/>0</b> |

FONTE: FIBGE Censo Demográfico *apud* MARTINS, Agenor de Sousa. ... [et. al] *Piauí: evolução, realidade e desenvolvimento*. 3. ed. Teresina: Fundação CEPRO, 2003. p. 177.

A primeira observação que podemos apontar diante do quadro 2 é que, a partir da década de 1960, há uma redução percentual no setor agrícola, ainda que, em números absolutos, este cresça. O setor terciário, tanto em números absolutos como em percentual, está sempre crescendo. Nesse setor, o crescimento significativo se apresenta nas décadas de 1960 e 1970.

<sup>40</sup> SOARES, Luís. A cidade cresce. *Jornal O Dominical*. Teresina, ano XXX, 28 mar 1965, n° 13/65. p. 04.

Essas mudanças estão, evidentemente, relacionadas com a intensificação da industrialização do País e com o esgotamento do modelo de exportação para o mercado internacional até então dominante na economia piauiense. E é pela combinação dos dois fatores que as mudanças na PEA piauiense apresenta algumas particularidades em relação às mudanças da PEA brasileira.<sup>41</sup>

Nas primeiras décadas do século XX, a economia piauiense foi marcada pelo extrativismo vegetal destinado à exportação. Este modelo se tornou tão preponderante que chegou a absorver a mão-de-obra da agricultura de subsistência. A transferência do setor primário, no Piauí, se deu em consonância com o modelo nacional, parte da população migrou para o setor terciário, fenômeno chamado de “terceirização precoce”, que foi comum em toda a América Latina.<sup>42</sup> Outra parcela dos trabalhadores da agricultura foi transferida para as atividades industriais. Contudo, no Piauí, esse setor só veio a ter um crescimento mais significativo, a partir da década de 1970, com a chegada da energia elétrica, em 7 de abril de 1970, de fonte geradora a força hidráulica, pois antes era de fonte térmica, com a queima de lenha e/ou óleo diesel.<sup>43</sup>

Ainda analisando a população piauiense, a renda do Estado estava dividida de tal maneira que a diferença entre ricos e pobres era grande, denotando uma concentração desproporcional. Em 1970, o percentual de 1% da população piauiense detinha 51,19% da riqueza estadual, podemos dizer ainda que 20% dos mais ricos detinham 74,96% da renda do Estado, enquanto que 80% ficava com 25,04% da renda total.<sup>44</sup>

Apesar de não terem sido encontrados nas pesquisas dados referentes à quantidade de católicos em outras regiões no Piauí, pode-se, através dos dados nacionais, perceber como era distribuída a população piauiense. No censo de 1940, o número percentual de católicos, no Brasil, era de 95,2%, a de evangélicos era de 2,6 %, e os que se declararam sem religião era de 0,2%. Em 1950, o número de católicos diminuiu para 93,2% e o de evangélicos sobe para 3,4%, os sem religião era de 0,3%. Em 1960, o censo aponta para uma

---

<sup>41</sup> MARTINS, A. de S. ... [et. al] *Op. Cit.* 2003. p. 178.

<sup>42</sup> *Ibidem.* p. 178.

<sup>43</sup> Cf. [www.cepisa.com.br](http://www.cepisa.com.br) acessado em 10 de março de 2008.

<sup>44</sup> MARTINS, A. de S. ... [et. al] *Op. Cit.* 2003. p. 263-265.

pequena queda no número de católicos para 93,1%, enquanto que o de evangélicos cresce para 3,4% e não é registrado o número dos sem religião.<sup>45</sup>

Eclesialmente, a população estava dividida em paróquias. A Arquidiocese de Teresina encontrava-se dividida em paróquias, divisão esta que se faz de acordo com o contingente populacional. Quando Dom Avelar chegou à Arquidiocese, em 1956, a cidade de Teresina contava com as paróquias de Nossa Senhora das Dores<sup>46</sup>, Nossa Senhora do Amparo, São Benedito na capital, e ainda as do interior, sendo cada município uma paróquia: Castelo do Piauí, União, José de Freitas, Miguel Alves, Campo Maior, Altos, Natal, Alto Longa, Regeneração, Amarante, Valença e Elesbão Veloso<sup>47</sup>. A Igreja ainda tinha os serviços da Associação Beneficente Nossa Senhora do Amparo e o Posto de Saúde de Nossa Senhora de Lourdes.

Ao término de sua administração em 1971, Dom Avelar tinha criado sete novas paróquias: São José Operário entregue inicialmente ao padre Carvalho e depois aos padres redentoristas (bairro Vila Operária), Nossa Senhora de Lourdes (bairro Vermelha), Nossa Senhora das Graças (bairro de Nossa Senhora das Graças), Cristo Rei (bairro Cristo Rei), Nossa Senhora de Fátima (bairro de Fátima), São João Evangelista (bairro Parque Piauí) e São Raimundo (bairro da Piçarra).<sup>48</sup>

O escritor piauiense H. Dobar, em sua crônica *As igrejas*, apresenta estas e suas práticas como uma forma de dialogar com o mistério e, também, como locais de sociabilidades para uma população pequena como a de Teresina.

Diz-se que nas cidades pequenas a única saída para o mistério é a missa católica. Em Teresina, talvez ninguém vá à missa com esta intenção, não só porque o sentimento e o fervor religiosos são verdadeiros e sinceros, como também porque é pouco provável que exista aqui quem ame o mistério. A cidade tem poucas igrejas e todas são simples, pobres, mas, em compensação, tem uma vantagem sobre as grandes cidades:

---

<sup>45</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. Protestantismo brasileiro e mudança social. SOUZA, Beatriz Muniz e MARTINO, Luís Mauro (orgs) *Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 129.

<sup>46</sup> Catedral da arquidiocese, isto é, o templo principal e/ou sede do arcebispado.

<sup>47</sup> Neste artigo não iremos trabalhar com as paróquias do interior do estado, pois este estudo restringe-se à cidade de Teresina.

<sup>48</sup> CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. *História e repressão: fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre a Igreja Católica e o regime militar em Teresina*. Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenação do Mestrado Acadêmico em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. Teresina: 2006.

não tem rumores bastante para abafar a poesia dos sinos. Eles se incorporam aos outros ruídos, fazem parte da vibração de todos os dias, expressando a alegria dos domingos ou a tristeza nos dobres de finados. Aos domingos a missa é cantada e cada igreja tem seu coral, a sua *schola cantorum*, que rivaliza com o das outras. Os fiéis têm preferência de horas: a missa das nove, na igreja do Amparo, a de dez, em São Benedito. Na vida da cidade, sem a missa, o domingo não seria completo. As novenas constituem, além de um ato religioso, um divertimento. São acompanhadas de quermesses, leilões, onde se arrematam prendas, caixinhas de segredo, e onde se travam verdadeiras batalhas entre os arrematantes, que disputam a glória do último lance. As procissões, muito concorridas, revelam aspectos da cidade que, habitualmente, não aparecem. Por exemplo: revelam a multidão, gente de todas as classes e de todos os pecados. Tem-se a impressão, às vezes, de que há pessoas, na cidade, que só deixam a sua reclusão para vir as procissões. Vêm para cumprir promessas e têm modos esquisitos de cumpri-las: andando descalças, carregando pedras na cabeça. Há também as criancinhas que vêm como anjos ou como S. Francisco de Assis e que não resistem até o fim e se deixam vencer pelo calor e pela poeira.<sup>49</sup>

H. Dobal mostra a importância das igrejas, tanto como espaço de manifestação de fé, como um lugar que proporciona formas de lazer dominical, mostrando as horas preferenciais dos fiéis para a missa e, conseqüentemente, para encontros, de acordo com a paróquia. Como toda paróquia tem seu santo devocional e protetor nos nove dias que antecedem o dia deste santo, as igrejas promovem festas que têm dois momentos: um religioso, geralmente com a reza do terço e/ou uma missa, outro profano, uma festa com barracas vendendo comidas, bebidas e lembranças daquele momento. No momento do festejo a igreja promove leilões, bingos e outras atividades similares, para arrecadar fundos para alguma benfeitoria da paróquia. No último dia, o dia do santo, normalmente, acontecia uma procissão, em cujo cortejo vinham uma estátua do padroeiro e crianças vestidas de anjos e/ou do santo, remetendo a alguma passagem da vida do santo. Normalmente, essas tarefas eram desenvolvidas por grupos que são criados para serem instrumentos de catequese da comunidade, e o padre que estava à frente da igreja local.

É válido lembrar que as atividades religiosas não eram as únicas formas de socialização da cidade.

---

<sup>49</sup> DOBAL, H. H. *Dobal obra completa II: prosa*. Teresina: Corisco, 1999. p. 25.

Vale ressaltar que a historiografia piauiense tem atribuído o papel de ‘coração cultural’ da cidade [de Teresina] à Praça Pedro II, particularmente, por agregar ao seu redor os cinemas, o teatro, o Clube dos Diários e alguns bares. Essas opções de lazer, embora permitissem a entrada de um público heterogêneo, exigiam um cuidado com as vestimentas, o que impedia uma maior participação popular. No entanto, as camadas populares tinham outras opções de divertimento, como a própria Praça Pedro II, principalmente, no seu espaço físico denominado ‘praça das curicas’, além de festas, batuques, festejos, religiosos e festas organizadas pelas amplificadoras nos bairros mais afastados do centro da cidade.<sup>50</sup>

Percebe-se que a Praça Pedro II, para Nilsângela Lima, é o centro irradiador das diversas formas de socialização da cidade de Teresina. Contudo para H. Dobal as praças, geralmente, são lugares de lazer “[...] por causa do calor ou por inclinação natural dos habitantes, as praças estão sempre cheias de gente, tornando-se um centro de reunião obrigatória para quem quer participar da vida da cidade, o lugar onde se faz crônica viva dos acontecimentos cotidianos, ponto de encontros de discussões e mexericos. A cidade tem muitas praças.”<sup>51</sup>

Como a instalação de novas paróquias, em especial, com o aumento considerável delas, promovido na administração de Dom Avelar, isso ajudou, de forma substancial, que a Igreja Católica, de forma física, fosse levada cada vez mais próxima dos habitantes da cidade de Teresina, que, como vimos anteriormente, tinha suas atividades como uma formas de diversão.

Com o incremento populacional, a Igreja expandiu-se procurando erigir templos nos bairros já constituídos, com a ajuda da comunidade teresinense e dos governos federal, estadual e municipal. A Arquidiocese também interferiu no meio urbano e social, através do assistencialismo, construindo Centros Sociais onde pudesse desenvolver essas atividades.

Quando Dom Avelar chegou em Teresina, as paróquias tinham suas atividades tanto de catequese, na transmissão da fé e conquista de fiéis, como

---

<sup>50</sup> LIMA, Nilsângela Cardoso. *Invisíveis asas das ondas ZYQ-3: sociabilidade, cultura e cotidiano em Teresina (1948-1962)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenação do Mestrado Acadêmico em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. Teresina: 2007. p. 29.

<sup>51</sup> DOBAL, H. *Op. Cit.* 1999. p. 17.

também na prática de serviços de assistência aos mais necessitados. Uma das primeiras medidas de Dom Avelar foi a criação da Ação Social Arquidiocesana – ASA, que tinha como finalidade incentivar, manter e supervisionar os serviços de assistência social realizados nas paróquias. Na busca de melhorar as obras assistenciais a Igreja construiu Centros Sociais, que eram locais onde se desenvolviam as ações de assistência à comunidade. Foram construídos os Centro Social Leão XIII (bairro Vila Operária), Centro Social Cristo Rei (bairro Cristo Rei), o Centro Social Nossa Senhora de Fátima (bairro de Fátima). Ainda eram desenvolvidas atividades assistenciais nos bairros da Catarina, Memorare e Pio XII, embora estes não tivessem sedes próprias.

As principais atividades eram levar médicos aos mais pobres, trabalho que era realizado em parceria com a Secretaria Estadual de Saúde. Havia também cursos profissionalizantes de doces, comida em geral, cabeleireiro, manicure e pedicure, bordados, pinturas em tecido e outros.



Fotografia 02

Dom Avelar (ao centro) com os padres redentoristas (batina branca) e os frades capuchinhos (batina escura). 1 Padre Luís Soares, 2 Monsenhor Joaquim Chaves e 3 padre Carvalho.

Fonte: Arquivo particular do padre Tony Batista.

Além desses trabalhos assistenciais, a educação, também, era uma preocupação do Episcopado brasileiro e de Dom Avelar. Essa foi outra maneira

que a Igreja Católica encontrou de interferir na malha urbana através da construção de escolas, faculdades e da Universidade Federal do Piauí. Esta preocupação se justificava pelo fato de que, em 1960, a educação do Piauí, tinha uma situação preocupante, como mostra texto abaixo:

De 100 alunos matriculados na primeira série, em 1960, 9,8 chegavam à quarta série, 9,3, à primeira série ginasial; 6,1 à quarta série ginasial [hoje a oitava série do ensino fundamental]; 3,9, à terceira série colegial [hoje a terceira série do ensino médio]; e 0,6, ao curso superior, enquanto 90% dos alunos matriculados na 1ª série desertavam, devido à evasão ou repetência (cálculos da Fundação CEPRO).<sup>52</sup>

Ao estudar a educação no Piauí, no período colonial, o historiador Alcebíades Costa Filho demonstra que o ensino não era uma preocupação do Estado, pois, somente, nos “[...] sessenta e dois anos finais do período colonial, tendo como baliza 1822, [...] é que o Estado português assume a educação popular, criando receita para as despesas com educação”<sup>53</sup>. Suas pesquisas demonstram que em 1889, ano da Proclamação da República, o Piauí tinha matriculado no ensino primário 1928 alunos. Essa situação pré-republicana deve-se a alguns fatores, como afirma o pesquisador:

A concentração da população na zona rural, as distâncias, a falta de estradas, segurança e acomodações nas vilas e cidades podem ser apontadas como fatores determinantes para o esvaziamento do ensino oficial. Mas é possível afirmar que a legislação contribuiu nesse sentido, ao permitir que o acesso de um nível a outro do ensino se efetivasse através de exames e não por conclusão do nível antecedente. Por lei, também não era necessário estar matriculado na escola oficial ou freqüentá-la para participar do exame. O aluno poderia aprender fora da escola oficial e, ao sentir-se apto, poderia requerer e para, nessa escola, prestar exame. Essas determinações legitimaram o ensino alternativo e limitavam o raio de ação das escolas mantidas pelo governo.<sup>54</sup>

A primeira metade do século XX, “[...] apesar de avanços e retrocessos e das dificuldades enfrentadas, pode ser considerado como época em que o

<sup>52</sup> MARTINS, A. de S. ... [et. al] *Op.Cit.* 2003. p. 268.

<sup>53</sup> COSTA FILHO, Alcebíades. *A escola do sertão: ensino e sociedade no Piauí, 1850-1889*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006.p. 75.

<sup>54</sup> *Ibidem.* p. 152.

ensino formal no Piauí se consolidou de forma definitiva, tanto no setor público, como na rede particular. Foi então que a Escola se firmou no Piauí [...]”<sup>55</sup>

Diante desta situação, justifica-se o interesse de Dom Avelar pela educação na Arquidiocese de Teresina. O clérigo, como presidente da secção do Piauí da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos (CENEG), instalada no Piauí em 1953, inaugurou trinta e um ginásios, pois, quando assumiu a Arquidiocese de Teresina, só havia um. “Cumprir destacar que a Campanha é hoje [1965] a maior rede nacional do Ensino médio”<sup>56</sup>. Sua luta atingiu, também, o nível superior, em parceria com o Governo do Estado, criou a Faculdade de Odontologia e a de Medicina<sup>57</sup>. Como obra direta da Igreja Católica, continuou mantendo o Seminário, que oferecia ensino até o nível médio, na época chamado científico, e, patrocinado pela Arquidiocese de Teresina, criou a Faculdade Católica de Filosofia – FAFI.

No dia 17 de janeiro de 1995, em um Seminário realizado, para analisar o significado político-cultural e pedagógico da FAFI no contexto piauiense, uma das mesas redondas coordenada pela professora Francisca Mendes de Sousa (Tina), participaram o padre Raimundo José Airemorais Soares (professor doutor e reitor), doutor Benedito da Rocha Freitas Filho, doutor Celso Barros Coelho, professor Diogo José Airemorais Soares, todos ex-professores da FAFI, exceto doutor Benedito que foi funcionário. Neste encontro, foi construída uma trajetória da FAFI, que, segundo o padre Raimundo José:

Anteriormente a ela, havia sido fundada em Teresina uma Faculdade de Filosofia do Piauí. Essa Faculdade de Filosofia do Piauí terminou sendo fechada, exatamente, por causa da desatenção aos aspectos legais. Foi fechada por ordem do Ministério da Educação e Cultura, naquela época.<sup>58</sup>

Na exposição do doutor Benedito Filho, ele ressalta:

<sup>55</sup> FERRO, Maria do Amparo Borges. *Educação e sociedade no Piauí republicano*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996. p. 124.

<sup>56</sup> CENEG inaugura hoje novo prédio do ginásio popular de Teresina. *Jornal O Dominial Teresina*, ano XXX, 15 ago 1965, n° 33/65. p. 01.

<sup>57</sup> Para conhecer melhor o processo de criação dessas Faculdades Cf: CARVALHO, *Op. Cit.* 2006, p. 132-142.

<sup>58</sup> SOARES, Raimundo José Airemorais. A Faculdade Católica de Filosofia do Piauí na conjuntura dos anos 60: aspectos legais, administrativos, políticos e pedagógicos. (mesa redonda) SOUSA, Francisca Mendes de; BOMFIM, Maria do Carmo Alves do e PEREIRA, Maria das Graças Moita R. (orgs) *Presente do passado: a Faculdade Católica de Filosofia na história da educação do Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2002. p. 142.

Logo após a sua posse, D. Avelar procurou autoridades, professores, intelectuais, dirigentes de Instituições Educacionais e Culturais, manifestando sempre o desejo de unir esforços, com vistas ao desenvolvimento da educação no Estado.

[...]

Foi criada então, a Sociedade Piauiense de Cultura, de caráter civil, tempo de duração indeterminado, tendo por objetivo instituir, manter e dirigir estabelecimentos de ensino superior, bem como outras organizações de natureza cultural.

[...]

Pelo Decreto nº 43.402 de 18 de fevereiro de 1958, [...] sr. Presidente da República autorizou o funcionamento da Faculdade.

O Diretor do MEC estabeleceu o seguinte calendário especial, a fim de a Faculdade funcionar no ano letivo de 1958: Inscrições no vestibular até 29 de março; provas até 02 de abril; aula inaugural dia 07 de abril; aulas intensivas, sem férias no mês de julho.

Realizado o vestibular, foram aprovados 13 candidatos para o curso de Letras Neolatinas, 23 para o de Filosofia e 20 para o de Geografia e História. [...] A aula inaugural [...] foi pronunciada pelo professor Clemente Fortes, no auditório do Colégio 'Sagrado Coração de Jesus'. No ano letivo de 1958 a Faculdade funcionou no referido Colégio.

[...]

Quando de sua definitiva incorporação à Universidade Federal do Piauí. Em 1º de março de 1971, a FAFI possuía um prédio de três andares, onde funcionava, e um terreno a seu lado esquerdo, com bases prontas para a edificação de outro de 5(cinco) andares. Possuía 3.000(três mil) volumes na sua biblioteca, e todo o equipamento necessário ao seu funcionamento.<sup>59</sup>

Celso Barros Coelho ficou com abordagem político pedagógico da FAFI segundo ele:

Era já próximo de 1958, que foi o primeiro vestibular, [...] àquela época, já havia no Brasil o espírito universitário. Mas no Piauí não existia. Todos nós professores ou credenciados a professores, éramos egressos da Faculdade de Direito do Piauí, cujo espírito ainda estava preso àquelas mesmas idéias que no Brasil serviram de entrave à organização da universidade, o chamado espírito naturalista e positivista.<sup>60</sup>

<sup>59</sup> FREITAS FILHO, Benedito da Rocha, A Faculdade Católica de Filosofia do Piauí na conjuntura dos anos 60: aspectos legais, administrativos, políticos e pedagógicos. (mesa redonda) SOUSA, Francisca Mendes de; BOMFIM, Maria do Carmo Alves do e PEREIRA, Maria das Graças Moita R. (orgs) *Presente do passado: a Faculdade Católica de Filosofia na história da educação do Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2002. p. 148-154.

<sup>60</sup> COELHO, Celso Barros. A Faculdade Católica de Filosofia do Piauí na conjuntura dos anos 60: aspectos legais, administrativos, políticos e pedagógicos. (mesa redonda) SOUSA, Francisca Mendes de; BOMFIM, Maria do Carmo Alves do e PEREIRA, Maria das Graças

A contribuição da Igreja Católica para educação de grande parte da população que não tinha acesso à educação formal foi a criação das escolas radiofônicas, através do Movimento de Educação de Base – MEB, que era transmitido pela Rádio Pioneira<sup>61</sup>. As primeiras experiências de escolas radiofônicas vieram do arcebispado de Natal e Sergipe e do bispado do Crato. Foi com essas experiências que foi construído o MEB em 1961.

Constituído, assim, para atender ao Nordeste, Norte, Centro e Oeste, é oficialmente reconhecido o MEB – Movimento de Educação de Base da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil -, nome inicial da entidade, que ainda não tem personalidade jurídica. Em obediência a decreto solenemente assinado, em Brasília, no Palácio do Planalto, na presença do Núncio, Dom Jaime, arcebispos e bispos e ministros de Estado, vários órgãos federais assinam os convênios. Entre os arcebispos está Dom Távora, presidente do MEB. O Movimento de Educação de Base, naturalmente, ao formar seus quadros, dá preferência a elementos formados segundo a pedagogia da ACB.<sup>62</sup>

A Arquidiocese participava, de forma indireta, do processo pedagógico das escolas que eram mantidas por ordem religiosas como: Colégio Sagrado Coração de Jesus, Colégio São Francisco de Sales, Patronato Dom Barreto, Educandário Nossa Senhora do Amparo e Escola São Francisco de Assis. Na parte cultural foi criada a União dos Moços Católicos (UMC), que contava com um pequeno teatro para os eventos da Igreja.

Percebemos, então, que o processo ocorrido na segunda metade do século XX em Teresina foi a criação de espaços sagrados estimulados pelo crescimento populacional, provocado por pessoas, que, na sua maioria, migravam para os centros urbanos expulsas das terras que moravam, sobretudo pela seca, e quando chegavam na cidade eram excluídos do acesso aos bens e serviços, principalmente a habitação. Então a Igreja Católica

---

Moita R. (orgs) *Presente do passado: a Faculdade Católica de Filosofia na história da educação do Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2002. p. 156.

<sup>61</sup> Sobre Rádio Pioneira e o Movimento de Educação de Base veiculado pela emissora a partir da década de 1960 vê: NASCIMENTO, F. A. *Op. Cit.* 2004.

<sup>62</sup> BANDEIRA, Marina. *A Igreja Católica na virada da questão social (1930-1964): anotações para uma história da Igreja no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes: Educam, 2000. p. 336.

passou a ir a esses aglomerados urbanos, para, assim, interferir na sua constituição dessas comunidades.

## 1.2 Morre Dom Severino, chega Dom Avelar

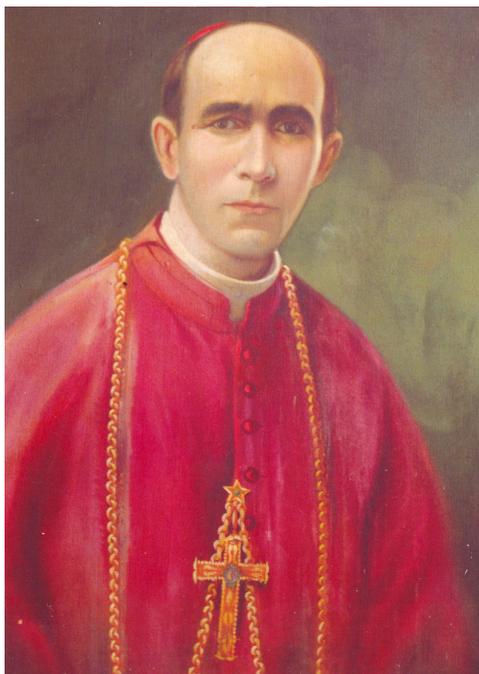
Quando morre Dom Severino eu [Monsenhor Joaquim Chaves] vou nomeado, então Vigário Capitular. Vigário Capitular é aquele que dirige a Diocese durante até vinda do novo Bispo. Aí houve muitas coisas nesta hora. Na hora da sucessão apareceram outras que estavam procurando, e o clero do Piauí, eu por duas vezes fui, por mandado deles, na Nunciatura para ver se sustentavam lá as coisas que estavam ocorrendo lá. Ia na direção para mandar pra aqui um novo bispo. Eles achavam que aquele bispo que devia vir pra cá era uma continuação do governo, do reinado de Dom Severino, e nós queríamos era mudança. Eu consegui lá, com ajuda do Secretário da Nunciatura para as coisas mudarem. Eu não sabia quem vinha, só sabia que não era mais aquele que nós queríamos. Quando eu menos esperei, chegou o telegrama da Nunciatura avisando que no outro dia seria nomeado Dom Avelar Brandão Vilela<sup>63</sup>.

No dia dezanove de novembro de 1955 foi escolhido para ser o quarto bispo do Piauí e o segundo arcebispo da Arquidiocese de Teresina, Dom Avelar Brandão Vilela, que tomou posse no dia cinco de maio de 1956. Percebemos, através do depoimento do Monsenhor Joaquim Chaves<sup>64</sup>, que havia um desejo dos padres teresinenses por mudanças na maneira de conduzir os trabalhos da Arquidiocese, que vinha, por mais de trinta anos, sendo conduzida por Dom Severino Vieira de Melo.

---

<sup>63</sup> CHAVES, Monsenhor Joaquim. *Depoimento concedido à Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina, 1998. p.01

<sup>64</sup> Foi vigário capitular, assumiu a direção da arquidiocese, na vacância do cargo entre a morte de Dom Severino e a chegada de Dom Avelar, além disso foi vigário da paróquia de Nossa Senhora do Amparo, vigário geral na administração de Dom Avelar e diretor do jornal O Dominical.



Fotografia 03  
Dom Severino Vieira de Melo (1923-1955)  
3º Bispo da Diocese do Piauí  
1º Arcebispo Arquidiocese de Teresina  
Fonte: Arquivo particular de Tupy Neto

Na função de Vigário Capitular, Monsenhor Chaves foi, por duas vezes à Nunciatura Apostólica, para tentar influenciar na escolha do bispo, procurando mostrar ao Núncio um perfil de quem deveria vir para o Piauí. Naquele período, não sabia ele quem viria para Teresina. Por que existia este desejo de mudança nos padres teresinenses após a administração de Dom Severino? Quem foi Dom Severino e como foi essa administração que antecedeu a chegada de Dom Avelar?

Dom Severino nasceu a cinco de junho de 1880, no sítio Pau Santo, próximo à cidade de Vitória de Santo Antão, Estado de Pernambuco. A fim de estudar, foi morar na cidade de Olinda, na casa do padrinho que era padre, o cônego Marcelino Pacheco do Amaral. Ordenou-se sacerdote a quatro de janeiro de 1903, e foi vice-reitor do seminário até o ano de 1906. Em 1907, assumiu a paróquia de Gameleira, permanecendo até 1918 quando foi transferido para a paróquia de Glória do Goitá, na cidade de Olinda na qual ficou poucos dias, seguindo, depois, para Caruaru onde permaneceu até 1923, foi transferido para reitoria do seminário e no mesmo ano nomeado, em sete de

junho, Bispo do Piauí, sendo sagrado a vinte e cinco de novembro, tendo tomado posse apenas em vinte e três de fevereiro de 1924.

Os territórios dessa província estavam, religiosamente, subordinados à Arquidiocese de São Luis, sendo que, antes de serem subordinados a esta, o território do Piauí encontrava-se a mercê da Diocese de Olinda. Somente em 1724, aconteceu a transferência. É importante destacar o fato de que a Igreja Católica e o Brasil, através dos governos do período colonial e imperial, mantinham uma relação de padroado,<sup>65</sup> elemento que institucionalizou as relações entre ambos até a Proclamação da República, em 1889, quando ocorreu a separação oficial entre as duas instituições. Com o advento da República, a liberdade de culto passou a existir oficialmente, o que vai exigir uma maior aproximação entre a Igreja Católica e seus fiéis, aspecto que tem sua ressonância também no Estado do Piauí.

O fato de o Piauí, naquele momento, fazer parte da Província Eclesiástica do Maranhão, possibilitou que a Igreja repensasse a sua atuação com relação aos fiéis. As paróquias do Piauí, sentindo-se isoladas e sem poder tomar decisões imediatas, devido à distância entre a sede da Arquidiocese do Maranhão e os piauienses, viu-se indefesa frente a atuação dos anticlericais. Com o intuito de conter as tensões entre clericais e anticlericais, principalmente os maçons, foi criada a Diocese do Piauí, mesmo sem contar com o aval da diocese maranhense. Segundo Áurea Pinheiro,

A criação da Diocese [do Piauí] e a chegada de seu primeiro Bispo representaram, para os católicos mais atuantes, sinônimo de progresso material, moral e religioso. Trariam a possibilidade concreta de combater a difusão de doutrinas subversivas e contrárias aos bons costumes da sociedade piauiense. Era papel da Igreja Católica alertar a população, afastando-a dos 'inimigos' da Igreja e da religião; trabalhar para regeneração das massas, educar a juventude, desviando-a dos vícios e erros modernos. Por outro lado, os livres-pensadores não se conformavam com as pretensões políticas da Igreja, sua intervenção na sociedade civil, na consciência do povo. Os anticlericais criticavam a ação da Igreja romanizada, negadora da liberdade religiosa; defendiam a valorização de todas as

---

<sup>65</sup> “Eram, de fato, os reis da Espanha e Portugal que enviavam os missionários e que tinham o direito de receber os dízimos, para financiar a catequese e o culto. Pertenciam-lhes, igualmente, a faculdade de criar novas dioceses, nomear bispos e outros dignitários eclesiais. Toda comunicação com Roma era sujeita ao controle do monarca”. Cf: MATOS, Henrique Cristiano José. *Introdução à história da Igreja*. 2v., 5. ed. Belo Horizonte: O Lutador, 1997. p. 100.

religiões e práticas religiosas, pois era necessário defender o sentimento religioso.<sup>66</sup>

A Diocese<sup>67</sup> do Piauí foi a vigésima a ser criada no Brasil, através da bula *Supremum Catholicam Ecclesiam*, no papado de Leão XIII, em 20 de fevereiro de 1901. No entanto, a bula só veio a ser publicada e promulgada em 06 de janeiro de 1903. O documento papal determinava o desmembramento da Diocese do Piauí da Diocese do Maranhão; a cidade de Teresina, como sede episcopal; e a Igreja de Nossa Senhora das Dores como catedral da nova Diocese. Em 16 de dezembro de 1944, pela bula *Ad Dominici Gregis Bonum* do Papa Pio XII, foi criada a Diocese de Teresina, Parnaíba e a de Oeiras-Floriano. A Diocese de Bom Jesus fora criada em 1920. Devido ao fato do território piauiense possuir várias Dioceses, a de Teresina foi elevada à condição de Arquidiocese e Sede Metropolitana formando a Província Eclesiástica do Piauí, no dia 9 de agosto de 1952 pela bula *Quaemadmodum insianis* do Papa Pio XII.



Fotografia 04  
Dom Joaquim Antonio Almeida  
1º Bispo da Diocese do Piauí  
(1906-1910)  
Fonte: Arquivo particular do Tupy Neto



Fotografia 05  
Dom Otaviano Pereira Albuquerque  
2º Bispo da Diocese do Piauí  
(1914-1922)  
Fonte: Arquivo particular Tupy Neto

<sup>66</sup> PINHEIRO, Áurea da Paz. *As ciladas do inimigo: as tensões clericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX*. Teresina: FCMC, 2001. p. 34.

<sup>67</sup> A Igreja Católica é constituída pela comunhão das Igrejas locais, regidas por um *Bispo* e chamadas geralmente *Dioceses* (na fase inicial de organização podem ser chamadas *Prelazias*; no Oriente, chamam-se *Eparquias*). Várias Dioceses formam uma *Província Eclesiástica*, e o bispo da sede da Província recebe o título de *Arcebispo Metropolitano*. Desde meados do século passado em alguns Países, e em todos a partir do Concílio Vaticano II (1962-65), existem *Conferências Episcopais* nacionais. Cf: MATOS, H. C. J. *Op.Cit.* p. 361e 362.

Depois de Dom Joaquim Antonio de Almeida (1906-1910) e de Dom Otaviano Pereira de Albuquerque (1914-1922), Dom Severino Vieira de Melo (1923-1955) foi o terceiro bispo da Diocese do Piauí, e o primeiro arcebispo. Logo que este bispo chegou, procurou conhecer o território piauiense, e para isso empreendeu várias visitas pastorais a esse vasto território montado a cavalo, por ser o único meio de transporte da época, como destaca o cônego Antônio Cardoso de Vasconcelos, em seu depoimento:

Mesmo assim, sem ter nenhum conforto material, apenas sentindo o conforto espiritual do cumprimento do dever de pastor solícito e abnegado, mesmo assim o grande Bispo [Dom Severino] percorreu em afanosas excursões pastorais o imenso território da Diocese.

[...]

Em grandes travessias das chapadas e caatingas, por inúmeras vezes, pousamos, e nas margens dos riachos, à sombra de hospitaleiras árvores que nos serviam de tetos, e onde armávamos as rêdes, e aí passávamos duas, três horas, com tempo de rezarmos o santo ofício presidido pelo piedoso e edificante Bispo.

Malas de couro do sertão reunidas formavam mesa para termos as rudes e sertanejas refeições.

Sempre formavam as caravanas destas viagens Sua Excelência, o vigário da Paróquia, alguns vigários vizinhos e um ou dois missionários. Ninguém se

queixava, nem se lamentava das incômodas percorridas, pois o Chefe estava sempre alegre e satisfeito. D. Severino mereceu o justo título de Bispo Missionário<sup>68</sup>.

Diante da vastidão territorial, envidou esforços para dividir a Diocese do Piauí, e conseguiu. A dezesseis de dezembro de 1944, foram criadas as dioceses de Teresina, Oeiras-Floriano e Parnaíba, e, em nove de agosto de 1952, ocorreu a transformação dessa circunscrição eclesiástica em Província, elevando a diocese de Teresina à sede da Província e conseqüentemente à Arquidiocese.

Outros legados de sua administração foram: a instalação do Colégio Diocesano, reabertura do Seminário Diocesano e, posteriormente, a construção de sua sede, ao mesmo tempo criou uma fundação que auxiliava na manutenção dos seminaristas. Adquiriu o Palácio Episcopal, estruturou com sedes próprias as paróquias de Nossa Senhora das Dores e Nossa Senhora do

<sup>68</sup> VASCONCELOS, Cônego A. C. de. Dom Severino Vieira de melo: post mortem. *Jornal O Dominical*. Teresina, ano XIX, n. 26/95, 26 jun 1955, p.01-03.

Amparo. Fundou, em 1937, o jornal *O Dominical*, que teve, inicialmente uma publicação irregular, passando depois a semanário.

Um dos momentos que mais exigiu de Dom Severino, segundo o cônego Antônio Vasconcelos, foi o da passagem da coluna Prestes, em 1925, pela capital piauiense, no combate entre as forças que defendiam a cidade e membros daquele movimento.

[...] depois de o sangue de seus filhos correr pelas ruas, o então Bispo do Piauí deixou o seu Palácio e foi parlamentar com o Q.G. das forças revolucionárias, sediado no povoado Natal onde estava todo o seu Estado Maior para salvar a sua cidade episcopal. Correndo algum perigo, o abnegado antístite, acompanhado de seu secretário atravessava os piquetes, passava por entre as trincheiras, levando uma única arma – a cruz que pendente do pescoço caía sobre seu peito de apóstolo. Chegou enfim à presença dos chefes revolucionários Miguel Costa, Prestes, Juarez Távora, Cordeiro de Faria, Siqueira Campos, João Alberto<sup>69</sup>.

Conforme relato do cônego, a retirada da coluna Prestes<sup>70</sup> da cidade de Teresina é atribuída aos esforços de Dom Severino, após confabulações entre ele e o alto comando. Essa atitude de negociador, com um ano na cidade, e na chefia da Diocese do Piauí, lhe rendeu o título de “o salvador de Teresina”<sup>71</sup>.

Depois de muitos anos de atuação na Diocese, a seguir Arquidiocese do Piauí, e sofrendo com problemas de saúde, câncer no estômago<sup>72</sup>, Dom Severino pede um auxiliar.

Os vinte e seis anos de Episcopado nas terras do Piauí, a saúde muito abalada, já sem condições de fazer Visitas Pastorais e de participar de longas cerimônias litúrgicas, como as da Semana Santa, forçado pelo zelo sempre vivo de bem

<sup>69</sup> Ibid, Id; e MELO, Padre Cláudio. *Piauí, diocese e província eclesiástica*. Teresina: Arquidiocese de Teresina, 1993.p. 55-57.

<sup>70</sup> Esse movimento foi uma rebelião contra o governo de Artur Bernardes (1923-1926) no qual reivindicavam reformas políticas como o voto secreto, uma constituinte, proibição dos presidentes do Governo Federal e dos estados. Entre abril de 1925 e fevereiro de 1927, os rebeldes, com 800 a 1.500 civis e militares percorreram cerca de 24.000 quilômetros, somadas as marchas dos três destacamentos, travando combates contra as forças governistas e jagunçada de muitos coronéis. Em 1929, os principais líderes da Coluna exilaram-se na Bolívia, e Prestes, um dos principais estrategistas, afirmou que a luta não tinha mais sentido pois o presidente Artur Bernardes não governava mais. Cf. ALENCAR, Francisco; CARPI, Lúcia; RIBEIRO, Marcus Venício. *História da sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979. p. 242-244.

<sup>71</sup> VASCONCELOS, Cônego A. C. de. *Op. Cit.* 1955, p.01-03.

<sup>72</sup> Conforme relato do monsenhor Luís Soares.

governar a grei, levou Dom Severino em 1949 a recorrer a Santa Sé, pedindo um auxiliar.<sup>73</sup>

Dom Raimundo Castro e Silva chegou a Teresina como bispo auxiliar em 23 de setembro de 1950 e ficou até 17 de junho de 1954, quando foi designado para ser o bispo da Diocese de Oeiras. Dom Severino por mais de uma década sofreu de uma doença, que, aos poucos, foi dificultando o exercício de suas tarefas episcopais. Sempre acompanhado pelo doutor Oséas Sampaio teve “fases passando bem, outras piorando, fazendo desaparecer a esperança dos que queriam o seu restabelecimento”<sup>74</sup>. Esse período teve seu término no dia 27 de maio de 1955, na sede do palácio episcopal.

No período administrado por Dom Severino, a Igreja Católica era marcada pelo Primeiro Concílio Plenário Brasileiro<sup>75</sup>, que, apesar de ter sido realizado em 1939, teve sua idéia esboçada em 1890, logo após a Proclamação da República, quando a relação Estado e Igreja Católica foi rompida, passando a Igreja a dirigir seus destinos. As conclusões desse Concílio Plenário Brasileiro foram:

[...] condenam formalmente o espiritismo; determinam que os fiéis se precavendam de entrar em contato com entidades como a Associação Cristã de Moços e o Rotary Club; determinam a fundação da Ação Católica em todas as paróquias; não aprovam as chamadas ‘missas dialogadas’; não autorizam a construção de igrejas e oratórios, a não ser em solo pertencente ao patrimônio eclesiástico; e proíbem que, sem autorização de autoridade eclesiástica, sejam feitas restaurações e modificações de maior importância em igrejas já construídas.<sup>76</sup>

Diante dessas normas, a Igreja de Teresina, porque fazia parte desse contexto, não podia fugir a essas determinações. Somados o teor rígido do documento à austeridade e rigor com que Dom Severino administrava a

<sup>73</sup> MELO, Padre C. *Op. Cit.* p. 63.

<sup>74</sup> VASCONCELOS, Cônego A. C. de. *Op. Cit.* 1955, p. 02

<sup>75</sup> O Primeiro Concílio Plenário Brasileiro se reuniu com solenidade no Rio de Janeiro, em julho de 1939. Dom Leme, com a saúde abalada, preside o conclave de 103 ‘padres conciliares’: bispos, superiores, religiosos e representantes de cabidos de cônegos. Note-se que não consta a presença de nenhum leigo. Fato inédito no Brasil: são em latim os debates em plenário, como também são em latim as conclusões, que cobrem 426 páginas, contendo 489 decretos aprovados, posteriormente, em Roma, com louvor. Cf. BANDEIRA, Marina. *A Igreja Católica na virada da questão social (1930-1964): anotações para uma história da Igreja no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, Educam, 2000. p. 54.

<sup>76</sup> BANDEIRA, M. *Op. Cit.* p. 54-55.

Arquidiocese, alguns comentários contribuíram para que fosse construída uma imagem depreciativa desse bispo, como se pode observar no trecho abaixo, publicado no jornal no dia da abertura do seu testamento

O documento impressionou a todos pela austeridade e por revelar a pobreza de S. Excia., tido e havido nesta capital como homem de largos recursos, acionistas de uma das mais importantes usinas açucareiras de Pernambuco, proprietário de ruas de casa e que tinha dinheiro que emprestava a juros altos, nesta cidade, através de pessoas importantes.

Esta versão corria a solta, e a abertura do testamento, revelando a franciscana pobreza de Dom Severino, também se nos afigura uma lição àqueles menos avisados que se deixam levar por versões apressadas e que não deveremos esquecer.<sup>77</sup>

Outra opinião que colabora para descrever Dom Severino como um bispo conservador, surgiu no depoimento do Monsenhor Joaquim Chaves. Quando o monsenhor fez o primeiro curso de preparação para a celebração da missa em português, ele narrou que não contou com o apoio do arcebispo: “[...] Dom Severino, ele era um homem muito conservador e ele achou que aquilo era uma novidade ainda. Proibiu de fazer o segundo curso e eu não pude fazer”<sup>78</sup>.

Monsenhor Isaac Vilarinho<sup>79</sup> fortalece a idéia quando diz:

[...] nós tivemos aqui durante muitos anos Dom Severino Vieira de Melo, que foi um bispo muito austero, mas muito santo também, com uma espiritualidade muito profunda, mas ao estilo daquele tempo, que não era muito diferente do estilo da Idade Média.<sup>80</sup>

Percebemos, então, que o modelo de administração implantada por Dom Severino era criticado pelos clérigos locais. Após um período de mais de trinta e um anos (1923-1955). Além de ter, nos seus últimos anos, perdido o vigor, devido à doença que o acometia, pelos relatos, nota-se que havia rejeição de algumas pessoas a sua forma de administrar, principalmente por sua

<sup>77</sup> O TESTAMENTO de Dom Severino. *Jornal do Piauí*. Teresina, ano IV, n. 369, 05 jun 1955, p.01-05.

<sup>78</sup> CHAVES, Monsenhor. J. *Op. Cit.* 1998. p. 04.

<sup>79</sup> Natural da comunidade Mimbó, Amarante-Pi. Na época de D. Avelar, foi coordenador da JAC, capelão da Penitenciária Feminina, vigário de União-Pi (1962-1965), em 1968 foi transferido para Campo Maior-Pi, onde viveu por vinte anos. Hoje reside em Teresina.

<sup>80</sup> VILARINHO, Monsenhor Isaac. *Depoimento cedido para Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina 1998

resistência em manter a Igreja Católica presa a princípios “medievais”. Isso contribuiu para que houvesse uma repulsa ao bispo por parte dos leigos, afastando-os de uma participação como colaboradores ativos na construção de Igreja inserida na Ação Católica Brasileira<sup>81</sup>.

A Arquidiocese de Teresina, antes de Dom Avelar, vinha de uma administração que pedia renovação. Pelo longo período da administração e pelos últimos anos marcados pela doença de Dom Severino, criou-se uma expectativa em torno da chegada do novo Arcebispo. Percebemos a existência de discursos que apontavam para esperanças que a chegada do novo arcebispo trazia, principalmente no sentido de realizar mudanças na maneira de administrar a Arquidiocese, como afirma Monsenhor Joaquim Chaves<sup>82</sup>:

Ele [Dom Avelar] mudou totalmente as coisas aqui no Piauí, em matéria religiosa, no sentido de ação. Porque a religião é sempre a mesma, mas o modo de agir às vezes muda muito. Ele achou que a situação do Piauí era uma situação que estava muito atrasada em matéria de ação social e entrou por esse lado.<sup>83</sup>

Concordando com este raciocínio, no sentido de trazer para Igreja Católica de Teresina uma nova maneira de administrar, encontramos os discursos de várias outras pessoas, como José Lopes dos Santos:<sup>84</sup>

Ele tinha um interesse muito grande em fazer com que a Diocese por ele dirigida fosse o mais possível dotada de todos, de tudo aquilo que pudesse facilitar o trabalho de que vinha

---

<sup>81</sup> A Ação Católica “trata-se de uma fórmula cujas origens remontam ao pontificado de Pio XI (1922-1939). Ela aparece, de fato, pela primeira vez, com palavras ligeiramente diferentes (‘participação dos leigos na missão própria da Igreja’), numa carta do então secretário de Estado cardeal Gasparri aos bispos italianos, de 2 de outubro de 1922. Inserida na sua forma definitiva nos estatutos de Ação Católica italiana em 1931, será mantida pelos sucessivos pontífices. [...] Este [apostolado] indica um projeto totalizante sobre o homem e a sociedade: não somente reconduzir à fé cada indivíduo que dela se tenha afastado, mas também recriar um organismo social baseado em todos os níveis, inclusive no nível da organização civil e econômica, na doutrina da Igreja católica. Cf. FERRARI, Líliliana. Ação Católica. In BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. (orgs) Dicionário de política. 1v. 5. ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília. 2000. p. 09.

<sup>82</sup> Com a morte de D. Severino, antecessor de D. Avelar, foi nomeado como Padre Capitular, aquele que dirige a arquidiocese na vacância do cargo. Na administração de D. Avelar era o Vigário Geral da Arquidiocese, cargo que exerceu por 15 anos.

<sup>83</sup> CHAVES, Monsenhor J. *Op. Cit.* 1998. p. 06.

<sup>84</sup> Radialista foi diretor da Rádio Difusora conviveu com Dom Avelar, pois o primeiro programa do arcebispo foi nesta rádio antes da fundação da Rádio Pioneira.

sendo realizado na Arquidiocese e então na religião, na religião mais conhecida, já que ele era um evangelizador, né?<sup>85</sup>

Outra voz que vem corroborar e apresenta algumas transformações trazidas pelo novo Arcebispo é Jesus Elias Tajra<sup>86</sup>

[...] e por último Dom Avelar Brandão Vilela fundou em 62 a RÁDIO PIONEIRA, Dom Avelar era um homem de muita visão, de um brilho fantástico, uma serenidade, homem que começou aqui com obras sociais fantásticas – eu estou mudando um pouco o assunto para mostrar a figura de Dom Avelar – criou centros sociais que não existiam, entre eles o Leão XIII, um na Vila Operária, acho que o Leão XIII era esse, outro no Monte Castelo e um no Cristo Rei. Três pontos estratégicos da cidade, onde ele promovia cursos de costura, bordado, curso de carpintaria... preparava gente para a vida, não é?<sup>87</sup>

Para mostrar o impacto da chegada de Dom Avelar, também, apresenta-se a fala de Deoclécio Dantas,<sup>88</sup> como mais uma narrativa que vem construir a memória de um arcebispo transformador da sociedade teresinense:

Ele achava, ele achava que o arcebispo de Teresina não devia ser só aquela pessoa que deveria cuidar das coisas da Igreja, a questão social de um modo geral. A questão social ele se preocupava muito, muito, muito, muito mesmo. A ponto de se preocupar com a implantação de projetos agrícolas no interior do Estado. Recentemente morreu um padre, José Anchieta Cortez, que implantou a pedido dele, e por iniciativa dele que foi atrás do Governo Federal, a, a região que é, teve o nome de Colônia de Gurguéia, que se transformou num município e que expandiu um processo de colonização fantástica. Mas não foi só lá que ele foi não, nas capitâneas de Teresina também. Ele tinha esse cuidado. Ele queria a valorização do homem, mas o homem do campo, sobretudo, do homem do campo. Aí se você diz: “não, mas, o, esse comportamento foi, deve-se por ele em relação da questão da sociedade”. Não. Por que ele participou ativamente da fundação da faculdade de filosofia. E marcou presença muito forte na fundação da faculdade de odontologia. E Associação Social Arquidiocesana (ASA), também foi um movimento que ele criou aqui em Teresina, e que ele deixou uma marca fantástica. E eu tenho a certeza absoluta de que a

<sup>85</sup> SANTOS, José Lopes dos. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 2002, p. 27.

<sup>86</sup> Foi diretor da Rádio Pioneira a convite de Dom Avelar, no primeiro momento não pode ser porque era deputado estadual, mas depois exerceu este cargo por vinte anos, hoje é comerciante na cidade de Teresina.

<sup>87</sup> TAJRA, Jesus Elias. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, [s.n.], p. 07.

<sup>88</sup> Redator e locutor da Rádio Pioneira, contemporâneo de Dom Avelar.

Pioneira foi muito importante nesse processo de conscientização do povo do Piauí, durante este período em que o rádio dominava as ações.<sup>89</sup>

Para Deoclécio Dantas, os projetos agrícolas para o Estado, como o da Colônia do Gurguéia, procuravam promover a valorização do homem do campo. O homem da cidade também foi contemplado, na área da educação, com as Faculdades de Filosofia e de Odontologia, e na assistência social, a Ação Social Arquidiocesana<sup>90</sup> – ASA, o Centro Social Leão XIII no bairro da Vila Operária, além de outros, nos bairros do Monte Castelo e do Cristo Rei e, por fim, uma de suas maiores iniciativas, que foi a Rádio Pioneira.

Historicizar a Igreja Católica piauiense até a chegada de Dom Avelar e estudar os discursos apresentados apontam para as transformações ocorridas na Arquidiocese, e, conseqüentemente, na cidade, uma vez que as medidas adotadas por Dom Avelar que influenciaram diretamente na cidade de Teresina, como também no Estado do Piauí. Nesta perspectiva, D. Avelar trilhou novos caminhos.

### 1.3 Dom Avelar em cena

27 de outubro de 1979. 44 anos de padre e 33 de episcopado se completam na realidade biológica de meus 67 anos bem vividos, bem sofridos e bem amados.

Rigorosamente falando, não tenho de quem reclamar. No balanço das alegrias e tristezas, assume destaque imensamente colorido a presença da bondade de Deus, ao longo da existência, dos trabalhos, realizações, esperanças, limitações e surpresas extravagantes.

Eu bem me lembro daquela festiva e deslumbrante manhã de outubro, dia 27, domingo, Festa de Cristo Rei, no calendário daquela época.

---

<sup>89</sup> DANTAS, Deoclécio. *Depoimento concedido a Francisco Alcides Nascimento*. Teresina, 2002. p. 10.

<sup>90</sup> Deoclécio Dantas na sua fala equivoca-se usando o termo Associação, mas o correto é Ação.

Aracaju, de coração aberto, acompanhava, de joelhos, a ordenação sacerdotal de um filho seu adotivo, disposto ao serviço do Senhor.

11 anos depois, na mesma Catedral de Nossa Senhora da Conceição, no mesmo horário das 9, pelas mãos do mesmo admirável pontífice – dom José Tomás Gomes da Silva – realizava-se, sob a inspiração da Festa Litúrgica de Jesus Cristo Rei, a ordenação episcopal do padre Avelar. Coincidentemente, o último domingo do mês de outubro, em 1946, voltava a cair no dia 27.

Agora, seria outro o campo de trabalho, outro o sentido da missão, gente até então para mim desconhecida passaria a ser a minha gente, a família religiosa do meu coração episcopal. E foi assim que vivi e convivi em Petrolina, mais tarde em Teresina e depois fui chamado para Salvador, Bahia<sup>91</sup>.

Dia 27 de outubro, em 1935, em 1946, foram as ordenações sacerdotal e episcopal de Dom Avelar Brandão Vilela. Quando escreveu o texto acima, para compor o livro *A prece que brota da vida*, era o ano de 1983 e, mais uma vez, estava no calendário um dia de domingo no qual a Igreja Católica comemora o dia de Cristo Rei, o quarto domingo de outubro. Talvez, no silêncio do Palácio Arquiepiscopal de Salvador, lugar que foi sua residência e de onde administrava a Arquidiocese de São Salvador, também deve ter levado Dom Avelar a pensar e (re)experimentar emoções, que muitas vezes, esquecidas ou guardadas em lugares da memória, foram pouco visitadas.

Dom Avelar é originário do Engenho da Mata Verde, que fica no município de Viçosa no Estado de Alagoas, onde nasceu, no dia 13 de junho de 1912, sendo seus pais Elias Brandão Vilela e Isabel Brandão Vilela, de uma família de dez filhos: José Aluísio, Hercília, Nair (freira - irmã Maria), Francisca (freira), Giselda, Avelar, Irene, Rubens, Teotônio, Osvaldo. Dos irmãos a presença mais marcante foi a da sua irmã Giselda, como é demonstrada pela sua preocupação quando esta faltou a um dos encontros familiares do final de ano e ele faz um cartão com a assinatura de todos os familiares presentes. Giselda, após cinco anos de casada, ficou viúva e veio de Maceió residir em Teresina, com ele, trazendo consigo, a filha Maria Isabel. Chegando à Arquidiocese assumiu a tarefa de recepcionar as pessoas que pretendiam falar com Dom Avelar para pedir ajuda, como recorda a sua filha Maria Isabel:

---

<sup>91</sup> VILELA, Avelar Brandão. *A prece que brota da vida*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1983. p. 19.

[...] pessoas e pessoas que chegavam pedindo roupas, remédios, telhas ... Era a mamãe que fazia o levantamento, fazia as fichinhas, anotava e encaminhava para os Centros Sociais e ali se desenvolvia todo aquele trabalho<sup>92</sup>.

Além desses encaminhamentos, sua irmã Giselda participava ativamente da distribuição de remédios, leite, queijo e outros produtos que vinham da Europa, principalmente da Alemanha, entre as famílias necessitadas, já cadastradas por ela.

Quanto à atuação de Dom Avelar na educação de Maria Isabel, ela própria diz:

[...] mamãe chegou aqui em 57, morávamos com ele, minha mãe estava sempre presente como irmã, amiga, dona de casa, nós éramos uma família. O tio Avelar substituiu a presença masculina que uma criança necessita na sua vida para o seu desenvolvimento, sua educação. Perdi um pai logo e ganhei um pai espiritual. Tio Avelar foi uma presença muito marcante.<sup>93</sup>

Esta presença marcante de que fala Maria Isabel, abrange desde preocupação com a sua postura à mesa durante as refeições, higiene pessoal, até sua educação formal, sempre interessado em acompanhar as notas no colégio, participava dos jograis realizados e torneios de vôlei da escola. Num caderno de redação, passava temas para serem desenvolvidos por ela.

Nos momentos de saudade da infância e de Mata Verde, Dom Avelar pedia à Maria Isabel que cantasse duas músicas regionais. A primeira referia às visitas que o senhor Elias, com a família, fazia aos tios e primos da fazenda Boa Sorte, que assim lhe davam as boas vindas:

Minha gente Mata Verde chegou  
Capitão Sinhô e dona Bilinha (os pais),  
Geda (Giselda), e Quinha,  
Seu Zé (José Aluísio) que tá home,  
Menino sem nome (Osvaldo ainda não tinha nascido),  
Avelar, Tonho (Teotonho) e Binha (Rubens).<sup>94</sup>

---

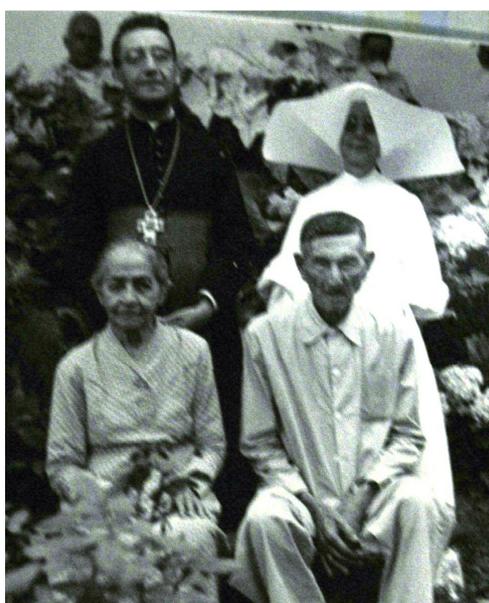
<sup>92</sup> RÊGO, Maria Isabel Vilela Marinho Fortes do. *Depoimento concedido a Warrington Wallace Veras de Araújo em 25 de junho de 2007*. p. 04.

<sup>93</sup> *Ibidem*. p. 02.

<sup>94</sup> *Ibidem*. p. 07.

A segunda *cantiga* foi composta por seu sobrinho Carlos Alberto, filho de Hercília.

Mata Verde sonho dourado que vive,  
que mora em meu coração.  
Mata Verde relembra a infância,  
brinquedo, castigo e repreensão.  
Mata Verde vovô acordando  
e o engenho apitando com toda pressão.  
Mata Verde bodoque,  
peteca jamais sairás da imaginação.<sup>95</sup>



Fotografia 06

Dom Avelar, sua irmã freira, senhor Elias (pai) e dona Isabel (mãe)  
Fonte: Arquivo particular de Maria Isabel Vilela M. F. do Rêgo (sobrinha)



Fotografia 07

Dom Avelar com as irmãs Nair (freira – irmã Maria) e Giselda  
Fonte: Arquivo particular de Maria Isabel Vilela M. F. do Rêgo (sobrinha)

<sup>95</sup> Ibidem. p. 06.



Fotografia 08

Dom Avelar, ao centro, ladeado por seus pais nas bodas de ouro dos mesmos, em 1951

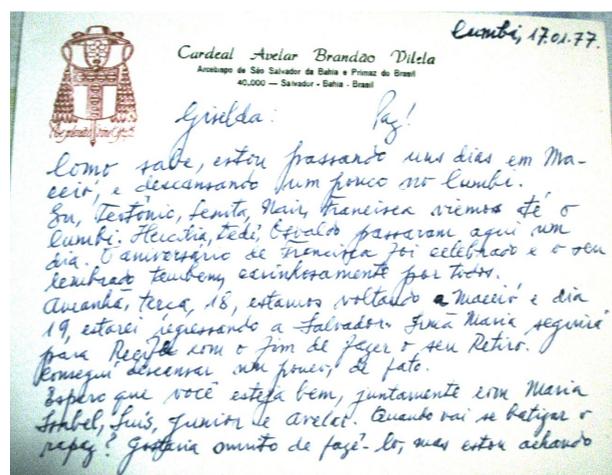
Fonte: Arquivo particular de Maria Isabel Vilela M. F. do Rêgo (sobrinha)



Fotografia 09

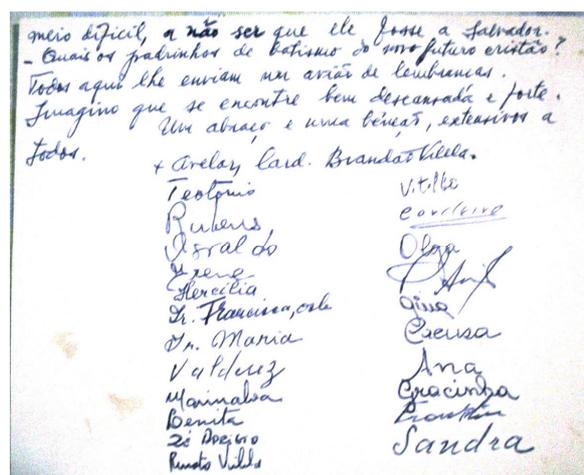
Dom Avelar na Lagoa do Cumbi com a família

Fonte: Arquivo particular de Maria Isabel Vilela M. F. do Rêgo (sobrinha)



Fotografia 10

Cartão (frente) endereçado a sua irmã Giselda que não pode ir à reunião familiar na Lagoa do Cumbi  
Fonte: Arquivo particular de Maria Isabel Vilela M. F. do Rêgo (sobrinha)



Fotografia 11

Cartão (verso) endereçado a sua irmã Giselda que não pode ir à reunião familiar na Lagoa do Cumbi  
Fonte: Arquivo particular de Maria Isabel Vilela M. F. do Rêgo (sobrinha)

Entrou para o seminário em 1925, com 13 anos de idade, em Maceió, deixando todos aqueles momentos típicos de uma criança em uma fazenda nordestina. No ano de 1930, transferiu-se para o seminário de Aracaju, mas cursou seu terceiro ano em teologia no Seminário de Olinda em 1934, pois o seminário de Sergipe havia fechado. Naquele período, conheceu alguns piauienses, como: Joaquim Chaves, Tarcísio Cruz e Cláudio Ferreira. Não pensava Dom Avelar, naquele momento, que estas pessoas tornariam a cruzar seu caminho, em outra situação. No seu quarto ano de teologia em Sergipe, tomou aulas particulares, por desejo do bispo da época, e exercia o cargo de secretário do Arcebispo de Sergipe.

O dia 27 de outubro de 1935, foi a data da sua ordenação como sacerdote. A imposição das mãos de Dom José Tomás Gomes da Silva, Arcebispo de Aracaju, em sua cabeça, e o momento em que se deitou com o rosto entre as mãos, ouvindo a “Ladainha de todos os Santos”, pela maneira como recordava esta cerimônia, deve ter lhe trazido muitas emoções. Após sua ordenação, continuou sendo secretário do arcebispado, cargo que começou a exercer, quando recebeu o diaconato, no ano anterior. Exerceu a função de capelão da Igreja de São Salvador, diretor espiritual e professor do Seminário

de Sergipe, já reaberto. Foi eleito cônego do Cabido Diocesano, fundador da Ação Católica Brasileira - ACB, na Diocese de Aracaju. Naquela época, divulgou as missas dialogadas, missas que foram condenadas pelo Primeiro Concílio Plenário Brasileiro de 1939.

Nos onze anos que esteve em Aracaju, exerceu ainda os cargos de diretor das Vocações Sacerdotais da Diocese e do Centro Dom Vital, e de assistente da Liga Eleitoral Católica. Criou, também, o Movimento de Assistência às Empresas Domésticas, foi professor do Colégio Estadual de Aracaju e Ateneu Sergipense, lecionando língua portuguesa, literatura luso-brasileira e psicologia.

Ao escrever a Prece, sobre o 27 de outubro, quando a data coincide com o último domingo do mês marcando a festa litúrgica de Cristo Rei, passa, também, por sua mente, a outra ordenação, uma outra emoção, desta vez, a episcopal, a vinte e sete de outubro do ano de 1946. Com apenas trinta e três anos de idade, foi eleito bispo de Petrolina, à época o mais novo bispo do Brasil. Desta vez, a sua sagração foi realizada pelo arcebispo de Aracaju, Dom José Tomás Gomes da Silva, tendo como convidado, para fazer as orações, o Arcebispo de Belém, Dom Mário de Miranda Vilas Boas.

Realizou várias visitas pastorais pelo interior de Pernambuco, realizou dois Congressos Eucarísticos, encontros com lavradores, que denominou de Semanas Ruralistas, deu assistência à periferia da cidade, através dos Centros Sociais que desempenhavam atividades, como cursos profissionalizantes, escolas primárias, serviço médico-dentário, cursos de higiene infantil e lactário, clube de mães, pais e mestres.

Como bispo de Petrolina, participou do Congresso de Belo Horizonte, como narra Marina Bandeira:

Em 1947, realiza-se a II Semana Nacional da ACB em Belo Horizonte [Minas Gerais], nos dias 31 de agosto a 07 de setembro, apoiada na mais cuidada liturgia, por ocasião do Congresso Eucarístico Nacional, cujo tema é 'A Eucaristia e a Ação Católica'.

[...]

Durante a Semana, várias aulas são dadas por bispos, como as de Dom Avelar Brandão aos Homens da Ação Católica; [...] No fim de cada aula, organizam-se os círculo de estudos de

estudos para o aprofundamento dos temas e definição de resultados de ordem prática<sup>96</sup>.

Nesse encontro, os trinta bispos, como medidas práticas, resolveram, em primeiro lugar, lançar a *Revista do Assistente Eclesiástico*; em segundo, definiram os novos rumos para a Juventude Operária Católica – JOC e seu campo de atuação, para que não houvesse choque com os Círculos Operários. Os bispos indicaram o nome do monsenhor Hélder Câmara para estruturar o secretariado nacional da ACB.

Trabalhou junto aos flagelados das duas secas que afligiram Pernambuco em meados da segunda metade do século XX, implantou a Ação Católica do Brasil e da Liga Eleitoral Católica, instalou um Posto de Colonização em convênio com Ministério da Agricultura para uma experiência pioneira de irrigação nas margens do Rio São Francisco. Inaugurou a Escola de Economia Doméstica dirigida às jovens, para aprenderem serviços de uma vida cotidiana como donas de casa.

Foi nomeado para ser o quarto bispo do Piauí e o segundo arcebispo de Teresina, em dezenove de novembro de 1955. Contudo, tomou posse apenas no dia cinco de maio de 1956, tendo como lema “Evangelizar e Humanizar”. Suas impressões com relação à nova Arquidiocese foram reveladas somente no ano de 1985, quando esteve aqui para comemorar o cinquentenário de sacerdócio, proferindo a sua última “Oração por um dia Feliz” na Rádio Pioneira: “Essa outra Terra era Teresina. Teresina no Piauí. Numa época difícil para o Piauí. Quando eu aqui cheguei, quanta dificuldade, quanta pobreza, quanto desalento, quanta falta de esperança”<sup>97</sup>. A visão que ele tinha do Piauí como uma terra sem esperança, manifestada pelo desalento, é reforçada por outro depoimento onde ele diz:

Reinava aquele estado de desânimo. Ninguém acreditava em ninguém. As coisas começavam mas não terminavam. O Piauí, eu comparava sempre a uma espécie de estação onde o trem do nordeste, saindo da Bahia e percorrendo os Estados,

---

<sup>96</sup> BANDEIRA, Marina. *A Igreja Católica na virada da questão social (1930-1964): anotações para uma história da Igreja no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, Educam. p. 285-286.

<sup>97</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *História e memória da Rádio Pioneira de Teresina*. Teresina: Alínea Produções Editora. 2004. p. 73.

quando lá chegava, não tinha mais o que deixar. Já tinha ficado no meio do caminho por onde passavam os vagões do trem.<sup>98</sup>

Fundou a Ação Social Arquidiocesana – ASA, com o intuito de coordenar as diversas atividades assistenciais realizadas pelas paróquias, e através da ASA, foram fundados diversos Centros Sociais que, em 1971, atendiam quase 4.000 alunos em cursos primários, mantendo, também, cursos profissionalizantes, clubes educativos, assistência hospitalar e dentário, e artesanatos. Essas atividades eram mantidas através de convênios realizados com os três níveis de governo, federal, estadual e municipal. Havia também a participação de doações de particulares, tanto do Brasil como do exterior.

Outra obra foi a abertura da Rádio Pioneira, em 1962, que ocorreu dentro de um clima de pessimismo, como mostra Monsenhor Joaquim Chaves na homilia, da celebração, realizada na Igreja Nossa Senhora do Amparo, às nove horas da manhã, de um ano da emissora:

Meus irmãos: Esta missa está sendo celebrada em Ação de Graças pela passagem do primeiro aniversário da Rádio Pioneira.

Há um ano atrás, precisamente a 8 de setembro do ano passado [1962], nascia a Pioneira. Nascia do idealismo, da fibra da pertinácia de um homem só – Dom Avelar Brandão Vilela. Naquela hora, a não ser o fundador e mais alguns poucos idealistas que o cercavam, ninguém acreditava na Pioneira. Muitos diziam: Será certamente um serviço de auto-falantes mais aperfeiçoado para transmissão, em horas certas, de terços e novenas. Como se iludiram!<sup>99</sup>

Ainda na área da comunicação, manteve o jornal semanário católico *O Dominical*, mudando, logo que chegou, a direção tirando-a do padre Luís Soares de Melo e entregando-a ao Monsenhor Joaquim Chaves, seu colega de seminário. Acreditava que, através dos meios de comunicação, podia estar mais perto dos fiéis. Por isso, manteve, durante toda a sua permanência no Estado do Piauí, o programa *Oração por um dia Feliz*, que era transmitido em dois momentos, às seis hora da manhã e ao meio-dia.

<sup>98</sup> MAGALHÃES, Monsenhor Walter. *Dom Avelar Brandão Vilela: meio século de pregação*. Salvador. Arquidiocese de Salvador. 1985. p. 23.

<sup>99</sup> MONSENHOR JOAQUIM Chaves fala sobre a Pioneira. *Jornal O Dia*. Teresina, ano XIII, n. 1122, 09 set 1963, p.01.

No campo da educação, atuou na fundação da Faculdade Católica de Filosofia – FAFI e cooperou para que fosse criada a Faculdade de Odontologia e Medicina. Recuperou o Colégio Diocesano, São Francisco de Sales, e o entregou aos padres jesuítas. Incentivou e presidiu a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos – CNEG, que em 1957 tinha um estabelecimento e, em 1971, contava com trinta e dois, espalhados pelo Estado. Instalou em 1962 o Movimento de Educação de Base - MEB, que eram aulas radiofônicas transmitidas para comunidades e cooperativas da periferia das cidades e da zona rural, criado pela CNBB em convênio com o governo federal. O MEB tinha como objetivos básicos a alfabetização e a educação funcional, mas, principalmente, visava à organização comunitária, promovendo a consciência humana e cristã, chegando a atingir cinqüenta mil pessoas no Piauí.<sup>100</sup>

Dom Avelar teve como uma de suas marcas centrais a preocupação com a situação do homem no sertão do Nordeste. Em Teresina, no período de seis a onze de agosto de 1956, três meses após sua chegada, a Arquidiocese e o Ministério da Agricultura patrocinaram a Primeira Semana Ruralista. Além dessa, foram realizadas outras, nos municípios de Campo Maior e União. Nesses movimentos, era incentivada a criação de sindicatos rurais e grupos de jovens como a Juventude Agrária Católica - JAC. Com a idéia de colaborar com o desenvolvimento do setor rural, envolveu-se com a implantação do Projeto de Colonização do Vale do Gurguéia<sup>101</sup>. Outro projeto, que também contou com seu apoio, foi a construção da usina hidroelétrica da Boa Esperança, tendo conseguido a assinatura do Decreto n° 64.359/59, que criava a comissão para estudar a viabilidade dessa idéia, no período que esteve reunido com os bispos do Nordeste em 1959, na cidade de Natal do Rio Grande do Norte.

Participou de reuniões de dois Sínodos, o primeiro como representante da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB e o segundo por indicação do Papa. Foi eleito, por duas vezes, vice-presidente da CNBB, na administração de Dom Agnelo Rossi (1964-1971) e de Dom Aloísio Lorscheider de (1971-1979). Em 1965, foi eleito vice-presidente do Conselho Episcopal Latino-americano – CELAM, sendo que, no ano seguinte, ocupou a presidência

---

<sup>100</sup> DOM AVELAR completa 15 anos na Arquidiocese de Teresina. Jornal *O Dominical*. Teresina, ano XXXVI, n. 09/71, 05 maio 1971, p. 01.

<sup>101</sup> Projeto que implantado na região centro-sul do Piauí através do Decreto n° 39.284 de primeiro de junho de 1956.

como substituto, devido à morte do presidente Dom Manoel Larrain. Depois, foi eleito presidente, no Encontro de Mar Del Plata em 1966, ficando no cargo até 1972. No ano de 1968, como presidente do CELAM, coordenou a 2ª Conferência Episcopal Latino-americana em Medellín na Colômbia.

Quase completando quinze anos em Teresina, outra mudança bate às portas de sua reflexão. Foi nomeado, em 27 de março de 1971 como o 23º Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, aos 59 anos de idade. Neste momento, procurando mostrar as emoções de Dom Avelar me utilizamos as palavras de J. Vieira Chaves: “Em vez dos abraços, dos parabéns a você, das alegrias repetidas, teremos, com que tristeza, aquela voz embargada a nos dizer VOU PARTIR, já não vos pertença. ADEUS”<sup>102</sup>.

A dois de fevereiro de 1973, prepara-se para outra imposição de mãos, dessa vez as do Papa, por ter sido eleito cardeal<sup>103</sup> da Igreja Católica, recebendo o barrete a cinco de março do mesmo ano, no Vaticano, das mãos do Papa Paulo VI, como titular da Basílica de São Bonifácio e Santo Aleixo.

Em Salvador, dividiu a cidade em 27 novas paróquias, para melhor prestar os serviços da Igreja Católica, procurando acompanhar o crescimento da cidade. Criou as Comissões de Arte Sacra e de Justiça e Paz. Renovou a imprensa católica, adquirindo, em 1973, a editora O Mensageiro da Fé, que passou a publicar o jornal diocesano *Mensageiro*, semanalmente. No ano de 1984, adquiriu para a Arquidiocese a Rádio Excelsior da Bahia, que era católica e, desta forma, continuou a serviço da Igreja Católica. Promovendo simpósios sobre sincretismo, abordava problemas de ordem cultural, antropológica, sociológica e religiosa, reunindo especialistas católicos, não-católicos, protestantes e afro-brasileiros.

Participou da III Conferência Episcopal Latino-Americana, na cidade de Puebla, no México, de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979, fazendo parte

---

<sup>102</sup> CHAVES, J. Vieira. Evangelizar e Humanizar: 15 anos depois. Jornal *O Dia*. Teresina, ano XX, n. 3321, 04 maio 1971, p. 06.

<sup>103</sup> Um cardeal é um alto dignitário da Igreja Católica encarregados de assistir o Papa. Os cardeais, também chamados *purpurados*, pela cor vermelha de sua indumentária, são considerados, na diplomacia 'príncipes da Igreja'. Os cardeais são nomeados pelo papa em ocasiões específicas na presença dos restantes membros do Colégio Cardinalício (consistório). O título, segundo o Código de Direito Canônico, distingue homens notáveis pela sua doutrina, piedade e prudência na condução dos assuntos. De facto, a nomeação de cardeais é uma indicação política sobre o pontificado em curso e a futura eleição papal, já que são os cardeais que em conclave [reunião de cardeais] o futuro papa. Cf. [www.wikipédia.org](http://www.wikipédia.org) acessado em 08 de julho de 2007.

da redação do documento *Mensagem aos povos da América Latina*. No ano de 1980, acompanha o Papa João Paulo II, por várias cidades, e o recebe oficialmente nos dias 6 e 7 de julho na cidade de Salvador, hospedando-o no Palácio Arquiepiscopal. Em outubro de 1980, foi a Roma e conseguiu efetivar a Arquidiocese de São Salvador da Bahia como Sé Primacial, através de um Título Canônico, que foi entregue pelo representante do Papa, o Núncio Apostólico Dom Carmine Rocco em 19 de dezembro. Com isso, todo arcebispo daquela Sé passaria a ser reconhecido como o Primaz do Brasil.<sup>104</sup>

Em 1985, completara meio século de trabalhos prestados à Igreja Católica. Em meio a tantas festas e comemorações pelo exercício do sacerdócio, nos mais variados lugares, como Aracaju, Petrolina, átrio da Igreja São Benedito, em Teresina, Salvador, em dezembro do ano seguinte, faleceu.

Na década de 1980, a Igreja que Dom Avelar fazia parte tem uma construção que é apropriada por ele e representada da seguinte forma:

É que somos uma só Igreja espalhada pelo mundo inteiro. E a grande força de que dispomos é a *unidade*. Tudo aquilo que ajuda a fortalecer os laços da unidade concorre para o desenvolvimento da comunidade eclesial.

No plano universal é o papa o sinal e o centro dessa unidade. Sentir com a Igreja sempre foi um norma de fé explícita, sumamente desejável.

Em cada país, as Conferências Episcopais procuram interpretar o pensamento do papa e aplicá-lo à realidade nacional.

Em cada diocese, o bispo, com maior expressão ainda de autoridade pastoral, desenvolve seu ministério em comunhão com o papa e tanto quanto possível em sintonia com o plano de pastoral orgânica do país, esforça-se por dinamizar os quadros de sua realidade diocesana, na evangelização, na catequese e na promoção humana.<sup>105</sup>

Dom Avelar percebe uma Igreja una, ao mesmo tempo forte. O texto mostra a sua visão sobre a instituição a qual dedicou sua vida. Deixa

---

<sup>104</sup> Quando os portugueses chegaram ao Brasil vincularam, religiosamente, esse novo território à diocese de Funchal – Portugal. Em vinte e cinco de fevereiro de 1551 a cidade de São Salvador é elevada a categoria de diocese, e todo o território brasileiro fica subordinado a essa diocese, através da Bula *Super Specula Militantis Ecclesiae* assinada pelo papa Júlio III, e sendo nomeado Dom Pero Fernandes Sardinha o primeiro bispo. Em 1556 quando retornava a Lisboa sua nau Nossa Senhora de Ajuda naufraga e ele com os tripulantes são devorados por índios canibais. Cf. ANDRADE, Wilma Therizinha Fernandes de. *A origem e evolução da diocese*. [www.dicesedesantos.com.br](http://www.dicesedesantos.com.br) acessado em 12 fev 2008.

<sup>105</sup> VILELA, Dom Avelar Brandão. *A prece que brota da vida*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1983. p. 80-81.

transparecer seu papel, primeiramente, enquanto grupo, membro de um conjunto, quando fala das Conferências Episcopais e depois do seu papel individual de bispo, como chefe de uma Igreja regionalizada.

Em outubro de 1986, quando ficou sabendo da doença que o acometia, Dom Avelar parecia se manter tranqüilo, fazendo poesias, tendo como inspiração tudo o que o rodeava naquele momento: a sua alimentação - a sopa, as flores, que eram colocadas para decorar o seu quarto, as freiras que cuidavam dele, cozinhando e o servindo e até mesmo seu estômago, tratando-o como um irmão, que o levaria à morte a 19 de dezembro do mesmo ano.

Dom Avelar Brandão Vilela, em 24 de outubro de 1986, no Instituto do Coração, na cidade de São Paulo se submetia a exames que o levaria a descobrir ser portador de câncer no estômago. Nessa época, hospedou-se com as Irmãs Passionistas.<sup>106</sup>

Diante da trajetória de vida de Dom Avelar várias foram as atitudes tomadas por ele em face dos desafios que se apresentaram. Perceber estas posturas de Dom Avelar, e esta última, ante a morte, remete a algumas perguntas: seriam estas atitudes tentativas de construir uma imagem? Então, quais foram as marcas deixadas por ele? No intuito de responder a estas questões, analisaremos as marcas encontradas nas diversas fontes pesquisadas, para compreendermos o processo de construção de sua imagem.

#### 1.4 Dom Avelar - a construção de um perfil

Neste momento, não estamos nos propondo a fazer uma análise do perfil psicológico de Dom Avelar por entender, assim como Maria Rita Kehl<sup>107</sup>, que

---

<sup>106</sup> Ordem religiosa fundada por São Paulo da Cruz e Maria Madalena Frescobaldi em 1815, chegando ao Brasil, em 1919, as primeiras freiras. Cf: [www.passionista.org.br](http://www.passionista.org.br) acessado em 25 jul 2007.

<sup>107</sup> Psicanalista, doutora em Psicanálise pela PUC/SP e escritora. Autora entre outros, de *Sobre ética e psicanálise* (Companhia das Letras, 2002) e *O ressentimento* (Casa do Psicólogo, 2005), além da coletânea de poemas *Processos primários* (Estação Liberdade, 1996).

Não se pode diagnosticar um personagem histórico como não se pode diagnosticar um personagem literário; considero este tipo de aplicação da teoria como uma espécie de *crime lesa-psicanálise* ou, no caso da literatura, que tanto prezo, crime de lesa-literatura.<sup>108</sup>

Ainda, para Maria Rita Kehl, “é inegável que o sujeito do inconsciente também se revela na escrita” [...] e “nem a mais estrita formalidade é capaz de apagar a marca da subjetividade de quem escreve<sup>109</sup>” por isso se faz em necessárias as seguintes perguntas: que representações<sup>110</sup> de si, ele queria deixar gravado na memória dos que conviviam com ele? Que apropriações<sup>111</sup> existiam de Dom Avelar ante a sua posição de bispo?

No sentido de responder a estes questionamentos, será realizamos uma discussão sobre memórias subterrâneas, e também, para perceber que, através das posturas de Dom Avelar, ele foi construindo uma representação de si, ao mesmo tempo em que procuramos perceber as representações que os outros faziam dele até o momento das entrevistas aqui usadas como fontes. Através de textos de sua autoria e algumas entrevistas é possível leva a perceber a existência de conflitos e disputas, ao mesmo tempo em que se encontram continuidades e estabilidades, o que Michael Pollak<sup>112</sup> denomina como “batalhas da memória”.

O primeiro registro encontrado sobre a representação que Dom Avelar procurava construir de si mesmo como bispo, pai espiritual dos fiéis da Diocese, foi a Carta Pastoral elaborada por ele logo que foi escolhido para ser bispo, aos 33 anos de idade, como terceiro bispo de Petrolina, na qual ele procura mostrar ao povo da Diocese de Petrolina qual era a função do bispo,

<sup>108</sup> KEHL, Maria Rita. Leopoldina, ensaio para um perfil. In.KANN, Betina; LIMA, Patrícia Souza (orgs). *Dona Leopoldina: cartas de uma imperatriz*. São Paulo: Estação da Liberdade. 2006. p. 115.

<sup>109</sup> Ibidem, p. 116.

<sup>110</sup> Representação aqui é entendida como: “As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.” Cf. CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p.17.

<sup>111</sup> A apropriação, tal como a entendemos, tem por objectivo uma história social das interpretações, remetidas para suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) inscritas nas práticas específicas que as produzem. Cf. CHARTIER, R. Op. Cit. p. 26.

<sup>112</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: vol. 2. n. 3. 1989. p. 04.

como seria seu papel à frente daquele bispado, desta forma, orientando as pessoas para a representação que deveriam fazer dele:

Nem sempre o mundo compreende a verdadeira missão do Bispo!

As insígnias e prerrogativas que traduzem, exteriormente, a dignidade episcopal, nada mais significam do que a moldura de um quadro, o quadro vivo da responsabilidade que, diariamente, lhe fustiga a consciência de Pastor e de Pai.

Ser Bispo não é, como se presume erroneamente, fechar-se entre as cortinas de um palácio, indiferente à vida que vai passando lá fora, cheia de inquietação e de dor.

Ser Bispo não é ensimesmar-se na plenitude dos formalismos difíceis de romper.

Ser Bispo é, pelo contrário, exercer uma verdadeira missão de paternidade espiritual.

É colocar o coração e a inteligência, a liberdade, todas as energias do espírito e do corpo, com prudência, é certo, mas com solicitude, a serviço da diocese que lhe foi confiada!<sup>113</sup>

Nesta Carta Pastoral, elaborada dias após a sua ordenação como bispo, ele diz que a função episcopal é uma missão, que não está expressa nas insígnias que o bispo traz consigo, estas são apenas símbolos que procuram emoldurar a consciência do ser Pastor e Pai, lembrada, diariamente, pela responsabilidade. Apesar de a consciência ser da intimidade do sujeito, o ser bispo se expressa fora de si, e fora do palácio episcopal, é “uma missão de paternidade espiritual”, paternidade expressa junto aos filhos que são os membros da diocese que está sob a sua responsabilidade.

Esta idéia de paternidade espiritual, também, foi encontrada em um artigo do jornal *O Dominical* de 5 de maio de 1956, data da posse de Dom Avelar na Arquidiocese de Teresina: “Esta missão capital nem sempre é, totalmente compreendida. O bispo é o Chefe porque é o pai<sup>114</sup>.” Neste artigo, o autor procura passar para os que fazem a Arquidiocese de Teresina o significado de ser bispo, qual a sua relação com o corpo sacerdotal, e com aqueles que, de uma maneira geral, compõem a diocese, que é a de pai espiritual.

Das representações deixadas por Dom Avelar, o que podemos chamar de memória oficial, é a de que, como arcebispo, ele gozava de uma credibilidade

<sup>113</sup> MAGALHÃES, Monsenhor Walter. *Dom Avelar Brandão Vilela: meio século de pregação*. Salvador. Arquidiocese de Salvador. 1985. p. 116.

<sup>114</sup> O SENTIDO de paternidade do bispo. Jornal *O Dominical*. Teresina, ano XX, n. 19/56, 05 maio 1956, p. 02.

incontestável, o que fazia com que tivesse uma enorme aceitação, que ficou registrada nas lembranças individuais, compondo uma memória coletiva contínua e estável. A primeira colocada aqui é a do padre Tony Batista<sup>115</sup>:

[...] eu fui uma pessoa educada por Dom Avelar, não no sentido de que ele tenha custeado, também isso ele fez, [...] Mas no sentido de escutá-lo muito. Eu morei com ele, na própria casa dele, acólitos, secretário, eu vivi com ele. Então eu sei o jeito dele, aliás, aprendi demais, demais, demais, demais. Ele... só duas coisas eu não aprendi dele: chegar sempre na hora, porque ele não chegava. Eu, eu, [...] não admito atrasar um minuto e administrar, porque ele também cuidava de ser pastor e não estava preocupado com administração não, viu? [...] Isso eu não aprendi dele, mas o resto, eu tenho muito dele e eu faria um pouco do que ele fazia, mas eu tenho medo de que isso seja uma imitação, sabe? É receio pessoal. Eu tenho certeza absoluta que esse meu jeito de comunicar, muito eu recebi dele, mas muito mesmo, muito. Mas eu evito fazer do mesmo jeito. Eu evito, porque acho que não é justo e também eu prefiro que o povo guarde a memória dele no coração pra sempre.<sup>116</sup>

Mesmo o padre Tony Batista apontando aspectos que indicam pequenas falhas do comportamento de Dom Avelar, no sentido de seus constantes atrasos aos eventos, para o Padre Tony, isso não fere em nada a imagem de D. Avelar, pois mesmo evitando imitá-lo é alguém que admite, repetidas vezes, ter aprendido muito com o clérigo. Nesse sentido nega a relação direta afirmando – *mas eu evito fazer do mesmo jeito* – procurando não fazer concorrência à memória que o povo guarda de Dom Avelar no coração.

Uma segunda fala é a de Maria do Carmo Alves do Bomfim<sup>117</sup> que, através do seu discurso, mostra uma construção semelhante à anterior:

[...] Dom Avelar, uma pessoa de uma cultura muito elevada e muito comprometida com a realidade, não necessariamente um revolucionário, mas era um homem de cultura profunda, ampla e de visão larga, [...]. Portanto, de uma visão larga, ampla e com o compromisso de igreja de enfrentar não apenas, é..., fazer evangelização pela evangelização, mas uma

<sup>115</sup> É padre da paróquia de Nossa Senhora de Fátima, e é hoje o diretor da Rádio Pioneira.

<sup>116</sup> BATISTA, Tony. *Depoimento concedido a Francisco Alcides Nascimento*. Teresina, 2002, p. 12

<sup>117</sup> Foi professora do Movimento de Educação de Base – MEB, à época de Dom Avelar, hoje é da Universidade Federal do Piauí do Centro de Ciências da Educação.

evangelização é...., visando uma transformação ampla da realidade.<sup>118</sup>

Essa idéia do comunicador realçada aqui reforça a de padre Tony Batista, quando diz que o seu jeito de falar aprendeu com Dom Avelar . As palavras de Maria do Carmo Alves do Bomfim corroboram as de padre Tony, no sentido de mostrar um Dom Avelar culto, comprometido com a realidade, procurando fazer um pastoreio não só visando à evangelização do povo da Arquidiocese, mas, também, com um caráter transformador da realidade.

É nesta ótica que Deoclécio Dantas<sup>119</sup> também apresenta um pastor comunicador que vai além do altar e do púlpito da igreja;

Ele, [...] era, sobretudo, um comunicador. Dom Avelar [...] tinha a vontade e o desejo, sobretudo, pelo o talento que possuía de ser ouvido por um número maior de pessoas, ele achava que o altar, o púlpito não era bastante pra aquilo.<sup>120</sup>

A força que possui esta memória é apresentada aqui por Luis Gonzaga Fernandes de Carvalho,<sup>121</sup> que leva as promessas feitas a Dom Avelar, mesmo estando este morto, às últimas conseqüências. Ainda que, durante a entrevista, não tenha revelado o compromisso, por se tratar de um segredo, dá-nos a perceber a força que Dom Avelar tinha sobre sua vida, assim como na de padre Tony Batista, que diz que o imita: “[...] eu tenho muito dele e eu faria um pouco do que ele fazia, mas eu tenho medo de que isso seja uma imitação, sabe?”<sup>122</sup> Luis Gonzaga Fernandes de Carvalho levará o compromisso até o final de sua vida.

Não sei se o senhor lembra que eu falei no início que tinha um compromisso com Dom Avelar, ele está falecido, mas esse

<sup>118</sup> BOMFIM, Maria do Carmo Alves do. *Depoimento concedido a José Maria Vieira e Luciana de Lima Pereira*. Teresina, 2003, p. 03.

<sup>119</sup> Editor do jornal Folha da Manhã, trabalhou como jornalista na Radio Pioneira de novembro de 1964 a 1979.

<sup>120</sup> DANTAS, Declécio *Depoimento cedido a Francisco Alcides Nascimento*. Teresina, 2002. p. 08.

<sup>121</sup> Eletricista que montou a Rádio Pioneira e participou da criação aconselhando, na parte técnica, Dom Avelar.

<sup>122</sup> BATISTA, Tony. *Depoimento concedido a Francisco Alcides Nascimento*. Teresina, 2002, p. 12.

compromisso não se quebrou nem vai se quebrar, aí só quando eu terminar a minha vida[...]<sup>123</sup>

Outra fala que fortalece esta memória sobre a enorme aceitação de Dom Avelar é o orgulho que Carlos Augusto de Araújo Lima<sup>124</sup> tem de sua carteira de trabalho ter sido assinada por Dom Avelar, guardada como se fosse uma relíquia.

[Dom Avelar] Mandou me chamar pelo Francisco Mendes, que era diretor da rádio Pioneira, dr. Francisco das Chagas Mendes. O primeiro diretor da Rádio Pioneira. Aí eu lá no palácio conversei com Dom Avelar e ele disse; ‘olha, eu queria que você...’ então a minha, tanto que, a carteira profissional que eu tenho hoje é assinada por Dom Avelar Brandão Vilela. Foi feita uma reforma ocorreu nessa época e então minha carteira é assinada ‘Dom Avelar Brandão Vilela’. A minha carteira profissional que eu guardo como uma relíquia, é assinada por Dom Avelar Brandão. Então tenho o maior ciúme dela: tenho maior cuidado por que ele ter assinatura de Dom Avelar Brandão Vilela. E assim eu comecei na rádio Pioneira.<sup>125</sup>

Percebemos que o pensamento, a narrativa da entrevista se torna fragmentada, para que o entrevistado possa dar ênfase ao fato de sua carteira de trabalho ter sido assinada por Dom Avelar.

Como notamos, que estas memórias têm força para além de Dom Avelar, já que elas possuem uma continuidade e uma estabilidade, até o dia em que foram realizadas. Por estes motivos, é que Michael Pollak diz que é tarefa do pesquisador, do historiador, perceber o embate entre estes traços, continuidade e estabilidade, disputas e conflitos<sup>126</sup>.

Por mais coerente que pareça uma memória, existem conflitos, como foram encontrados indícios de uma veiculação no jornal *O Compasso*:

‘O Compasso’, publicação que se edita nesta cidade, vinha tecendo críticas às autoridades católicas. Além de uma certa inoportunidade, nada víamos de mais nesta atitude, que é de todo compatível com a liberdade que o regime democrático

<sup>123</sup> CARVALHO, Luis Fernandes de. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, [s.n.], p. 13.

<sup>124</sup> Radialista da Rádio Pioneira desde a sua fundação até os dias de hoje.

<sup>125</sup> LIMA, Carlos Augusto de Araújo. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 2002, p. 06.

<sup>126</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: v. 2. n. 3. 1989. p. 04.

assegura, de ninguém, ser obrigado a pautar seus pensamentos pelos juízos alheios, ainda que estes sejam maioria.

Mas, em sua penúltima edição, em artigo subordinado ao título de 'A presença de Petrolina', o referido semanário enveredou por um caminho que não afina com as metas do jornalismo a atinge às raias da impertinência. E de que espécie! Da que se acoita por traz do 'disse me disse', que não invoca fatos mas acena com hipóteses, que não acusa dirigido, com mão de gato, à honorabilidade da frontalmente mas se apóia na insídia, tudo isso um prelado ilustre, que chegou até nós precedido dos melhores louvores de uma diocese de fiéis agradecidos de sua assistência espiritual. Contra a honra de um homem cujas atitudes na vida sacerdotal se tem imposto à admiração de quantos gozam de sua privança e ao respeito dos seus pares, que são o que de mais expressivo existe na Igreja Católica do Brasil.<sup>127</sup>

A repercussão desses comentários não se restringiu só a esse jornalista, mas Valdemar Sandes<sup>128</sup>, também, comenta a matéria publicada no jornal *O Compasso*.

Todas estas considerações nos vêm ao espírito ao analisarmos, com frieza, a insinuação ditada pela perfídia ao articulista do jornal 'O Compasso', e que atinge, caluniosamente, a dignidade do chefe da igreja piauiense. Trata-se de um tipo de divulgação, cujo efeito desmoralizador não se pode refletir senão naqueles que dele se utilizam para a prática de seus atos de irreflexão, e que não podem ser olvidados por força de uma simples retratação prestada a terceiros, como a que se contém na carta do agressor ao Secretário de Segurança Pública, por que, ao nosso ver, exigem um pedido de perdão, diretamente dirigido ao ilustre e digno ofendido.

De outra maneira não podemos justificar a grosseiria (sic) daquele ataque que, tendo em mira deprimir a comprometer a augusta função do eminente prelado, visava, a trazer desassossego a todos quantos sinceramente, têm interesse no êxito de sua função espiritual, de apascentador das ovelhas do Senhor.

É que, em verdade, D. Avelar Brandão Vilela é uma dessas figuras exponenciais do clero brasileiro, que se não deixa desmoralizar, pois sua obra evangelizadora fala mais alto que a infâmia, por proteger e amparar a quantos dele se aproximam, buscando um conselho ou uma orientação, para a solução de problemas graves, que os afligem.<sup>129</sup>

<sup>127</sup> ROLLO, Orlando C. Ocorrência lamentável. Jornal *O Dia*. Teresina, ano VII, 11 jul 1957, n° 475. p. 01.

<sup>128</sup> Jornalista e professor da língua portuguesa do Liceu Piauiense.

<sup>129</sup> SANDES, Valdemar. Nossa solidariedade. Jornal *O Dia*. Teresina, ano VII, 11 jul 1957. n° 475. p. 01.

Em 1957 o jornal *O Dia* publica na coluna O Dia a seu leitores um artigo *O novo 'caso' O. G.*, iniciando um debate entre o escritor, professor e jornalista O. G. Rego de Carvalho e os que construíam a Faculdade Católica de Filosofia - FAFI entre estes encontrava-se Dom Avelar Brandão Vilela.

Para que se faça uma idéia do valor da obra, transcrevemos esta opinião de Alberto da Costa e Silva em 'A Cigarra'.

'Ulisses é um livro humano e comovente, marcado pelo amor, por uma comunhão profunda com o sofrimento e a criatura humana. Nele, um jovem autor apresenta-se depurado, sereno, consciente'.

Pois bem. O jovem escritor tem sido atacado vergonhosamente por pessoas de quem se esperava madureza. Foi assim no caso da ABDE. Agora dá-se o mesmo com a faculdade de Filosofia.

Havendo ele afirmado que o meio não comportava um instituto sério como esse, opinião que corroborou o des. Simplício Mendes, revidaram os professores com insultos à honra, chamando-o de desonesto, interesseiro, moleque de recado, Orlando quebra-louças, Ulisses entre o masculino e o feminino, Orlando voz mansa etc. etc.

Isso, mais do que os pseudônimos que são um retrato vivo de nossa época, mostra que Ingenieros tinha razão quando afirmou que os medíocres 'são inclinados à hipocrisia, preferem a maledicência surda a calunia violenta. São covardes e se ocultam na cumplicidade de seus iguais, permanecendo na penumbra'.<sup>130</sup>

O artigo de *O Dia* mostra que os ataques começam no jornal *A Cigarra* com adjetivos de baixo calão e que havia uma cumplicidade, no sentido de companheirismo, por aqueles que eram iguais, professores da FAFI. O debate continuou na coluna Debates e Confrontos em que são colocadas várias opiniões sobre o livro *Ulisses* de O. G. Rego de Carvalho, entre elas do diretor da FAFI, Clemente H. P. Fortes: "Depois do quanto temos mostrado, dirá ainda Orlando Geraldo que 'Ulisses' é livro clássico, modelo a quantos queiram escrever bem? Tudo é possível neste irresponsável."<sup>131</sup>

Dentro do debate, iniciado em 15 de setembro, o escritor O. G. Rêgo de Carvalho se manifestou em 13 de outubro de 1957 através de carta dirigida a Dom Avelar na qual dizia:

<sup>130</sup> O NOVO "Caso" O. G. Jornal *O Dia*. Teresina, ano VII, 15 set 1957, n° 494. p. 01

<sup>131</sup> FORTES, Clemente H. P. A propósito de "Ulisses" – novela de O. G. Rego de Carvalho. Jornal *O Dia*. Teresina, ano VII, 15 set 1957, n° 494. p. 06.

Às vezes, porém, imagino que o senhor poderia fazer mais pelo rebanho, que vive tão afastado do Pastor, quase entregue à sorte.

E por que isto?

Simplesmente porque, ao invés de cuidar de nossa salvação, o senhor preocupa-se apenas com semanas ruralistas e faculdades. A Igreja não pode imiscuir-se nessas questões, com problemas morais a resolver.

O próprio clero de Teresina não tem vida interior! Parece mesmo que os padres somente são sacerdotes durante a Missa. Não conheço um que não tenha uma intriguinha...

[...]

Veja o senhor o caso da União dos Moços Católicos. Essa entidade é, entre leigos, uma continuação da vida sacerdotal. Assim, todavia, não pensam seus diretores, muitos dos quais “oferecem donativos com a destra, mas têm as mãos sujas de pecado”.

[...]

Volte um momento o olhar para o Colégio Diocesano, e haverá de compungir-se ante o desserviço que este estabelecimento vem prestando ao ensino.

[...]

Acabe de uma vez com a idéia de processar seu ofensor<sup>132</sup>.

[...]

Modernize “O Dominical”. Mude-o a começar pelo nome: “CORREIO Dominical”. É importante que êsse órgão entre em todos os lares, penetre inclusive no dos ateus, que sem sentir êle lhes tocará o coração.

[...]

Que esperar, porém, de um periódico que se manifesta contrário ao direito de crítica, sob a alegação ingênua de que o clero não é repartição pública?

Ao apresentar-lhe estas despedidas, não posso deixar de dizer-lhe o quanto lamento que o senhor se houvesse acumpliciado com a geração HP na subversão dos valores espirituais.

Não era isso o que esperávamos de quem chegou com tantos clarins. Não o culpo, entretanto. É natural que cada um, em terra alheia, procure a companhia dos iguais.

Finalmente, acuso-o perante a História de ser responsável direto por todas as infâmias assacadas contra mim por alguns professores da Faculdade. Êles não ousariam tanto, se não contassem com sua conivência.<sup>133</sup>

O. G. Rêgo de Carvalho faz várias críticas à Igreja Católica de Teresina, bem como ao Dom Avelar, no momento em que se despede da cidade, por ter sido transferido, pelo Banco do Brasil, para a cidade do Rio de Janeiro. A

<sup>132</sup> Na carta não fica claro se o ofensor é o autor ou outra pessoa.

<sup>133</sup> CARVALHO, O. G. Rêgo de. Deus e os Homens. Jornal *O Dia*. Teresina, ano VII, 13 out 1957, n° 502. p.01 e 04.

preocupação de Dom Avelar com questões sociais, como o movimento ruralista e a criação de faculdades, atitudes tão elogiada pelos entrevistados citados anteriormente, são consideradas, aqui, como um desvio de atribuições do chefe da Igreja, que deveria se preocupar com a evangelização do seu rebanho e com a interiorização dos padres que o auxiliam na tarefa de guiar as ovelhas, por terem comportamento de padres somente na Missa.

As críticas vão ainda à União de Moços Católicos (UMC), congregação que estimulava os jovens a participarem das atividades cristãs, cujos líderes tinham práticas contraditórias dentro e fora da entidade, no entanto O. G. Rego não diz que atitudes são estas.

Ao Colégio Diocesano as críticas acusam aquele educandário de praticar um desserviço, fugindo do seu objetivo primeiro que era a educação. O jornal *O Dominical* tampouco é deixado de fora das críticas, que sugerem até mudanças profundas a começar pelo nome do jornal.

Nesse texto, também, O. G. Rêgo de Carvalho censura exatamente a maneira como Dom Avelar foi recebido, com “tantos clarins”, gerando expectativas enormes que não estão sendo correspondida.

Finaliza o texto, de certa forma, explicando o motivo de seu dissabor com o Arcebispo, pois aponta o apoio que Dom Avelar deu aos professores que o criticaram como motivo da contenda. Segundo o escritor, Dom Avelar estaria inido à “geração HP”,<sup>134</sup> grupo que subvertia os valores espirituais.

Diante desta carta Dom Avelar escreveu uma na qual se posiciona.

Dr. Orlando Geraldo de Carvalho  
Paz!

Li tua carta em ‘O Dia’ de 13 de outubro do corrente ano.  
Estou ciente de teus conselhos, sugestões e recriminações.  
Estás vivendo, indubitavelmente, uma hora de crise.  
Uma hora de profunda confusão mental e emocional.  
Os teus sentimentos e reflexões se interpenetram e se renovam com extrema facilidade.  
Refiro-me ao teu comportamento perante a Igreja, e não às tuas disputas gramaticais e literárias que não me compete analisá-las.  
Não deves, no entanto, perder a serenidade.

---

<sup>134</sup> Não se conseguiu identificar o que o autor chama de “geração HP”. Supõe-se tratar das duas letras do nome do diretor da FAFI, pois as duas aparecem sempre abreviadas, e assina o comentário no jornal que era Clemente Honório Parente Fortes.

Peço a Deus que te ilumine a consciência, para te encontrares a ti mesmo, para compreenderes a injustiça que estás cometendo contra teu Arcebispo.

Que Deus te livre da tentação do orgulho!

Que Deus te liberte das más companhias, se, por acaso, as tiveres!

Se precisares de teu Pastor, encontrá-lo-ás pronto ao serviço de tua alma.

Recebe a benção de quem te deseja feliz, em Cristo Jesus.<sup>135</sup>

O debate se encerra após a publicação das duas cartas, a de O. G. Rego de Carvalho e a resposta de Dom Avelar, então o jornal *O Dia* conclui:

Como os leitores devem estar lembrados, publicamos domingo penúltimo um trabalho de nosso colaborador O. G. RÊGO DE CARVALHO, sob o título de 'Deus e os Homens'.

Esse artigo, em forma de carta-aberta ap Sr. Arcebispo Metropolitano D. AVELAR BRANDÃO VILELA, apresentava sugestões e críticas ao que o autor considerava a conduta dos homens, mormente do clero, diante de Deus.

Domingo passado publicamos a resposta de D. Avelar o que demonstra o apreço de S. Ex<sup>a</sup>. Revm<sup>a</sup>. Não só pela opinião do autor, mas também pela salvação de sua alma.

A carta de D. AVELAR revela profunda compreensão e atribui o gesto do jovem escritor ao que na opinião de S. EX<sup>a</sup>. Revm<sup>a</sup>. É uma crise espiritual.

Não vamos dizer quem tem razão. Nosso papel tem sido o de veicular as idéias, e não assumimos responsabilidade pelos conceitos em artigos assinados.

[...]

Por maiores excessos em que tenha incorrido o jovem escritor, estamos certos de que não pensou senão em fazer o bem. E sua crítica foi uma prova da confiança que deposita em D. AVELAR, que a tomou no devido apreço.

O gesto S. Ex<sup>a</sup>. Revm<sup>a</sup>. É de suma importância para os destinos do Piauí. Mostra claramente que compreende a importância da imprensa na formação de opinião da sociedade. Apesar de Chefe de Estado, não se fugiu ao dever de um pronunciamento, e o fez à altura da crítica, com a mesma sinceridade e respeito.

Com essa atitude, contribuiu fortemente para melhorar as condições morais de nossa imprensa, que, em parte, ainda não está portando à altura da responsabilidade.

Deu assim uma lição a essa gente que, bem dotada socialmente, baixa a vilezas incalculáveis em defesa de uma dignidade não ofendida.

Todos nós presenciamos, com tristeza, ao processo de difamação que sofre, no Piauí, O. G. Rego de Carvalho, em virtude de ter tido coragem moral de combater mediocridades

<sup>135</sup> VILELA, Dom Avelar Brandão. D. Avelar a O. G. Rego de Carvalho. Jornal *O Dia*. Teresina, ano VII, 20 out 1957, n° 564. p. 01.

reluzentes de nossa terra, as quais, além de construir um exemplo pernicioso para juventude, estão a entravar o progresso intelectual.<sup>136</sup>

O jornal *O Dia* conclui o debate mostrando-se como um mediador entre o escritor O. G. Rego de Carvalho e o Arcebispo de Teresina. O papel do jornal, nesta última reportagem, se limitou a mostrar que os debatedores tinham razão e procura enumera-las: quando se refere ao escritor ressalta que este “não pensou senão em fazer o bem”, enquanto que com relação ao Arcebispo observa a sua compreensão com relação ao papel da imprensa como formadora de opinião, e se exclui de qualquer julgamento quando diz: “Não vamos dizer quem tem razão”.

Outro ponto que chamou atenção, em vários depoimentos sobre Dom Avelar, é por ele ser visto como um homem vaidoso, o que deixa transparecer que suas aparições tem uma intencionalidade um sentido de construir uma imagem pública, como perceberemos nos relatos abaixo, sendo o primeiro o do Carlos Augusto de Araújo Lima:

Quando surgiu a Rádio Pioneira, o grande puxador da audiência da Rádio era Dom Avelar, que era a grande liderança. Uma grande liderança. Um homem que não era, é, era... populista, mas, era de uma grande popularidade. Que Dom Avelar não era populista não, Dom Avelar era vaidoso. Tanto que na época, ele disputava com o governador do Estado. A presença da solenidade... Dom Avelar nunca, nunca vestiu aquela roupa que hoje os bispos usam em Teresina, ele vestia fora de Teresina. Agora, aqui em Teresina, ele só andava de batina, com aquele chapeuzinho vermelho na cabeça, certo, que tem a denominação, mas acontece que eu não me lembro agora. Mas, aqui em Teresina, ele só andava todo paramentado. Pra quê? Pra ser notado a presença dele. Quando ele chegava, chegou Dom Avelar! Não se começava uma solenidade de Teresina, antes que Dom Avelar não chegasse. Então não se começava enquanto o governador não chegava. Ele disputava, ele ficava quere... é, é,.... acompanhando, pra ver que horas o governador chegava, ou ele chegava mais ou menos juntos ou chegar depois, pra poderem ficarem esperando por ele, pra chamar atenção. Era a estratégia dele, a estratégia dele.<sup>137</sup>

---

<sup>136</sup> A LIÇÃO de Dom Avelar. Jornal *O Dia*. Teresina, ano VII, 24 out 1957, n° 505. p. 01.

<sup>137</sup> LIMA, C. A. de A. Op. Cit. 2002, p. 22.

Carlos Augusto, inicialmente, ressalta que Dom Avelar era um homem de grande popularidade e que se preocupava com esta popularidade, nunca andando de qualquer jeito, mas procurava se apresentar em lugares públicos com a roupa pertinente a seu cargo, pois, dessa forma, se tornava diferente, e assim seria notado por todos, nunca chegando às solenidades junto com o chefe do poder civil, o governador, justamente para fazer a diferença entre dois poderes.

Lembramos aqui da fala do padre Tony Batista, quando se referiu aos constantes atrasos, sendo algo que não o imitava. Esse aspecto reforça a idéia de Carlos Augusto, quando se refere aos constantes atrasos de D. Avelar, no entanto Carlos Augusto não percebeu isso como defeito, como fez Tony, mas como uma estratégia de Dom Avelar.

Outro depoimento que aborda a mesma perspectiva, que mostra Dom Avelar como uma pessoa que buscava construir uma imagem, que procurava ser percebido, é Joel Silva<sup>138</sup>

Eu tenho lembranças marcantes, por que ele era um homem que se fazia lembrar, muito pragmático, mas intelectual, metódico e com uma boa dose de vaidade. Ele não era autoritário, mas não perdia a oportunidade de chamar as atenções, então Dom Avelar era um pessoa que pra chegar, ele não chegava na rádio de surpresa, ele anunciava quando ia chegar na rádio, então esse anunciar que vai chegar na rádio, ele chamou todo o pessoal da rádio para recebe-lo, ao entrar na emissora ele não se arvorava pra ocupar espaços como diretor, mas adiantava para que alguém o conduzisse.<sup>139</sup>

A visão de que Dom Avelar procurava chamar atenção sobre si, quando chegava às solenidades e a outros lugares, de forma que sua entrada fosse percebida, é reforçada por Joel Silva, pois para chegar até a Rádio Pioneira, emissora da Arquidiocese, ele se fazia anunciar, sem surpresas, e mesmo sendo diretor da emissora, não se dirigia diretamente para sua sala, mas esperava que alguém o conduzisse. Joel Silva vem reforçar a idéia de que ele era um homem vaidoso, preocupado com sua aparência.

---

<sup>138</sup> Radialista da Rádio Pioneira desde 1969, até hoje, portanto contemporâneo de Dom Avelar.

<sup>139</sup> SILVA, Joel. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 2002, p. 14.

Dentro deste processo de construção de uma imagem/memória retomamos a pergunta: como Dom Avelar se representava, ou melhor, quando falava o que ele dizia de si? Esta é uma pergunta cuja resposta nos chega através de suas posturas, entre elas destaca-se a carta/ofício que ele dirigiu ao senhor Lourival Parente, proprietário da revendedora de automóveis denominada *Automaq*, em 9 de julho de 1970. Naquele documento, Dom Avelar falou da compra de um veículo *Dodge Dart*, mas que desejava devolver por *Problemas de Consciência*, e não por problemas do automóvel.

Mas o problema que eu não consegui dominar e o meu próprio problema íntimo. Eu que sou sempre muito seguro de mim mesmo, não me sinto seguro, quando utilizado o carro, e não me sinto seguro porque me sinto dentro de tantos outros problemas urgentes que a consciência não mexa em plena paz de espírito.

Primeiro, porque, a Diocese, como tal, dá uma impressão de abundância, não corresponde à realidade. E isto não me é lícito fazê-lo.

Segundo, porque vejo no meu clero, muitos outros problemas de transporte a resolver e ainda não o podemos. E alguns deles são de urgência.

Terceiro, porque, quando tenho de visitar os bairros pobres de Teresina tenho a impressão de que o carro que me carrega é duas vezes maior do que as cazinhas e tugúrios onde residem as pessoas pobres.

E fico assim em situação interior de constrangimento.

Em face do exposto, como podemos encontrar uma fórmula que possa atender ao meu problema e ao de sua Agência?

Não tenho a menor intenção de passar a usar outro tipo de automóvel de outras Agências, como, por exemplo, Opala, Corcel, Aero-Willys, etc.

[...]

Peço manter esta carta em caráter reservado, a não ser que lhe interesse comunicar, nesse mesmo caráter, a algum auxiliar de sua confiança.

Peço que me ajude a resolver o nosso problema.

Em último caso, passaria a usar a camioneta Rural Willys que por muito tempo já usei.

Ficarei aguardando uma palavra sua, neste mesmo clima de confiança e reserva.<sup>140</sup>

A situação é constrangedora para Dom Avelar, por isso o caráter de reserva pedido por ele, dois são os pretextos que o levaram a devolver o veículo, o primeiro devido ao fato de ter quer desfazer um negócio lícito, dentro

<sup>140</sup> VILELA, Dom Avelar Brandão. *Meu caro dr. Lourival Parente*. Carta/ofício de 9 de julho de 1970. Arquivo da Cúria Metropolitana.

dos padrões de compra e venda, criando uma situação difícil para a empresa, que tinha o objetivo de auferir lucro através da venda de seus produtos. O segundo é o próprio motivo que o levou a devolver o automóvel, por se tratar de um carro luxuoso o que ia de encontro à imagem que um religioso chefe de uma igreja local, um Arcebispo, deveria transparecer para os seus fiéis. Naquele momento, com a aquisição de um carro de luxo, sua imagem seria arranhada, neste sentido o constrangimento de devolver o produto e criar um conflito com o proprietário da revendedora seria pequeno em relação a manutenção de sua imagem.

Na contínua busca da construção da memória de si, em Salvador, ele escreve, em 1982, esta prece que um ano depois foi publicada.

Neste 30 de maio de 1982, Festa do Divino Espírito Santo, 11 anos se completam de minha posse, como arcebispo, nesta Sé Primacial do Brasil.

Olho para trás e observo os pontos de referências do caminho percorrido.

Eleito bispo, aos 33 anos de idade, consagra-me, aos 34 anos, ao serviço de Deus e de seu povo, na Diocese de Petrolina, onde permaneceria por quase 10 anos e, logo, assumiria a arquidiocese de Teresina, onde vivi durante 15 anos.

Em 1971, chegava a estas acidentadas terras baianas, tão belas e tão hospitaleiras, para o terceiro momento pastoral de minha vida.

[...]

Sinto-me um homem feliz, um sacerdote agradecido pela benevolência do Senhor.

Sei que tenho sido instrumento de Deus para a transmissão de sua verdade e de sua bondade. Sei que, em razão de minhas limitações, tenho cometido falhas e praticado omissões.

[...]

Tenho certeza de que vivemos dentro de um mundo de violências e contradições, um mundo marcado pelas transformações rápidas e profundas.

Não sou ingênuo, mas não posso ser derrotista. Acredito em Deus na Igreja e na sua missão, acredito no homem. Creio na dimensão transcendental da vida e na dimensão histórica e antropológica da fé.<sup>141</sup>

---

<sup>141</sup> VILELA, Dom Avelar Brandão. *A prece que brota da vida*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1983. p. 106-107.

Outro momento em que Dom Avelar mostrou como seus fiéis deveriam vê-lo foi na última *Oração por um Dia Feliz*, proferida por ele quando esteve em Teresina, no dia 2 de dezembro de 1985, quando comemorava as suas Bodas de Ouro como sacerdote. Apesar de não ser mais o Arcebispo de Teresina, e sim de Salvador, veio, talvez para manter esta memória, celebrar com o povo, segundo ele mesmo, com o qual sua alma estava misturada.

Era o meu primeiro campo Pastoral Episcopal. Petrolina, a margem do São Francisco. Petrolina, um grande sertão aberto para o interior de Pernambuco. Dias e noites, se passaram na peregrinação do amor, na implantação das sementes da paz. Depois, senhor, vós dissestes: “*Sai, sai preciso de ti mais além. Vai para a Terra outra que vou te indicar*”. Essa outra Terra era Teresina. Teresina no Piauí. Numa época difícil para o Piauí. Quando eu aqui cheguei, quanta dificuldade, quanta pobreza, quanto desalento, quanta falta de esperança. E começamos a trabalhar, começamos a levar adiante o nosso lema de evangelizar e humanizar. Senhor, vós fizeste o que devias fazer. E eu, instrumento vosso, aquilo que pude realizar. Os anos se passaram, quinze anos aconteceram, misturei minha alma, com a minha alma de Teresina. Assumi as esperanças e as angústias de um povo. Foi lindo! Foi bonito. Quanta coisa pra contar. Não, não devo contar. Alguma coisa está espalhada no coração de todos. As lembranças são páginas do passado vividas no presente. Deus marcou, Deus está conosco. Mas, depois, houve outro momento. “*Vem cá. Tu és meu servo. Eu preciso de ti, noutra paragem. Vai, vai para as terras da Bahia. Vai para a primeira capital do Brasil, vai para Salvador*”. E eu deixei o Piauí. E eu deixei Teresina, deixei amigos, deixei a Pioneira, deixei os Centros Sociais, deixei tanta coisa, deixei. Deixei por que eu não tinha feito nada para mim. Deixei tudo aqui. Parti sozinho. Sozinho, tal como chegara. Que beleza! A gente ser livre, livre dos bens materiais. Livre, livre, naquela liberdade dos filhos de Deus, convivendo com todos, não se escravizando a ninguém. Senhor, eu vos agradeço<sup>142</sup>.

Nesta retrospectiva de Dom Avelar, ele fez um passeio pelos seus pastoreios, em Petrolina, onde foi, pela primeira vez, bispo. Por Teresina, lugar em que assumiu a Arquidiocese e, por último, o local onde vivia, a Arquidiocese de Salvador. Ele se define como um homem de Deus, para servir a Deus. Desta maneira, ele se percebe como pastor da Diocese de Petrolina e das Arquidioceses de Teresina e de Salvador como um missionário, missão esta delegada por Deus, sendo ele um servo de Deus e, por isso, sempre, saindo só

<sup>142</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *História e memória da Rádio Pioneira de Teresina*. Teresina: Alínea Publicações Editora, 2004. p. 72-74.

e sem nada, sem levar nenhum bem material, pois tudo que fazia era para Deus e nunca para si. Também, mostra-se como transformador de uma realidade. Em Petrolina, planta a semente do amor e da paz, em Teresina, empreende uma obra, com o lema “evangelizar e humanizar”, dando a perceber que seu trabalho de Igreja está associado ao trabalho social, que transforma a realidade na intenção de humanizar o homem.

Para se entender esta narrativa de D.Avelar em que ele se mostra uno, pretensamente acima das realidades que viveu e vivia – *convivendo com todos, não se escravizando a ninguém* -, ao mesmo tempo como se sua vida fosse uma aventura que tivesse como guia Deus – *Eu preciso de ti, noutra paragem* – mas como toda aventura já realizada, como um passeio com começo, meio e fim, e sem o caos de que fala Gabrielle Rosenthal<sup>143</sup>, sem os conflitos entre seu eu social e o eu íntimo de que falam Philippe Artières<sup>144</sup> e Michael Pollak<sup>145</sup>, apresentando a história de sua vida como se não fosse construída, não fosse criada por ele, mas por Deus, um Deus que dirige as trajetórias de vida de forma organizada e planejada, inclusive a sua.

Outro ponto que precisa ser percebido é como ele se apresenta para a comunidade católica, o mundo simbólico que o cerca. Na primeira Carta Pastoral, ele diz que esse universo é uma forma de traduzir a sua função episcopal como a moldura de um quadro. Em outro momento, Carlos Augusto de Araújo Lima, no seu depoimento afirma que nunca viu Dom Avelar em outras roupas que não fosse de *batina* e com o *chapeuzinho vermelho*, pois aqui em Teresina ele só andava *paramentado*. Essa forma de aparecer em público, sempre utilizando os símbolos inerentes ao cargo religioso, mesmo que, em certo momento, ele diga que essas insígnias estão em um plano

---

<sup>143</sup> Quando se pede a uma pessoa para que narre sua história de vida ela diz que, a pessoa não saberá por onde começar, por isso pergunta “caso não existe aí um caos, uma multiplicidade de experiências e acontecimentos dissociados, um monte de coisas desordenadas que só podem ser integradas em alguma classe de estrutura mediante associações?” Só após o entrevistador fornecer alguma classe de estrutura ou a pessoa criar uma é que a pessoa poderá desenvolver uma narrativa de sua história de vida, que aparentemente, terá começo, meio e fim. Cf. ROSENTHAL, Gabriele. A estrutura e a *gestalt* das autobiografias e sua conseqüências metodológicas. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (orgs.) *Usos e abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p.194.

<sup>144</sup> Arquivar a própria vida é se por no espelho, é contrapor à imagem social a imagem de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência. Cf. ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. Sd, pág. 3

<sup>145</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: vol. 2. n. 3. 1989. p. 06.

secundário, como a moldura de um quadro, onde o que vale é a pintura, é “a representação que ele faz de si próprio [...] [para] aqueles de quem espera reconhecimento”, pois acredito que Dom Avelar “compreende[se] as formas de dominação simbólica”<sup>146</sup>

---

<sup>146</sup> A relação de representação é assim confundida pela acção da imaginação, ‘essa parte dominante do homem, essa do erro e da falsidade’, que faz tomar o logro pela verdade, que ostenta os signos visíveis como provas de uma realidade que não o é. Assim deturpada, a representação transforma-se em máquina de fabrico de respeito e de submissão, num instrumento que produz constrangimento interiorizado, que é necessário onde quer que falte o possível recurso a uma violência imediata. Cf. CHARTIER, R. Op. Cit. p. 22

**2 UMA CIDADE SERENA E VAZIA INSERIDA NAS TRANSFORMAÇÕES DA IGREJA CATÓLICA:** os rumos de Dom Avelar para atravessar esses desafios



Fotografia 12

1º Congresso Eucarístico – 26 a 30 de outubro de 1960 – 1ª dama dona Maria do Carmo, o Governador Chagas Rodrigues (1958-1962), o Nuncio Apostólico Dom Armando Lombardi, Dom Avelar (Primeiro plano da esquerda para direita)

Fonte: Arquivo particular do Padre Tony Batista.

Esta cidade ardente, poucos homens a trazem na lembrança ou no coração. É uma cidade simples, tranqüila. Aqui não há becos nem ladeiras, mistérios nem tradições. [...] As casas claras e baixas, as roupas claras, os dias límpidos. Raros dias cinzentos e as chuvas, embora não sejam raras, chegam a ser uma distração. [...] Em maio chegam brisas do Atlântico e dão à cidade um leve toque de primavera. [...] Depois é a soalheira. Meses mais tarde nuvens se formam no nascente e começam as chuvas outra vez. [...] Assim se vai o tempo e a vida. O ritmo da vida é muito calmo. Os dias passam serenamente vazios, os rios descem seu caminho, as nuvens seguem seu curso, grandes cúmulos brancos na pura duração do azul. [...] A cidade é aberta, sem segredos, acolhedora. Tem um ar de família que vem do fato de que quase toda gente tem relações ou se conhecem.<sup>147</sup>

A escrita poética de H. Dobal, ao descrever a cidade de Teresina apresenta uma cidade pequena, serena onde até a mudança do tempo é lenta, e vazia de novidades. A urbe, representada pelo poeta abriga mais de um terço da população do Estado, mas que não chega aos cem mil habitantes<sup>148</sup>.

O comércio tinha como principal referência o mercado municipal da Praça Marechal Deodoro, conhecida popularmente como Praça da Bandeira que além dos produtos que compõem a cesta básica, era “uma feira típica do Nordeste, com cegos cantadores, [...] com venda de animais, [...] restaurantes ao ar livre, [...] há barbeiros, [...] há também a feira de pássaros.”<sup>149</sup>

Ao recorrer às suas memórias, o poeta H. Dobal encontra uma cidade bucólica, nós buscamos encontrar uma cidade marcada pelas transformações trazidas pela Igreja Católica nos anos 1950 e 1960 do século passado.

Naquela época, dirigia a Arquidiocese de Teresina Dom Avelar Brandão Vilela, e este foi um dos responsáveis pelas primeiras movimentações que provocaram uma espécie de ruptura com a cidade, serena e vazia do poeta, com o 1º Congresso Eucarístico em 1960, Dom Avelar inseriu nas orientações político-religiosas do Concílio Vaticano II (1962-1965). O clérigo era um dos padres conciliares, natural que trouxesse para o Estado as orientações da Igreja Católica para a América Latina.

<sup>147</sup> DOBAL, H. H. *Dobal Obra completa II: prosa*. Teresina: Corisco, 1999, p. 11-12.

<sup>148</sup> A população urbana de Teresina no censo de 1950 era de 51.418, e no censo de 1960 era de 98.329, enquanto que a população urbana do estado do Piauí em 1960 era de 180.784. Vê: MARTINS, Agenor ... [ et. al. ]. *Piauí: evolução, realidade e desenvolvimento*. 3 ed. Teresina: Fundação CEPRO, 2003. p. 175.

<sup>149</sup> DOBAL, H. *Op. Cit.* 1999, p. 33.

A II Conferência Episcopal da América Latina, em 1968, ocorreu em uma época em que Dom Avelar era presidente do Conselho Episcopal Latino Americano – CELAM, órgão que organizou e presidiu os trabalhos juntamente com a Santa Sé.

Neste capítulo, faremos uma análise desses três acontecimentos, apresentando uma multiplicidade de outros acontecimentos que nos faz pensar os caminhos e possibilidades que esses eventos proporcionaram, destacando as opções de Dom Avelar Brandão Vilela.

Antes de iniciarmos essa discussão, acreditamos ser necessário apresentar a trajetória da Igreja Católica no Brasil, enfatizando o rompimento desta com o Estado, logo após a Proclamação da República (1889).

Neste capítulo, definiremos religião, igreja e as políticas da Igreja Católica, vez que Dom Avelar, enquanto clérigo e pertencente a Igreja Católica, exerceu o seu ofício de chefe da Arquidiocese de Teresina (1956-1971) a partir das orientações da Santa Sé, logo suas atividades foram desenvolvidas tomando como referência os ensinamentos, o simbolismo e dogmatismo da religião católica.

Para Anthony Giddens, as religiões são tratadas como:

[...] um conjunto de símbolos, que invocam sentimentos de *reverência* ou de *temor*, e estão ligadas a rituais ou cerimoniais (como os serviços religiosos) dos quais participa uma comunidade de fiéis<sup>150</sup>.

Para Pierre Bourdieu, a religião está vinculada a uma instituição que é a Igreja, neste sentido ele diz que:

Existe Igreja, quando existe um corpo de profissionais (sacerdotes) distintos do 'mundo' e burocraticamente organizados no que concerne à carreira, à remuneração, aos deveres profissionais e ao modo de vida extraprofissional; quando os dogmas e os cultos são racionalizados, consignados em livros sagrados, comentados e inculcados através de um ensinamento sistemático e não apenas sob a forma de uma preparação técnica; enfim, quando todas essas tarefas se cumprem numa comunidade institucionalizada<sup>151</sup>.

---

<sup>150</sup> GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 427.

<sup>151</sup> BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005 p. 95

Continuando na busca de uma definição, Scott Mainwaring parte de um postulado primeiro que é a fé, e neste sentido afirma:

A fé é um fenômeno supra-racional se proclama pairar sobre todos os outros valores. A Igreja tem início nessa fé, mas, como toda instituição, ao desenvolver interesses, então tenta defendê-los. O objetivo principal de qualquer Igreja é propagar sua mensagem religiosa<sup>152</sup>.

Dom Avelar tem uma compreensão bipartida de Igreja: Igreja popular e Igreja Institucional.

Igreja popular seria aquela que nasce do povo, uma Igreja sem muita preocupação com a segurança doutrinária, sem pretender levar em conta a missão especial da hierarquia, dentro da paisagem global.

[...]

Esse tipo de Igreja colocar-se-ia contra o que se chamaria de Igreja Institucional, aquela que, na sua estrutura, aceita o magistério eclesial, possui hierarquia, valoriza os elementos transcendentais da fé religiosa, a oração pessoal e comunitária, a doutrina social da Igreja, a missão redentora de Jesus Cristo, as legítimas tradições que se deixam iluminar pela Bíblia Sagrada. Estou certo de que no conceito de Igreja popular, há verdades subjacentes, ao lado de proposições inaceitáveis.

[...]

Se a intenção da Igreja popular é a de separar o povo da hierarquia, já não existe mais Igreja. Se se perde a idéia do infinito de Deus e da vida eterna, já desapareceu uma dimensão característica de Igreja. Vivendo no mundo, a Igreja é um sacramento de salvação, é uma luz que se acende na consciência dos homens.<sup>153</sup>

A abordagem que faremos estará compreendida entre os conceitos apresentados, sem a pretensão de discuti-los, mas de perceber como Dom Avelar transita na instituição da qual faz parte como administrador.

---

<sup>152</sup> MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004 p. 15-16.

<sup>153</sup> VILELA, Avelar Brandão. *A prece que brota da vida*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1983. p. 125-126.

## 2.1 Igreja Católica

A partir de inscrições em sítios arqueológicos brasileiros, é possível identificar por meio das pinturas rupestres que as manifestações religiosas estavam presentes na vida dos seres humanos há milhares de anos<sup>154</sup>. Ao longo da história outros registros foram descobertos, e mostram que a religião tem influenciado o comportamento do homem e em muitos casos se tornado o ponto central da existência de indivíduos e de grupos sociais.

No Brasil a religião católica se fez presente desde os primeiros anos de exploração e de povoamento realizado pelos europeus. O Brasil foi colonizado por Portugal, um país europeu, que tinha grande prestígio junto à Igreja Católica de Roma, tanto que, quando esses colonizadores aqui chegaram, uma das primeiras atitudes foi rezar uma celebração típica do culto católico – uma missa, atitude que demonstrou a participação dos clérigos desde o primeiro momento do processo de ocupação e colonização do país.

A religião católica, também esteve presente em solo piauiense desde os primeiros tempos de ocupação e povoamento. No processo de transferência da capital do Piauí, de Oeiras para Teresina (1852), a primeira providência de Saraiva foi construir um templo católico [Igreja Nossa Senhora do Amparo], mesmo antes de qualquer prédio da administração pública.

Naquele momento, a jurisdição eclesiástica do Piauí estava sob o controle da Diocese de Olinda, permanecendo dessa forma até 1724, quando ocorreu a transferência da jurisdição das paróquias piauienses para a Diocese de São Luis. Vale lembrarmos que a administração eclesiástica estava sob o regime do

---

<sup>154</sup> As primeiras pinturas pertencentes à Tradição Nordeste estão datadas em 12.000 anos BP, correspondendo ao início do período holocênico. A permanência dessa tradição é de 6.000 anos. Caracterizam-se pela escolha de temas que salientam os aspectos lúdico e exploratório da vida social. [...] Os temas observados na região foram a caça de animais de pequeno porte, representações sexuais, cenas de parto, **ritos cerimoniais**, danças lúdicas, animais enfileirados, cenas de caça ritual de animais de grande porte, cenas de acrobacia e **cenas místicas**. (grifo nosso) Vê: GUIDOM, Niède e LAGE, Maria da Conceição Soares Meneses. Piauí pré-histórico: história e cultura. In: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro. Apontamentos para a história Cultural do Piauí. Teresina: FUNDAPI, 2003. p. 209.

padroado,<sup>155</sup> sistema que perdurou até a Proclamação da República em 1889, quando ocorreu a separação oficial das instituições, segundo o decreto 119-A de 07 de janeiro de 1890:

O Marechal Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil, constituído pelo Exército e Armada, em nome da Nação, decreta:

Art. 1º - É proibido à autoridade federal, assim como à dos Estados federados, expedir leis, regulamentos, ou atos administrativos, estabelecendo alguma religião ou vedando-a, a criar diferenças entre habitantes do país, ou nos serviços sustentados à custa do orçamento por motivo de crenças filosóficas ou religiosas.

Art. 2º - A todas as confissões religiosas pertence por igual a faculdade de exercerem seu culto, regerem-se segundo a sua fé a não serem contrariadas nos atos particulares ou públicos que interessem o exercício deste decreto.

Art. 3º - A liberdade aqui instituída abrange, não só os indivíduos nos atos individuais, senão também as igrejas, associações, ou institutos em que se acharem agremiados: cabendo, a todos, o pleno direito de se constituírem e viverem coletivamente, segundo seu credo e sua disciplina, sem intervenção do poder público.

Art. 4º - Fica extinto o padroado com todas as suas instituições, recursos e prerrogativas.

Art. 5º - A todas as igrejas e confissões religiosas se reconhece a personalidade jurídica, para adquirirem bens e os administrarem sob os limites postos pelas leis concernentes à propriedade de mão-morta, mantendo-se a cada uma o domínio de seus haveres atuais, bem como dos seus edifícios de culto.

Art. 6º - O Governo Federal continua a prover a cômgrua sustentação dos atuais serventuários do culto católico e subvencionará por um ano as cadeiras dos seminários, ficando livre a cada Estado o arbítrio de manter os futuros ministros desse ou de outro culto, sem contravenção do disposto nos artigos precedentes.

Art. 7º - Revogam-se as disposições em contrário. (Seguem-se as assinaturas do chefe de Governo e dos ministros).<sup>156</sup>

Conforme o decreto 119-A, a liberdade de culto passou a existir oficialmente, o padroado deixou de existir, enquanto que o encargo financeiro

---

<sup>155</sup> Eram, de fato, os reis da Espanha e Portugal que enviavam os missionários e que tinham o direito de receber os dízimos, para financiar a catequese e o culto. Pertenciam-lhes, igualmente, a faculdade de criar novas dioceses, nomear bispos e outros dignitários eclesiásticos. Toda comunicação com Roma era sujeita ao controle do monarca. Cf.: MATOS, Henrique Cristiano José. *Introdução à história da Igreja*. 5. ed. Belo Horizonte: O Lutador, 1997. p. 100. 2v.

<sup>156</sup> LIMA, Maurílio César de. *Breve história da igreja no Brasil*. Rio de Janeiro: Loyola, 2001. p.143

(côngrua), pago aos clérigos pelo Estado, continuava, mas sem o acréscimo de sacerdote; os seminaristas teriam essa subvenção oficial, ainda por um ano, havendo liberdade de decisão aos governadores em continuar ou não mantendo benefícios aos padres. Outras medidas acompanharam o decreto, como o fato de somente o casamento civil ser reconhecido pelo Estado; o ensino religioso, nas escolas públicas, deixou de ser obrigatório; os cemitérios passaram a serem administrados pelo poder público; tudo isso vai exigir uma nova forma de relacionamento entre a Igreja Católica e seus fiéis, aspecto, como mostraremos, terá ressonância no estado do Piauí.

No fim do século XIX, a Santa Sé repensou a sua atuação com relação aos fiéis, buscou um controle maior sobre as igrejas nacionais. Aquele momento, para muitos autores, é conhecido como “período de romanização”, que pode ser explicado tomando como referência o contexto e determinações do Concílio Vaticano I (1870). O Concílio promulgou a Constituição *Pastor Aeternus*, que tratava do primado e da infalibilidade do papa, no que dizia respeito aos assuntos de fé e moral, reafirmando, assim, a autoridade papal sobre a Igreja Católica. Esse processo de romanização trouxe transformações para a Igreja no Brasil juntamente com o fim do padroado. A instituição eclesiástica passou a ser disciplinada por Roma. Considerando o caráter múltiplo da Igreja Católica, mostraremos que alguns setores insistiram em permanecer vinculados ao Estado, e outros procuraram consolidar a união com o Vaticano, no fortalecimento e independência da instituição do poder público, enquanto outro segmento construía um maior envolvimento com a população.

As primeiras medidas, no Brasil, tomadas pelo papa Leão XIII, através da bula *Ad universas orbis ecclesias*, de 27 de abril de 1892, foi reorganizar a hierarquia da Igreja brasileira, dividindo o território nacional em duas províncias eclesiásticas<sup>157</sup>, uma liderada pela Arquidiocese de Salvador (BA), formada pelas Dioceses<sup>158</sup> de Belém (PA), São Luis (MA), Fortaleza (CE), Olinda (PE) e

---

<sup>157</sup> Divisão regional e/ou administrativa de um território tendo como centro uma Diocese elevada a categoria de Arquidiocese que passa a ser a sede metropolitana da província eclesiástica, esta passa a ter precedência e a presidência entre as Dioceses e as Prelazias que a compõem. Em caso de julgamento a Arquidiocese é considerada a última estância. Vê LIMA, Maurílio César de. *Breve história da igreja no Brasil*. Rio de Janeiro: Loyola, 2001. p. 71-72.

<sup>158</sup> A Igreja Católica é constituída pela comunhão das Igrejas locais, regidas por um *Bispo* e chamadas geralmente *Dioceses* (na fase inicial de organização podem ser chamadas *Prelazias*; no Oriente, chamam-se *Eparquias*). Várias Dioceses formam uma *Província*

Goiás (GO). Naquele momento foram criadas as Dioceses de Manaus (AM) e Paraíba (PB). A segunda, sob a jurisdição da Arquidiocese do Rio de Janeiro (RJ) era composta pelas Dioceses de São Paulo (SP), Mariana (MG), Diamantina (MG), Cuiabá (MT), Porto Alegre (RS), Curitiba (PR) e Niterói ((RJ), momento em que foi criada, ainda, a Diocese de Vitória (ES).

A província eclesiástica de Salvador (BA), logo na primeira década do século XX, teve a sua primeira ampliação com a criação das Dioceses de Maceió (AL), Natal (RN) e Teresina (PI). Houve a ampliação da província do Rio de Janeiro, com a criação das Dioceses de Botucatu (SP), Campanha (MG), Florianópolis (SC), Pouso Alegre (MG), São Carlos do Pinhal (SP), São Luis de Cárceres (MT) e Taubaté (SP). Nesse processo de solidificação e expansão da Igreja Católica no Brasil foram criadas, na primeira metade do século XX, sessenta Dioceses, além da elevação de treze Dioceses à categoria de Arquidiocese.

Naquele período, entre o século XIX e XX, as paróquias do Piauí, sentiam-se isoladas e sem poder tomar decisões imediatas, devido à distância entre a sede da Diocese de São Luis (MA), o que fazia os clérigos se sentirem indefesos aos ataques dos anticlericais. Com o intuito de conter as tensões entre clericais e anticlericais, principalmente os maçons, na sua maioria, jovens formados em direito pela escola do Recife, com idéias positivistas. Foi, portanto, nesse contexto que foi criada a Diocese de Teresina, mesmo sem contar com o aval da diocese maranhense. Segundo Áurea Pinheiro,

A criação da Diocese [do Piauí] e a chegada de seu primeiro Bispo representaram, para os católicos mais atuantes, sinônimo de progresso material, moral e religioso. Trariam a possibilidade concreta de combater a difusão de doutrinas subversivas e contrárias aos bons costumes da sociedade piauiense. Era papel da Igreja Católica alertar a população, afastando-a dos 'inimigos' da Igreja e da religião; trabalhar para regeneração das massas, educara juventude, desviando-a dos vícios e erros modernos. Por outro lado, os livres-pensadores não se conformavam com as pretensões políticas da Igreja, sua intervenção na sociedade civil, na consciência do povo. Os anticlericais criticavam a ação da Igreja romanizada, negadora da liberdade religiosa; defendiam a valorização de todas as

---

*Eclesiástica*, e o bispo da sede da Província recebe o título de *Arcebispo Metropolitano*. Desde meados do século passado em alguns Países, e em todos a partir do Concílio Vaticano II (1962-65), existem *Conferências Episcopais* nacionais. Ver: MATOS, H. C. J. Op.Cit. p. 361e 362.

religiões e práticas religiosas, pois era necessário defender o sentimento religioso.<sup>159</sup>

A resposta ao anseio dos piauienses veio na primeira década do século XX com a criação da Diocese do Piauí, a vigésima a ser criada no Brasil, através da bula *Supremum Catholicam Ecclesiam*, no papado de Leão XIII, em 20 de fevereiro de 1901. No entanto, a bula só veio a ser publicada e promulgada em 06 de janeiro de 1903. O documento papal determinava: o desmembramento da Diocese do Piauí da Diocese do Maranhão; a cidade de Teresina, como sede episcopal; e a Igreja de Nossa Senhora das Dores como catedral da nova Diocese.

Como percebemos, no início deste capítulo, o segundo bispo teve grande destaque na condução da Igreja Católica, no Piauí, foi Dom Severino Vieira de Melo (1923-1955). Este bispo se preocupou com o fortalecimento da Igreja, enquanto instituição promotora de reformas que tornassem mais fácil administrar um território de grandes extensões como o Piauí, bem como os fiéis sob a jurisdição eclesiástica do Estado. Nesses sentido, percebendo o momento de transformações que passava a Igreja Católica do Brasil, o bispo procurou transformar o Estado em uma província eclesiástica, que, até naquele momento, só contava com a Prelazia de Bom Jesus, criada em 1920.

Essas reformas foram implantadas em 16 de dezembro de 1944, pela bula *Ad Dominici Gregis Bonum* do Papa Pio XII, quando foi criada a Diocese de Teresina, Parnaíba e a de Oeiras-Floriano. Pelo fato do território piauiense possuir várias Dioceses, a de Teresina foi elevada à condição de Arquidiocese e Sede Metropolitana, formando assim a Província Eclesiástica do Piauí, em 09 de agosto de 1952, pela bula *Quaemadmodum insignis* do Papa Pio XII.

Muitos foram os mecanismos utilizados por Dom Severino para manter contato com os fiéis e trazer para as práticas ritualísticas da instituição eclesiástica aqueles que se encontravam afastados. Realizava Conferências e Reuniões com os sacerdotes da Arquidiocese como, também, com os bispos da província. Todas essas assembléias buscavam adequar as práticas episcopais do Piauí de com as decisões tomadas pelo Vaticano, que chegavam ao Brasil pelo representante do papa, o Núncio Apotólico. Essas ações eram

---

<sup>159</sup> PINHEIRO, Áurea da Paz. *As cidades do inimigo: as tensões clericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX*. Teresina: FCMC, 2001. p. 34.

utilizadas como uma forma de manter unido os fiéis, de tornar a Igreja presente e uma oportunidade para se discutir vários assuntos que afligem a Diocese são os Congressos Eucarísticos, muito utilizadas pelas Dioceses do mundo inteiro, mas não por Dom Severino. O seu sucessor, Dom Avelar Brandão Vilela lançou mão desse instrumento e realizou o 1º Congresso Eucarístico de Teresina.

O que é o Congresso Eucarístico

Foi a jovem EMÍLIA TAMISIER quem teve a idéia dos Congressos Eucarísticos Internacionais. Movia-a o desejo de 'salvar o mundo pela Eucaristia' e o sonho daquela jovem católica francesa já propiciou a realização de congressos, inclusive o do Rio de Janeiro, em 1955, quando o povo brasileiro reafirmou o compromisso da 1ª missa. Foi aquela uma extraordinária demonstração de nossa Fé Cristã.

Mas, perguntar-se-á, o que é a Eucaristia?

A Eucaristia é muito simplesmente 'Jesus Cristo sob as espécies de pão e vinho'.

A Hóstia Consagrada é o Corpo de Cristo, sob as aparências de pão; o Vinho Consagrado é o Sangue de Cristo, sob as aparências de vinho. A Consagração transforma transforma, assim, pão e vinho, no Corpo e no Sangue de Jesus.

Foi o próprio Cristo que o disse, no Evangelho de São João: 'A minha carne é verdadeiramente comida e o meu sangue é verdadeiramente bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele' (55-56)

A transubstanciação é, destarte, o momento supremo da Santa Missa.

O Congresso Eucarístico de Teresina objetiva a intensificação do culto eucarístico<sup>160</sup>.

A Arquidiocese de Teresina, para incentivar e aumentar a frequência dos fiéis aos cultos e a participação da comunhão, convocou os arquidiocesanos para participarem do 1º Congresso Eucarístico de Teresina, que se realizou de 26 a 30 de outubro de 1960, com o objetivo primeiro de tornar essa prática uma constante na vida do católico. Naquele momento, aproveitou-se, também, para comemorar o Jubileu Sacerdotal de Dom Avelar, que no dia 27, completou vinte e cinco anos como sacerdote.

---

<sup>160</sup> O que é Congresso Eucarístico. *Jornal O Dominical*. Teresina, ano XXIV, nº 28/60, 10 jul 1960, p. 01.

## 2.2 Um Congresso Eucarístico para comemorar o jubileu sacerdotal de Dom Avelar

O 1º Congresso Eucarístico ocorreu, como previsto, no dia 26 de outubro de 1960, com uma procissão que teve início na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo, em direção do altar-monumento erguido no átrio da Igreja de São Benedito, chamado, também, de Praça do Congresso. A imagem escolhida como centro da procissão foi a de Nossa Senhora da Vitória,

[...] padroeira da antiga metrópole piauiense e primeira invocação oficial feita em terras de Mafrense [...] a imensa massa humana se deslocou [...] rezando e cantando enquanto acompanhavam a imagem da Virgem, conduzida em um carro, artisticamente preparado pela colônia oeirense, com motivos do Congresso. Junto à imagem, se encontravam: Pe. Leopoldo Portela, Pároco de Oeiras e representante do Sr. Bispo Diocesano, Dom Edilberto Dinkelborg, Sr. Prefeito Municipal de Oeiras e o Sr. José Augusto que conduzia o veículo<sup>161</sup>.

Ao chegarem à Praça do Congresso, foi celebrada uma Missa Pontifical Gregoriana, presidida por Dom José Delgado, Arcebispo de São Luís (Ma), e, naquela solenidade, a imagem de Nossa Senhora da Vitória foi coroada como Rainha do Congresso por Dom Avelar Brandão Vilela, sendo que o discurso que deu início foi pronunciado pelo padre Leopoldo Portela, que representava o Bispo de Oeiras, por se encontrar este na Europa.

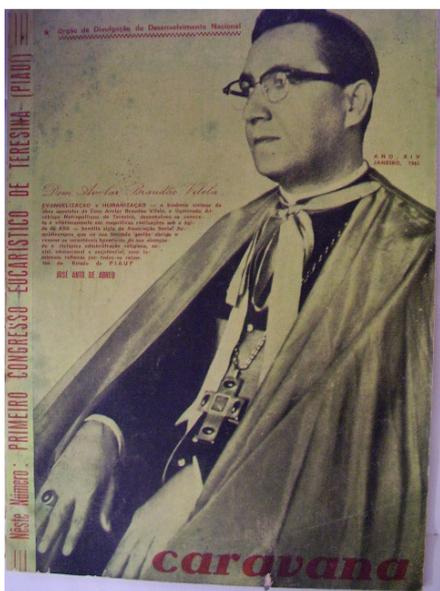
Para que se compreender a dimensão e a repercussão daquele congresso, no dia 05 de julho de 1960, Dom Avelar convocou a imprensa local, falada e escrita, para anunciar, mostrar o que as diversas comissões já tinham realizado, e solicitar o apoio daquele seguimento profissional da sociedade para divulgação do evento. Também, estavam envolvidos os profissionais liberais como os

[...] médicos, odontólogos, advogados, agrônomos, engenheiros, [que] declararam o firme propósito de apoiar

<sup>161</sup> 1º Congresso Eucarístico de Teresina: começou o congresso. *Jornal O Dominical*. Teresina, ano XXIV, nº 46/60, 13 nov 1960, p. 01.

moral e materialmente o Congresso Eucarístico, esclarecendo que as respectivas entidades de classe promoveriam a coleta dos auxílios competentes<sup>162</sup>.

Diante dos mais diversos profissionais liberais participando da organização desse encontro, através dos conselhos e sindicatos profissionais como a Ordem dos Advogados do Brasil - seção Piauí, Conselhos de Medicina, Odontologia, Engenharia e outros, foi criada uma estrutura composta de uma Secretaria Geral, Secretaria Executiva, e o Secretariado Paroquial, que era composto de secretarias criadas em cada paróquia da Arquidiocese, além de comissões, como a de Finanças, Hospedagem, Recepção e Música.



Fotografia 13  
Capa da Revista Caravana  
Rio de Janeiro GB, Ano XIV,  
Ed – Órgão de Divulgação do  
Desenvolvimento Nacional,  
janeiro de 1961.



Fotografia 14  
Emblema do 1º Congresso Eucarístico  
da Arquidiocese de Teresina.  
Fonte: Revista Caravana, Rio de  
Janeiro GB, Ano XIV, Ed. Órgão de  
Divulgação do Desenvolvimento  
Nacional, janeiro 1961, p. 39

O apelo aos católicos para se envolverem na organização foi incisivo, o jornal *O Dominical*, a partir de julho de 1960, começa uma campanha trazendo em todos os seus números, até a data da realização daquele evento, uma

<sup>162</sup> O Congresso em marcha. Jornal *O Dominical*. Teresina, ano XXIV, n° 28/60, 10 jul 1960, p. 01.

coluna de primeira página, com o título O Congresso em Marcha na qual prestava conta das ações realizadas por Dom Avelar, pelas secretarias e comissões, que estavam à frente da organização do Congresso. Ao mesmo tempo, apresentava à população os problemas que iam aparecendo e solicitava sugestões da população que possibilitassem resolver aqueles problemas, procurando a participação até mesmo de pessoas que não faziam parte de nenhuma comissão. Em cada reportagem sempre havia um apelo, às vezes no meio, mas geralmente no final do artigo supra-citado, como:

O que importa assinalar é que todos nós somos responsáveis pelo Congresso, e que os problemas gerais são nossos problemas e problemas de cada um dos católicos piauiense<sup>163</sup>.

E a oração, meu caro leitor? Já leste a oração do Congresso, alguma vez? Já rezaste a oração do Congresso? Já sabes de memória a oração do Congresso?<sup>164</sup>

Piauiense! O bom êxito do Congresso é mais um grão de incenso que se queima para a glorificação de Deus e não deixa de ser o teu próprio agradecimento.

Sacrifica-te e reza pelo Congresso!<sup>165</sup>

Dom Avelar se envolveu pessoalmente na organização e convite aos diversos segmentos da sociedade, mesmo aqueles que eram chamados de conservadores, pelo jornal que representava as idéias da Arquidiocese, como mostra o trecho abaixo.

Em a noite de 13 do corrente, o Sr. Arcebispo compareceu à Associação Comercial Piauiense, mantendo longo e cordial contacto com as classes conservadoras – comércio, indústria e agricultura, formulando-lhes um convite a participarem ativamente do 1º Congresso Eucarístico de Teresina<sup>166</sup>.

O envolvimento do arcebispo foi desde a aprovação da seleção dos locais, como a escolha da Praça do Congresso, feita pelos engenheiros da Prefeitura Municipal de Teresina, até contatos com as autoridades civis para

<sup>163</sup> O Congresso em marcha. Jornal *O Dominical*. Teresina, ano XXIV, n° 28/60, 10 jul 1960, p. 01.

<sup>164</sup> O Congresso em Marcha. Jornal *O Dominical*. Teresina, ano XXIV, n° 32/60, 07 ago 1960, p. 01.

<sup>165</sup> O Congresso em Marcha. Jornal *O Dominical*. Teresina, ano XXIV, n° 35/60, 28 ago 1960, p. 01.

<sup>166</sup> A Marcha do Congresso. Jornal *O Dominical*. Teresina, ano XXIV, n° 29/60, 17 jul 1960, p. 01.

resolverem diversos problemas que surgiam e que poderiam prejudicar a realização daquele acontecimento.

O Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano vem mantendo entendimentos com as Exmas. Autoridades federais, estaduais e municipais, com vistas aos vários problemas relacionados com o Congresso e, como seria de se esperar, vai recebendo inequívoca colaboração por parte de todas elas<sup>167</sup>.

Na busca de apoio das autoridades governamentais para realização do Congresso registre-se o apoio do Prefeito Municipal de Teresina, o senhor Petrônio Portela Nunes.

Ontem, [09 de julho de 1960] tivemos um entendimento direto com o Snr. Prefeito da Capital, quero dizer, mais um entendimento sobre o assunto da Praça. Acertamos que seria feito com rapidez máxima o levantamento de todas as áreas disponíveis de Teresina para um estudo do objetivo, sob todos os aspectos, dizendo S. Excia. que, de acordo com o parecer técnico, estaria inteiramente pronto a ceder aquele que fosse julgado mais apto a resolver o problema<sup>168</sup>.

O Governo do Estado, também, deu apoio ao empreendimento da Arquidiocese de Teresina, hospedando o representante do Papa e liberando os funcionários públicos, para participarem do Congresso.

O Sr. Governador do Estado, Dr. Chagas Rodrigues dirigiu ao Núncio Apostólico, D. Armando Lombardi, convite para ser hóspede oficial do Governo, como é de praxe em circunstâncias idênticas. O Núncio aceitou o convite que lhe foi transmitido pelos piauienses Prof. Deolindo Couto e Dr. José Auto de Abreu.<sup>169</sup>

Os funcionários estaduais poderão vir ao Congresso Eucarístico, sem prejuízo, pois terão suas faltas abandonadas, e receberão seus vencimentos no dia 20 do corrente. Assim o decretou o Exmo. Snr. Governador Chagas Rodrigues, concedendo, deste modo uma oportunidade feliz àqueles que desejarem vir ao Congresso.

<sup>167</sup> A Marcha do Congresso. Jornal *O Dominical*. Teresina, ano XXIV, n° 29/60, 17 jul 1960, p. 01.

<sup>168</sup> O Congresso em Marcha. Jornal *O Dominical*. Teresina, ano XXIV, n° 28/60, 10 jul 1960, p. 01.

<sup>169</sup> O Congresso em Marcha. Jornal *O Dominical*. Teresina, ano XXIV, n° 35/60, 28 ago 1960, p. 01.

Os decretos referidos receberam os n° 338 e 339.  
Merece referência especial o gesto do Exmo. Snr. Governador do Estado.<sup>170</sup>

Esses decretos do Governo do Estado são importantes para realização do Congresso, por Teresina ser considerada a “cidade dos funcionários públicos”, e “em 1960, por exemplo, o então governador Chagas Rodrigues lastimava que 76,6% das despesas realizadas em 1959, tivessem sido com pessoal [...]”<sup>171</sup>. Então a grande parte da população economicamente ativa estava liberada, naqueles dias, de suas obrigações, e com recursos, para participar do evento.

Outra repercussão do 1° Congresso Eucarístico diz respeito à tomada de decisão do Tribunal de Justiça do Estado do Piauí, que solicitou, ao Supremo Tribunal de Justiça, uma intervenção federal no governo do Estado do Piauí, acusando o governador de abuso de poder e destacava como motivo central o descumprimento das ordens daquele Tribunal. Na sessão de 20 de outubro de 1960, o deputado Constantino Pereira, do PSD, líder da oposição, subiu à tribuna da Assembléia Legislativa, para congratular-se com o Tribunal de Justiça por ter tomado aquela decisão. No dia seguinte, discursando na mesma tribuna, o deputado Waldemar Macedo da UDN

[...] considerou o fato inoportuno, podendo resultar na desmoralização de um dos poderes constituídos, pelo que sugeriu moderação nos ânimos, de modo a garantir-se a tranqüilidade no Estado, especialmente porque se estava às vésperas do 1° Congresso Eucarístico do Piauí, com intensa participação popular<sup>172</sup>.

Na sessão de 14 de novembro daquele ano, da Assembléia Legislativa, o deputado Nazareno Araújo, da UDN, declarou que, nesse episódio, “não houve vencidos nem vencedores”<sup>173</sup>, pois o pedido de intervenção foi excluído da pauta do Tribunal, o que podemos afirmar não ter ocorrido uma intervenção federal no Piauí motivado pela realização do Congresso Eucarístico.

<sup>170</sup> O Congresso em Marcha. Jornal *O Dominical*. Teresina, ano XXIV, n° 41/60, 09 out 1960, p. 01.

<sup>171</sup> MARTINS, Agenor ... [ et. al. ]. *Piauí: evolução, realidade e desenvolvimento*. 3 ed. Teresina: Fundação CEPRO, 2003. p. 159.

<sup>172</sup> KRUEL, Kenard. *Djalma Veloso: o político e sua época*. Teresina: Halley Gráfica e Editora, 2006. p. 267

<sup>173</sup> *Ibidem*, id.

Um dos motivos centrais para realização daquele Congresso era a comemoração dos vinte e cinco anos de vida sacerdotal Dom Avelar, o que aconteceu no segundo dia, 27 de outubro de 1960, com a celebração de 26 missas, sendo uma no altar central, presidida pelo aniversariante, co-celebrada por diversos bispos, ao redor da Praça do Congresso foram celebradas 25 missas por padres das paróquias da Arquidiocese, incluindo as paróquias municipais que a compunham. Os padres que celebraram as 25 missas, em torno da Praça do Congresso, para homenagear os vinte cinco anos de vida sacerdotal de Dom Avelar foram: Monsenhor Joaquim Chaves, José Luís B. Cortês, Antônio José do Rego, Hermínio Davis Filho, Raimundo Nonato Melo, Raimundo Marques, Luis de Castro Brasileiro, Tarcísio Felix da Cruz, Emídio de Andrade, Cônego Antônio Cardoso de Vasconcelos, Josino Borges Leal, José Carneiro da Silva, Luís Soares de Melo, Cláudio Melo, Mateus Machado Coelho, José Machado Coelho, frei Mirócles de Solzago, Expedito Carneiro de Aguiar, José Borges de Carvalho, Isac Vilarinho, Raimundo José Airemorais, Deusdedit Craveiro, Davi Mendes, Francisco Carvalho, Mateus Cortês Rufino.

Após a celebração das santas missas, todos os sacerdotes celebrantes se colocaram em torno do altar onde celebrou S. Exa., e na pessoa do Revmo. Pe. Mateus Cortês Rufino, Pároco de Campo Maior, lhe ofereceram a coroa de missas. O intérprete foi muito feliz na sua oração, e não menos feliz ainda foi S. Exa. no agradecer: 'Vi meu pai morto, disse S. Exa., e não tive tantas lágrimas para derramar como neste instante'<sup>174</sup>.

Além da abertura e da comemoração do jubileu de Dom Avelar, outras quatro celebrações marcaram o Congresso, também, chamadas de Sessões Magnas, todos esses momentos foram realizados no Altar-monumento. No dia 28, às 6:30h, foi realizada a Missa das Crianças e da Juventude com distribuição de lanches após a solenidade. O dia 29 iniciou com um culto para as Senhoras e Moças, sendo nessa solenidade realizada "a maior comunhão coletiva do Congresso"<sup>175</sup>. À meia noite do dia 30 foi a Missa dos Homens,

<sup>174</sup> 1º Congresso Eucarístico de Teresina: começou o congresso. *Jornal O Dominical*. Teresina, ano XXIV, n° 46/60, 13 nov 1960, p. 01, 04 e 06.

<sup>175</sup> *Ibidem*, Id.

[...] com homens e rapazes de todas as categorias sociais, [...]. Foi talvez a mais impressionante das cerimônias do Congresso. O avançado da hora, o silêncio absoluto, quebrado apenas pelos cantos e as orações dos homens, a voz comovida do Sr. Arcebispo falando com o coração na mão aos seus amados filhos, a seriedade impecável da assistência, tudo concorreu para fazer da Missa dos homens um dos pontos altos do Congresso. Onze a doze mil homens comungaram na madrugada bendita [...] <sup>176</sup>.

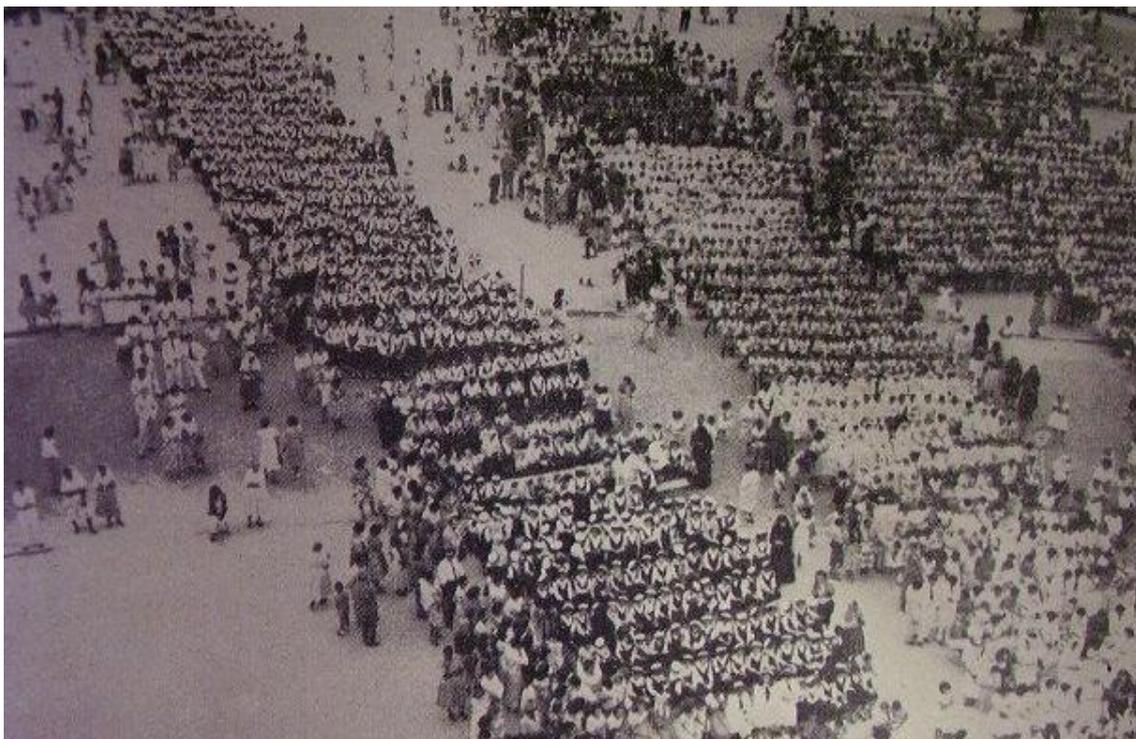
No dia 30, após uma Procissão do Santíssimo Sacramento, vinda do Seminário, próximo à ponte do rio Poti, pela avenida Frei Serafim, iniciava-se às 19:30h a celebração de encerramento do Congresso. A Hóstia Consagrada vinha em uma custódia de ouro cedida pela Diocese de Oeiras, trazida por Dom Alberto Ramos, Arcebispo de Belém (Pa).

A entrada da Procissão na Praça foi qualquer coisa de celestial e deslumbrante. Setenta a sessenta mil pessoas vitoriavam delirantemente a Jesus Cristo – Rei, acenando com lenços e cantando hinos eucarísticos. Não se poderia esquecer jamais aquela cena tão emocionante <sup>177</sup>.

---

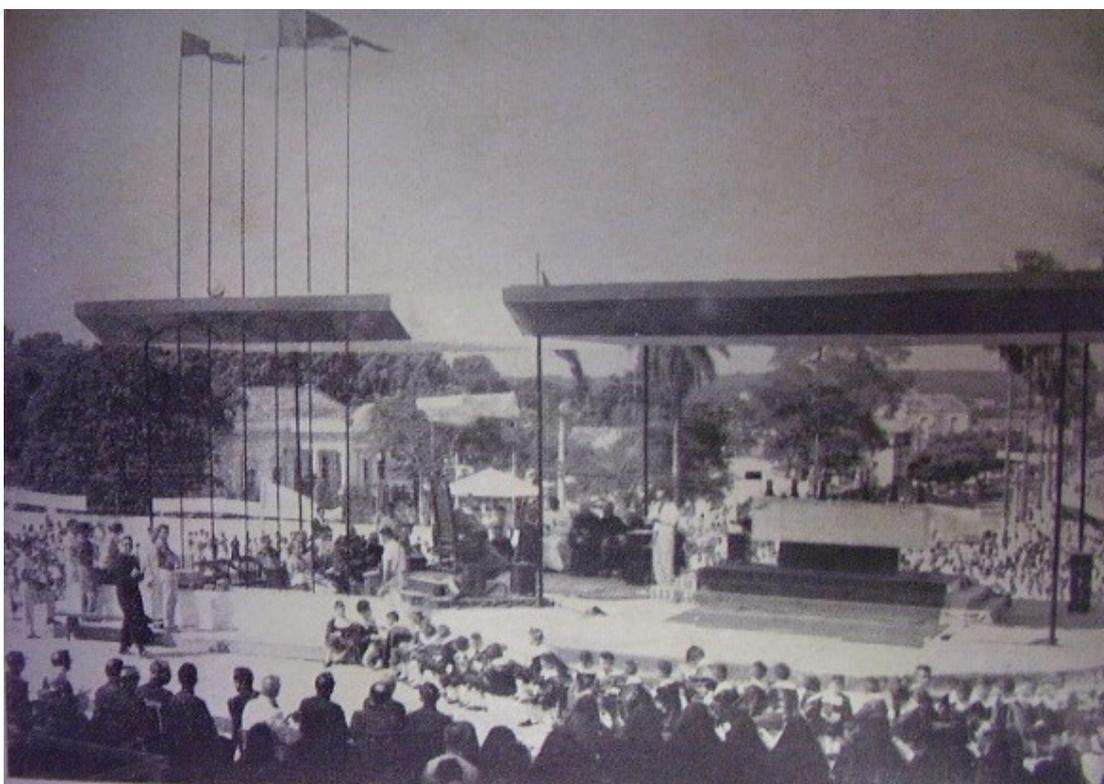
<sup>176</sup> 1º Congresso Eucarístico de Teresina: começou o congresso. *Jornal O Dominical*. Teresina, ano XXIV, n° 46/60, 13 nov 1960, p. 01, 04 e 06.

<sup>177</sup> *Ibidem*, Id.



Fotografia 15

Vista panorâmica de uma das missas realizada no 1º Congresso Eucarístico.  
 Fonte: Revista Caravana, Rio de Janeiro GB, ano XIV, janeiro de 1961, p. 58.



Fotografia 16

Uma vista do Altar-monumento construído no átrio da Igreja São Benedito,  
 Fonte da foto: Revista Caravana, Rio de Janeiro GB, ano XIV, janeiro de 1961, p.  
 na Escola Industrial; a primeira tinha como tema o motivo central do encontro,

Jesus Cristo Caminho, Verdade e Vida, que mostrava as ações catequéticas da Arquidiocese, e que foi organizada pelas Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, pela professora Maria de Lourdes Cury e pelas Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena; a segunda era de pequenas indústrias de aproveitamento das riquezas locais e produtos regionais, organizada pela Madre Cândida; a terceira foi uma exposição de livros feitas pelas Irmãs Paulinas, que vieram de Recife, para a ocasião; e a quarta eram os trabalhos realizados pela Ação Social Arquidiocesana – ASA. A quinta era uma Exposição de Arte Sacra, que se localizou no Colégio Sagrado Coração de Jesus, organizada pelo monsenhor Joaquim Chaves, com imagens, objetos sagrados e relíquias de valor histórico.

Foram realizados encontros de estudos com os mais variados temas: no Salão nobre do Hospital Getúlio Vargas, o tema foi *O Sentido Cristão da Família*, que teve como orador o doutor Fausto Figueira de Melo, médico de São Paulo, para pessoal da área de saúde, presidida por Dom João da Mota Albuquerque, Arcebispo de Vitória (ES); no Clube dos Diários o tema era *Deontologia Jurídica*, para engenheiros e professores, presidida por Dom Paulo Hipólito Libório, Bispo de Parnaíba; no Círculo Operário de Nossa Senhora do Amparo, abordou-se a *Organização das Conferências Vicentinas*, para os vicentinos, pelo professor José Castelo Branco, presidida por Dom José Vasquez, Bispo da Prelazia de Bom Jesus (Pi); na Polícia Militar, para os militares foi *Jesus Cristo Caminho, Verdade e Vida*, por Dom Alberto Ramos, Arcebispo de Belém (Pa); o mesmo tema foi debatido no Cine Rex, para as senhoras, desenvolvido pelo padre Manuel Neto de Petrolina, presidida por Dom José de Medeiros Delgado, Arcebispo de São Luís (Ma); foi estudado no Teatro 4 de Setembro debatido por Dom Antônio Campelo, Bispo de Petrolina (Pe), no Clube dos Diários, na parte da tarde, também o mesmo tema, para os homens do comércio, da indústria e da agricultura, presidida por Dom Adelmo Machado, Arcebispo Coadjutor de Maceió (Al); no auditório da Rádio Difusora o tema era *Religião e Pedagogia* para os professores, debatido por Dom Paulo Hipólito Libório, Bispo de Parnaíba (PI); nos auditórios dos colégios: Estadual, Arquidiocesano, Leão XIII, Demóstenes Avelino, Desembargador Antônio Costa, e Sagrado Coração de Jesus e nas Escolas: Industrial e Normal

Antonino Freire o tema era *O Amor força máxima da juventude, à luz da Eucaristia*.

Percebemos que as sessões de estudos foram todas presididas pelos diversos Bispos, que se fizeram presente, sendo alguns deles oradores, esse fato é relevante no sentido de deixar transparecer a real presença da Igreja Católica no Congresso, ao mesmo tempo, que assegurou a presença de diversas autoridades eclesiais.

No sentido de marcar território e mostrar que era um evento promovido e dirigido pela Igreja Católica a presidência do Congresso coube ao representante do papa no Brasil o Núncio Apostólico, Dom Armando Lombardi; e se fizeram presentes diversos bispos que coordenaram todas palestras como: Dom José de Medeiros Delgado, Arcebispo de São Luís (Ma); Dom João da Mota e Albuquerque, Arcebispo de Vitória (ES); Dom Alberto Gaudêncio Ramos, Arcebispo de Belém (Pa); Dom Mário de Miranda Vilas Boas, Arcebispo de João Pessoa (Pb); Dom Adelmo Machado, Arcebispo Coadjutor de Maceió (Al); Dom Antônio Campelo, Bispo de Petrolina (Pe); Dom Paulo Hipólito de Sousa Libório, Bispo de Parnaíba (Pi); Dom José Brandão, Bispo de Propriá (Se); Dom Adolfo Rossi, Bispo Coadjutor de Grajaú (Ma); Dom Raimundo de Castro e Silva, Bispo Auxiliar de Fortaleza (Ce) Dom José Vasquez, Bispo da Prelazia de Bom Jesus (Pi).

Outros debates ocorreram na Faculdade Católica de Filosofia que giraram em torno do movimento da *Ação Católica* com os grupos Juventude Agrária Católica - JAC, Juventude Estudantes Católicas - JEC, Juventude Independente Católica - JIC, Juventude Operária Católica - JOC, Juventude Universitária Católica - JUC. Nos Centros Sociais Nossa Senhora de Fátima, Leão XIII, Círculo Operário, União Artística Operária, Igreja São Raimundo, Capela Nossa Senhora das Graças e no Grupo Escolar Simões Filho o tema era *O Sentido Cristão do Trabalho*, para os operários.

Os momentos introspectivos do Congresso para meditação e oração foram chamados de Hora Santa, que foi destinado às crianças, na Igreja de Nossa Senhora do Amparo, para o clero e para as religiosas no Colégio Sagrado Coração de Jesus em horários diferentes.

Diante de tal conjuntura<sup>178</sup>, teriam sido, aqueles dias do 1º Congresso Eucarístico, dias típicos de uma cidade serena e vazia? Diante da movimentação promovida pela Igreja Católica de Teresina e repercussão no país, já que esteve presente caravanas de diversos estados juntamente com os bispos aquela pacata cidade foi palco de um acontecimento transbordou um estado incipiente.

A partir desta análise, podemos mostrar uma Teresina dos anos de 1960 e em que condições o 1º Congresso Eucarístico foi realizado, uma cidade com parte de sua população extraindo seu sustento do setor público e uma maioria que “possuía relações de produção pré-capitalistas, [que] permit[ia] a produção de bens [e serviços] a preços irrisórios, que serão consumidos pelas camadas integradas ao sistema formal de produção de rendas”<sup>179</sup>.

Na próxima seção do capítulo, discutiremos o grande acontecimento mundial que proporcionou transformações na Igreja Católica. Mas essas mudanças não ocorreram de forma instantânea, foi um processo que se iniciou antes do Concílio Vaticano II, como, por exemplo, a introdução dos leigos nas práticas religiosas, através do movimento chamado Ação Católica, na estruturação do episcopado brasileiro, com a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB e sua repercussão. Mostraremos a participação dos bispos do Brasil, incluindo Dom Avelar, já que este participou daquele conclave, e ainda as repercussões no Piauí.

---

<sup>178</sup> No Piauí a população, em 1960, era de 1.263.368 habitantes, sendo que desse total 24% era urbana, enquanto, que Teresina tinha uma população de 98.329 habitantes, representando 54,4% da população urbana total. Como foi abordado, essa concentração de pessoas na área urbana, e principalmente na capital, se deve, prioritariamente, às migrações internas, êxodo rural, o que veio a criar um grande contingente população marginal,<sup>178</sup> na capital. Incipiente, no sentido de uma

[...] cidade [que] cresce. Cresce irracionalmente, caoticamente, sem os controles de uma política de urbanização voltada para a adoção de técnicas modernas de planejamento integrado. Diz-se muito expressivamente que ela ‘incha’. E aí estão as fontes perenes de seus males, agravados dia a dia. Como em quase todo país, no Piauí a cidade é um ‘purgatório’ na terra. Apesar desses aspectos negativos, demandam-se comodidades, o êxito, a promoção social. O habitante da zona rural migra para a cidade mais próxima. O da cidade menor para a cidade maior. E o destino de todos, mais cedo ou mais tarde, é a capital do Estado. Terão errado em suas opções? Eles mesmos assim se interrogam, diante do drama de que se tornam personagens. E a verdade é que a cidade não os absorve. A estatística estarrece. Cf. BRANDÃO, Wilson de Andrade. Formação social. In SANTANA, Raimundo Nonato (org). Piauí: formação, desenvolvimento perspectivas. Teresina: FUNDAPI, 1995. p. 36.

<sup>179</sup> MARTINS, Agenor ... [ et. al. ]. *Piauí: evolução, realidade e desenvolvimento*. 3 ed. Teresina: Fundação CEPRO, 2003. p. 199.

### 2.3 Aberto o *Parlamento de Deus*<sup>180</sup>: o *aggiornamento*<sup>181</sup> da Igreja Católica chega a Teresina pelas mãos de Dom Avelar

A Igreja realizou 21 Concílios, sendo o décimo nono o de Trento (1545-1563), o mais longo, convocado e dirigido pelos Papas Paulo III, Julio III, Marcelo II, Paulo IV e Pio IV, foi o que promulgou o maior número de Decretos dogmáticos, reformatórios, e disciplinadores das pastorais realizadas pelos bispos e padres. Criou o Rito Romano, um guia para realização das cerimônias, desde o culto diário até os festivos, passando pela aplicação dos sete sacramentos, como batismo, casamentos e outros. Diante de uma larga documentação produzida por aquele Concílio se percebe que ele veio em função de reorganizar uma Igreja que tinha passado por rupturas nas suas estruturas. A primeira foi a divisão, ocorrida em 1054, entre os cristãos do Ocidente e os do Oriente, sendo que os cristãos do Ocidente passaram a se denominar Igreja Latina, e os do Oriente, passaram a se chamar Igreja Ortodoxa. Alegava a segunda que a primeira havia se afastada da doutrina tradicional, reta, da ortodoxia. A outra ruptura que havia provocado problemas estruturais na Igreja, à época, Igreja Latina, era a reforma promovida por Lutero, conhecida por Reforma Protestante. As reformas do Concílio de Trento transformaram até o nome da Igreja Latina, pois, é a partir daquele Concílio, que ela passa a se autodenominar Igreja Católica Apostólica Romana.

O vigésimo concílio foi o Vaticano I, convocado pelo Papa Pio IX (1846-1878) a 8 de dezembro de 1869 e encerrado a 18 de julho de 1870. Havia um

<sup>180</sup> Sobre a expressão *Parlamento de Deus*: “[...] da grande assembléia católica, que já foi batizada de ‘O Parlamento de Deus’, participarão cardeais, patriarcas, arcebispos, bispos, abades, superiores de ordens religiosas, reitores de seminários, teólogos, e outros dignitários num total aproximado de três mil congressistas [...] Vê: PIANO Piano. Revista *Visão*. vol. 20 n° 12. São Paulo: 23 mar 1962. p. 39.

<sup>181</sup> Em português significa “atualização”, Essa expressão foi muito utilizada nos documentos pelo Papa João XXIII quando se referia ao Concílio que estava sendo convocado como *Ad Petri Cathedram, Gaudet Mater Ecclesia* “[...] o *aggiornamento ad intra* não propõe propriamente uma *reforma* na Igreja, mas uma nova postura de busca e de abertura em continuidade-transformação entre a tradição e a novidade, diante dos desafios mundiais dos novos tempo”. Vê: RASCHIETTI, Estevão. *O Concílio Vaticano II como evento universal e missionário: memória histórica e considerações teológicas a 40 anos de sua abertura*. p. 04. [www.missilogia.org.br](http://www.missilogia.org.br)

longo programa previsto, mas só houve a possibilidade de se reunirem nesse período, em quatro sessões, devido às circunstâncias políticas na Europa, naquele momento<sup>182</sup>. Neste Concílio foram lançadas duas Constituições, sendo uma a Constituição Dogmática intitulada *Dei Filius*, sobre a Fé Católica e outra a Constituição Dogmática *Pastor Aeternus*, sobre o primado e a infalibilidade do Papa, quando se pronuncia "ex-cathedra", em assuntos de fé e de moral.

Já no século XX, após a morte do Papa Pio XII, o Colégio de Cardeais escolheu, a 28 de outubro de 1958, o Papa João XXIII (1958-1963). A opção deles em nomear o Patriarca de Veneza, Ângelo Roncalli, um desconhecido, parecia ser mais uma daquelas simples transições, pois o cardeal já tinha 77 anos, e não havia se destacado nos cargos que havia ocupado, dentre eles o de Núncio Apostólico, na Bulgária e na França, e nem em outro campo eclesiástico.

No dia 25 de janeiro de 1959, o Papa João XXIII vai à Catedral de São Paulo, extra-muros da cidade do Vaticano e durante a homilia diz:

Pronuncio perante vós, certamente tremendo um pouco de emoção, mas também com humilde firmeza de intenção, o nome das duas celebrações: um Sínodo diocesano para a cidade de Roma e um Concílio geral para a Igreja Universal<sup>183</sup>.

Com essas palavras, ele convoca o vigésimo primeiro Concílio da Igreja Católica, que recebeu o nome de Vaticano II, 90 dias após a sua eleição para chefiar a Igreja. Mas antes devemos observar alguns antecedentes que

---

<sup>182</sup> A guerra franco-prussiana assinalou, [...], o fim do império de Napoleão III. Este, em 1870, mandou retirar definitivamente as tropas francesas que defendiam Roma. Quando depois da batalha de Sedan (2 de setembro de 1870), Napoleão ficou prisioneiro dos alemães faltou o apoio ao Papa, compreendeu-se que tinha chegado a hora de Roma. O governo italiano mandou reunir na fronteira do Estado pontifício 50.000 soldados. A 8 de setembro Vittorio Emanuele II mandou ao Papa uma carta em que lhe pedia que permitisse que "as tropas reais, postas já a guardar as fronteiras entrassem para ocupar as posições necessárias para guarda de Sua Santidade e da ordem contra as tentativas da revolução e da república". O Papa respondeu negativamente. Entre outras coisas dizia: "Bendito seja Deus que permitiu que Vossa Majestade me enchesse de amargura o último período da minha vida" Ainda antes da resposta do Papa ter chegado ao seu destino já as tropas do rei, [...] tinham atravessado a fronteira em vários pontos, [...]. A 5 de Dezembro Vittorio Emanuele declarava no Parlamento: "Com Roma por capital, terminei e empresa começada pelo meu pai há vinte cinco anos".[Inicia assim uma controvérsia entre a Igreja Católica e o Estado italiano] resolvida por meio do Tratado lateranense de 11 de Fevereiro de 1929 que reconhece o Papa como verdadeiro e absoluto soberano da Cidade do Vaticano. Vê: GALLI, A. e GRANDI, D. *História da Igreja*. 3. ed. Lisboa: Ed Paulistas, 1964. p. 306-309

<sup>183</sup> Trecho do discurso do papa João XXIII, *apud* [www.missiologia.or.br](http://www.missiologia.or.br) acessado em 15 de janeiro de 2008.

provocaram aquela atitude papal. Percebe-se que o processo de transformação da Igreja Católica vem se realizando, aos poucos, principalmente no Brasil.

No plano internacional, a principal consequência do Concílio Vaticano I foi a reafirmar a centralização do poder da Igreja, ao mesmo tempo em que esta dava passos em direção à classe trabalhadora, com suas encíclicas *Rerum Novarum* e *Quadragesimo Anno*, que reformavam as posturas sociais da Igreja, como veremos no capítulo seguinte, e procurava dar um maior espaço aos grupos de leigos<sup>184</sup>, mesmo que atrelados à hierarquia da Igreja. Neste sentido, surgiram grandes grupos como os Círculos Operários e a Ação Católica, no Brasil com repercussão no Piauí, aqui com destaque para a Juventude Operária Cristã – JOC<sup>185</sup>.

No Brasil, o primeiro grande passo foi a separação entre o Estado e a Igreja Católica, com o fim do padroado. É naquele momento que parte desta Igreja se volta para si, buscando uma união com Roma e o seu fortalecimento enquanto instituição autônoma, ao mesmo tempo, que outro segmento da Igreja, para não perder seu *status quo* e conquistar os espaços perdidos, continua sua união com o Estado brasileiro. Outros seguem em busca de uma terceira via, procurando trazer, para dentro da Igreja, o povo, como foi mostrado no início deste capítulo.

A porta de entrada dos leigos, ou seja, o povo, para o interior da Igreja foi o movimento denominado de Ação Católica.

A Ação Católica é uma forma de ‘apostolado leigo’ que foi estimulado por vários Papas, desde o começo do século XX, e formalizada por Pio XI [1922-1939], em meados do século 20, No início da década de [19]30, o Movimento já estava bem estabelecido nas Europa: com ênfase, na Itália, em um movimento generalizado das massas, com ramos específicos para homens e mulheres, adultos e jovens, enquanto na França e na Bélgica havia, desde o começo, uma pressão maior sobre ‘um apostolado leigo especializado’ como resultado do sucesso da organização da juventude operária na *Jeunesse Ouvrière Catholique* (JOC).<sup>186</sup>

---

<sup>184</sup> Leigos são os membros da Igreja que não fazem par do corpo administrativo (diáconos, sacerdotes, monsenhores, bispos) é o povo de uma maneira geral.

<sup>185</sup> MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004 p. 70.

<sup>186</sup> KADAT, Emanuel de. *Católicos radicais no Brasil*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. p. 94

Esse movimento chegou ao Brasil através do Arcebispo-Cardeal do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme (1930-1943), quando o papa Pio XI escreveu uma carta, *Quamvis nostra Actione cothilica aptius promovenda*, exortando o cardeal Leme a implantar associações de Ação Católica devido à insuficiência de clero.<sup>187</sup>

Os leigos trouxeram os problemas fundamentais seus, enquanto indivíduo e membro da sociedade brasileira, como suas dificuldades do dia-a-dia, e suas práticas para a sobrevivência, o que transformou o olhar de muitos bispos com relação às comunidades que estavam inseridos, tornando-os sensíveis aos problemas dos diocesanos. Passaram a politizar seus problemas sociais, trazendo, desta forma, uma maior consciência para grande parte da população católica. Muitos começaram alinhar-se com os segmentos menos favorecidos da população, em geral, conforme Scott Mainwaring, “não foi a existência da pobreza, mas, sim, a politização dessas pobreza que fez com que alguns setores da Igreja repensassem o seu conservadorismo político<sup>188</sup>.”

Em Teresina, a Ação Católica chegou através de Dom Avelar Brandão Vilela, quando toma posse como Arcebispo, em 1956, já que seu antecessor, Dom Severino Vieira de Melo, cansado de uma administração de 31 anos e de lutar, por dez anos, contra um câncer, preocupou-se mais com a organização da Igreja Católica no Piauí, promovendo transformações mais de caráter institucional.

Segundo o padre Carvalho<sup>189</sup>: “A Ação Católica teve uma repercussão tão grande, até nos movimentos leigos que não eram da JOC [Juventude Operária Cristã], como os sindicatos, círculos operários. Ela penetrou em tudo, a movimentação católica aqui em Teresina foi excelente”<sup>190</sup>.

---

<sup>187</sup> SOUZA, Ney de. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. e BOMBONATTO, Veras Ivanise. (orgs). *Concílio Vaticano II: análises e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 20.

<sup>188</sup> MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004 p. 56.

<sup>189</sup> Padre Francisco das Chagas Carvalho, nascido a 14 de março de 1923, era pároco da Igreja Nossa Senhora de Lourdes, no bairro Vermelha, foi nomeado como assistente da Juventude Operária Cristã por Dom Avelar Brandão Vilela, Arcebispo de Teresina.

<sup>190</sup> CARVALHO, Francisco das Chagas. *Depoimento concedido a Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina, 1998. p. 05.

Quando perguntado ao Monsenhor Chaves,<sup>191</sup> ele diz: “Eu não tive muito contato [...] Dom Avelar era quem dirigia isso pessoalmente. Eu sei que tinha a JUC [Juventude Universitária Católica], a JOC [Juventude Operária Católica], tinha também no campo, e tinha os estudantes secundaristas”<sup>192</sup>.

O monsenhor Isac Vilarinho<sup>193</sup> resume as idéias desses movimentos leigos, quando diz que

[...] o Concílio, praticamente, não começou quando foi aberto em Roma, não, já vários movimentos dentro da Igreja já tinha a situação de tal maneira que o Concílio apenas aglutinou, coordenou e aprofundou esses movimentos e deu um pouco mais de luz, de fundamentos teológicos<sup>194</sup>.

Depois desse relato dos antecedentes do Concílio Vaticano II, retornamos à decisão de João XXIII de convocar um Concílio. Naquele momento, houve certo estranhamento por parte da Cúria a essa convocação. Esse estranhamento da Cúria era porque não esperavam pela convocação de um novo Concílio, poderia até ser a continuação do inacabado Concílio Vaticano I e, também, porque já que havia certa decepção com a escolha de João XXIII para dirigir a Igreja, acreditavam ser ele um Papa de transição<sup>195</sup>. Algumas perguntas vieram através da imprensa mundial e local, e uma surgiu do propósito de João XXIII convocar um concílio ecumênico, seria uma tentativa de restaurar a unidade da Igreja? Outra era: como fazer um Concílio? Essa vinha do fato de a Igreja não ter “know how”, para fazer Concílios, mesmo já tendo realizado 20, pois a situação era completamente diferente o número de padres conciliares<sup>196</sup> em muito havia crescido<sup>197</sup>, de modo que as despesas

---

<sup>191</sup> Joaquim Raimundo Ferreira Chaves, pároco da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo, monsenhor e vigário geral no período que Dom Avelar foi Arcebispo de Teresina.

<sup>192</sup> CHAVES, Joaquim Raimundo Ferreira. *Depoimento concedido a Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina, 1998. p. 03.

<sup>193</sup> Natural da comunidade Mimbó, Amarante, Piauí. Na Arquidiocese, época de D. Avelar, foi coordenador da JAC, capelão da Penitenciária feminina, vigário de União, Piauí (1962-1965). Em 1968 foi transferido para Campo Maior, Piauí, onde viveu por vinte anos. Atualmente, reside em Teresina.

<sup>194</sup> VILARINHO, Monsenhor Isaac. *Depoimento concedido a Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina 1998. p. 02.

<sup>195</sup> SOUZA, Ney de. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, P. S. L. e BOMBONATTO, V. I. (orgs). *Op. Cit.*. 2004. p. 24.

<sup>196</sup> São chamados de padres conciliares todos que tomaram parte do Concílio como os responsáveis por arquidioceses, dioceses, prelazias, prefeitura apostólicas, universidades católicas, faculdades de teologia, ordens e congregações religiosas masculinas e os membros da cúria romana.

seriam enormes. Uma primeira saída encontrada foi criar dez comissões e dois secretariados e realizar uma consulta prévia aos padres conciliares sobre diversos assuntos.

Para coordenar o trabalho das comissões e dos secretariados foi constituída uma comissão central, presidida pelo papa, que realizou uma ampla consulta prévia coordenada pelo Cardeal Tardini, membro dessa comissão. A carta foi enviada a 2.594 padres conciliares, obtendo resposta de 2.109.

Apraz-me comunicar a V. Excia. que o Sumo Pontífice João XXIII felizmente reinante, em 17 de maio de 1959, dia de Pentecostes, criou a Comissão Antepreparatória (sic), que tenho a honra de presidir, para o próximo Concílio ecumênico.

O augusto pontífice, em primeiro lugar, deseja conhecer opiniões e pareceres conselhos e *vota* dos exmos. bispos e prelados que são chamados de direito a participar Concílio ecumênico (cân. 223): de fato Sua Santidade atribui a maior importância aos pareceres, conselhos e *vota* dos futuros padres conciliares; o que será muito útil na preparação dos temas para o Concílio.

Peço, portanto, vivamente a V. Excia. que queira fazer chegar a essa comissão pontifícia, com absoluta liberdade e sinceridade, pareceres, conselhos e *vota* que a solicitude e zelo das almas possam sugerir a V. Excia. Em ordem de matérias e aos temas que poderão ser discutidos no próximo Concílio.<sup>198</sup>

Essa carta mostra uma abertura para que os padres conciliares se pronunciassem de maneira livre sobre qualquer tema, ressaltando que todas as cartas foram publicadas no *Anuário Pontifício*. No Brasil as cartas não chegaram aos padres conciliares ao mesmo tempo, à época existiam problemas quanto a distâncias, como o acesso a certas localidades no interior da região Norte e Centro-oeste. Foram consultados 167 conciliares, mas 132<sup>199</sup>

<sup>197</sup> Os padres conciliares, reunidos na nave principal da Basílica de São Pedro, representavam o concílio mais universal de toda a história da Igreja. Os cinco continentes estavam representados. A Europa, absoluta durante a Idade Média, representava pouco menos da metade dos participantes com direito a voto (1.041); o continente americano, que não foi representado em [Concílio de]Trento e muito pouco no [Concílio] Vaticano I, havia enviado 956 bispos; a Ásia mais de 300 e a África 379. A superioridade numérica dos italianos [...] [eles eram] 379 bispos [...]. Cf: SOUZA, Ney de. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, P. S. L. e BOMBONATTO, Veras Ivanise. (orgs). *Concílio Vaticano II: análises e prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 34.

<sup>198</sup> BEOZZO, José Oscar. Presença e atuação dos brasileiros no Vaticano II. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. e BOMBONATTO, V. I.. (orgs). *Op. Cit.* 2004. p. 130.

<sup>199</sup> Observe-se que o número real é 133, pois o voto de "Ignácio Krause, bispo expulso de Shunteh, na China, já estava trabalhando como administrador apostólico das dioceses de Toledo e Campo Mourão (Pr). O seu *votum* aparece na documentação da China, [...]". Cf:

enviaram suas respostas, um percentual de 79%, que foi um pouco maior do que o total mundial de 77%.

Muitos dos consultados concentraram-se em dizer que receberam a consulta, que aderiam ao propósito do papa de convocar o Concílio e que estavam rezando pelo seu êxito, enquanto outros debruçaram-se com cuidado sobre o assunto, embora produzindo, por vezes, respostas estreitas e exclusivamente intra-eclesiásticas; alguns poucos, enfim, trouxeram à baila problemas e questões de maior alcance e relevância humana ou eclesial<sup>200</sup>

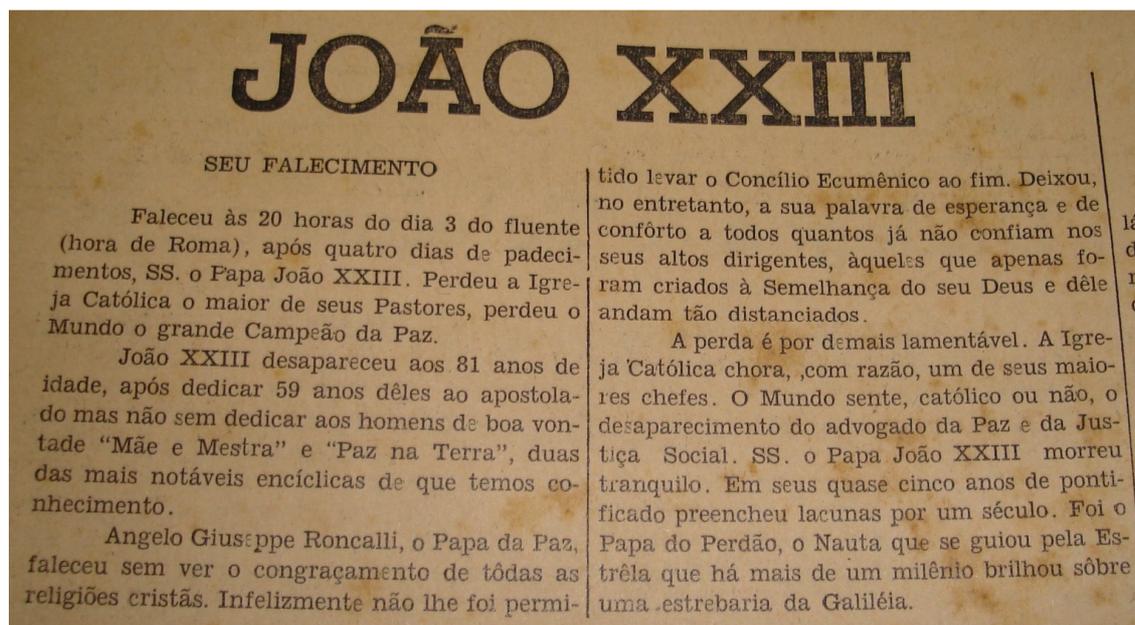
Percebemos que talvez houvesse ou uma descrença na possibilidade da realização do Concílio ou era o receio de opinar, já que a Santa Sé ditava as normas, sendo que os bispos, de uma maneira geral, não discutiam as ordens vindas do Vaticano, cumprindo-as, apenas.

O Papa João XXIII não terminou o Concílio Vaticano II, conseguiu organizar e realizar a primeira sessão que iniciou a 11 de outubro de 1962, falecendo a 3 de junho de 1963 de câncer no estômago. A sua morte repercutiu no mundo todo, pois ele promoveu, em um pontificado, de quase 5 anos, grandes reformas na Igreja Católica. Além de convocar o Concílio, escreveu duas encíclicas que modificaram a atuação dos católicos: a *Mater et Magistra* (1961) e *Pacem in Terris* (1963). Nessas cartas papais o papa procurou sintonizar a Igreja com o mundo e melhorar o destino dos seres humanos;

---

BEOZZO, José Oscar. Presença e atuação dos brasileiros no Vaticano II. In: GONÇALVES, P. S. L. e BOMBONATTO, V. I. (orgs). *Op. Cit.* 2004. p. 132.

<sup>200</sup> BEOZZO, José Oscar. Presença e atuação dos brasileiros no Vaticano II. In: GONÇALVES, P. S. L. e BOMBONATTO, V. I. (orgs). *Op. Cit.* 2004. p. 132.



Fotografia 17

João XXIII: seu falecimento. Jornal *O Dia* Teresina, ano XIII, 06 jun 1963, nº 1105, p. 04.

A reportagem acima intitula o Papa João XXIII de o "Campeão da Paz", isso se deve a vários motivos, um deles a sua encíclica *Pacem in Terris*, e várias outras atitudes, mas o seu grande papel de mediador pela paz foi quando do episódio da instalação dos mísseis soviéticos em Cuba, em represália aos Estados Unidos da América por terem instalado os seus em base militar na Turquia, em 1961. O Papa se posicionou e, através do telefone procurou dialogar com o presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy, que era católico, e Nikita Krushev, primeiro ministro da União Soviética.

De fato todos os povos do mundo acompanhavam, com respeito e simpatia, os incessantes e valiosos esforços do recém-falecido chefe da igreja católico-romana, empregados em benefício da paz e da justiça social.

Sob sua prestigiosa influência, *muitos males foram evitados, entre nações* e povos, outros pelo menos diminuídos. Natural e inegavelmente, sua obra – como a de todos os mensageiros do Bem – será indestrutível e continuará frutificando, através dos borrascosos decênios por vindouros, confortando e animando os seus seguidores ou acicatando e ferindo as consciências dos anticristãos, despertando-os para a realidade espiritual<sup>201</sup>. (grifo nosso)

<sup>201</sup> GUERRA, S. D. JOÃO XXIII não morreu. Jornal *O Dia*. Teresina: ano XIII, 06 jun 1963 nº 1105. p. 4

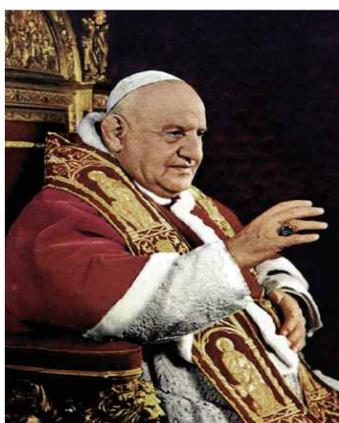
O jornalista S. D. Guerra vai exatamente realçar os esforços do Papa em favor da paz no mundo e afirmando que *muitos males foram evitados entre nações* por causa de sua busca de justiça social, referindo-se à Encíclica *Mater et Magistra*, que aprofunda as relações da Igreja com a população trabalhadora.

Da mesma forma, Helmano Neto mostra o bom relacionamento do Papa João XXIII com o premier russo, mesmo depois do episódio de Cuba:

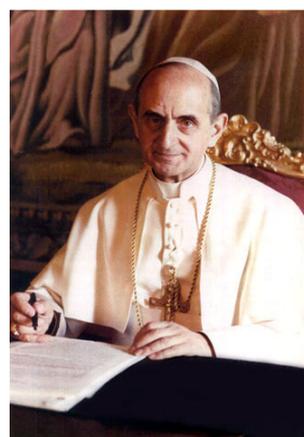
Nikita Krushev, Primeiro-Ministro soviético, comandante de um regime frontalmente contrário às doutrinas cristãs, em telegrama enviado ao Vaticano, quando era ainda grave o estado de saúde de Sua Santidade, manifestou imensa preocupação pelos sofrimentos impostos ao bondoso Pontífice e fazia votos por seu pronto restabelecimento para prosseguir na sua profícua atividade pelo fortalecimento da Paz e da cooperação entre os povos.

A manifestação do 1º mandatário russo só serve como afirmativa ao respeito que os povos de todos os países devotavam ao extinto Chefe da Igreja de Cristo<sup>202</sup>.

Quando o Papa João XXIII morreu foi substituído, a 21 de junho de 1963, pelo Cardeal Giovanni Battista Montini, que tomou o nome de Papa Paulo VI. No dia seguinte à sua eleição, anunciava uma nova convocação do Concílio Vaticano II, nesse sentido o trabalho do seu antecessor estava tendo continuidade, marcando para o dia 29 de setembro daquele ano o seu reinício.



Fotografia 18  
Papa João XXIII (1958-1963)  
Fonte: [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org)  
acessado em 18/01/2008



Fotografia 19  
Papa Paulo VI (1963-1978)  
Fonte: [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org)  
acessado em 18/01/2008

<sup>202</sup> NETO, Helmano. JOÃO XXIII o grande pontífice. Jornal *O Dia*. Teresina: ano XII, 06 jun 1963, n° 1105. p. 01e 03.

Esse Concílio produziu até o seu final, em 8 de dezembro de 1965, as seguintes peças: As Constituições *Dei Verbum* (sobre a revelação divina e sua transmissão pela Igreja); *Lumen Gentium* (fala sobre a organização da Igreja, sua natureza e missão); *Sacrosanctum Concilium* (sobre a liturgia e suas práticas) e *Gaudium et Spes* (trata sobre o papel da Igreja no mundo de hoje); as Declarações *Gravissimum Educationis* (sobre educação cristã); *Nostra Aetate* (sobre as relações da Igreja Católica com as religiões não-católicas) e *Dignitatis Humanae* (sobre a liberdade religiosa); os Decretos *Ad Gentes* (sobre a atividade missionária da Igreja); *Presbyterorum Ordinis* (sobre o ministério sacerdotal); *Apostolicam Actuositatem* (sobre os leigos e seu apostolado, levando em conta seus deveres e direitos como católicos); *Optatam Totius* (sobre a formação sacerdotal); *Perfectae Caritatis* (sobre os religiosos) *Christus Dominus* (sobre o múnus pastoral dos bispos); *Unitatis Redintegratio* (sobre o ecumenismo), *Orientalium Ecclesiarum* (trata das Igrejas Orientais Católicas) e *Inter Mirifica* (sobre os meios de comunicação).<sup>203</sup> Esses documentos vão ter um caráter universalista porque serão eles que irão nortear a administração da Igreja Católica espalhada pelo mundo, inclusive as que não são de Rito Romano, e orientar como deverá ser o relacionamento com as mais diversas religiões cristãs ou não.

Ressaltamos que foi no período do Concílio Vaticano II que, no Brasil, aconteceu o golpe civil-militar, em 31 de março de 1964. Esse fato provocou tensões, fazendo com que o número de participantes diminuísse na terceira reunião conciliar, na segunda reunião de 29 de setembro a 04 de dezembro de 1963, o país contava com 220 padres conciliares, foram para Roma 183. Na terceira reunião, 14 de setembro a 21 de novembro de 1964, eram 221 padres conciliares, mas só foram 167 participaram. Deixaram de participar 24,5%, caracterizando “a mais baixa participação em todo processo conciliar”.<sup>204</sup>

O Concílio Vaticano II alterou, e muito, as práticas religiosas, pois a ignorância da população com relação ao que os padres realmente faziam nas celebrações dava-se, principalmente, pelo fato de não entenderem o que os

<sup>203</sup> KLOPPENBURG O.F.M., Frei Boaventura. Introdução Geral. In: VIER O.F.M., Frei Frederico (org) Compêndio vaticano II: constituições, decretos e declarações. 10 ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1976. p. 17-19.

<sup>204</sup> BEOZZO, José Oscar. Presença e atuação dos brasileiros no Vaticano II. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. e BOMBONATTO, Veras Ivanise. (orgs). Concílio Vaticano II: análises e prospectivas. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 139.

sacerdotes diziam, já que os ritos eram em latim. Após o Vaticano II passaram a ser realizadas em língua vernácula.

O depoimento de monsenhor Isaac Vilarinho, lembrando algumas transformações ocorridas na Igreja de Teresina, é emblemático, e reforça essa idéia.

Então um dos maiores acontecimentos da Igreja, assim, da maior importância foi realmente o do Concílio. O Concílio Vaticano II, a partir do Concílio Vaticano II nós começamos a celebrar os sacramentos e a missa em vernáculo, em português, para que o povo realmente começasse a se conscientizar. Nós começamos a ter uma vida mais participativa, mais dentro da vida do povo, inclusive os nossos hábitos de batina, músicas, festas antigas foram simplificados, nós começamos a nos vestir também como o povo, o povo simples, assim mais identificados. Agora a geração de hoje não pode imaginar *a revolução cultural, social, política e religiosa* desses anos de 1960 a 70, enfim essa década aí. Mas, nós os padres mais idosos de uma certa maneira sobrevivemos a essa borrasca. Bem, mas do ponto de vista religioso nós tínhamos, assim uma catequese muito tradicional, nós fazíamos desobrigas uma ou duas vezes, por ano para celebrar, sobretudo os batizados e realizar os casamentos. Mas o povo só tinha aquela *tradição religiosa de novena, do terço de Nossa Senhora*, a parte do conhecimento maior da Igreja, a parte catequética, a parte bíblica, era realmente tudo isso muito rudimentar, não tinha estrutura para enfrentar essa onda de uma revolução cultural, religiosa que se processou no Brasil e dentro da Igreja também. E a partir desse movimento de abertura do Concílio, principalmente porque o Concílio praticamente não começou quando foi aberto em Roma não, já vários movimentos dentro da Igreja, já tinha a situação de tal maneira que o Concílio apenas aglutinou, coordenou e aprofundou esses movimentos e deu um pouco mais de luz, de fundamentos<sup>205</sup>.(grifo nosso)

Percebemos que as práticas sacerdotais mudaram, monsenhor Isaac Vilarinho fala em uma *revolução cultural, social, política e religiosa*, mas havia a idéia de que os padres estavam acima do mundo, separados socialmente do mundo, apesar de estarem inseridos nele. Nesse sentido “a maioria dos sacerdotes não conciliava a fé com as tentativas de se criar um mundo mais justo”.<sup>206</sup> Essa prática sacerdotal, antes do Concílio, levava o católico a separar

<sup>205</sup> VILARINHO, Monsenhor Isaac. Depoimento concedido a Maria do Amparo Alves de Carvalho. Teresina 1998. p. 01.

<sup>206</sup> MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004 p. 45.

a fé de seus atos, o que acabava numa separação entre a devoção pessoal e os atos sociais dos católicos.

A partir do momento em que os fiéis passaram a compreender o que os sacerdotes diziam durante as celebrações, o que era misterioso passou a ser do convívio cotidiano. Desta forma, o diálogo entre povo e Igreja passa a ser concreto, e a troca de influências passou a ser uma via de duas mãos.

A tradição religiosa vai sendo alterada, antes do Concílio as práticas populares restringiam-se às novenas e à reza do terço. As novenas eram aquelas rezas em intenção de um santo ou santa, normalmente o padroeiro da localidade, realizadas durante nove dias, juntamente com brincadeiras e barracas em torno do templo, o que popularmente se chama de *festejo*. O terço era outra prática que podia ser feita sozinha ou em grupo. Essa alteração passa por mudanças no processo de catequese, que antes era rudimentar, como lembra monsenhor Isac Vilarinho, apesar de já existirem alguns movimentos de leigos, o Concílio “deu um pouco mais de luz, de fundamentos”<sup>207</sup>.

Mas a transição não foi nem de maneira rápida, nem tampouco, sem barreiras. A troca da batina pelo *clergyman*, na Arquidiocese de Teresina, por exemplo, se processou através de requerimentos escrito, alegações de motivos, com modelos pré-determinados para que Dom Avelar autorizasse.

Aqui na Arquidiocese de Teresina, por enquanto, os sacerdotes que obtiverem de seu Arcebispo a necessária licença por escrito para o uso do *clergyman*, só poderão fazer, segundo modelo clássico, permanecendo em estudo o problema de como poderá ser o *clergyman* de índole moderada.

Resta lembrar que será condição para o uso do *clergyman*, o requerimento do interessado, com a devida alegação dos motivos.

[...]

Lembramos aos nossos caros fiéis que o *clergyman* usado normalmente em vários países do mundo, e há mesmo alguns deles, em que é até proibido o uso da batina na vida ordinária.

Embora seja um sinal externo da presença do padre, a batina é apenas uma indumentária e jamais o caráter sacerdotal, em si mesmo.

Este se implanta na alma do ordenando no dia da sua ordenação sacerdotal. Não é a batina que dá virtude ao padre.

---

<sup>207</sup> VILARINHO, Monsenhor I. *Op. Cit.* 1998. p. 01.

Poderá ser uma boa preservação, em certos caos. O padre continuará amando e valorizando a sua batina.<sup>208</sup>

O embate entre o tradicional e o novo fica perceptível, quando Dom Avelar mostra que a batina representa a presença do padre, ao mesmo tempo, quando afirma que é apenas uma indumentária, não é esta roupa que faz o sacerdote. O ser sacerdotal é implantado no dia da ordenação, então temendo um rompimento com o modelo tradicional dos padres se apresentarem, Dom Avelar apela para que os sacerdotes tenham amor para com tal vestimenta.

Em 1983, Dom Avelar retoma essa discussão, mas vai avaliar o papel do sacerdote não pela roupa que veste, mas pela consciência.

O uso da batina, sempre tão malsinada por alguns e hoje tão glorificada por outros, poderia exercer na pessoa do padre uma influência religiosa de natureza sacral. Mas o uso do *clergyman*, em outros países, e o desejo de maior aproximação do povo levaram a um despojamento total e, às vezes, até inadequado para certas circunstâncias. O desaparecer da batina, no entanto, não afetou a validade dos compromissos sacerdotais. O ser padre é um estado de consciência, firmado na objetividade sacramental que o consagra e o justifica.<sup>209</sup>

Naquele momento em que a Igreja podia se expressar no vernáculo, era a ocasião de ampliar o número de fiéis, pois, na época, vinha perdendo fiéis, fato que vinha ocorrendo desde o início do século XX<sup>210</sup>, num processo de disputa com igrejas protestantes e o espiritismo, que vinham se instalando em Teresina. Este último tinha até uma coluna no jornal *O Dia*. No sentido de garantir e ampliar sua posição hegemônica, a Igreja Católica vai processando a revolução cultural, dita por monsenhor Isac Vilarinho, através de uma nova forma de catequese, a educação. Esse caminho se viabilizou através do

<sup>208</sup> VILELA, Dom Avelar Brandão. O Governo Arquidiocesano: A batina e o clergyman. Jornal *O Dominical*. Teresina: ano XXX, 07 fev 1965, n° 06/65. p. 04.

<sup>209</sup> VILELA, Dom Avelar Brandão. *A prece que brota da vida*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1983. p. 92.

<sup>210</sup> PINHEIRO, Áurea da Paz. *As ciladas do inimigo: as tensões clericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX*. Teresina: FCMC, 2001; e BANDEIRA, Marina. *A Igreja Católica na virada da questão social (1930-1964): anotações para uma história da Igreja no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, Educam, 2000.

Movimento de Educação de Base – MEB<sup>211</sup>, experiência que vai construir para a politização do povo brasileiro.

Segundo relato monsenhor Isac Vilarinho, esse processo produziu seus frutos:

Hoje a gente vê a Igreja assim cheia, todo mundo dando a sua opinião, o seu parecer, várias comunidades, várias pastorais pelas quais a Igreja hoje se distribui, tudo isso é realmente uma espécie de fruto daquelas semente que foram plantadas naquela época.<sup>212</sup>

O trabalho que a Igreja Católica vinha desenvolvendo com os leigos era através da Ação Católica, mas aquela forma de trabalhar foi se re-significando, e foram surgindo comunidades e pastorais, como explica o padre Raimundo José<sup>213</sup>

Na época do Concílio Vaticano II veio a começar os movimentos populares mais amplos. Começaram as Comunidades [Eclesiais] de Base [CEB] de alguma maneira também concorreram para o aumento dessas forças da Ação Católica. Elas começaram a ser uma espécie de modelo único de formação da Igreja no Brasil. Aí então a Ação Católica terminou se dissolvendo, eles estão voltando novamente com esse outro nome de Pastoral, que hoje tem Pastoral da Juventude, Pastoral Universitária, mas não tem aquela militância que tinha a Ação Católica, nem aquele vigor.<sup>214</sup>

A transformação que ocorre nas práticas da Igreja Católica é o fim da Ação Católica e o surgimento de pequenos grupos que vão se reunir uma vez por semana para discutir a Bíblia e os temas da época que afligiam a sociedade e as pessoas que a compõe. Aquele grupo tinha no máximo vinte e cinco pessoas e, entre suas tarefas, estava o auxílio direto aos padres, já que

<sup>211</sup> Eram programas radiofônicos instalados no Brasil em 1959 quando do 1º Encontro de Emissoras Católicas promovido pelo Secretariado Nacional de Ação Social da CNBB, presidido por Dom Eugênio Sales, bispo de Natal, onde apresenta sua experiência nesse tipo de trabalho que vinha sendo desenvolvido naquela Arquidiocese. Esse projeto depois foi encampado pelo Governo Federal. Cf: BANDEIRA, Marina. *A Igreja Católica na virada da questão social (1930-1964)*: anotações para uma história da Igreja no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, Educam, 2000. p.325-351.

<sup>212</sup> VILARINHO, Monsenhor I. *Op. Cit.* 1998. p. 03.

<sup>213</sup> Padre Raimundo José Airemoraes à época era diretor da Faculdade Católica de Filosofia – FAFI.

<sup>214</sup> AIREMORAES, Raimundo José. *Depoimento concedido a Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina 1998. p. 3.

havia uma escassez de material humano e de recursos dentro da instituição e as Comunidades Eclesiais de Base assumiam a pastoral local, principalmente, o trabalho de catequese.

As práticas dentro da própria instituição começam a acontecer: o bispo de Botucatu, Dom Henrique de Golland Trindade renunciou, sendo nomeado para seu lugar o Bispo de Bauru, mas quase dois terços do clero de Botucatu não aceitou a indicação, escreveram uma carta, em três vias, com uma exposição de motivos, uma via foi encaminhada ao Núncio Apostólico, outra para o presidente da CNBB, e outra para o Vigário Capitular (substituto temporário do Bispo). Na entrevista em que Dom Avelar é interrogado sobre essa questão, ele diz:

Depois do Concílio Vaticano II, com tamanhas aberturas de horizontes e que pôs em relevo a figura do presbítero, com a criação dos chamados Conselhos Paroquiais que são conselhos formados pelos próprios presbíteros para ajudarem o Bispo no governo, inclusive da própria diocese, já os sacerdotes se julgaram como que aptos a externar o seu pensamento em tempo oportuno. Assim eu dou essa interpretação do fato.<sup>215</sup>

Aqui há duas novidades trazidas pelo Concílio, segundo Dom Avelar, a criação dos Conselhos Paróquias que vão trazer o sacerdote para trabalhar ao lado do Bispo dando voz aos padres, que, apesar de fazerem o voto de obediência ao chefe da Igreja local no momento de sua ordenação sacerdotal, o Bispo, vão poder dizer, de forma coletiva, um não a uma pessoa indicada pela Santa Sé.

Diante dessas transformações uma pergunta pode ser feita: o Concílio Vaticano II atingiu o objetivo idealizado pelo Papa João XXIII, o *aggiornamento*?

A um amigo que lhe perguntava o que esperava do Concílio, respondeu, um dia, João XXIII: 'Não sei exatamente.' E levando o amigo até a janela do seu aposento, abriu-a e disse: - Pelo menos, um pouco de ar fresco!<sup>216</sup>

<sup>215</sup> DOM AVELAR concedeu entrevista coletiva à imprensa. Jornal *O Dominical*, Teresina, ano XXXIII, 11 jul 1968 n° 46/68. p. 03.

<sup>216</sup> ROCHA, Marcos; WOLF, José e CASTILHO, Carlos. A Igreja está precisando de uma reforma? *Fatos e Fotos*. Brasília: ano VIII, 26 dez 1968, n° 412 p. 8-17.

Esse episódio, se aconteceu ou não, serve para ilustrar como o Papa João XXIII sentia a Igreja Católica da segunda metade do século XX. Uma Igreja que cheirava ao século XV, ao Concílio de Trento. Uma Igreja da Idade Média cheirando a mofo, e o *aggiornamento* seria a entrada de novos ares, idéias, práticas que inserisse a Igreja em sua época.

Para uma resposta que atenda aquela perspectiva do Papa essa janela deverá ficar sempre aberta, para que essa renovação de ar seja contínua. Aquele encontro foi rotulado de “O Concílio da Transição”, porque ele esteve e estará sempre em contínua atualização, pois a Igreja Católica terá, através dos Sínodos e das Conferências regionalizadas, instrumentos para fazer essa adequação contínua à realidade em que está inserida e entender e dialogar com a modernização da sociedade. O Sínodo dos Bispos foi criado pelo Papa Paulo VI, em 1965, “como um órgão consultivo e de colaboração”<sup>217</sup>. Na América, a Igreja manterá e utilizará como instrumento de adequação a Conferência Episcopal Latino-Americana e Caribe – CELAM, no Brasil continuará a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB (1952), no Nordeste brasileiro, também, permanecerá dividido, e ao mesmo tempo junto, o Piauí continua, assim, fazendo parte do Regional Nordeste I.

Quanto à participação do episcopado brasileiro, foi sentida a ausência deles nos conselhos de presidência, nos secretariados, nas comissões de coordenação, nos colégios dos moderadores, nos tribunais de assuntos extraordinários, nas secretarias-gerais das comissões conciliares. Como foi nula a presença de brasileiros entre os observadores de outras igrejas, o Brasil chega a participar de forma modesta em termos de intervenções nas comissões, “dez ao todo, num universo de mais de três centenas”<sup>218</sup>. O aspecto positivo foi a participação numérica com um grau de articulação e coesão “graças à estrutura e método do trabalho da CNBB”<sup>219</sup>. Então, apesar da participação dos bispos brasileiros ter sido fraca nos cargos de coordenações e comando, a repercussão do Concílio, para o Brasil e para a América Latina, foi

---

<sup>217</sup> MATOS, Henrique Cristiano José. *Introdução à história da igreja*. 5. ed. Belo Horizonte: O Lutador, 1997. 2. v. p. 347

<sup>218</sup> BEOZZO, José Oscar. Presença e atuação dos brasileiros no Vaticano II. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. e BOMBONATTO, Veras Ivanise. (orgs). *Concílio Vaticano II: análises e prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 159.

<sup>219</sup> *Ibid*, id.

muito importante para processar mudanças no caminho de atender a intenção do Papa João XXIII, o *aggiornamento*.

O Vaticano II era um evento europeu, dominado por bispos e teólogos europeus e dirigido principalmente à Igreja européia. Curiosamente, no entanto, as reformas do Concílio conduziram a mudanças que foram mais significativas em alguns países da América Latina do que na própria Europa. Maior participação dos leigos, justiça social, maior sentido de comunidade, maior co-responsabilidade de dentro da Igreja e relações de maior proximidade entre o clero e o povo exigiam na América Latina mudança maior do que na Europa. [...], a fragilidade da Igreja era patente. Igualmente evidentes eram as escandalosas injustiças sociais. As terríveis condições de vida dos pobres, a crescente riqueza das elites, a discriminação social contra os pobres e a repressão dos movimentos populares tornou mais difícil o apoio eclesiástico ao sistema vigente<sup>220</sup>.

O que podemos concluir é que a Igreja Católica deixa de ser uma cópia das Igrejas européias, e a respeitar as particularidades culturais em que está inserida. Nessa busca veremos que o primeiro passo foi dado quando o CELAM procurou realizar a II Conferência Episcopal Latino-americana, em Medellín na Colômbia em 1968. Na época, era presidente do CELAM, Dom Avelar Brandão Vilela arcebispo de Teresina, como mostraremos no tópico seguinte.

#### 2.4 Dom Avelar preside Medellín: a Igreja enfrenta os novos desafios para evangelização da América Latina.

Após o Concílio Vaticano II, talvez, a maior preocupação dos bispos era como transmitir aos seus diocesanos as decisões e orientações do Concílio. E cremos que outra questão que poderia estar afligindo suas mentes era como adequar as antigas práticas às novas sem que com isso houvesse um choque cultural, que poderia levar a um rompimento entre os fiéis e a Igreja Católica.

---

<sup>220</sup> MAINWARING, S. *Op. Cit.* 2004. p. 63.

Como estava estruturada a Igreja Católica na América Latina e no Brasil? Só procurando entender a estrutura da época, poderemos compreender os passos que os bispos deram na concretização da tarefa de fazer chegar aos fiéis as decisões conciliares.

No Brasil, Dom Sebastião Leme (1930-1944), o segundo cardeal do Brasil e o único da América Latina, procura conduzir a Igreja Católica numa reconquista do espaço perdido. Ao criar o Centro Dom Vital e a Universidade Católica do Rio de Janeiro, procura marcar a presença da Igreja entre os intelectuais. Estimula a realização de Congressos Eucarísticos e tenta comparecer ao maior número possível, sempre acompanhado de peregrinos de sua Arquidiocese. Incentiva a criação da Liga Eleitoral Católica – LEC para esclarecer a população votante sobre a importância do voto, ao mesmo tempo, que procurava incentivar que católicos se candidatassem para através da criação de leis cristãs, a Igreja conquistasse o espaço perdido.

Dentro da Igreja Católica, foi Dom Sebastião Leme que recebeu das mãos de Pio XI a incumbência de implantar e coordenar a Ação Católica, implantada em 1939, através de um Concílio Nacional, autorizado pelo Papa Pio XI, no qual é entregue a presidência, a Dom Sebastião Leme.

Um dos grandes colaboradores do Cardeal Leme vai ser um padre cearense, Hélder Câmara, que, a pedido do Arcebispo, passa a exercer funções, no Ministério da Educação, na década de 1940, mas por solicitação do próprio sacerdote, este deixa essas funções burocráticas e passa a se dedicar ao sacerdócio, começando a se envolver com a Ação Católica Brasileira – ACB. Após a morte do Cardeal Leme, assume a Arquidiocese do Rio de Janeiro, Dom Jaime, que entrega a coordenação do apostolado dos leigos e a ação social ao padre Hélder Câmara. Por estar à frente desses movimentos, na capital do país e na Arquidiocese que coordenava a política da Igreja Católica no Brasil, começa a sentir a necessidade de uma unidade nos trabalhos dos bispos, nesse sentido, no início da década de 1950, realizaria dois encontros regionais: o primeiro com os bispos da Amazônia e o outro encontro com os bispos do Vale do São Francisco.

Em 1952, em nome da Ação Católica Brasileira, Monsenhor Hélder Câmara, convoca os bispos do Brasil para uma reunião cuja pauta contava com cinco itens:

*Clero* – (...) reduzidíssimos, os seminários mal conseguem cobrir os claros (...) Vital para o Brasil e Apostolado Leigo.

*Comunismo* – (...) sem desconhecer a necessidade de alerta, parece-nos que a maneira eficiente e quase única de combater o comunismo e, de um lado, criar para todos uma situação econômica razoável e humana e, de outro lado, firmar tanto nos operários como nos patrões o autêntico espírito cristão.

*Heresias* – É indiscutível que em país de ignorância religiosa, como nosso, nada como o esforço positivo de formação cristã no meio rural, no meio operário, no meio estudantil, no meio independente, no meio universitário. Trabalhar, pois, dentro do esquema que estamos sugerindo é atacar na fonte o espiritismo e o protestantismo.

*Catequese* – (...) catequese não é só feita no catecismo paroquial ou nas escolas. Vários ramos da ACB, por sua presença nos vários meios, todos a seu modo 'estão fazendo catequese'.

*Reforma agrária* – (...) a grande propriedade agrária deixa de cumprir sua função social cada vez que leva a um monopólio rígido, em proveito de um pequeno número, à utilização insuficiente da capacidade de produção do solo ou a formas de pauperismo devidas à exploração do trabalho, ou a uma pressão demográfica que conduz a uma forte valorização da terra.<sup>221</sup>

O documento sofreu poucas alterações, a grande novidade foi o despertar, nos bispos, da necessidade de criar um órgão que coordenasse os trabalhos pastorais no Brasil. O que vai acontecer em 14 de outubro de 1952, em outra reunião convocada pela ACB, a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB.<sup>222</sup> Com o aval do Núncio Apostólico, Dom Carlo Chiarlo (1946-1954), e inicialmente tendo direito a voz e a voto apenas os arcebispos, o que foi alterado, em 1954, estendendo esse direito a todos os bispos brasileiros, foram escolhidos como primeira diretoria o Cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, Arcebispo de São Paulo, para presidente, e para secretário geral, o então Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro, Dom Hélder Câmara, escolhido por aclamação<sup>223</sup>. No ano de 1954, e por

<sup>221</sup> Revista do Assistente Eclesiástico, 1952, p. 07-19, *apud* BANDEIRA, Marina. *A igreja católica na virada da questão social (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Vozes: Educam, 2000. p. 221-222.

<sup>222</sup> Sobre a CNBB vê: [www.cnbb.org.br](http://www.cnbb.org.br) acessado em 3 de jun de 2007.

<sup>223</sup> Sobre a criação da CNBB Cf: BANDEIRA, M. *Op. Cit.* 2000. p. 220-226.

inspiração da criação da CNBB, é fundada a Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB.<sup>224</sup>

Em 1955, prepara-se, no Rio de Janeiro, a realização de um Congresso Eucarístico Internacional e por interesse de Dom Antônio Samoré, o secretário da Sagrada Congregação dos Negócios Extraordinários da Santa Sé. Conhecedor da experiência da CNBB, à época que foi Núncio Apostólico da Colômbia, Dom Antônio Samoré, começa a manter contato com Dom Hélder Câmara, para que se realizasse logo após o Congresso, a I Assembléia Geral do Episcopado da América Latina, que vai contar com apoio do Papa Pio XII (1939-1958) através de uma mensagem que trata da insuficiência do clero na América Latina, as heresias e o comunismo<sup>225</sup>. Naquela Assembléia, os bispos aprovam a criação do Conselho Episcopal Latino Americano – CELAM, e escolhem Bogotá como sede da nova entidade, tendo a aprovação pontifícia em 2 de novembro de 1955.<sup>226</sup>

Depois de apresentar como estava estruturada a Igreja Católica no Brasil e na América Latina com a CNBB, a CRB e o CELAM, retomamos, neste capítulo, a preocupação dos bispos sobre como trazer as mensagens do Concílio Vaticano II para os países da América Latina e se fazerem compreender nas variadas culturas latinas. No caso específico dos bispos da América Latina, o Conselho Episcopal da América Latina – CELAM passa a manter reuniões em Roma no período conciliar<sup>227</sup>, e naquele momento eles começam a discutir as possibilidades da aplicação dessas novas normas que surgiam no Concílio.

Sugerida pelo CELAM ao Santo Padre, como necessidade que se impunha, em face de tantas interpretações novas dadas ao Concílio e aos próprios rumos da Igreja, foi não somente aprovada por Paulo VI, mas, por ele assumida, pois, o Regulamento da Conferência diz que ele seria o Presidente

---

<sup>224</sup> Sobre a Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB Cf: BANDEIRA, Marina. *A igreja católica na virada da questão social (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Vozes: Educam, 2000. p. 221-222.

<sup>225</sup> Sobre a criação do CELAM CF: BANDEIRA, M. *Op. Cit.* 2000. p. 226-228.

<sup>226</sup> Sobre o CELAM vê: [www.celam.org](http://www.celam.org), acessado em 3 jun 2007.

<sup>227</sup> II CONFERÊNCIA Geral do Episcopado Latino-Americano. Assessoria de Imprensa da CNBB, [www.noticias.cancaonovca.com](http://www.noticias.cancaonovca.com) acessado em 18 jan 2008.

nato da mesma, devendo receber o resultado dos estudos antes de sua publicação oficial<sup>228</sup>.

A CNBB, também, durante o Concílio teve reuniões, em Roma, para debater os temas conciliares, bem como para discutir assuntos internos, e em uma daquelas reuniões para decidirem assuntos administrativos, Dom Avelar Brandão Vilela foi escolhido como delegado da CNBB junto ao CELAM.



Fotografia 20  
Jornal O Dominical, Teresina, ano XXX, 28  
nov 1965 n° 47/65 p. 01

Naquele período, Dom Avelar assumiu o CELAM e foi eleito vice-presidente, sendo presidente Dom Manuel Larraín Errázuriz, Bispo da Diocese de Talca, no Chile. Em 1966, o CELAM, através do seu presidente, propõe ao Papa Paulo VI que convoque a II Conferência do Episcopado Latino Americano. O papa aprovou a idéia, convoca, e o encontro aconteceu com o tema *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio Vaticano II*, na cidade de Medellín, de 26 de agosto a 6 de setembro de 1968. No dia 22 de junho de 1966, morreu em um acidente automobilístico, Dom

<sup>228</sup> PALESTRA proferida por Dom Avelar na AL. Teresina, ano XXXIII, 06 out 1968 n° 64/68 p. 01

Manuel Larraín Errázuriz<sup>229</sup>, assumindo a presidência Dom Avelar Brandão Vilela.

A Conferência foi inaugurada pelo Papa Paulo VI, na catedral de Bogotá, no dia 24 de agosto de 1968, na época realizava-se naquela cidade o XXXIX Congresso Eucarístico Internacional. Participaram da Conferência 86 bispos, 6 cardeais, 70 sacerdotes e religiosos, 06 religiosas, 19 leigos, 9 observadores não católicos, no total de 137 bispos, com direito a voto e 112 delegados. Os trabalhos foram presididos, com legado pontifício, pelo cardeal Antonio Samoré, que era presidente da Comissão Pontifícia para a América Latina e por Dom Avelar Brandão Vilela.



Fotografia 21

Dom Avelar na ocasião do discurso inaugural da II Conferência Episcopal Latino Americana proferido pelo papa Paulo VI, na catedral de Bogotá, Colômbia, em 24 de agosto de 1968.

Fonte: [www.paxtv.org](http://www.paxtv.org), acessado em 03 fev 2008.

O processo de organização da II Conferência de Medellín seguiu a uma sistemática diferente do Concílio Vaticano II. Primeiro foi elaborado um documento por intelectuais, o qual foi entregue às Conferências Nacionais, que, depois, distribuíram cópias às suas regionais, caso existissem. Depois, as Conferências Nacionais responderiam com um documento. Vários foram os temas propostos e distribuídos em três grandes temas, como: 1) Promoção Humana; 2) Evangelização e crescimento na fé; 3) Igreja visível e suas

---

<sup>229</sup> Sobre a trajetória de vida de Dom Manuel Larraín Errázuriz vê: [www.diocesisdetalca.cl](http://www.diocesisdetalca.cl)

estruturas. Após os debates, a II Conferência Episcopal da América Latina produziu dezesseis documentos que, também, foram distribuídos em três grandes temas: I – Justiça, Paz, Família, Demografia, Educação, Juventude; II – Pastoral popular, Pastoral de elites; Catequese; III – Movimentos de Leigos, Sacerdotes, Religiosos, Formação do Clero, Pobreza da Igreja, Pastoral de Conjunto, Meios de Comunicação.

Em uma entrevista coletiva, aos jornais do Piauí, Dom Avelar fala como se processou a preparação da II Conferência de Medellín:

Na preparação para esta Conferência, coube ao CELAM promover uma reunião de peritos. Quarenta peritos foram convocados de vários pontos da América Latina. Peritos em Sociologia, peritos em Teologia, peritos em Pastoral, em economia também, para elaborarem um documento básico preliminar. Este documento básico preliminar saiu a lume em janeiro passado [1968] quando eu fui a Bogotá presidir a essa sessão. A finalidade desse documento preliminar: ser enviado todas as Conferências Episcopais da América Latina, para que recebesse sugestões, observações, enriquecimentos etc. Deu-se um prazo para que as Conferências respondessem nossa pergunta. Isto é, até fins de maio as Conferências Episcopais – deveriam apresentar os seus estudos, as suas observações, porque a nossa reunião seria na primeira semana de junho, como de fato aconteceu. Chegando ao Brasil o documento preliminar foi espalhado para todas as partes do País, para todas as [13] sedes de regiões<sup>230</sup>.

O processo de construção da II Conferência de Medellín evidencia, em um primeiro momento, uma tranquilidade, mas, no Brasil, algumas vezes soaram dissonantes em relação ao documento final da CNBB, entre essas vozes, encontra-se a do padre belga Comblim, como admite Dom Avelar em outro trecho da entrevista:

[...] em Recife se constituiu um grupo de trabalho, um grupo de estudos de que fez parte o padre COMBLIN. Este trabalho elaborado pelo padre COMBLIN foi também feito ao lado de outros especialistas, de modo que de Recife saíram mais ou menos quatro documentos, que foram enviados para a CNBB, isto é, para a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, para que o secretariado Geral, recebendo das várias partes do Brasil todos os documentos, pudesse organizar um documento único, que seria a contribuição do Brasil para essa reunião da

<sup>230</sup> DOM AVELAR concedeu entrevista coletiva à imprensa. *Jornal O Dominical*. Teresina: ano XXXIII, 11 jul 1968, n° 46/68. p. 01, 03 e 05.

primeira semana de junho em Bogotá. O documento do Padre COMBLIN não havia sido concluído, segundo ele próprio declarou posteriormente. Não havia concluído, porque estava ainda em rascunho, quando foi mimeografado, num determinado momento e espalhado para todo Brasil, sem ser oficialmente – essas coisas que andam de mão em mão e chegam a todas as partes do mundo. Assim apareceu o documento do padre COMBLIN. Uns viram nele logo uma coisa incrível; outros ficaram alarmados, outros bateram palmas ao documento do padre COMBLIN. Mas se vocês me perguntam qual é a relação desse documento com a Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino Americano, eu digo que não há nenhuma vinculação essencial entre uma coisa e outra. Foi um documento feito por um sacerdote que merece respeito no seu ponto de vista, na sua opinião.<sup>231</sup>

Dom Avelar admitiu a existência do documento do padre Comblin, sabendo até a forma como foi divulgado, ou seja, mimeografado. Em outro momento, disse não conhecer o documento oficialmente, pois para ele como presidente do CELAM e organizador da Conferência, só interessa ouvir a voz da CNBB, por ser o órgão legitimado pelos bispos, para elaborar uma proposta do episcopado brasileiro.

O documento não foi recebido por mim, como documento da CNBB, para Medellín. Eu, como presidente do CELAM e encarregado da organização da Segunda Conferência, não recebi oficialmente o documento como contribuição do Brasil, para a Conferência de Medellín. Por consequência, ele apenas correu de mão em mão, foi publicado, fizeram um barulho muito grande, mas, devo repetir, não foi recebido oficialmente. Se fosse recebido seria estudado convenientemente e julgado segundo o critério da maioria. É o que eu posso dizer em termos de apresentação do fato.<sup>232</sup>

As declarações do padre Joseph Comblin, professor do Instituto Teológico do Recife, não ficou restrito aos meios eclesiástico, os jornais e revistas mostraram de forma enfática. No jornal *O Globo*, na sua coluna, Nelson Rodrigues comenta: “Um padre belga publicou um documento que prega a revolução violenta na América Latina. Pior ainda diz: ‘que a Igreja deve sujar as mãos em alianças sujas’”.<sup>233</sup>

<sup>231</sup> DOM AVELAR concedeu entrevista coletiva à imprensa. Jornal *O Dominical*. Teresina: ano XXXIII, 11 jul 1968, n° 46/68. p. 01, 03 e 05.

<sup>232</sup> Ibid, Id.

<sup>233</sup> RODRIGUES, Nelson. Jornal *O Globo* *apud* QUE DISSE o padre belga? *Revista Visão*. São Paulo: 05 jul 1968, v. 33, n° 1, p. 62.

As declarações ultrapassam os escritos do padre Comblin e atingem a sua pessoa, como é o caso do Deputado Federal Carvalho Neto, que o chamou de “um padre sujo”<sup>234</sup>, mas havia os que o defendiam como frei Luís Bertrand Gorgulho, teólogo dominicano, que via: “não só um dos maiores teólogos do Brasil, mas incontestavelmente um dos maiores da atualidade”<sup>235</sup>.

Alguns trechos das declarações do padre Comblin foram transcritas pela revista *Visão* retiradas do jornal *O Estado de São Paulo*, que, à época, publicou o documento na íntegra.

A primeira parte do documento traça um quadro da situação histórica latino-americana, constatando (sic) que ‘as nações latino-americanas não são nações em via de desenvolvimento. São nações em que um setor está em desenvolvimento, o outro setor permanece fora até das cogitações’. Depois de analisar as condições específicas da América Latina (para ele, esse específico é o fato de construir uma sociedade altamente aristocrática), o Padre Comblin conclui que ‘o sistema político mais conveniente será o que for mais eficaz, dada a herança cultural da nação’.

Em seguida, o documento passa em revista a atuação da Igreja, que, segundo o teólogo, ‘ainda permanece em grande parte solidária do subdesenvolvimento e, de modo particular, daquela forma de subdesenvolvimento que resulta do passado americano’.

Após afastar, como impraticáveis, as soluções propostas por Guevara e Régis Debray (a doutrina dos focos insurrecionais), embora ele ache errôneo pensar que ‘a Igreja ou a moral condenem ações de forças para conquistar o poder’, o professor belga chega ao ponto mais controvertido de sua tese que é o seguinte:

‘Em que está a Igreja implicada no problema da conquista do poder? Primeiro ela afastou muitos cristãos da vocação política, exaltando demais as virtudes domésticas. Hoje em dia precisamos voltar a certas posições tradicionais sobre a primazia do serviço político: a função política (verdadeira é o maior serviço da Terra). De fato, constata-se que os melhores elementos se mantêm afastados da política. A Igreja na chama a atenção dos cristãos nem denuncia o abstencionismo dos melhores. A vocação política é a mais. Ora, muitos acham que essa vocação é suja, e não querem sujar as mãos. Permanecem puros, mas ficam em casa. Sabe-se que o casamento é o túmulo dos revolucionários. Ora, muitos parecem alegrar-se com isso’.

Suscitar vocações políticas verdadeiras, para suscitar grupos resolvidos a tentar a conquista do poder. Não bastará a boa

<sup>234</sup> Trecho do discurso do deputado federal Carvalho Neto na Câmara *apud* QUE DISSE o padre belga? Revista *Visão*. São Paulo: 05 jul 1968, v. 33, n° 1, p. 62.

<sup>235</sup> QUE DISSE o padre belga? Revista *Visão*. São Paulo: 05 jul 1968, v. 33, n° 1, p. 62.

consonância. Será necessário estudar os meios próprios da ciência e da arte da conquista do poder. Será necessário estudar a estratégia e a tática. Será necessário fazer alianças, entrar em compromissos, sujar as mãos pelas alianças sujas'.<sup>236</sup>

Embora Dom Avelar fale em documento inacabado, a revista *Visão* não demonstra isso, pelo contrário, mostra um intelectual, teólogo, católico, que sabe se posicionar. O que chocou alguns bispos e padres foi o fato de chamar a Igreja para participar do processo transformador, ingressando na política, pois, segundo o padre Comblin, esse seria o caminho. Apesar de condenar o modelo de Guevara e Régis Débray<sup>237</sup>, ele não acha errado o uso da força para conquistar o poder, indo além, ao admitir que, para entrar no processo transformador através da política, a Igreja deveria fazer alianças sujas. Parece incitar o uso da violência, mesmo quando classifica de “impraticáveis as soluções propostas por Guevara e Régis Debray”, e a revolução cubana, ao tempo que admite a Igreja entrar na sujeira, aceita sujar as mãos. Contudo, desde o Cardeal Leme, que a orientação era contrária. Seria a hora de rever esta posição?

Os debates que antecederam não foram tranquilos, mesmo no campo institucional, já que da regional nordestina, que se reuniu em Recife, saíram quatro versões, entre elas estava a de Dom Hélder Câmara, que, de forma diferente do padre Comblin, usou o processo colocado pelo CELAM, e diante disso Dom Avelar, na mesma entrevista coletiva que aborda o assunto do padre Comblin, fala sobre o posicionamento de Dom Hélder Câmara.

Em se tratando da personalidade de um arcebispo, fosse quem fosse, do mais alto ao mais simples, eu não iria absolutamente fazer aqui um julgamento sobre as suas atividades. Quanto a Dom Hélder, posso dizer que é um homem que está lutando, é um homem que está dando a sua contribuição, segundo os ditames da sua consciência, de modo que, já por isso, ele merece todo o respeito e merece maior consideração, desde quando não é uma criança, é um adulto formado, um homem

---

<sup>236</sup> Ibid, Id.

<sup>237</sup> Régis Debray é escritor, filósofo e ex-guerrilheiro foi companheiro de Che Guevara. Foi o primeiro presidente do *Institut européen en sciences des religions* e membro da Comissão Stasi, que deu origem às leis francesas sobre secularização e ostentação de símbolos religiosos nas escolas, em 2003. Cf: [www.pimentanegra.blogspot.com](http://www.pimentanegra.blogspot.com) acessado em 8 de jan 2008.

lido, um homem capaz de assumir as responsabilidades de todos os seus atos.<sup>238</sup>

Percebemos que, além dos problemas que existem para organizar uma reunião de tamanho porte, as divergências de opiniões foram os problemas que tiveram maior repercussão na mídia da época. A revista *Visão* com muita ênfase, uma reportagem de capa, mostrou aquela situação de inquietação, uma Igreja esfacelada, com o título “Paulo VI e as duas posições da Igreja no Brasil”, mas, dentro da revista, no corpo da reportagem o subtítulo é: “Duas posições e outras”.



Fotografia 22  
Capa da Revista Visão, São Paulo: vol. 33,  
16 de agosto de 1968, n° 04.  
Fonte: Biblioteca Central de Fortaleza

Além dessa revista, também a revista *Manchete* e, ainda, jornais de circulação nacional, apontam que a Igreja Católica do Brasil, representada pela CNBB, não tinha um pensamento uniforme, mostrando uma multiplicidade de idéias e práticas entre as Igrejas Regionais, as Dioceses. Nesta perspectiva,

<sup>238</sup> DOM AVELAR concedeu entrevista coletiva à imprensa. Jornal *O Dominical*. Teresina: ano XXXIII, 11 jul 1968, n° 46/68. p. 01, 03 e 05.

estendendo para um continente grande, como a América Latina, cremos também, possuir uma multiplicidade de idéias e práticas. Foi essa visão que levou o Papa Paulo VI a proferir um discurso de abertura, em que procurou mostrar a sua autoridade enquanto chefe da Igreja Católica, ao mesmo tempo em que tentou ser hábil com as palavras, para não contrariar as mais diversas correntes de pensamento e práticas existentes na II Conferência de Medellín.

Na Colômbia, o Santo Padre deverá divulgar três documentos de fundo. O primeiro referente à fé católica e os dois outros sobre a doutrina social da Igreja e o dever dos católicos em face das crises do mundo moderno. Esses documentos e as teses elaboradas pelos bispos da América Latina e submetidos (sic) a debate em Medellín nortearão a ação da Igreja nos anos próximos em favor do desenvolvimento social, econômico e religioso das nações latino-americanas. Os documentos dos bispos revelaram, no entanto, uma divisão impossível de dissimular na mentalidade do clero desta parte do continente. Existe uma luta declarada entre elementos progressistas, impacientes por imediatas reformas, e elementos conservadores, para os quais certas audácias são sinônimos de subversão. Sua Santidade precisará usar de uma grande autoridade e não menor habilidade para impedir que se aprofunde tal cisão, contendo os excessos recíprocos e as mútuas acusações dos dois grupos. Ao presidir a reunião do Conselho Episcopal Latino-Americano, Sua Santidade, segundo opinam importantes figuras da hierarquia do Vaticano, vai deixar bem claro o que pensa sobre a posição que levam a manter bispos e sacerdotes, a fim de cumprir as decisões do recente Concílio Ecumênico e de aproximar a Igreja do povo.<sup>239</sup>

Para entender a classificação dada aos bispos do Brasil, é mister observar o que dizia a imprensa. A revista *Visão* adjetiva desta forma a delegação brasileira escolhida para Medellín:

É a seguinte a composição da delegação: Dom Agnelo Rossi (juridicista-moderado), Dom Vicente Sherer (juridicista-moderado), Dom Alberto Gaudêncio Ramos (conservador), Dom José Newton (pastoralista-moderado), Dom Fernando Gomes (pastoralista-moderado), Dom José Maria Pires (progressista), Dom Hélder Câmara (progressista) e Dom Geraldo Penido (juridicista-moderado).<sup>240</sup>

<sup>239</sup> PAULO VI na América Latina: a mensagem de fé do Vaticano. Revista *Manchete*. Rio de Janeiro: ano 16, 31 ago 1968. p. 04-09.

<sup>240</sup> IGREJA – Brasil – América Latina. Revista *Visão*. São Paulo: 16 ago 1968. vol. 33, n° 04. p. 50.

Para Marina Bandeira, a primeira vez que apareceram, dentro da CNBB, múltiplas vozes foi na VI Assembléia daquele órgão, em 1964, realizada no Vaticano, durante a terceira reunião do Concílio Vaticano II. Até aquele momento, não havia disputa, as eleições eram só para cumprir o estatuto, foram doze anos nos quais os bispos nordestinos estiveram à frente da entidade<sup>241</sup>. Como primeiro presidente (1952-1958) foi escolhido Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, Bispo do Maranhão (1935-1944), e de São Paulo (1944-1974); e como segundo presidente (1958-1964) Dom Jaime de Barros Câmara, que tinha sido Bispo de Mossoró (1936-1941), de Belém (1941-1943) e do Rio de Janeiro (1943-1971). Enquanto isso, no período de 1952 a 1964, a CNBB só teve um Secretário Geral, o sacerdote cearense, Dom Hélder Câmara, Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro (1952-1964), que, depois veio a ser Bispo de Olinda-Recife, até 1985. Depois, continuou como Bispo Emérito até sua morte, em 1999.

Surgira, no entanto, um fato novo e bem definido na vida da CNBB: uma oposição Com os *slogans* ‘abaixo os nordestinos’, chega de profetas’, precisamos de um administrador’, a oposição faz suas consultas, elabora sua chapa. Tem, de imediato, o apoio dos quarenta prelados da Amazônia (estrangeiros). Conta com numerosos votos por procuração. O uso de votos por procuração era prática, até então, pouco usual na CNBB, mesmo que, pelos estatutos em vigor na época, perfeitamente legal e legítima.

[...]

[...] as eleições da VI Assembléia marcam a derrota dos ‘nordestinos. Foram eleitos: para presidente da CNBB, Dom Agnelo Rossi [Bispo de Barra do Piraí (1956-1962), de Ribeirão Preto (1962-1964) e de São Paulo (1964-1970)]; secretário geral, Dom José Gonçalves da Costa [mineiro, Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro], pela diferença de um voto.<sup>242</sup>

Na entrevista coletiva, Dom Avelar, também foi interrogado sobre essa divisão na Igreja Católica do Brasil em “duas alas – uma tida como conservadora, muitas vezes chamada de reacionária e outra tida como avançada, ou esquerdista, respondeu”<sup>243</sup>:

<sup>241</sup> BANDEIRA, Marina. *A Igreja Católica na virada da questão social (1930-1964): anotações para uma histórias da Igreja no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes: Educam, 2000. p. 248-250

<sup>242</sup> Ibid, Id.

<sup>243</sup> DOM AVELAR concedeu entrevista coletiva à imprensa. Jornal *O Dominical*. Teresina: ano XXXIII, 11 jul 1968, n° 46/68. p. 01, 03 e 05.

Quem olha assim a Igreja num primeiro horizonte, pode ter a impressão de uma Igreja muito dividida, não só em duas alas, mas até em três ou quatro, conforme a maneira de cada qual a julgar as pessoas e as coisas e os acontecimentos.

[...]

Diante deste mundo, a Igreja realiza um Concílio, entrega a si mesma dezesseis documentos da mais variada categoria e espécie. E é em nome de tudo isto que se tem feito esta, digamos, dilaceração interna da Igreja, porque na interpretação desses documentos alguns podem ir muito lentamente, outros podem ir ou querer ir muito apressadamente, enquanto outros gostariam de ver o desdobramento realizar-se, sem saltos mortais, no mesmo tempo dentro de uma linha de progressão, mas sem dilacerações tão profundas.

[...]

[...] alguns mais idosos, mais difíceis, mais apegados humanamente às coisas dentro das quais formaram a sua estrutura mental, com a dificuldade imensa de se desprender daquilo, dentro do qual têm as suas raízes plantadas. Outros querendo correr demasiado na pista com o desejo de ser pioneiros, de ser profetas, de querer anunciar as coisas por antecipação. E outros querendo renovar, querendo que haja o curso de um desdobramento natural desse processo sem atropelamentos.<sup>244</sup>

Dom Avelar mostrou a sua classificação, mas não se posicionava, nem enquadrava nenhum dos citados, tampouco a si mesmo. Entendemos que, tanto na primeira como na segunda classificação, ele colocou dois extremos e uma situação central usando termos, como “sem saltos mortais, sem dilacerações” na primeira, e “renovar [...] sem atropelamentos”. Ao final ele se enquadra nessa situação central.

Em 1983 ele admitiu a existência de vários caminhos, dos quais a Igreja poderia até seguir alguns, tendo em vista o mundo ser dinâmico, lembrava, porém que a época do radicalismo havia passado.

Não há dúvida de que, dentro da Igreja, há grupos de reflexão que pensam seriamente na possibilidade de outras alternativas, além das fórmulas estritamente capitalistas. Até aí se entende que possam existir modalidades diversas de convivência humana. Que o mundo não é estático, mas dinâmico.

[...]

A igreja não deve ter nenhuma ala radical de esquerda! Mas se existir, estaria tão fora do lugar como o olho da órbita.

---

<sup>244</sup> DOM AVELAR concedeu entrevista coletiva à imprensa. *Jornal O Dominical*. Teresina: ano XXXIII, 11 jul 1968, n° 46/68. p. 01, 03 e 05

Já passou a época do anticomunismo acelerado. Agora, é preciso evitar-se que se torne moda irrecusável um anti-capitalismo desenfreado.<sup>245</sup>

Quanto à II Conferência Episcopal da América Latina, outros pontos são levantados, como relata Dom Cândido Padin, Bispo de Bauru:

O acontecimento Medellín foi o primeiro esforço da Igreja na América Latina de aplicar as orientações do Concílio Vaticano II à realidade deste continente. Foi a primeira vez que o episcopado da Igreja Católica de um continente inteiro assumiu o compromisso de organizar sua ação pastoral segundo um plano comum.<sup>246</sup>

Para Scott Mainwaring, as práticas, nem sempre, acompanham os documentos que são elaborados em Conferências, como a de Medellín. A CNBB, quando retornou ao Brasil, em 1968, vinda da Colômbia, com os documentos elaborados na II Conferência, a ditadura civil-militar, instalada desde 1964, estava entrando na sua fase mais cinzenta. Assim, cuidadosa, emite seus documentos de tal forma a não contrariar as forças que estão no poder.

Mesmo após Medellín, onde os leigos e bispos progressistas do Brasil desempenharam um papel essencial, a CNBB continuou emitindo documentos conservadores. No papel, apoiava a mudança social, mas evitava fazer críticas à repressão ou à política econômica.<sup>247</sup>

Após essas reflexões sobre a constituição histórica de uma das instituições mais antigas do Brasil, a Igreja Católica, com ênfase na década de 1960, destacando o 1º Congresso Eucarístico, o Concílio Vaticano II e a II Conferência Episcopal da América Latina voltamos aos pensamentos de H Dobal, que iniciam este capítulo, para fazermos a seguinte pergunta: seria

<sup>245</sup> VILELA, Avelar Brandão. *A prece que brota da vida*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1983.71-72.

<sup>246</sup> PADIN, Dom Cândido. Depoimento concedido a João Francisco Regis de Moraes. Itaiçi 1980. p. 01. In: MORAIS, João Francisco Regis de. *Os bispos e a política no Brasil: pensamento social da CNBB*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1982. p.40.

<sup>247</sup> MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 105.

Teresina uma cidade serena e calma na década de 1960? O olhar do escritor piauiense em um tom saudosista parece falar de uma cidade que reside em sua memória e não percebeu que, para além da sua memória, Teresina, através da Igreja Católica, com destaque em Dom Avelar Brandão, que na sua trajetória de vida passou por transformações, tensões e rupturas que tiraram a cidade do marasmo, onde até o tempo tinha poucas mudanças.

Na avaliação de *Servus Mariae* (Raimundo Caramuru de Barros):

Para que se possa avaliar este esforço de renovação, é preciso lembrar que ao longo deste período, na maioria das capelas e igrejas paroquiais do Brasil, os fiéis permaneciam em silêncio durante toda a celebração eucarística, da qual participava ativamente apenas o sacerdote, secundado por um coroinha. No máximo, entoavam-se alguns cânticos que não tinham, muitas vezes, nenhuma relação direta com o mistério pascal, que se celebrava na eucaristia. A comunhão, para aqueles que a recebiam, constituía o único ato concreto de participação dos fiéis. A língua latina, por sua vez, não facilitava nenhum esforço participativo. [...] Em silêncio, o fiel podia, assim, acompanhar, de alguma maneira, o ato litúrgico a que buscava se unir.<sup>248</sup>

É esse o processo transformador da década de 1960 extravasado por Dom Avelar, no seu discurso na Assembléia Legislativa do Piauí, quando retorna de Medellín:

A América Latina está evidentemente de baixo do sinal da transformação e do desenvolvimento. Transformação que, além de produzir-se com rapidez extraordinária, chega a atingir todos os níveis do homem, do econômico ao religioso. Tudo isso indica que estamos nos umbrais de uma nova época da história de nosso continente. Época cheia de anseio de emancipação total de libertação de toda servidão, de madurez pessoal e de integração coletiva.<sup>249</sup>

Neste último trecho percebemos que o mundo político de Teresina se envolvia com as questões religiosas e, ao mesmo tempo, o mundo religioso estava preocupado com as questões econômicas, já que a transformação dita por Dom Avelar envolvia o lado econômico do ser humano. A Conferência de Medellín reconhece que o poder econômico na América Latina criou um

<sup>248</sup> MARIAE, *Servus* (Raimundo Caramuru de Barros). Para entender a Igreja no Brasil: a caminhada que culminou no Vaticano II (1930-1968). Petrópolis- RJ: Vozes, 1994. p. 48

<sup>249</sup> PALESTRA proferida por Dom Avelar na AL. Jornal *O Dominical*. Teresina. ano XXXIII, 06 out 1968 n° 64/68. p. 01 e 06.

sistema de dominação que chamou de “pobreza institucionalizada”<sup>250</sup>, com este olhar, o pobre é visto como um indivíduo dentro de uma coletividade.

Para Dom Avelar, devido a esta pobreza institucionalizada a Igreja Católica em Medellín fez sua opção preferencial pelos pobres, conforme ele define no trecho a seguir.

Para os cristãos, a *opção preferencial pelos pobres*, não sendo exclusiva, pela sua própria natureza, não precisa, para fins de evangelização, levantar barreiras necessariamente, mas destruir preconceitos a abrir caminho para melhores dias. Pode-se defender o direito dos pobres, que é sagrado, exigindo-se dos ricos o cumprimento de seus deveres, embora se saiba que essa pastoral é difícil, paciente e, às vezes, inoperante para certos grupos. Nessa perspectiva de luta pela justiça social há muito o que fazer e não se pode relegar o problema para as calendas gregas.<sup>251</sup>

Já que esta pobreza está institucionalizada e faz parte do processo de transformação do ser humano como um todo, e tendo a Igreja feito opção preferencial pelos pobres, como esta se posiciona no campo político? Esta é a pergunta sobre a qual o presente trabalho pretende refletir. É nosso intento perceber as trajetórias de Dom Avelar, durante os quinze anos que esteve à frente da Arquidiocese de Teresina, bem como seus posicionamentos, principalmente, quando traz para essa cidade as práticas sindicais, sobretudo o movimento ruralista. Buscamos, ainda, evidenciar qual o seu posicionamento ante o golpe civil-militar de 1964.

---

<sup>250</sup> MATOS, Henrique Cristiano José. *Introdução à história da igreja*. 5. ed. Belo Horizonte: O Lutador, 1997. 2. v. p. 354.

<sup>251</sup> VILELA, Dom A. B. *Op. Cit.* 1983. p. 119.

### 3 A ARQUIDIOCESE DE TERESINA E AS DISPUTAS POLÍTICAS



Fotografia 23

Palanque armado na avenida Frei Serafim para o desfile do 7 de setembro.  
1 Dom Avelar Brandão Vilela (Arcebispo de Teresina); 2 João Clímaco D'Almeida  
(Vice-Governador do Piauí 1963-1966); 3 Helvídio Nunes de Barros (Governador  
do Piauí 1963-1966); 4 Coronel Jofre do Rego Castelo Branco  
( Prefeito da Cidade de Teresina).

Fonte: Arquivo particular do padre Tony Batista.

Depois de 31 de março de 1964, podemos perceber em algumas fontes, adjetivos que foram atribuídos a Dom Avelar Brandão Vilela, como: comunista, esquerdista, moderado, conservador, progressista, jurisdicista, pastoralista, dentre outros. Ao analisar essas fontes, verificamos que esta adjetivação tinha grande influência do golpe civil-militar que ocorreu no Brasil naquele momento.

O golpe teve como uma de suas causas o medo dos militares de ser implantado no país um governo sindicalista, ou comunista nos moldes do que já havia acontecido em Cuba, na China, ou na U.R.S.S.. Nesse sentido, houve a necessidade de começar este capítulo fazendo um estudo daquele período, elegendo as disputas políticas e, paralelamente, a situação de Teresina e do Piauí, como objeto de análise, para uma compreensão da pluralidade do ser Dom Avelar Brandão Vilela.

Dentro dos estudos empreendidos, observamos que o embate contra o comunismo dentro da Igreja católica surgiu desde a Encíclica *Rerum Novarum*, escrita pelo Papa Leão XIII, em 1891, e que pode ser compreendido como o documento fundador do que se chama de Doutrina Social da Igreja. Desde então a Igreja Católica tem sido contundente em suas críticas aos modelos de regimes comunistas como se apresentaram em diversos países. Por este motivo, e percebendo que a Igreja durante as décadas de 1950 e 1960 assumiu novas posturas baseadas na sua aproximação com os fiéis, então para atender os objetivos deste trabalho, é necessário, compreender o discurso da Igreja, discurso este especialmente voltado para as questões políticas, e a sua repercussão no Piauí. Esta compreensão somente é possível através da figura de Dom Avelar. Finalizaremos este capítulo estudando o movimento sindical rural católico trazido por Dom Avelar para o Piauí.

Como havíamos comentado anteriormente, Dom Avelar Brandão Vilela recebeu diversos epítetos que remetem a sua personalidade de líder. Contudo, no Piauí do final da década de 1950 e início da década de 1960, um destes termos vai ter repercussões inesperadas sobre a sua missão eclesial: o de comunista. Um dos motivos que lhe rendeu essa adjetivação foi por ter sido ele o fundador do movimento sindicalista rural e por ter dado o seu apoio à reforma agrária. Suas ações no sentido de favorecer aos trabalhadores no campo desagradaram aos proprietários de terra do Piauí que viam na reforma agrária uma proposta social que se assemelhava ao comunismo, assim como,

também, estes proprietários percebiam nas atitudes daquele Arcebispo uma maneira de perder suas propriedades rurais, e perdendo as suas terras, conseqüentemente, perderiam seu status social e político, uma vez que a grande maioria de proprietário se encontrava nas fileiras da política partidárias. Nesse sentido, a interferência de forças externas no campo fazia com que os proprietários perdessem a sua força com os trabalhadores que habitavam as suas terras, uma vez que era de extrema importância os votos garimpados dos *moradores* daquelas propriedades, muito mais do que a renda vinda das terras, já que em sua maioria eram improdutivas ou de baixa produtividade.

### 3.1 Ecos do golpe de 1964 no Piauí

Voltaria a repetir-se a supremacia udenista na vitória da chapa udeno-petebista [UDN União Democrática Nacional – PTB Partido Trabalhista Brasileiro] de Francisco das Chagas Caldas Rodrigues em 3 de outubro de 1958 sobre o pessedista [PSD Partido Social Democrático] José Pires Gayoso de Almendra Freitas (Dedé Freitas) e, em 7 de outubro de 1962, na vitória da udeno-pessedista [UDN-PSD] de Petrônio Portella Nunes sobre o neotrabalhista Constantino Pereira de Sousa.

[...]

Uma cristalização do predomínio udenista em Teresina era tamanha que tais mudanças em nada alteraram a performance posterior do partido. A cidade continuou a ser uma autêntica cidadela udenista. De fato, a UDN fez o sucessor de João Mendes e venceu com maiorias esmagadoras nos dois pleitos seguintes, realizados antes da edição do AI-2, [Ato Institucional] de 1965, que extinguiu os partidos políticos, e do AI-3, de 1966, que suprimiu a eleição direta dos governadores e prefeitos das capitais: em 3 de outubro de 1958, quando elegeu o udenista Petrônio Portella Nunes contra o pessedista Antônio Chrysippo de Aguiar e, em 7 de outubro de 1962, quando Hugo Bastos, do PR [Partido Republicano] apoiado pela UDN, bateu todos os seus opositores reunidos: Iracema Santos Rocha da Silva, José de Arimathéa Tito Filho e Milton de Aguiar.<sup>252</sup>

Este mapa político mostra como Piauí e sua capital, Teresina, estavam sendo governados nos anos que antecederam o golpe civil-militar de 1964.

<sup>252</sup> BARROS, Jesualdo Cavalcanti. *Tempo de contar: o que vi e sofri nos idos de 1964*. Teresina: Gráfica do Povo, 2006. p. 104-105.

Esta cartografia política traçada por Jesualdo Cavalcanti, demonstra que o estado e a capital eram administrados pela UDN, de 1958-1962. Neste período o Estado do Piauí foi administrado pelo PTB mas era uma coligação com o partido dominante: a UDN. Era governador o petebista Chagas Rodrigues. À época de 1962-1966, a UDN coligada com o PSD foi sagrada pelas urnas o udenista Petrônio Portella. Na capital, a UDN marcava sua presença quando de 1958-1962, elegeu Petrônio Portella para prefeito e de 1962-1966 Hugo Bastos que era do PR, mas teve o apoio da UDN.

A cartografia política do Estado brasileiro não estava tão diferente do estado do Piauí. Em 1955, foram eleitos Juscelino Kubitschek de Oliveira para presidente da República, e João Belchior Marques Goulart para vice-presidente ambos apoiados pelo PSD e pelo PTB. Com as eleições de 1960 assumiram, a 31 de janeiro de 1961, Jânio da Silva Quadros apoiado pela UDN. Para vice-presidente foi reeleito João Goulart (Jango) que era candidato da chapa encabeçada pelo marechal Henrique Baptista Duffles Teixeira Lott.

O mapa político no âmbito do legislativo brasileiro, depois das eleições de 1960, que renovaram dois terços do Senado e a Câmara dos Deputados na sua totalidade ficou com seguinte perfil: embora o PTB tenha aumentado o seu número de cadeiras de maneira marcante, o predomínio continuava sendo da UDN e PSD, partidos que juntos tinham, em torno de 54% dos deputados da Câmara.

No plano geral, o primeiro close é o PTB, que nas eleições de 1962 ampliara sua bancada na Câmara de 66 (em 1958) para 116 Deputados. Assumia assim, o segundo lugar (29,8%) na preferência popular, a poucas cadeiras do líder PSD (30,3%) e mais distanciado da arqui-rival UDN (23,4%). Os trabalhistas consolidavam sua base urbana e evidenciavam maior penetração nos Estados menos desenvolvidos e também no interior.<sup>253</sup>

Naquela época, o Piauí possuía oito vagas na Câmara dos Deputados, sendo que a Coligação UDN/PSC/PDC ocupou cinco vagas com: Manoel de Sousa Santos, Heitor de Albuquerque Cavalcanti, Dyrno Jurandir Pires

---

<sup>253</sup> MORAES, Denis de. *A esquerda e o golpe de 64: vinte e cinco anos depois, as forças populares repensam seus mitos, sonhos e ilusões*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989. p. 62-63.

Ferreira, João de Moura Santos e Ezequias Gonçalves Costa. As outras três vagas ficariam com João Mendes Olímpio de Melo, Francisco das Chagas Caldas Rodrigues e o general Jacob Manoel Gayoso e Almendra pelo PTB<sup>254</sup>.

Como mostra a tabela abaixo, a Assembléia Legislativa do Piauí e a Câmara Municipal de Teresina ficaram, nas eleições de 1960 com um quadro político que tinha o seguinte desenho.

| Casa Parla-<br>mentar<br>Partidos<br>Políticos | Assembléia<br>Legislativa do Piauí   | Total | Câmara Municipal<br>de Teresina   | Total |
|--|--|-------|---|-------|
| União<br>Democrática<br>Nacional - UDN         | Helvídio Nunes de Barros, João Calisto Lobo, Roberto Couto Raulino, Djalma Martins Veloso, Nelson Moura Fé, Deusdedit de Albuquerque Cavalcanti, José Odon Maia Alencar, João Ribeiro de Carvalho, Benjamin Lustosa Nogueira de Araújo, Paulo da Silva Feraz, Waldemar de Castro Macedo, Wenceslau de Sampaio e José Raimundo Bona Medeiros.   | 13    | José da Costa e Silva, Otávio Joaquim Braga, Raimundo Vieira e Silva, Humberto Machado Coelho., | 04    |
| Partido Social<br>Democrático -<br>PSD         | Alfredo Alberto Leal Nunes, Humberto Reis da Silveira, Benoni Portela Leal, Sebastião Rocha Leal, Odilon Carvalho de Almendra Freitas, Antônio Manoel Gayoso de Almendra Castelo Branco, Wilson Parente da Rocha Martins e Edson Martins da Rocha.   | 08    | João Rodrigues de Azevedo Filho, Joel da Cunha.   | 02    |
| Partido<br>Trabalhista<br>Brasileiro - PTB     | Severo Maria Eulálio, José Alexandre Caldas Rodrigues, Pedro Borges da Silva Filho, Filadelfo de Castro, Manoel Nogueira Filho, Antônio Machado Melo, Caio Coelho Damasceno, Álvaro de Carvalho Melo, Antônio Barroso de Carvalho, Themístocles de Sampaio Pereira, Raimundo de Castro Paixão, Padre Sólon Correia de Aragão, João Ribeiro de Carvalho, David Paulo Alves, José Martins Nunes, e Deusdedit Mendes Ribeiro. | 16    | Álvaro Lebre, Jesualdo Cavalcanti Barros e Paulo Rubens Fontenele.                              | 03    |
| Partido<br>Democrata<br>Cristão - PDC          | Celso Barros Coelho  | 01    | Álvaro Monteiro da Cunha, Abizail Leôncio de Souza  | 02    |
| Coligação<br>PSP – PST –<br>PRP                | Pedro Portela, Aloísio de Araújo Costa, Tertuliano Sólon Brandão e Aluísio Soares Ribeiro  | 04    |   |       |

Fonte: BARROS, Jesualdo Cavalcanti. *Tempo de contar: o que vi e sofri nos idos de 1964*. Teresina: Gráfica do Povo, 2006. p. 169-170.

<sup>254</sup> BARROS, J. C. *Op. Cit.* 2006. p. 168.

Percebemos que o mapa desenhado no nível federal com relação ao executivo, com o presidente Jânio Quadros, da UDN, e no legislativo com a maioria da UDN e PSD se repete nos três níveis: federal, estadual (Piauí) e municipal (Teresina). Essa leitura se torna interessante para podemos analisar o golpe civil-militar de 1964. Os partidos UDN e PSD são, em sua maioria, representantes dos militares, dos empresários e das multinacionais<sup>255</sup>. Logo a renúncia de Jânio Quadros, e a posse do vice-presidente João Goulart, não foi uma simples troca de partido no poder, mas vai ter um significado marcante para os acontecimentos subseqüentes.

A renúncia de Jânio Quadros teve desdobramentos locais, pois o prefeito Petrônio Portella que era udenista e tinha o apoio do PSD, partidos que davam sustentação política ao Presidente da República, era candidato ao governo do Estado do Piauí, tendo como opositor o candidato do PTB Constantino Pereira, que era do mesmo partido do vice-presidente da República, o qual, após a renúncia do presidente, assumiria o governo do Estado brasileiro.

João Goulart, sucessor legal de Jânio e presidente do PTB, tomou posse na presidência da República, e Petrônio Portella sofreu terrível desgaste político e financeiro, pois muitos dos seus correligionários foram simplesmente exonerados das posições mais importantes do governo federal. Além disso, para atrapalhar ainda mais a sua administração e sua vida política, uma doença inesperada o obrigou a viajar para o Rio de Janeiro, onde se internou, entre novembro de 1961 a maio de 1962, lutando, bravamente, contra a morte.<sup>256</sup>

Na época, para o prefeito Petrônio Portella, que tinha pretensões políticas de vir a ser o próximo governador, a campanha eleitoral de 1962 teve seus prejuízos em decorrência dos fatos relacionados à renúncia de Jânio Quadros. Contudo, esses problemas se mostraram contornáveis, uma vez que seu intento político foi vitorioso, pois se elegeu governador do Estado na eleição em 1962.

Quando Jânio Quadros renunciou, o vice-presidente João Goulart se encontrava na China em missão oficial do governo brasileiro. Iniciava-se no Brasil uma reação aos militares e aos que comungavam com opinião de que o

---

<sup>255</sup> Era a denominação usada, em 1964, para identificar as empresas que operavam em vários países, e que possuíam sua sede fora do Brasil.

<sup>256</sup> KRUEL, Kenard. Djalma Veloso: o político e sua época. Teresina: Zodíaco, 2006. p. 289.

vice-presidente não deveria assumir o poder. Esse movimento foi denominado de Campanha da Legalidade e tinha como objetivo fazer cumprir a Constituição Federal fazendo com que João Goulart assumisse a presidência do país. Várias foram as manifestações de apoio a aquela campanha que foi liderada pelo Governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola.

Paralelamente a esses fatos, a Igreja Católica, diante da crise política de 1961, se posicionou ao lado dos que queriam a posse de João Goulart, então “encontra[va-se] o episcopado [brasileiro] unido em favor da legalidade”<sup>257</sup>.

Após a renúncia do Presidente Jânio Quadros, o veto dos ministros militares à posse do Vice-Presidente João Goulart fez o arcebispo de Brasília, Dom José Newton de Almeida Baptista, declarar-se ‘disposto a ir pessoalmente a Paris buscar o Sr. João Goulart e trazê-lo sob o manto da Igreja Católica’<sup>258</sup>.

Entretanto, mesmo com todo movimento de apoio a Campanha da Legalidade e a vitória no plebiscito sobre o retorno do presidencialismo, não foi suficiente para que o presidente João Goulart tivesse forças suficientes para conseguir apoios políticos necessários para dar andamento aos seus projetos e implantar algumas medidas de interesse do seu partido. A conspiração para tirá-lo do poder já estava organizada, e naqueles quase quinze meses de governo houve tempo suficiente para que os golpistas mobilizassem a opinião pública, segmentos da Igreja Católica e a classe média, no sentido de se colocarem a favor do golpe e dando-lhe a sustentação popular necessária para que este se concretizasse.

Diante da situação de instabilidade política que se alojava no Brasil, no dia 31 de março de 1964, após a destituição de João Goulart da Presidência da República, instalou-se como chefes do país uma junta composta pelos três ministros militares, Artur da Costa e Silva, do Exército; Correia de Melo, da Aeronáutica; e Augusto Rademaker, da Marinha, sendo depois escolhido para Presidente da República o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco.

Muitos foram os motivos que levaram o Exército brasileiro a tomar o poder estatal. A adoção daquela atitude pelos militares teve apoio de vários

---

<sup>257</sup> BANDEIRA, Marina. A Igreja Católica na virada da questão social (1930-1964): anotações para uma história da Igreja no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes Educam. 2000. p. 238.

<sup>258</sup> Ibid, Id.

seguimentos da sociedade civil e de parte da Igreja Católica. Muitas foram as variáveis, mas, o motivo último, o preponderante, foi a quebra da disciplina hierárquica dos militares pelos sargentos<sup>259</sup> e pelos marinheiros<sup>260</sup>.

Mas essa não era a única visão dos militares, quando se fala sobre o motivo que precipitou o golpe civil-militar de 1964. As opiniões que seguem trazem uma leitura mais ampla das causas que levaram os militares a tomarem aquela atitude.

Na preparação para o golpe de 64, todos os grupos eram unânimes em saber o que não queriam: não queriam uma república popular instalada no Brasil. Quanto ao que queriam, aí divergiam muito. Mesmo no interior de cada grupo havia grandes divergências. Uns queriam apenas afastar o governo, afastar Goulart e sua turma. Outros queriam instalar realmente um regime forte, ditatorial, que limpasse a sociedade e impedisse de uma vez por todas que o país voltasse àquele estado. Naquele tempo havia uma confusão tremenda, uma indisciplina muito grande. O principal motivo que unia todos os grupos conspiratórios, embora um desconfiando do outro, era afastar a hipótese do Brasil se transformar numa república sindicalista ou popular ou que seja. Isso era comum. Mas essas duas grandes correntes não tinham muito bom entrosamento. Ou aliás, não tinham quase nenhum. Eu era um dos poucos que gozava da possibilidade de trânsito num grupo e no outro.<sup>261</sup>

As razões são várias e todas oriundas do governo federal da época: anarquia, corrupção desbragada. Parece que a

<sup>259</sup> Eclode a revolta dos sargentos, [em 12 de setembro de 1963]. Centenas de sargentos, fuzileiros navais e soldados da Aeronáutica e da Marinha ocupam, durante a madrugada, importantes centros administrativos de Brasília. O motivo da revolta foi a recusa do Supremo Tribunal Federal em reconhecer a elegibilidade dos sargentos para o Legislativo. João Goulart procura manter atitude de neutralidade, recusando-se a atacar ou defender os rebeldes. Vê: D'ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio Ary Dillon; CASTRO, Celso. (orgs) *Visões do golpe: a memória militar de 1964*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p.26.

<sup>260</sup> Um grupo de marinheiros e fuzileiros navais, liderados pelo cabo Anselmo dos Santos, contrariando proibição do Ministério da Marinha, comparece a reunião [em 25 de março de 1964] no Sindicato dos Metalúrgicos no Rio, comemorativa do segundo aniversário da Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais, entidade considerada ilegal, criada para reivindicar e defender os direitos da categoria. Considerando o ato como uma subversão da hierarquia militar, o ministro da Marinha emite ordem de prisão contra seus principais organizadores. O vice-almirante Cândido Aragão apóia a manifestação, e os fuzileiros que deveriam prender os revoltosos aderem ao levante. A ordem de João Goulart proibindo a invasão do local provoca o pedido de demissão de Sívio Mota, ministro da Marinha, que no dia 27 foi substituído pelo almirante da reserva Mário Cunha Rodrigues, após todo o almirantado recusar-se a assumir o cargo. Os revoltosos foram presos, mas logo depois anistiados por Goulart a pedido do general Assis Brasil, chefe do Gabinete Militar. Vê: D'ARAÚJO, M. C; SOARES, G. A. D; CASTRO, C. (orgs) *Op. Cit.* 2004. p. 28-29.

<sup>261</sup> CASTRO, Adyr Fiúza de. Depoimento concedido a Maria Celina D'Araújo e Gláucio Ary Dillon Soares em março de 1993. In: D'ARAÚJO, M. C; SOARES, G. A. Di; e CASTRO, C. (orgs) *Op. Cit.* 2004. p. 155.

corrupção é um mal crônico no nosso país. Infelizmente. Mas na época era terrível. Anarquia e uso de indivíduos não qualificados em várias funções. É. Incompetentes. O presidente era o Jango. Jango nunca poderia ter sido nem vereador de Parati. Coitada de Parati, de que tanto gosto. E vínhamos de um péssimo exemplo, que era o do presidente que tinha saído. Porque o Jânio foi uma decepção. Votei nele com convicção e me decepcionei em poucos meses. Aquelas medidas de proibir briga de galo, ora, isso não é preocupação de um presidente da República! Pelo amor de Deus!<sup>262</sup>

Conforme a última análise citada, a do militar, José Luiz Coelho Neto<sup>263</sup>, o golpe veio como resposta aos motivos oriundos do executivo federal, tais como corrupção, incompetência e anarquia administrativa. Mas o primeiro militar citado, Ady Fiúza Castro<sup>264</sup>, ressalta o medo do Brasil se transformar numa república sindicalista e ou popular, em outras palavras, que se instalasse no Brasil o comunismo. Naquele momento histórico existia uma Guerra Fria, que dividia o mundo em dois blocos: os países que eram aliados da U.R.S.S., chamado de comunistas e o outro, formado por nações aliadas dos Estados Unidos da América, denominado de capitalistas, do qual do Brasil fazia parte, e que era o grupo apoiado pelos militares.

O fato de João Goulart se encontrar na China, na ocasião da renúncia do presidente Jânio Quadros, e o apoio que dava aos movimentos sindicais, preocupava os militares, por não quererem ver o Brasil transformado em um país comunista. Foi com esse propósito que tentaram, e conseguiram desestabilizar o governo de João Goulart, após o plebiscito de 1963.

No Piauí as repercussões do golpe de 1964 tiveram diversos desdobramentos, entre eles os posicionamentos do governador do Estado, que no primeiro momento, tentou se coadunar com a linha de João Goulart, para em seguida, voltar atrás em sua tomada de posição e apoiar o governo militar:

---

<sup>262</sup> COELHO NETO, José Luiz. Depoimento concedido a Maria Celina D'Araújo, Gláucio Ary Dillon Soares e Celso Castro em janeiro de 1993. In. D'ARAÚJO, M. C.; SOARES, G. A. D; e CASTRO, Celso. (orgs) *Op. Cit.* 2004. p. 189.

<sup>263</sup> Nasceu no Rio de Janeiro, em 1921 Era major em 1964 na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército – ECEME. Durante o governo Médice foi subcomandante do Centro de Informações do Exército e no governo Geisel serviu na Agência Central do SNI. Passou para reserva em 1983.

<sup>264</sup> Nasceu no Rio de Janeiro, em 1920, formou-se pela Escola Militar do Realengo em 1940. Em 1964 era tenente-coronel e servia no Estado Maior do Exército, na subseção de História da 5ª Seção. Em 1969 foi secretário da Comissão de Investigação Sumária do Exército, adida ao I Exército. Em 1972 chefiou, cumulativamente, o CODI do I Exército.

[...] Petrônio, a princípio, defendeu a manutenção do presidente Goulart, posicionando-se contra a Revolução, voltando atrás, porém, com o passar dos acontecimentos. Isso porque, dentro do quadro político de 1964, o presidente João Goulart, tinha dado apoio ao Piauí e aos Estados pobres da Federação. Tinha ele, ainda profunda compreensão pelos problemas do Nordeste, uma parte totalmente esquecida do país. Não tinha televisão, tudo estava isolado. É claro que as tramas políticas da Revolução de 1964 não poderiam ter chegado ao Piauí.<sup>265</sup>

Este primeiro posicionamento do governador, ocorreu através de um telegrama de apoio a João Goulart, que foi lido no Palácio de Karnak e também transcrito em vários jornais do período na época. Essa atitude fez com que houvesse uma devassa em sua vida, promovida pelos militares e apoiadores do golpe, no intuito de saber sua real ligação com o presidente deposto. Outros políticos, também, foram investigados. Os processos começavam nos quartéis do exército representado no Piauí, pela 26ª Circunscrição do Serviço Militar – 26ª CSM, 2º Batalhão de Engenharia e Construção – 2º BEC e 25º Batalhão de Caçadores – 25º BC e pela Polícia Federal. O presidente da Assembléia Legislativa, à época do golpe, o deputado e vice-governador João Clímaco D’Almeida recebeu um ofício para encaminhar para o plenário e aprovar a cassação dos deputados José Alexandre Caldas Rodrigues, Themístocles Sampaio Pereira e Deusdedith Mendes Ribeiro. Alguns dias depois, seguiu o nome de Celso Barros Coelho por ter votado contra a cassação dos três nomes anteriores. Os outros nomes que foram cassados eram suplentes: José Francisco Paes Landim, Antônio Ubiratan de Carvalho e Honorato Gomes Martins<sup>266</sup>. Muitos foram os processados e cassados pelos militares no Piauí, a lista atingiu os mais variados seguimentos da sociedade. Nas fontes pesquisadas foram encontrados processos e referências a ambos os sexos, mas na lista dos presos havia apenas nome de homens e a única mulher a compor esta lista foi a professora, advogada e jornalista Iracema dos Santos Rocha da Silva. Presa no dia doze de maio, véspera dos dias das mães, a professora Iracema já tinha uma atuação política considerável. Promovera uma manifestação de apoio aos policiais militares rebelados lutando por melhorias

---

<sup>265</sup> KRUEL, Kenard. Djalma Veloso: o político e sua época. Teresina: Zodíaco, 2006. p. 295

<sup>266</sup> Idem. 2006. p. 297-301.

salariais<sup>267</sup>, no início do governo de Petrônio Portella, organizando uma passeata junto com os familiares dos aquartelados, e também, fora candidata a prefeitura da capital em 1962, pelo PTB<sup>268</sup>.



Fotografia 24

Iracema dos Santos Rocha Silva  
Professora, advogada e jornalista  
presa e cassado em 1964.  
Fonte: Acervo Maranhão Silva. In:  
KRUDEL, Kenard. Djalma Veloso: o  
político e sua época. Teresina:  
Zodíaco, 2006. p. 306



Fotografia 25

Jesualdo Cavalcanti Barros  
Vereador preso e cassado em 1964.  
Fonte: Foto Antônio Costa In:  
KRUDEL, Kenard. Djalma Veloso: o  
político e sua época. Teresina:  
Zodíaco, 2006. p. 300.

O poder legislativo municipal também não escapou, de modo que, nos dias seguintes, foi indicado o nome do vereador Jesualdo Cavalcanti Barros. Este foi, primeiramente, preso na 26ª CSM, depois encaminhado ao Departamento de Ordem Política Social – DOPS<sup>269</sup>, da Polícia Federal, em seguida foi levado ao 25° BC. Lá foi colocado inicialmente em uma ‘solitária’, mas depois transferido para uma sala que tinha sido transformada em um quarto. Quando, Jesualdo estava sendo colocado neste quarto ouviu a seguinte

<sup>267</sup> Idem. 2006. p. 302-307.

<sup>268</sup> BARROS, Jesualdo Cavalcanti. *Tempo de contar: o que vi e sofri nos idos de 1964*. Teresina: Gráfica do Povo, 2006. p. 190 Vê também: KRUDEL, Kenard. Djalma Veloso: o político e sua época. Teresina: Zodíaco, 2006. p. 307.

<sup>269</sup> O Departamento de Ordem Política Social – DOPS foi um órgão criado pelo governo brasileiro no governo de Getúlio Vargas com o objetivo de controlar e reprimir os movimentos políticos e sociais contrários ao regime político vigente. Durante o regime militar implantado em 1964 acrescentou a suas funções a censura aos meios de comunicação e às manifestações culturais.

frase: “Hoje são vocês, logo virão Petrônio e dom Avelar!”<sup>270</sup> Nesse momento, percebe-se que após o golpe civil-militar de 1964, personalidades importantes da sociedade piauiense não foram poupadas. A frase lembrada por Jesualdo Cavalcanti demonstra que algumas personalidades eram vistas como perigosas aos olhos do regime que acabava de se instalar no Estado, dentre elas o próprio Arcebispo Metropolitano de Teresina: Dom Avelar Brandão Vilela.



Fotografia 26

Visita do Presidente da República ao Estado do Piauí  
 Da esquerda para direita: governador Petrônio Portella Nunes (1962-1966);  
 Dom Avelar (1956-1971); presidente marechal Humberto de Alencar Castelo  
 Branco (1964-1967), Chefe do Gabinete Militar general Ernesto Beckmann Geisel  
 Fonte: Arquivo particular do padre Tony Batista

Quando o vereador Jesualdo Cavalcanti Barros foi preso, o militar que o conduzia a sua cela ressaltou que os dois homens mais importantes do Estado iriam fazer companhia a ele, Petrônio Portella, o governador, por seu apoio, em um primeiro momento, ao ex-presidente João Goulart. O outro seria Dom Avelar, mas por que comparar um político a um membro do clero? O vereador Jesualdo Cavalcanti, ao escrever seu livro de memórias, fez um resumo das atividades do Arcebispo no Piauí e expõe de certa forma suas atitudes que

<sup>270</sup> BARROS, J. C. *Op. Cit.* 2006. p. 188.

poderiam influenciar na política local, o que, de certa forma, desagradava aos que dirigiam o Estado e do país, a partir daquele momento. Para entender a aversão de muitos dirigentes dos caminhos nacional a figura de Dom Avelar,

Vale salientar que tanto a [Juventude Estudantil Católica] JEC quanto a [Juventude Universitária Católica] JUC, instrumentos da ação política da Igreja Católica com vistas a defender as teses de sua doutrina social no meio estudantil, eram patrocinadas por dom Avelar Brandão Vilela e coordenadas pelo padre Raimundo José Ayremoraes. Por seu turno, com idêntica intensidade e forte apoio da Arquidiocese, operava no meio urbano a Juventude Operária Católica (JOC), orientada pelo padre Francisco Carvalho, vigário da paróquia da Vermelha, enquanto que, no meio rural, o movimento de educação de base [MEB] e seus sindicatos rurais, sob o comando do economista Manoel Emílio Burlamaqui de Oliveira, enfrentavam a União dos Camponeses do Piauí (UCP), presidida por José Esperidião Fernandes<sup>271</sup>.

Diante desta exposição de organizações sociais influenciadas diretamente pelo clero local, percebe-se que a Igreja Católica, em Teresina, tinha um poder sobre a população e isso pode ser exemplificado com a importância de movimentos como o MEB, que, antes de 1964, objetivavam organizar as camadas populares e orientá-las para reivindicarem melhorias para seu segmento social. Nesse sentido, muito dos movimentos organizados por Dom Avelar e dirigidos pela Igreja Católica no Piauí passaram a ser fiscalizados de forma intensa. A professora do MEB, Palmira Luiza Soares<sup>272</sup>, em seu relato mostra a participação do executivo federal e quais as providências tomadas por aquele poder após o golpe de 1964.

O governo tinha um convênio com a CNBB, porque o MEB tinha um Diretório Nacional através dele o governo fez o convênio conosco, começou antes de 1964, em tão de início nós tínhamos esse dinheiro, depois foi uma dificuldade. Depois de 64 nós tivemos dificuldades muito sérias para receber, a equipe ficou vários meses sem receber o dinheiro. A gente para visitar, por exemplo, os grupos de União nós aproveitamos as desobrigas do padre Isac Vilarinho, que naquele tempo era vigário de lá, nos levava e nós ajudávamos no trabalho dele.  
[...]

---

<sup>271</sup> BARROS, J. C. *Op. Cit.* 2006. p. 150.

<sup>272</sup> Professora do MEB de 1962-1973.

[...] 64 foi o golpe de Estado, aí os sistemas foram até fechados pelo Brasil a fora, mas aqui nós, de fato, sofremos pressões, nossa programação de rádio era toda acompanhada, toda gravada, e fomos chamados várias vezes, respondíamos por esse programa, eu mesma respondi a um interrogatório quando fui a DOPS, menos pela programação do MEB, mais por causa do nome de um médico que estava envolvido com o movimento e deu o nome de padres e pessoas conhecidas<sup>273</sup>.

A primeira medida do governo militar foi a retirada dos recursos financeiros, desta forma, obrigando aos que ministravam aulas e executavam o programa do MEB a procurarem outras formas de sobrevivência, já que não podiam auferir renda com aquele trabalho, e tampouco a Igreja Católica tinha recursos para manter este movimento. Além dessas ações, outra forma de pressão, também existia e foi bastante utilizada naquele momento, foram os processos interrogatórios e as diversas maneiras de intimidar as pessoas que prestavam seus serviços aos movimentos católicos, como acrescenta Teresinha de Jesus Santos<sup>274</sup>, membro da Juventude Agrária Católica - JAC do município de União.

Era o DOPS que nos chamava que fazia os convites pra ir fazer os depoimentos. Aí passamos a ser perseguidos pelo DOPS, a ser acompanhados, a gente saía de casa e o DOPS esta no nosso pé. Sempre que a gente saía estava numa esquina, pra vê o que estávamos planejando<sup>275</sup>.

A atuação dos militares, ao acossar seus opositores, foi além dos membros da JAC e do MEB. A Juventude Universitária Católica – JUC, na época, alunos e professores, da Faculdade Católica de Filosofia – FAFI, também foram perseguidos, processados e alguns presos, como relata o diretor, na época, o padre Raimundo José Ayremoraes

Entre os estudantes, primeiro ficaram apavorados, a grande massa de estudantes se retraiu, seja pela pressão dos pais, [...] aqueles mais arrojados terminaram sendo vítimas do AI 5. Uns foram presos, tanto estudantes como professores, e na

<sup>273</sup> SOARES, Palmira Luzia. *Depoimento cedido para Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina 1998. p. 06.

<sup>274</sup> Membro da JAC, residia na zona rural do município de União, na localidade que se chamava Sossego.

<sup>275</sup> SANTOS, Teresinha de Jesus. *Depoimento cedido para Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina 1998. p. 03.

faculdade eles quiseram intervir através, sobretudo, na direção das escolas, das faculdades, mesmo naquela época havia um grupo que era bastante ativo<sup>276</sup>.

Outro depoimento que chama atenção é do padre Francisco Carvalho<sup>277</sup>, citado por Jesualdo Cavalcanti Barros, na época o padre era assessor da Ação Católica e da Juventude Operária Católica – JOC e pároco do bairro Vermelha:

Na época era assessor da Ação Católica e da JOC desde 1958 até 1964 quando foi preso.

Foi um momento muito difícil, mas eles não recuaram um minuto, assumiram tudo. O bispo, também, era homem muito consciente, Dom Avelar. Quando estava no encontro de jovens em Belo Horizonte ele me telegrafou dizendo: “Terminando seu trabalho, volte imediatamente. A polícia acha que eu estou lhe escondendo na minha casa”. Eu voltei e quando cheguei fui preso no aeroporto, mas o senhor bispo, que era um homem esperto imediatamente ele estava lá com o irmão dele, Teotônio Vilela. Teotônio entra no meio e disse assim: “Eu, também, sou autoridade no Brasil, sou Senador da República. Vamos mudar a prisão do padre. Em vez de ser prisão no quartel, ele fica preso na casa do bispo sem poder sair nem para celebrar”. Dom Avelar perguntou se eu aceitava. Aceito tudo, não tem dificuldade. Pra mim pode ser no quartel. Nós vamos assumir o que nós estamos fazendo e não vamos recuar um minuto, e os jovens leigos estão preparados para isso. E nisso ficou certo que eu ficaria preso na casa de Dom Avelar durante 45 dias sem poder sair nem para celebrar<sup>278</sup>.

Durante aquele período, também, foi preso Manuel Emídio Burlamaqui de Oliveira que tinha sido convidado por Dom Avelar para coordenar e assessorar o movimento sindical que tinha sido implantado no Piauí pela Igreja Católica. No seu depoimento, Manuel Emídio mostra a maneira como a Igreja se posicionou ante aos fatos que surgiam.

Com a revolução de 1964, a Igreja se retirou e a grande maioria desses leigos foi perseguida, foi processada, foi condenada, muitos deles foram assassinados pela revolução de 1964.

Bispos individualmente, como Dom Avelar, aqui no Piauí, fizeram tudo ao seu alcance para que o laicato e nenhum padre

<sup>276</sup> AYREMORAES, Raimundo José. *Depoimento cedido para Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina 1998. p. 05.

<sup>277</sup> Era padre, foi assessor da Ação Católica ligado a Juventude Operária Católica – JOC. Foi pároco da Vila São José Operário e da Vermelha.

<sup>278</sup> CARVALHO, Francisco das Chagas. *Depoimento cedido para Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina 1998. p. 03.

ligado ao movimento não sofresse com a perseguição que houve após 64<sup>279</sup>.

Conforme o depoimento acima, a Igreja Católica não tinha uma opinião unânime sobre as reais atitudes que vinham sendo levadas pelos militares que estavam à frente do golpe. A CNBB tenta expor uma posição, mas, dividida como estava, emitiu apenas um parecer geral sobre a situação. Pode-se ressaltar que naquele ano a Igreja Católica estava em pleno Concílio Vaticano II, preparando-se para a penúltima reunião conciliar. A CNBB organizava-se para a VI Assembléia Ordinária que iria realizar-se no Vaticano, por ocasião da reunião Concílio, na busca de entender o que acontecia no Brasil em 1964, os dirigentes da CNBB fazem uma reunião com a diretoria com o fim de deixar diretrizes, tanto para o clero que iria permanecer no país como para os fieis.

Ficou decidido convocar uma reunião extraordinária da comissão central. Logo em seguida, porém, dada a gravidade da situação, a reunião foi ampliada, para incluir também os bispos responsáveis pelos recém-criados secretariados regionais da CNBB e todos os arcebispos metropolitanos.

A reunião realizou-se no final de maio de 1964 e não teve pauta especial, a não ser uma análise que levasse a uma tomada de posição da Igreja frente ao novo contexto e à evolução política do Brasil. Inicialmente, cada metropolitano apresentou um relatório sucinto da situação na sua área e da posição assumida pela Igreja local face aos acontecimentos.

Da apresentação desses relatórios e dos debates que se seguiram podem ser destacados três aspectos:

- . Os membros do episcopado sentiam-se aliviados por se ter evitado uma guerra civil e alguns deles, por ter sido afastada a probabilidade de instalação de um regime comunista.

- . Chamava-se a atenção para a necessidade das reformas de base, já apontadas na mensagem da comissão central, publicada exatamente um ano atrás, em torno da encíclica *Pacem in terris*, e os bispos reiteravam seu apoio a essas reformas, em acordo com as exigências evangélicas de justiça.

- . Manifestaram também os bispos participantes dessa reunião sua preocupação com as arbitrariedades e torturas que começavam a atingir líderes operários e leigos cristãos engajados.

Esses aspectos fizeram parte da mensagem emitida pela CNBB, aprovada por todos os (arce)bispos presentes à reunião e a partir de uma minuta elaborada por um grupo de trabalho, coordenado por D. Fernando Gomes, arcebispo de Goiânia.

---

<sup>279</sup> OLIVEIRA, Manuel Emídio Burlamaque. *Depoimento cedido para Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina 1998. p. 03.

Houve sérias dificuldades em chegar a um texto que assegurasse a unanimidade da comissão central e dos demais (arce)bispos participantes<sup>280</sup>.

Como resultado da reunião de maio 1964, a Igreja Católica brasileira, através dos dirigentes da CNBB, emitiu, no mês de junho, estes quatro pontos em uma carta aberta, na qual se dizia aliviada por não ter ocorrido derramamento de sangue, quando da implantação do golpe civil-militar e por este ter afastado a instalação do regime comunista no Brasil, mostrando que, por esses motivos, apoiava o movimento militar. Ao mesmo tempo em que salientava que as reformas de base prometidas pelo regime que se instalava deveriam estar de acordo com a Encíclica do Papa João XXIII (1958-1963), no qual o Papa reconhecia o homem dotado de direitos e deveres, que deveriam ser exercidos, por fazer parte de sua natureza humana.

Quanto às torturas, ressaltava ainda, se preocupar com esses procedimentos adotados pelo regime militar porque estavam atingindo os leigos e os padres engajados nas práticas desenvolvidas pelos bispos em suas dioceses e deixava a cargo de cada bispo, individualmente, as atitudes para resolver os problemas que iam aparecendo.

A Igreja do Piauí se manifestou, através do seu Arcebispo. No aniversário de um ano do golpe civil-militar aconteceu uma cerimônia religiosa, celebrada por Dom Avelar, na qual fez uma homilia abordando os principais pontos da carta da CNBB, mostrando-se coerente com aquelas determinações. Ao mesmo tempo, aquela homilia mostra que, quase, um ano após a reunião de maio de 1964, o posicionamento da CNBB continuava o mesmo.

O primeiro ponto abordado pela CNBB foi a ausência de uma guerra civil na implantação do golpe civil-militar de 1964, idéia ratificada por Dom Avelar em sua homilia de 31 de março de 1965:

Reação que se transformara em revolução, teria de possuir elementos próprios para atingir os seus objetivos. Neste entra a luta sem sangue do Ato Institucional e da Constituição, comandada pelo Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, inegavelmente um bravo de guerra com mentalidade civilista, um militar de vocação política, um homem que não

---

<sup>280</sup> MARIAE, Servus (Raimundo Caramuru de Barros). *Para entender a Igreja no Brasil: a caminhada que culminou no Vaticano II (1930-1968)*. Petrópolis- RJ: Vozes, 1994. p.155-156.

deve estar agradando aos mais intransigentes setores da reação nem tão pouco aos servidores da desordem ou da revolução em termos de violência<sup>281</sup>.

Neste trecho, Dom Avelar realçou a implantação de uma nova Constituição, esta nova Constituição que estava sendo implantada através dos atos institucionais, isto é, decisões do comando militar sem consulta ao Congresso Nacional, e o primeiro de 9 de abril de 1964, que acabava com eleições diretas para Presidência da República, autorizava o presidente a cassar mandatos e suspender direitos políticos por dez anos e suspendia por seis meses as garantias constitucionais. Aquela era a *mentalidade civilista*, ter preservado a população de uma guerra civil mesmo indo contra aqueles que a desejavam, *os intransigentes* dos dois lados, a favor e contra o golpe.

Nesse primeiro item da carta da CNBB, mostra esta instituição aliviada, porque estava *afastada a probabilidade da instalação do regime comunista*. O comunismo foi rechaçado pela Igreja Católica porque esse modelo político de governar defendia o ateísmo e conseqüentemente, sem Deus, o que, na visão da Igreja Católica, seria a desordem.

O certo é que havia um clima diferente no Brasil, de tal modo que não somente os *subversivos* propriamente ditos mas também os *conservadores esclarecidos* admitiam falar em revolução social.

Em tais circunstâncias tornou-se o ambiente brasileiro difícil de ser interpretado objetivamente.

Não se podia imaginar inclusive até onde chegariam os desígnios do próprio Governo de então<sup>282</sup>.(grifo nosso)

Nos anos que antecederam o golpe de 1964 muitos falavam em “revolução social”, e esses discursos emergiam de dois lados denominados por Dom Avelar, um grupo de “subversivos” e o outro de “conservadores esclarecidos”. Essa divisão de posturas preocupava o arcebispo que no seu entendimento tornava uma tarefa difícil fazer uma predição objetiva do futuro do país, “em meio a tudo isso surgem sinais evidentes de que o Brasil, de uma

<sup>281</sup> VILELA, Dom Avelar Brandão. Oração proferida por S. Exa. Revma. Dom Avelar Brandão Vilela, na Missa de Ação de Graças pelo 1º aniversário da Revolução de 31 de março. Jornal *O Dominical*. Teresina, ano XXX, 04 abr 1965 n° 14/65. p. 01, 05 e 06.

<sup>282</sup> VILELA, Dom Avelar Brandão. Oração proferida por S. Exa. Revma. Dom Avelar Brandão Vilela, na Missa de Ação de Graças pelo 1º aniversário da Revolução de 31 de março. Jornal *O Dominical*. Teresina, ano XXX, 04 abr 1965 n° 14/65. p. 01, 05 e 06.

hora para outra, poderia sucumbir ao peso da desordem e a desorientação política”<sup>283</sup>. No momento da homilia aproveitou, para demonstrar, em certo sentido, a sua gratidão às ações dos poderes militares, ratificando a idéia de que o golpe agiu “oportunamente” restabelecendo a ordem: “E foi então que as Fôrças Armadas reagiram oportunamente, conseguindo assumir a direção político-social do País”<sup>284</sup>.

Ainda, fazendo um paralelo entre a Carta da CNBB de junho de 1964 e a homilia de Dom Avelar, percebemos que esta no seu segundo trecho realça as promessas do novo regime político, principalmente, no que concerne às reformas que seriam realizadas para o retorno da ordem. Fazendo um paralelo dessa carta com a homilia de Dom Avelar feita um ano depois, percebe-se que o arcebispo realça que o novo governo já tinha começado a funcionar no sentido de dar prosseguimento às reformas

[...] o processo democrático das eleições no País sinal de que, após o natural traumatismo dos primeiro meses, o regime se prepara[va], com as devidas cautelas, par o exercício pleno do sufrágio universal.

[...] percebemos a reta intenção do Governo, o desejo claro de demonstrar presteza talvez excessiva na organização de projetos básicos, de enviá-los ao Legislativo, de vê-los transformados em lei para a necessária aplicação.

O estatuto da Terra (sic) por exemplo, traz consigo uma filosofia equilibrada para a interpretação do problema agrário, sendo, não há de negar, valioso instrumento de evolução, que eficazes resultados poderá trazer para nossa Pátria. Nem é um documento revolucionário no sentido violento do termo, nem se pode chamar rigorosamente de reacionário no sentido pejorativo da expressão.

[...]

Assim, a reforma agrária assume aquêle meio termo que já foi, certa feita, invocado por alguém – *nem paliativa, nem espoliativa*<sup>285</sup>.

Dom Avelar, em sua homilia, abordou três pontos da reforma prometida pelo governo. O primeiro é “o exercício pleno do sufrágio universal”; o segundo refere-se aos *projetos básicos* para o Legislativo. O terceiro ponto da reforma refere-se ao Estatuto da Terra que definia regras para uma reforma agrária,

<sup>283</sup> Ibid, id.

<sup>284</sup> VILELA, Dom Avelar Brandão. *Oração proferida por S. Exa. Revma. Dom Avelar Brandão Vilela, na Missa de Ação de Graças pelo 1º aniversário da Revolução de 31 de março*. Jornal O Dominical. Teresina, ano XXX, 04 abr 1965 n° 14/65. p. 01, 05 e 06.

<sup>285</sup> Ibid, id.

sonho acalentado por Dom Avelar e grande parte dos bispos do Nordeste. Este terceiro ponto proposto pelos militares e almejado por Dom Avelar não saiu do papel, já que após o governo do Marechal Castelo Branco o golpe entra numa fase de radicalização das políticas assumidas pelos militares, esta fase ficou conhecida como “época de chumbo”, momento que aconteceu um enrijecimento das regras governamentais onde o golpe civil-militar mostrou, realmente, a face de uma ditadura através de uma Constituição promulgada em 24 de janeiro de 1967 e alterada em 17 de outubro de 1969<sup>286</sup>.

Voltando à Carta da CNBB e a relação com a homilia de Dom Avelar, percebeu que a terceira preocupação da CNBB externada na Carta era o tratamento aos adversários políticos do regime militar. Além de políticos, membros de organizações, as mais diversas possíveis, que faziam oposição ao regime militar, também, foram afetados com processos, arbitrariedades e torturas aos leigos cristãos, que participavam dos grupos organizados pela Igreja Católica, por todo o país. Alguns padres e freiras estavam envolvidos nas práticas da Igreja, o que, aos olhos do poder militar, representava uma ameaça à ordem estabelecida. Tornaram-se vítimas nas mãos da Justiça Militar daquele período. Percebe-se que este tema também foi uma preocupação do arcebispo, como sugere o trecho de sua homilia:

[...] o problema do julgamento dos prisioneiros e dos suspeitos.  
[...] este tem sido o problema humano mais delicado e difícil da revolução – distinguir o joio do trigo, separar o ouro do ouropele. Julgar as consciências é missão extremamente melindrosa. Podemos, no entanto, afirmar que, ao lado de excessos e de precipitações tem havido e o devemos reconhecer, prudência e até tolerância<sup>287</sup>.

A manifestação de Dom Avelar quanto aos excessos, e ele admitia que havia, mostra-se, ao mesmo tempo, com a prudência e tolerância, em relação à Justiça Militar. Dom Avelar demonstrava não querer o confronto com as autoridades eclesiásticas nem com as militares. Reconhecendo os erros e os

<sup>286</sup> No ano de 1980, 90 % das leis aprovadas pelo Congresso Nacional foram de iniciativa da presidência da República. Vê: PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. *Brasil: da independência aos dias de hoje*. 10. ed. São Paulo: Ática, 1996. vol 2 p. 85. FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 4. ed. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1996. p. 473-477.

<sup>287</sup> VILELA, Dom Avelar Brandão. *Oração proferida por S. Exa. Revma. Dom Avelar Brandão Vilela, na Missa de Ação de Graças pelo 1º aniversário da Revolução de 31 de março*. Jornal O Dominical. Teresina, ano XXX, 04 abr 1965 n° 14/65. p. 01, 05 e 06.

acertos de cada lado, no final de sua homilia mostra que “os estudantes, os operários, os intelectuais, embora se evitem os excessos do passado, devem ter condições de assumir posição mais espontânea na vida política do País”<sup>288</sup>. Essa relação entre a Carta da CNBB e o discurso de Dom Avelar, serviram para evidenciarmos um aspecto que é característico da figura do arcebispo, o seu lado conciliador. Mesmo apontando alguns problemas do governo militar e divergindo, da forma generalista de alguns pontos da proposta da carta, ele faz uma relação entre a postura de ambas as instituições – CNBB e Estado – e suas ações, ressaltando o caráter positivo da Carta da CNBB e das posturas do governo militar resalta aspectos que poderiam ser melhorado, principalmente, nas posturas do governo militar. Era essa característica de conciliador que muitas vezes o fazia ser associado a vários segmentos sociais. No período em estudo, o papel de ser conciliador era tarefa árdua, uma vez que as posturas políticas não desejavam se conciliarem, mas se confrontarem.

O ano de 1964 foi marcado pelo golpe civil-militar. Foi um período de transformação política pelo qual passou o país, também, foi um momento de mudança atravessado pela Igreja Católica, a partir do Concílio Vaticano II. Mas, também, pode ser percebido, pelo menos em nível brasileiro, como um momento que marca o aprofundamento da ruptura entre Estado e Igreja que havia se iniciado com a Proclamação da República e a implantação do decreto 119-A de 17 de janeiro de 1890, comentado no capítulo anterior. O distanciamento, naquele momento da década de 1960, seria provocado por uma carta do presidente marechal Castelo Branco a Dom Hélder Câmara, secretário geral da CNBB, na qual orientava

[...] que a Igreja formasse a consciência cristã dos cidadãos, para que esses desempenhassem com honestidade e dedicação seus deveres para com a sociedade, pois a corrupção era uma das maiores dificuldades enfrentadas pelo seu governo. Deixava igualmente entrever que as questões políticas, econômicas e sociais eram de responsabilidades do Estado e por este deviam ser conduzidas, sem interferência da Igreja<sup>289</sup>.

---

<sup>288</sup> Ibid, id.

<sup>289</sup> MARIAE, Servus (Raimundo Caramuru de Barros). Para entender a Igreja no Brasil: a caminhada que culminou no Vaticano II (1930-1968). Petrópolis- RJ: Vozes, 1994. p. 157.

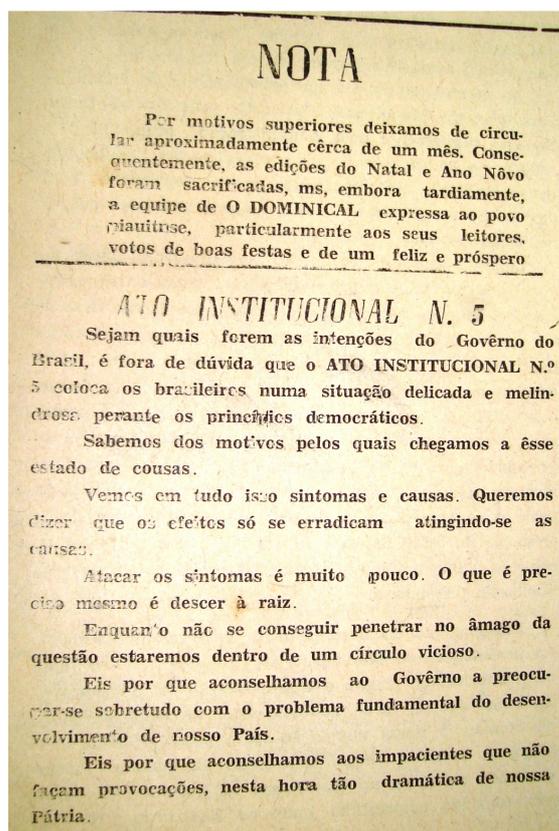
Algumas medidas foram tomadas de imediato. Uma das primeiras medidas do Estado com relação à Igreja foi o corte de verbas para entidades, que, segundo o regime militar, defendiam ideologias de esquerda. Uma das instituições afetadas foi o já mencionado MEB, assim como também as instituições de ensino católico como Universidades, Educandários e Colégios.

Depois da reunião do final de maio de 1964, da qual saiu a Carta de junho de daquele ano, a repressão do Estado aumentava, que culminou com a promulgação do AI – 5 em dezembro de 1968, muitos eventos aconteciam na Igreja Católica como o fim do Concílio Vaticano II, em 1965, uma nova diretoria para a CNBB foi eleita, mantiveram Dom Agnelo Rossi na presidência e para secretário geral Dom Aloísio Loscheider, bispo da Diocese de Santo Ângelo (RS) e a realização da II Conferência Episcopal Latino Americana em Medellín. Diante desses fatos tão marcantes, a CNBB começou a rever sua posição ante as arbitrariedades governamentais e, nesse sentido, passou a adotar posições mais críticas em relação à ditadura que se instalara. Um dos primeiros atos contra repressão estatal foi assumido pelos bispos que criticaram o AI – 5, eles repreendiam a autonomia aprovada pelo Ato, que conferia ao Estado o poder de violar os direitos dos cidadãos brasileiros.

Uma das conseqüências do AI – 5 foi o recolhimento dos últimos exemplares do jornal *O Dominical*, de dezembro de 1968. Em janeiro do ano seguinte saiu uma nota no mesmo periódico que reconhecia que o país estava vivendo uma hora dramática, por isso, pedia ao povo que não provocasse o governo. Na mesma nota, o jornal deixava uma mensagem aos que estavam no poder dizendo que o problema de tudo era a falta de desenvolvimento do Brasil. “Eis por que aconselhamos ao Governo a se preocupar sobretudo com o problema fundamental do desenvolvimento de nosso país.”<sup>290</sup>

---

<sup>290</sup> NOTA. Teresina, ano XXXIV Jornal *O Dominical* 05 jan 1969 n° 81/69



Fotografia 27

NOTA. Teresina, ano XXXIV Jornal  
*O Dominical* 05 jan 1969 n° 81/69

Dom Avelar, que mantinha uma coluna chamada *Oração por um dia feliz*, se manifestou

Senhor, estamos no começo do Ano Novo de 1969.  
 E a vida continua. Os velhos problemas foram transferidos para o livro da vida que prossegue na sua marcha do tempo.  
 [...]  
 O Brasil, aí está, com luzes e sombras por sobre a cabeça.  
 [...]  
 A Igreja sente dificuldades internas e externas, mas se encontra tranqüila e firme na sua linha de evangelizar e humanizar.  
 [...]  
 Vamos transcrever um trecho dessa peça [mensagem de final de ano do papa Paulo VI]:  
 'Porque Paz e Direito são reciprocamente causa e efeito entre si: a Paz favorece o Direito e, por sua vez, o Direito favorece a Paz'.  
 Belas e inspiradas palavras estas que o Santo Padre escreveu para a consciência do mundo. A paz e os direitos fundamentais do homem se aproximem, se interpenetram, se ajustam e se completam.

Neste início de ano novo, devem ser estudados a aprofundados, esses conceitos, para que possamos, de fato, merecer o dom da Paz, da verdadeira Paz, que não se confunde com a estagnação, nem com o simples prestígio da força, mas que só poderá subsistir com o respeito, a justiça, o trabalho, o amor, o civismo e a liberdade. Senhor, que sejam dignificados os direitos de todos os homens, para que possamos ter paz, aquela Paz que o mundo não pode dar, aquela paz que nasce de vossos ensinamentos de salvação universal.

E esta, Senhor é a nossa Oração, a nossa Oração por um dia feliz.<sup>291</sup>

O texto da *Oração por um dia feliz* sempre se apresentavam com temas abrangentes que tinham como objetivo principal envolver a sociedade piauiense e/ou quem lesse de maneira a se sentir tocado pelas palavras do Arcebispo. Contudo, Dom Avelar, em suas *Orações*, evitava tocar em assuntos específicos como a ditadura. As mensagens sempre eram de cunho positivo, evitando palavras negativas. No artigo citado, apesar de continuar em tom esperançoso, a escrita da *Oração* fala em *sombras sobre as cabeças* e manifesta a existência de *dificuldades internas e externas*. Usando das palavras do Papa Paulo VI procurou Dom Avelar demonstrar os desrespeitos que o regime estabelecido cometia em relação aos direitos dos indivíduos através do *prestígio da força*. Entendemos que Dom Avelar estava se referindo ao abuso de poder dos militares, que haviam fechado o jornal da arquidiocese, *O Dominical*, entretanto, podemos, também, extrapolar suas afirmações para as questões das prisões e torturas praticadas contra os padres e leigos que se manifestavam contra o regime vigente.

### 3.2 A Igreja Católica e o Comunismo

Somos cristãos e comunistas. Cristãos porque somos batizados e professamos a doutrina de Cristo contida nos Evangelhos e na Lei de Deus e segundo a igreja católica:

---

<sup>291</sup> VILELA, Dom Avelar Brandão. Oração por um dia feliz. Jornal *O Dominical*. Teresina: ano XXXIV 05 jan 1969. p. 06.

‘Verdadeiro cristão é aquele que é batizado, crê e professa a doutrina e a Lei de Jesus Cristo’.

Somos comunistas porque não admitimos a exploração do homem pelo homem, de qualquer forma ou sob qualquer pretexto – moral, material ou espiritual; porque cremos que a única maneira de evitar-se essa exploração é a propriedade coletiva dos meios de produção e a distribuição eqüitativa dos produtos a ‘cada um de acordo com suas necessidades’, como preceituam os Evangelhos:

‘Todos os que criam viviam unidos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e os seus ... bens e dividiam-nos por todos segundo a necessidade de cada um’<sup>292</sup>.

O texto acima mostra que dentro do cristianismo havia existido uma teoria e uma prática comunista, especialmente, quando cita o estilo de vida dos primeiros cristãos. O documento que registra esse modelo de vida encontra-se no segundo capítulo do livro dos *Atos dos Apóstolos*. Mas uma referência mais antiga que a própria Bíblia surgia com a *República* de Platão. Essas duas referências servem apenas para registrar que este estilo de vida vinha sendo discutido e construído há muito tempo. Contudo, o modelo econômico e social que foi adotado no mundo ocidental foi o capitalismo.

O século XIX foi marcado por problemas econômicos e sociais criados pelo capitalismo, modelo que vinha se desenvolvendo ao longo dos anos na Europa e se expandindo à medida que o colonialismo era praticado. As práticas que possibilitavam o acúmulo de capital geravam problemas sociais, tanto no continente europeu, como nas colônias que eram incorporadas ao sistema.

Diante daqueles problemas vários pensadores se debruçaram na busca de soluções para as questões econômicas e sociais. Dois teóricos que marcaram aquele século foram Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) com suas obras *O Manifesto Comunista (1848)*, e *O Capital (volume 1 em 1867 e volumes 2 e 3 postumamente)*, destacando-se a segunda, por já trazer no seu título a palavra *comunismo*. Aqui não será feita uma análise nem do capitalismo tampouco do comunismo, mas como a idéia de comunismo construído no século XIX influenciou a Igreja Católica e, também teve as suas repercussões no Piauí. Na relação do comunismo com a Igreja Católica no Estado, destacamos o período em que Dom Avelar administrava a Arquidiocese do Piauí (1956-1971), pois, desta forma,

---

<sup>292</sup> GODINHO, P. A. de Oliveira. *Catolicismo, comunismo e outros assuntos*. Rio de Janeiro: Agir, 1947. p. 09-10.

perceberemos como a Igreja se posicionou frente ao comunismo, assim como também compreenderemos a importância do comunismo para o universo político, de uma forma geral, como influenciou o modelo de governo no Brasil e suas repercussões em 1964.

No livro *A ideologia alemã* (1846) de Marx faz

[...] uma análise da religião como uma das numerosas formas de ideologia, de produção espiritual de um povo, da sua produção de idéias, de representações e de uma consciência – necessariamente condicionada pela produção material e pelas relações sociais correspondentes<sup>293</sup>.

É nesse livro que, além de negar o lado espiritual da religião, Marx vai afirmar que este produto ideológico é *o ópio do povo*. Percebemos que o autor condiciona a religião à matéria e às relações sociais e não a uma revelação divina, ele exclui a transcendência, totalmente de sua análise, como podemos observar em Gramsci (1891-1937), *Cadernos do cárcere*, em que são feitas críticas às idéias religiosas.

A religião é a mais gigantesca utopia, quer dizer, a mais gigantesca 'metafísica' que a história jamais conheceu, pois é a tentativa mais grandiosa de conciliar, sob forma mitológica, as verdadeiras contradições da vida histórica. Ela afirma, na verdade, que a humanidade tem a mesma 'natureza' que o homem (...) na medida em que ela é criada por Deus, filha de Deus e, portanto, irmã de todos os homens, igual aos outros homens, e livre entre os outros homens e tanto quanto eles (...).

[...]

Toda religião (...) é em realidade uma multiplicidade de religiões diferentes e freqüentemente contraditórias: há um catolicismo dos camponeses, um catolicismo da pequena burguesia e dos trabalhadores urbanos, um catolicismo para mulheres, e um catolicismo para os intelectuais (...)<sup>294</sup>.

A crítica divide-se em alguns pontos. Em um primeiro momento o autor chama a religião de uma *gigantesca utopia*, no sentido de fantasiar uma realidade, de ter mascarado os problemas que têm se apresentado, ao longo da história, negando as contradições da humanidade, principalmente quando

<sup>293</sup> LÖWY, Michael. *Marxismo e teologia da libertação*. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1991. Coleção polêmicas do nosso tempo v. 39, p. 12.

<sup>294</sup> GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Apud LÖWY, M. *Op. Cit.* 1991. Coleção polêmicas do nosso tempo v. 39, p. 20.

coloca que todos os homens são iguais porque foram criados por um mesmo Deus, sendo, desta forma, a humanidade uma única família onde todos são irmãos. O segundo momento, apontado por Gramsci, é a crítica que faz às práticas adotadas pela Igreja Católica, que contrariam a idéia de uma humanidade irmã procedente de um único Deus, aceitando-se por parte da Igreja Católica, a existência de diferenças entre os homens, e nesse sentido, são criados diversos catolicismos, que se adaptaram aos diversos grupos sociais.

A leitura que a Igreja faz das teses comunistas quando estas se referem à religião e em especial à Católica é expressa aqui pelo Arcebispo de Cambrai – França como três razões fundamentais para uma oposição entre o comunismo e o catolicismo:

1° Considerando a teoria da origem da religião e da *alienação religiosa*: sendo a alienação religiosa um produto necessário do capitalismo e estando ligada à alienação econômica e social, a religião deve desaparecer com a supressão do regime capitalista. É preciso combatê-la, por que é um obstáculo a esta transformação revolucionária.

2° Porque o *humanismo comunista*, para o qual o *ateísmo* é absolutamente essencial, afirma que o homem é para o homem o valor supremo e que não há lugar para Deus na sociedade comunista.

3° Porque o comunismo se apresenta como um *sistema totalitário*, que aspira dar à humanidade uma explicação total do universo e da história, e fazer penetrar o seu materialismo ateu em todos os domínios da vida dos homens<sup>295</sup>.

Conforme a construção desses três postulados, o comunismo percebe o homem como o princípio, centro e fim em si mesmo, quando diz que a religião proporciona ao homem uma alienação da realidade, não dá ao homem a percepção do real, e o atira num mundo ilusório, criado por ele; no segundo postulado, após o homem ter consciência de sua alienação religiosa, ele atingirá o ateísmo e aí procurará a solução dos problemas causados pela religião através do *humanismo comunista*, onde “já não há lugar para Deus porque o homem é, para o homem, o valor supremo, o ser supremo.”<sup>296</sup> Dom Emile Guerry encerra seus postulados mostrando que o comunismo coloca o

<sup>295</sup> GUERRY, Arcebispo Emile Maurice. *A Igreja Católica e o comunismo ateu: carta pastoral ao clero e militantes da sua diocese*. Lisboa: Sampedro Editora, 1960. p. 43.

<sup>296</sup> Ibid, 1960. p. 81

homem no lugar de Deus, assumindo a totalidade, não do conhecimento sobre a natureza, mas aquele conhecimento que o processo científico poderá ele alcançar. Conclui o arcebispo francês que “o erro fundamental é ter procurado estabelecer uma oposição absoluta, uma contradição total entre o serviço de Deus e o serviço do homem. Para o marxismo é necessário escolher entre Deus e o homem. O marxismo escolheu o homem e rejeitou a Deus. Quis substituir o homem a Deus.”<sup>297</sup>

A Igreja Católica diante desses pensamentos e dos problemas sociais que apresentavam, especialmente a miséria que existia entre homens, mulheres e crianças, inseridos numa indústria que nascia em alguns países, sobretudo os países europeus, resolveu criar uma comissão de sociólogos católicos no ano de 1882, para estudar essa problemática. Em 1891, no dia 15 de maio, o Papa Leão XIII (1878-1903) lançou um documento de cunho social e de magistério eclesiástico, a Encíclica *Rerum Novarum*.

A *Rerum Novarum* foi o primeiro passo em direção das questões sociais, por isso foi considerada por muitos como revolucionária, ela veio marcar o início de uma Doutrina Social da Igreja Católica. Em 1931, para comemorar os quarenta anos da encíclica de Leão XIII e procurar se adequar ao seu tempo, pois o mundo capitalista estava mergulhado em uma crise: a quebra da Bolsa de Valores de Nova York, nos Estados Unidos. O Papa Pio XI (1922-1939) resolve lançar a encíclica *Quadragesimo Anno*. Nesta encíclica, a Igreja também, atacou seu inimigo, o comunismo, e promoveu um ataque especial a Revolução Russa de 1917, porque foi a primeira tentativa de se consolidar este modelo que até então concretizara-se através de textos.

Para que aquelas idéias não sejam propagadas no Brasil a Igreja Católica convoca todos os leigos para se agruparem na proposta de construir a Ação Católica. Essa sugestão chega concretamente através do arcebispo cardeal do Rio de Janeiro Dom Jaime Leme, discutido no capítulo anterior.

137. A vós o merecido louvor e conosco a todos esses valores colaboradores na mesma grande empresa, clérigos ou leigos, aos Nossos amados Filhos da Ação Católica, que Nós com tanto prazer vemos dedicarem-se generosamente conosco à solução dos problemas sociais, na medida em que a Igreja, por

---

<sup>297</sup> GUERRY, Arcebispo E. M. *Op. Cit.* 1960. p. 155.

força da sua divina instituição, tem o direito e o dever de se ocupar deles. A todos estes instantemente exortamos, no Senhor, que não se poupem a trabalhos, nem se deixem vencer das dificuldades, mas, cada vez cobrem maior ânimo e sejam fortes<sup>298</sup>.

A Ação Católica Brasileira – ACB foi coordenada, por muito tempo, por Dom Hélder Câmara, dessa administração tivemos a formação de diversos grupos de leigos e, principalmente, a ação de vários bispos do Brasil que sentiram a necessidade de construir uma entidade que organizasse as suas pastorais por todo o país, daí porque criaram a CNBB.

Dom Avelar, refletindo sobre as encíclicas que deram um novo rumo às questões sociais, disse:

Leão XIII, [...] na busca de soluções, condena sem tergiversar a violência e a luta de classes e defende ardorosamente a justiça social. Põe em evidência a dignidade do trabalho e da pessoa do trabalhador. Defende o salário justo e horas de trabalho compatíveis com a capacidade natural do homem, o direito à moradia e outras reivindicações importantes, no diálogo entre capital e o trabalho.

Rejeita terminantemente as vias coletivistas de solução, assim como repele as fórmulas individualistas de conduzir o desenvolvimento social e econômico.

Quarenta anos depois, nova encíclica aparece. Era a *Quadragesimo Anno*, de Pio XI. Retoma as teses de Leão XIII, revela problemas emergentes e sugere outras soluções. É que o 'despotismo econômico' procurava imprimir o seu ritmo acelerado e se esquecia da função social da propriedade. Diante da perspectiva do lucro fácil e do desenvolvimento industrial a qualquer preço, era preciso acentuar a dignidade do trabalho e do trabalhador e pôr em relevo a importância dos valores éticos, com seus imperativos de bem comum.

[...] E quando a encíclica *Rerum Novarum* completa seus 70 anos, quem fala é João XXIII, através da *Mater et Magistra*. E diante dos mesmos problemas, defende a valorização das pessoas e dos grupos intermédios – a família, os sindicatos, as associações profissionais. Defende a liberdade, a personalidade, a participação, a propriedade familiar.<sup>299</sup>

<sup>298</sup> PAPA PIO XI. Encíclica *Quadragesimo Anno* In: PIMENTEL JUNIOR. *A Doutrina social da Igreja*, São Paulo: Dominus, 1963. p.85-86.

<sup>299</sup> VILELA, Dom Avelar Brandão. *A prece que brota da vida*. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1983. p. 52-53.

Em 1937, o episcopado brasileiro<sup>300</sup> decidiu, sob a liderança do cardeal do Rio de Janeiro, lançar a *Carta Pastoral e Mandamento do Episcopado Brasileiro sobre o Comunismo Ateu*, inspirada na Encíclica *Quadragesimo Anno*, demonstrando que a Igreja brasileira, também, comungava com a Santa Sé no que tange à idéia do comunismo como uma ameaça ao cristianismo. Nesse sentido para os bispos do Brasil o “comunismo ateu baseia-se, de fato, como bem sabeis, no materialismo na concepção da natureza humana, materialismo na concepção da sua história”<sup>301</sup>. Através desse trecho percebe-se que é reforçada a idéia de que a religião é fruto de uma organização econômica que se acreditava estar em declínio, no caso, era o capitalismo. E, assim, com o advento do comunismo como um novo modelo econômico desapareceria não só o capitalismo, mas, também, a religião. A carta mostrou a violência que era praticada contra o ser humano em países onde o comunismo havia sido implantado.

Segundo a Carta Pastoral, a implantação do comunismo se utilizava de dois processos. O primeiro é a sedução com promessas falsas e dissimulação, aproveitando as divergências internas entre regiões, raças e partidos políticos, para aprofundar as crises e aprofundar as separações. No segundo momento, depois da sua instalação no país, vem o terrorismo coletivo, incendiando igrejas, assassinando sacerdotes. Nesse sentido “o sangue humano corre em torrentes”<sup>302</sup>. No território onde isso acontece “já não há bem nem mal. Já não há lei superior ao homem. Já não há dever nem sanção”<sup>303</sup>.

Finalmente, a Carta Pastoral apontou, como, como já havia feito a encíclica de Pio XI, o movimento *Ação Católica Brasileira* como sendo um dos elementos fundamentais para restaurar a vida cristã e afastar esse mal. Entre os vários mandamentos, o primeiro determina que a Carta Pastoral deveria ser lida em todas as igrejas e em todas as reuniões da Ação Católica.

---

<sup>300</sup> A Carta Pastoral é assinada pelos vinte arcebispos, quarenta e sete bispos, sete prelados, doze administradores apostólicos, dois prefeitos apostólicos, e quatro vigários capitulares. Vê: CARTA Pastoral e Mandamento do Episcopado Brasileiro sobre o Comunismo Ateu. Rio de Janeiro 08 jan 1937.

<sup>301</sup> CARTA Pastoral e Mandamento do Episcopado Brasileiro sobre o Comunismo Ateu. Rio de Janeiro 08 jan 1937. p. 03.

<sup>302</sup> Ibidem p. 05.

<sup>303</sup> Ibidem p. 05.

Dom Severino Vieira de Melo, bispo do Piauí, foi quem assinou esta carta pastoral, mas, à sua época, os anticlericais<sup>304</sup> e livres-pensadores que se contrapunham à Igreja Católica não eram comunistas e sim:

[...] adeptos das idéias positivistas de ordem e progresso, achavam-se com uma missão: libertar a sociedade da ignorância e superstição imposta pela Igreja de Roma. Condenavam-na, assim, os profetas do progresso, do desenvolvimento. Para eles somente com a destruição da Igreja Católica enquanto instituição, seria possível alcançar aqueles ideais, pois essa instituição era corrupta e, por sua vez, corruptora de toda a sociedade.<sup>305</sup>

A proposta anticlerical que existia no Piauí em 1937 não era de cunho comunista, acredita-se que, por esse motivo, pouca repercussão existiu das duas primeiras encíclicas no Piauí, contudo a terceira, do Papa João XXIII, teve reflexos, através dos jornais que circulavam na época. Os discursos contra o comunismo no Piauí eram reflexos do pensamento anticomunista nacional, que, por sua vez, sofria influência direta do discurso americano, e tinha como alvo privilegiado o modelo que apresentava a União Soviética, “desta forma, não seria incoerente pensar o comunismo como algo distante da realidade piauiense.”<sup>306</sup>

Em 1952, monsenhor Hélder Câmara, organizando a reunião dos bispos brasileiros que daria origem à CNBB, envia cinco cadernos para apreciação inicial com os temas: clero, comunismo, heresias, catequese e reforma agrária.

Comunismo – [...] sem desconhecer a necessidade de alerta, parece-nos que a maneira eficiente e quase única de combater o comunismo é, de um lado, criar para todos uma situação

---

<sup>304</sup> O termo anticlerical surgiu em 1852, na França, em oposição ao clerical, referindo-se ao que é próprio dos clérigos. [...] Como oposição ao termo clericalismo, surgiu o termo anticlericalismo, cujos defensores se propunham a combater a Igreja e sua intolerância. Cf. PINHEIRO, Áurea Paz. *As ciladas do inimigo: as tensões entre clericais e anticlericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001. p. 93.

<sup>305</sup> PINHEIRO, Áurea Paz. *As ciladas do inimigo: as tensões entre clericais e anticlericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001. p. 94.

<sup>306</sup> OLIVEIRA, Marylu Alves de. Considerações sobre o discurso anticomunista no jornal *O Dia*. In. NASCIMENTO, Francisco Alcides. e SANTIAGO Jr., F. C. Fernandes. *Encruzilhada da história: rádio e memória*. Recife: Bagaço, 2006. p. 211.

econômica razoável e humana e, de outro lado, firmar tanto nos operários como nos patrões o autêntico espírito cristão<sup>307</sup>.

No documento de criação da CNBB já propõe uma economia *razoável e humana*, isto é, um processo envolvendo operários e patrões promovendo a participação de todos na ACB e dentro desta participação seria encontrada os caminhos para se chegar a esse modelo de economia. Com a criação do CELAM, foi realizada a 1ª Conferência Episcopal da América Latina onde houve a leitura de uma mensagem do Papa Pio XII (1939-1958) que apontava como problemas graves da Igreja Católica, naquele momento, a insuficiência do clero, as heresias e o comunismo.

Comunismo – É essa ‘a perversa doutrina dos que, sob o falso pretexto da justiça social e do melhoramento das condições de vida das classes humildes, lutam para arrancar da alma o incalculável tesouro da religião’<sup>308</sup>.

Então, o comunismo, mais uma vez, estava presente nas discussões do episcopado mundial. E a religião, ao se colocar como sua opositora ferrenha, sempre utilizava como argumento a prática dos comunistas no processo de implantação de suas políticas. O comunismo foi um dos motivos que fez com que a ditadura fosse levada a cabo por militares e civis, no ano de 1964 e no primeiro momento, contando com o apoio da Igreja Católica no Brasil.

Os temores do exército brasileiro giravam também em torno da implantação do comunismo no Brasil através do presidente João Goulart. A posição dos militares ante a possibilidade de se instalar no país um tipo de governo diferente intitulado de sindicalista, de esquerda ou comunista causava preocupação, assim como também assustava a um segmento significativo da Igreja Católica brasileira, sendo esse um dos motivos apontados para o fato de vários bispos apoiarem o golpe civil-militar de 1964. “De um lado, as Forças Armadas depuseram Jango para evitar o que acreditavam ser a comunização do Brasil. [...] De outro, a maioria dos bispos intuitivamente apoiou o golpe

---

<sup>307</sup> BANDEIRA, Marina. *A Igreja Católica na virada da questão social (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Vozes, Educam. 2000 p. 221.

<sup>308</sup> BANDEIRA, M. *Op. Cit.* 2000 p. 227.

como medida anticomunista”<sup>309</sup>. Dom Avelar, em suas declarações, mostra que esse motivo o aproximou, em um primeiro momento, dos militares.

Brasileiros do Piauí, o comunismo que nega a Deus e nega os direitos fundamentais da pessoa humana não, tem clima em nossa Pátria. Mas, se a democracia chamada liberal não se decidir a vencer os seus vícios, se não se resolver a incorporar ao seu patrimônio as novas conquistas da civilização do trabalho, dificilmente poderá sobreviver às crises de nosso tempo.

Esta é a nossa missão: salvar a democracia para evitar o totalitarismo<sup>310</sup>.

Esta declaração mostra como o posicionamento de Dom Avelar era coerente com a posição da Igreja, demonstrando que o comunismo era uma forma de pensar que *nega a Deus*, como também, *os direitos da pessoa humana*, e que só encontra no totalitarismo a maneira de se estabelecer, em um determinado país. Também, Dom Avelar admitia que a *democracia liberal* tinha seus problemas e que estes precisavam ser resolvidos. O editorial do jornal *O Dominical*, o porta voz oficial da Arquidiocese de Teresina, emitiu sua opinião sobre o socialismo ou comunismo, já que as duas palavras “eram praticamente sinônimas antes de Lênin”<sup>311</sup>, conforme o pensamento do editorialista.

Como doutrina [o socialismo], professa que a pessoa humana não tem um fim em si mesma, absoluto e transcendente. A razão de ser da pessoa, no socialismo, é a sociedade, o Estado, a raça, a ditadura de classe, como no fascismo, no racismo, no comunismo.

[...]

Como sistema político, é um regime totalitário, uma ditadura.

[...]

Os objetivos dum governo socialista podem ser bons. [...] Mas o regime socialista é sempre mau, porque visa seus objetivos ao preço da liberdade, dignidade e responsabilidade dos indivíduos.

[...]

Três são as características fundamentais do sistema econômico socialista: coletivização, intervencionismo e

<sup>309</sup> SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 86.

<sup>310</sup> VILELA, Dom Avelar Brandão. Carta aberta de Dom Avelar ao prof. Simplício. *Jornal O Dominical*. Teresina 10 maio 1964. p. 01, 03 e 04.

<sup>311</sup> O SOCIALISMO, Editorial. *Jornal O Dominical*. Teresina ano XXX 19 dez 1965 n° 50/65. p. p. 02.

planificação. [...] A Igreja não condena as medidas de nacionalização; condena a coletivização erigida em sistema. [...] A Igreja não condena medidas de intervenção tendentes à realização do bem comum. Condena a intervenção como regime ou sistema econômico. E a planificação só é condenável quando interfere indevidamente na esfera da propriedade privada e da iniciativa particular. [...] A Igreja condena a coletivização, intervencionismo e planificação manipulados por um estado totalitário; não condena medidas de coletivização, intervencionismo e planificação quando aplicadas por um Estado Democrático, em vista do bem comum<sup>312</sup>.

Percebemos que a linha central de ataque ao comunismo feito pelo editorial do jornal é no sentido de criticar o modelo de governo totalitário, ditatorial, implantado em países como a U.R.R.S., Cuba e China onde os direitos individuais são cassados em prol de um bem comum que, segundo o autor, não é contemplado a não ser no governo democrático. No Brasil, onde foi implantado um ditadura para se fugir do comunismo, Dom Avelar, em maio de 1965, na sua coluna *Oração por um dia feliz* manifestou sentir um mal-estar no país, provocada pela tensão entre a esquerda e direita.

Dentro do Brasil, há alguns sinais de intranqüilidade. Não se pode avaliar a extensão das causas que produzem tais efeitos nem o volume exato dos efeitos que nascem dessas causas. Mas o que se deve fazer é um esforço supremo para superar todos esses sintomas com humildade e espírito de compreensão. Serenidade e patriotismo, respeito à ordem e sincero exame de consciência. Qualquer instigação de ânimos à rebeldia pura e simples seria nociva aos destinos do país.

[...]

Esta é uma hora em que o bom senso, a prudência e a coragem devem associar-se para o bem do Brasil.

Senhor, infundi em nossas almas o amor pela paz. Mostrai aos brasileiros o caminho certo e seguro para todos os filhos desta grande Pátria, unidos, trabalhem pela sua prosperidade<sup>313</sup>.

Dentro de sua Oração, ele procurou se posicionar, em linha geral, de forma neutra, numa tentativa de abraçar todos os fiéis, seja quais fossem seus posicionamentos políticos, a favor ou contra o golpe de 1964, mais uma vez demonstrado como característica central de suas ações: a proposta

<sup>312</sup> O SOCIALISMO, Editorial. Jornal *O Dominical*. Teresina ano XXX 19 dez 1965 n° 50/65. p. 02.

<sup>313</sup> VILELA, Dom Avelar Brandão. Oração por um dia feliz. Jornal *O Dominical*. Teresina ano XXX 30 maio 1965 n° 22/65 p. 04.

conciliatória. Nesta Oração, ele aponta para um o país que se encontrava dividido e procurou, apelando para *serenidade, patriotismo e respeito*, um entendimento entre as duas partes.

A primeira tentativa de diálogo entre Igreja e Estado se dá através de uma tentativa de Dom Avelar com o governo do general Costa e Silva que iniciava.

No final de 1967 e começo de 1968, por exemplo, dom Avelar trabalhou pela criação de uma comissão Igreja/Estado de alto nível para estudar as causas do conflito civil-religioso. O bispo se encontrou com autoridades governamentais de alto escalão, inclusive, o próprio Costa e Silva. Porém, o governo rejeitou o plano, pois militares da linha dura defendiam o controle sobre o clero e até mesmo sobre os bispos. Entretanto a idéia de dom Avelar lançou sementes para futuras tentativas de diálogo.<sup>314</sup>

Então, o início do diálogo entre as duas instituições, Igreja e Estado brasileiro, foi uma proposta de Dom Avelar, apesar de no primeiro momento não ter se materializado. Contudo, o início desse entendimento formal só vai se concretizar, a partir do surgimento da Comissão Bipartite que era formada por membros da alta hierarquia da Igreja Católica e do Exército brasileiro, que visava discutir e resolver os principais conflitos surgidos entre essas instituições. A primeira reunião aconteceu, em 3 de agosto de 1970, na casa de retiro dos padres jesuítas, no bairro da Gávea, no Rio de Janeiro, faziam parte do grupo da Igreja Dom Vicente Scherer, presidente interino da CNBB, e coordenador do grupo que representava a Igreja, acompanhava-o Dom Aloísio, Dom Avelar, Dom Eugênio Candido Mendes. Os militares estavam representados pelo general Muricy, chefiando o grupo do exército, e integrava este grupo o general Paula Couto do EME, coronel Omar do SNI, Padilha, assessor do ministro Buzaid e Dantas Barreto estagiário da ESG.

Na primeira reunião da Bipartite, em 3 de novembro de 1970, dom Avelar expôs a questão central do conflito Igreja X Estado no Brasil: 'Onde termina a justiça social e começa a subversão?'<sup>315</sup>.

---

<sup>314</sup> SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na sombra*. bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 204.

<sup>315</sup> Ibidem. p. 239.

Essa pergunta se tornou o centro do livro de autoria de Kenneth P. Serbin, *Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*, que trata sobre a Comissão Bipartite, a idéia central era que só através dos limites estipulado pela comissão seria possível o diálogo entre as duas instituições. Quanto a participação de Dom Avelar na Comissão Bipartite o autor diz: “outro participante freqüente foi dom Avelar, vice-presidente da CNBB, [...]”.<sup>316</sup>

Justiça social, para determinado segmento da Igreja, era seguir os ensinamentos dos Papas, através de suas encíclicas. Para outros membros, a justiça social implicava, inclusive, a implantação do socialismo. Nesse sentido, o documento produzido pela II Conferência de Medellín, ao incluir, no conceito de pecado, a *violência institucionalizada*, mostrou as estruturas opressivas existentes nos países da América Latina, apontando para uma nova possibilidade de governo, sendo visto como uma terceira via, algo que não fosse o capitalismo tampouco o comunismo. Diferente do que foi apregoado pela Encíclica *Rerum Novarum*, que havia centralizado o problema no operário, sendo este apontado como o problema social a ser resolvido. Na visão de Dom Avelar, o documento de Medellín se encontrava montado em bases mais abrangentes, e questionando a posição do problema.

A teologia que inspirou o documento de Medellín é humanística e defende o homem integral. O documento é um apelo para uma tomada de consciência urgente com vistas à solução de problemas. O texto é temperado, dentro do contexto atual do mundo. Ele não admite a violência, mas concita a todos para estudarem os problemas buscando novas soluções. Interpretá-lo como convite à violência é um erro, que não coincide com a interpretação oficial do documento<sup>317</sup>.

O comentário de Dom Avelar na Comissão Bipartite aponta para o fato de que os militares estariam radicalizando sobre os perigos do comunismo. Para se defender da ameaça do comunismo, o governo tomou certas atitudes, como prisões e torturas, porém sem deixar claro que se tratava de práticas necessárias à manutenção do regime. A Igreja também na figura “política” de

<sup>316</sup> Ibidem. p. 224.

<sup>317</sup> Relatório do 2º Encontro ‘Bipartite’, FGV/CPDOC, ACM, rolo 1, doc. n° 913, p. 1 *apud* SERBIN, K. P. *Op. Cit.* 2001. p. 252/253.

Dom Avelar começava a colocar a questão da justiça social em primeiro plano, dentro dessa perspectiva, as ações extremas tomadas pelos militares não seriam aceitas. Ao mesmo tempo a relação entre Igreja e Estado causava preocupação em Dom Avelar, que torcia para que não houvesse ranhuras, nesse sentido, ele traz a tona mais uma vez a proposta de conciliação entre as partes, nesse caso Igreja e Estado: “Os bispos e os generais acreditavam que poderiam colocar de lado suas diferenças e sentimentos desagradáveis, e encontrar uma solução razoável para o conflito”<sup>318</sup>.

Este desejo de encontrar um acordo entre os militares e os bispos demonstra alguns aspectos interessantes. Primeiro a CNBB deveria entrar em uma harmonia com relação ao discurso dos seus membros, principalmente no que dizia respeito à ditadura instalada no país. Alguns bispos eram radicalmente contra os militares no poder, especialmente pela forma como vinham conduzindo o tratamento àqueles que se insurgiam contra o governo, enquanto que outros bispos eram a favor devido ao fato de acreditarem que os militares terem afastado a ameaça do comunismo, e isto dividia a Igreja no Brasil. Através de declarações a baixo, relatadas na revista *Fatos e Fotos*, demonstra que setores da Igreja Católica estavam preocupados com as influências de comunistas.

É com muita pena que eu digo sim. O documento elaborado pelo padre Comblin<sup>319</sup> e as declarações de apoio e solidariedade que alguns bispos e sacerdotes lhe deram é uma prova cabal e irrespondível de que o comunismo penetrou em nossas fileiras<sup>320</sup>.

Mas para Dom Hélder Câmara a participação de comunistas na Igreja não deveria ser a tônica central dos discursos e sim a miséria que assolava o país.

Que humilhação ver a pior das heresias tomar grandes causas cristãs do nosso século! Que cegueira, quando cristãos gastam mais tempo para denunciar o comunismo. Do que para denunciar o escândalo o maior escândalo do século – a miséria.<sup>321</sup>

---

<sup>318</sup> Ibidem. p. 35.

<sup>319</sup> Documento citado no capítulo anterior sobre a II Conferência de Medellín.

<sup>320</sup> ROCHA, Marcos; WOLF, José e CASTILHO, Carlos. *A Igreja está precisando de uma reforma?* Revista Fatos e Fotos. Ano VIII Brasília: 26 dez 1968 n° 412. p. 10.

<sup>321</sup> BANDEIRA, M. *Op. Cit.* 2000. p. 237.



Fotografia 28  
 Capa da Revista Veja  
 Fonte: Revista Veja, 18 set 1968, nº 02

Dom Avelar pensava que a Igreja deveria estar unida em primeiro lugar, antes da tomada extrema de qualquer ato, tanto de apoio como de repulsa ao governo militar.

Contudo, não era assim que a Igreja caminhava naquele momento, e isso fica evidente na revista *Veja*, em sua capa, com o vermelho ao fundo, cor que simboliza o comunismo e, também, os bispos e arcebispos da Igreja Católica, utilizou o báculo<sup>322</sup> do pastor no intuito de separar as fotos de Dom Geraldo Proença Sigaud, arcebispo de Diamantina, e Dom Hélder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife. Dessa forma, tentava demonstrar as divisões no seio da Igreja Católica no Brasil e a divisão entre os dois discursos. Nos discursos transcritos anteriormente, o primeiro é de Dom Sigaud que se colocava contrário ao comunismo e apoiava a Sociedade de Defesa da Tradição, Família e Propriedade – TFP, enquanto que o segundo era de Dom Hélder um

<sup>322</sup> Bastão com a parte superior arqueada, usada pelos bispos como um símbolo de pastor, era usado pelos pastores da época de Cristo e na região de Israel.

denunciante constante das arbitrariedades promovidas pela ditadura militar, arcebispo preocupado com a miséria que existia no Brasil. Segundo seu ponto de vista, as ações efetuadas contra o comunismo deveriam ser questões secundárias.

Depois do Concílio Vaticano II (1962-1965), da II Conferência de Medellín (1968) e do Ato Institucional n° 5 promulgado em dezembro de 1968, as divisões se aprofundaram na sociedade brasileira e dentro da Igreja Católica mostrando um país que só tinha dois caminhos a serem seguidos: um era o dos que se posicionavam a favor do golpe civil-militar, podendo ser chamados os seus seguidores de direitistas ou conservadores; O outro caminho era de oposição ao golpe, cujos seguidores foram chamados de esquerdista ou comunistas. A Igreja Católica tentava minimizar a situação, com discursos conciliadores, como o de Dom José Pires, arcebispo de João Pessoa.

Aquêles que apontam a presença de comunistas na Igreja ou não conhecem o comunismo ou desconhecem a própria Igreja.

[...]

É impossível alienar a Igreja dos problemas do homem. Por isso, qualquer pronunciamento que mostra a verdadeira posição do desenvolvimento da nossa classe operária tem sempre um fundamento cristão e evangélico<sup>323</sup>.

No Piauí, o apoio de Dom Avelar aos movimentos que integravam a Ação Católica terminou por marcá-lo com o rótulo de opositor ao golpe civil-militar de 1964, marcando de forma expressiva a sua representação na memória dos piauienses “[...] naquele tempo se polarizava essas coisas, ou era de direita ou era de esquerda. Dom Avelar era tido como esquerdista”<sup>324</sup>. Percebemos o que o monsenhor Chaves<sup>325</sup> diz pelas diversas declarações abaixo, como João Gaulberto<sup>326</sup> e Antônio Neto<sup>327</sup> ambos ligados à Juventude Operária Católica –

<sup>323</sup> ROCHA, Marcos; WOLF, José e CASTILHO, Carlos. A Igreja está precisando de uma reforma? Revista *Fatos e Fotos*. Ano VIII Brasília: 26 dez 1968 n° 412. p. 12.

<sup>324</sup> CHAVES, Joaquim Raimundo Ferreira. *Depoimento cedido para Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina 1998. p. 03.

<sup>325</sup> Foi vigário geral na administração de Dom Avelar e foi, por toda sua vida, pároco da Igreja de Nossa Senhora do Amparo.

<sup>326</sup> Nasceu em doze de julho de 1944 em Caxias – Ma, entrou para a Juventude Operária Católica – JOC em 1964 e militou até 1978.

<sup>327</sup> Começou a participar dos grupos de jovens em 1972, é formado em Letras, é fiscal do INSS.

JOC, em seguida Palmira Soares<sup>328</sup> do Movimento de Educação de Base – MEB; e Teresinha Santos<sup>329</sup> da Juventude Agrária Católica - JAC.

A nossa relação com o bispo era muito boa no sentido que Dom Avelar não reprimia as ações na linha da Igreja, ele só não dava prioridade<sup>330</sup> a JOC, ele dava prioridade a outras ações da Igreja, do tipo as promovidas pela [Ação Social Arquidiocesana] ASA, [...]. Com a gente nunca houve repressão que fosse necessário ele [Dom Avelar] se meter, mas houve repressão em outros setores, e ele foi muito presente, [...].<sup>331</sup>

Quanto a Dom Avelar, a política dele era a seguinte: na época, segundo alguns colegas, Dom Avelar tinha aquela posição, era muito liberal deixava, não recriminava, 'segurava a barra', era muito respeitado, era uma grande autoridade.<sup>332</sup>

[...] tínhamos encontros com Dom Avelar onde ele tomava conhecimento do trabalho que nós fazíamos sem interferir nas decisões a não ser como orientador, como uma pessoa que reflete o valor da pessoa humana, sobre o valor do cristianismo, sobre a evangelização.<sup>333</sup>

Diziam, eles<sup>334</sup> falavam pra mim que Dom Avelar era subversivo e que eu sabia. Então eles insistiam que eu dissesse qualquer coisa que incriminasse Dom Avelar e o padre Manuel Jesus, quer dizer, sempre assim, eles botavam forte nestas duas investigações com essas pessoas, eram as pessoas que eles procuravam mesmo e tinham certeza que era uma pessoa da subversão. Dom Avelar era visado e teve um outro bispo que, também, foi visado como subversivo, foi Dom Hélder Câmara [...].<sup>335</sup>

---

<sup>328</sup> Professora do MEB de 1962-1973.

<sup>329</sup> Membro da JAC, residia na zona rural do município de União, na localidade que se chamava Sossego.

<sup>330</sup> João Gualberto está se referindo ao período pós 1964 quando o padre Carvalho não acompanhava mais a JOC, nessa época ela era dirigida por Sônia Almeida e Mirocles Rodrigues, e não tinha mais o apoio direto da Igreja Católica.

<sup>331</sup> SOARES, João Gualberto dos Santos. *Depoimento cedido para Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina 1998. p. 04.

<sup>332</sup> NETO, Antonio. *Depoimento cedido para Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina 1998. p. 07.

<sup>333</sup> SOARES, Palmira Luzia, *Depoimento cedido para Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina 1998. p. 08.

<sup>334</sup> Teresinha Santos está se referindo às pessoas que a interrogavam em casa que ficava na Avenida Miguel Rosa, depois da Estação Ferroviária, na casa de um militar.

<sup>335</sup> SANTOS, Teresinha de Jesus. *Depoimento cedido para Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina 1998. p. 08/09.

Nesse caminho de construção de uma memória sobre a participação de Dom Avelar no golpe de 1964 as marcas que o perseguiram foram as de uma pessoa que se contrapunha àquele modelo de governo. Mesmo para os que entraram na JOC, quando a Igreja de Teresina não apoiava diretamente aquele grupo, Dom Avelar estava sempre disposto a escutar e contribuir como podia. A única crítica à figura do arcebispo foi observada no depoimento concedido pelo padre Carvalho, a respeito da sua prisão e a de Emílio Bulamarqui. Em sua fala transparece ter havido um tratamento diferenciado, no que tange a prisão de ambos, por ser o primeiro padre e o segundo apenas um leigo.

Foi incansável, Dom Avelar. Tivemos um dos maiores líderes preso, foi o doutor Manuel Emílio Bulamarqui de Oliveira. Esteve preso 12 dias, incomunicável, nem a esposa podia conversar com ele. Dom Avelar penetrava, falava e dava força para ele, mas ele achou que Dom Avelar devia estar preso com ele. Esse leigo ficou revoltado, ele achou que eu devia está lá no quartel, como ele foi. Esse leigo achava uma injustiça muito grande só ele ter sido preso. Ele achava que na minha prisão Dom Avelar relaxou, nesse sentido assim, que eu fiquei preso domiciliar. Eu disse a ele: senhor arcebispo eu estou para dar testemunho junto com o leigo. Nem podia dizer que não aceitava a prisão domiciliar porque para eles era um grande desabafo, pois eu estava sempre sendo ouvido. Nesse ponto, Dom Avelar foi um pouquinho fraco.<sup>336</sup>

Enquanto nas palavras do padre Carvalho, a atitude de Dom Avelar foi entendida como um *pouquinho fraco*, sobre essa mesma situação, o próprio Emílio Bulamarqui, afirma:

Dom Avelar fez o possível, mas ele não foi muito ouvido em Teresina. Por que o maior inimigo da Igreja era um capitão que inclusive escreveu artigos chamando Dom Avelar de comunista. Ele fez todos os esforços. Conseguiu, inclusive, que os padres ligados ao movimento da JOC não fossem presos, mas não conseguiu impedir a prisão de leigos.<sup>337</sup>

Como podemos perceber, o discurso anticomunista enraizou-se no Piauí a partir de 1964 com o golpe civil-militar, já que antes era apenas reflexo da Guerra Fria entre os Estados Unidos e a União Soviética. Quanto ao

<sup>336</sup> CARVALHO, Francisco das Chagas. *Depoimento cedido para Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina 1998. p. 05.

<sup>337</sup> OLIVEIRA, Emílio Burlamaqui de. *Depoimento cedido para Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina 1998. p. 05.

personagem em estudo, a principal crítica a Dom Avelar vem de suas práticas de apoio e estimulado à Ação Católica. Contudo, destacamos o apoio ao movimento sindical e a reforma agrária como os pontos mais sensíveis de sua gestão, por terem provocado a ira de um pequeno setor da população detentora da maioria das terras piauiense.

### 3.3 O movimento sindical ruralista católico

No final do século XIX a Europa já tinha mudado a maneira dominante de fabricar os seus produtos, saindo de uma produção artesanal, onde o artesão fazia tudo sozinho, desde a extração da matéria-prima até a transformação desta em um produto acabado, para o uso de máquinas, que substituíram as ferramentas, as mãos e os braços do seres humanos. Essas inovações tecnológicas tiveram como conseqüência o aparecimento de fábricas, que passaram a utilizar a divisão do trabalho como forma de organização, bem como a mecanização, o que transformou as relações entre trabalhadores e os meios de produção. Antes o trabalhador se utilizava de uma ferramenta e executava movimentos que partiam dele, após a introdução das máquinas, os movimentos partiam das máquinas e o homem procurava segui-la. A essas mudanças ocorridas deu-se o nome de *Revolução Industrial*, e uma de suas principais conseqüências foi o aparecimento de duas classes sociais: a burguesia industrial (os donos das indústrias) e o proletariado (os trabalhadores das indústrias).

Dois observadores estudavam aquelas transformações: um saído da Alemanha, observa a economia inglesa, era Karl Heinrich Marx, e o outro era o cardeal Vincenzo Gioacchino Pecci, depois Papa Leão XIII, que via as mudanças econômicas na Bélgica e na França, países em residia. O primeiro escreve, em 1848, o *Manifesto Comunista*, enquanto que o segundo, quase cinqüenta anos depois, em 1891, publica a Encíclica *Rerum Novarum*. Os dois escritos são frutos dessas observações, e ponderam sobre a crise social, o trabalho e o processo de criação da riqueza, na segunda metade do século

XIX, apesar de discordarem quanto à interpretação e aos caminhos a serem percorridos, para a solução dos problemas econômicos e sociais.

A encíclica do Papa Leão XIII alertava a Igreja Católica para a necessidade de reformas estruturais no modelo em que viviam os operários, para que estes tivessem uma condição de vida melhor.

[...] a Igreja, que sempre fora defensora dos fracos, deveria agora arrogar-se advogada do proletariado, colocando-se à frente do movimento social que fervilhava, como resultado de uma ordem social injusta e anti-cristã. Os tempos eram outros e não bastava mais apenas a fé para garantir o monopólio do sagrado.<sup>338</sup>

Enquanto que no Brasil, neste mesmo período, a segunda metade do século XIX, a produção econômica ainda centrava-se no mercado externo e no braço escravo. Ainda no começo do século XX, na administração do presidente Campos Sales (1898-1902), foi feito um pacto denominado *política dos governadores*, que tinha como objetivo a centralização do poder, o que representou, economicamente,

[...] grandes prejuízos para os Estados de modo geral, notadamente aos pequenos Estados, envoltos nos reflexos da crise financeira do país e carentes de investimentos e de produtos que pudessem engrossar suas pautas de exportações.<sup>339</sup>

Diante desta situação, no Nordeste brasileiro, a conjuntura econômica motivou a consolidação da posição dos coronéis, que eram latifundiários detentores dos poderes políticos e econômicos. Como possuidores de grandes faixas de terras, formavam a elite agrária da região dentro de um modelo de dependência do governo central, e com uma produção voltada para exportação, “sem economias fortes e capazes de sobreviver de modo auto-suficiente”.<sup>340</sup>

---

<sup>338</sup> SOUSA, Jessie Jane Vieira de. *Círculos operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. p. 73.

<sup>339</sup> BONFIM, Washington Luís de Sousa e SANTOS Jr., Raimundo Batista dos. Formação política. In SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro. *Piauí: formação, desenvolvimento e perspectivas*. Teresina: FUNDAPI, 1995. p. 49.

<sup>340</sup> *Ibidem*. p. 50.

Como Estado nordestino, o Piauí figurava entre estes com um panorama predominantemente rural o que favorecia à dispersão e ao isolamento das pessoas pelo território piauiense, acrescentando a esta visão uma população, em sua grande maioria analfabeta. Economicamente vivia do extrativismo vegetal voltado para o mercado externo, sem se preocupar com uma produção agrícola ou pecuária que pudesse dar uma autonomia ao Estado. Esta “exata situação social contribui para tornar a dependência do poder central o registro fundamental da nossa história política no século XX”.<sup>341</sup>

As atividades extrativas no Piauí tiveram início no começo do século [XX] atual. O extrativismo piauiense explorou quase que exclusivamente produtos vegetais: borracha (da maniçoba), cera de carnaúba e amêndoa de babaçu foram os produtos principais. Secundariamente, houve a exploração da oiticica, do tucum, do caroá e da malva. Quanto a extração mineral praticamente não teve expressão, limitando-se, durante a primeira metade de nosso século [XX], ao gesso e ao sal.<sup>342</sup>

Felipe Mendes<sup>343</sup>, além de reforçar a idéia do extrativismo vegetal no Piauí, no texto abaixo detalha a periodização desta atividade econômica.

O auge da exploração extrativista começou na última década do século XIX, com a cera de carnaúba, a que vieram somar-se, em seguida, a borracha de maniçoba, especialmente no período de 1900 a 1920, e o babaçu a partir de 1911, estendendo-se até a década de 1950, a partir de quando perdeu importância relativa na economia piauiense.<sup>344</sup>

Até o final dos anos de 1950, o extrativismo piauiense, que tinha uma importância de destaque na economia, perdeu essa condição, o que levou o Estado a aprofundar sua crise por não ter investido em uma estrutura econômica que lhe possibilitasse uma produção sem depender das regras impostas pelos países desenvolvidos e importadores daquela matéria prima,

<sup>341</sup> Ibidem. p. 50.

<sup>342</sup> MARTINS, Agenor de Sousa ... [et. al.]. *Piauí: evolução, realidade e desenvolvimento*. 3. ed., ver. Teresina: Fundação CEPRO, 2003. p. 58.

<sup>343</sup> Professor do departamento de Economia da UFPI, exerceu os cargos de Secretário de Fazenda do Estado e, também, Secretário de Planejamento do Estado no período de 1975 a 1982. Foi eleito Deputado Federal em 1986 e ficou na Câmara até 1999.

<sup>344</sup> MENDES, Felipe. *Economia e desenvolvimento do Piauí*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2303. p. 69.

que naquele momento estavam substituindo esses produtos naturais por sintéticos e procuravam produtos similares em locais com condições exportadoras melhores do que as do Piauí. “O extrativismo no Piauí configurou, com evidências elementares, um caso típico de relações econômicas semicoloniais”.<sup>345</sup>

Paralelamente a esta atividade a agricultura que era praticada no Piauí na primeira metade do século XX, era a de subsistência. Para Felipe Mendes, “a falta de interesse na agricultura pode ser demonstrada com o fato de que em 1935 a área cultivada total do Estado era de apenas 54,4 mil hectares, representando 2,2% da área total cultivada no Nordeste, [...]”<sup>346</sup>

Teresinha Queiroz<sup>347</sup> corrobora, quando diz:

Efeito que pode ser creditado à extração da maniçoba, em particular, e ao extrativismo, em geral, foi o massacramento da perda de posição do Estado em termos do conjunto nacional e regional. A inserção do Piauí no mercado mundial, por meio da exportação de produtos extrativos, iniciada com a borracha e consolidada com a cera de carnaúba e o babaçu, contribuiu no sentido de ocultar aquele fenômeno, pelo fato de propiciar a sobrevivência e até o fortalecimento dos grupos de grandes proprietários pecuário-extrativistas e comerciantes, bem como pela manutenção do Estado, enquanto instituição, em condições financeiras relativamente prósperas. Paralelamente, ocorria o empobrecimento da população, cuja solução de vida e sobrevivência passou a ser buscada cada vez mais na emigração para os maiores centros urbanos, principalmente o sul do país.<sup>348</sup>

No caso do Piauí, percebemos que o momento áureo do extrativismo não foi acompanhado de investimento que estimulasse a produção agrícola e pecuária o que terminou mostrando para o agricultor que a saída para o problema da fome na zona rural era a emigração. Aos que ficavam cabia adequar-se à pobreza no sertão acomodando-se ou lutando por uma forma de sobrevivência. É nesse terreno humano que vão encontrar solo propício teorias que buscavam resolver aquele problema, destacar-se-á aqui o incentivo dado

---

<sup>345</sup> MARTINS, A. de S. ... [et. al.]. *Op. Cit.* 2003. p. 64.

<sup>346</sup> MENDES, F. *Op. Cit.* 2003. p. 73.

<sup>347</sup> Professora doutora da Universidade Federal do Piauí.

<sup>348</sup> QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *A importância da borracha de maniçoba na economia do Piauí: 1900-1920*. 2. ed. Teresina: FUNDAPI, 2006. p. 184-185.

pela Igreja Católica, através de Dom Avelar à formação de sindicatos como um meio para se discutir e procurar soluções para os problemas de forma pacífica.

A segunda metade do século XX iniciou com a criação do Banco do Nordeste (1952) e da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE (1959) como elementos de uma política voltada para o desenvolvimento social e econômico do Nordeste brasileiro, mas continuou sendo uma política equivocada do governo central, porque não considerava as diversas sub-regiões que existiam nesta região. “O sistema de incentivos fiscais adotado para desenvolver a região, induziu sua industrialização, a partir de 1960, pelo capital monopolista do Centro-Sul e, após 1964, também pelo capital multinacional”.<sup>349</sup>

O Piauí se ressentiu muito dos investimentos promovidos pela SUDENE já que o Estado não tinha energia elétrica, os projetos de incentivos para o Piauí, em sua maioria, foram os pecuários.<sup>350</sup> O golpe civil-militar veio trazer para o Piauí investimentos na área de infra-estrutura, como a energia elétrica, em 1971, estradas e telecomunicação com o objetivo de promover a integração nacional.

A trajetória da economia do Piauí nos mostra que no Estado inexistia um parque industrial, de modo que podem dizer que não havia a categoria social denominada de proletariado. No Brasil, a *Revolução Industrial* só começou acontecer com a chegada de Getúlio Vargas ao poder juntamente com um grupo de pessoas que pensava de maneira diferente dos que dirigiam o Estado brasileiro até então.

A grande mudança que se deu, após 1930, foi que o poder passou a dar máxima prioridade ao desenvolvimento do mercado interno, ao crescimento ‘para dentro’, adotando uma estratégia em que a industrialização aparece como instrumento para tornar a economia nacional o menos dependente possível do mercado mundial.<sup>351</sup>

---

<sup>349</sup> SINGER, Paul. Interpretação do Brasil: uma experiência histórica de desenvolvimento. In: PIERUCCI, Antonio Flavio de Oliveira ... [et. al.]. *O Brasil republicano: economia e cultura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 227.

<sup>350</sup> MENDES, Felipe. Formação econômica. In SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro. *Piauí: formação, desenvolvimento e perspectivas*. Teresina: FUNDAPI, 1995. p.77.

<sup>351</sup> SINGER, P. Op. Cit. 1995. p. 218.

A industrialização brasileira de 1930 a 1955 foi realizada com investimentos maciços de capital estatal, pois, à época, o capital privado nacional era embrionário, e só depois é que começou a ser injetado no país o capital multinacional. No período de 1956 a 1967, é através das empresas multinacionais, o Brasil passou a se inserir no mercado internacional fazendo parte dos países industrializados.<sup>352</sup>

Pode-se dizer que o capitalismo monopolista, que antes de 1930 só existia nos serviços de infra-estrutura, lança raízes no Brasil entre 1933 e 1955 para passar a dominar o processo de industrialização a partir de 1956. O capital monopolista continua sendo, em sua maior parte, multinacional ou estatal, mas alguns grupos privados brasileiros, em ramos como o da fabricação de máquinas, papel e metalurgia, começam a se transformar também em capitais monopolistas por essa época.<sup>353</sup>

Essas transformações econômicas ocorridas no Brasil não são sentidas no Piauí. Desta forma, quando Dom Avelar chegou a Teresina, em 1956, a sua preocupação primeira foi com a população camponesa do estado, preocupação trazida dos dez anos de episcopado de Petrolina, sertão pernambucano, região que guarda, economicamente, semelhança com o Piauí. Conforme texto abaixo, o crescimento da população operária no Brasil ocorreu, de forma contundente, a partir de 1940.

No país, a questão operária tende a ganhar corpo pela própria extensão da indústria e da massa operária. A população operária não só cresce mas também se concentra. Os dados gerais do censo de 1920 indicam a existência de 13.336 estabelecimentos industriais, com 275.512 operários. Em 1940, o número de trabalhadores na indústria sobe para 781.185, triplicando em 20 anos. A concentração maior está no Distrito Federal, com 93.525 operários, em 1929, e, em São Paulo, com 148.376 operários na mesma data.<sup>354</sup>

---

<sup>352</sup> SINGER, Paul. Interpretação do Brasil: uma experiência histórica de desenvolvimento. In. PIERUCCI, Antonio Flavio de Oliveira ... [et. al.]. *O Brasil republicano: economia e cultura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 211-233.

<sup>353</sup> Ibidem. p. 228.

<sup>354</sup> BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização. In. PIERUCCI, Antonio Flavio de Oliveira ... [et. al.]. *O Brasil republicano: economia e cultura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p.308.

A distribuição das indústrias reflete a preocupação do governo central com o centro-sul do Brasil, outros Estados foram incluídos no olhar da República, são eles: Minas Gerais, Rio Grande do Sul. No Nordeste, o destaque foi, inicialmente, apenas a Bahia. O que reforçava a preocupação da Igreja Católica de Teresina com os trabalhadores da agricultura. Podemos afirmar, então, que a pouca repercussão das Encíclicas *Rerum Novarum* (1891) e *Quadragesimo Anno* (1931) foi devido a um operariado pouco expressivo. Contudo, Dom Avelar teve, também, preocupação com esse grupo, exemplo disso foi a criação da paróquia de São José, da Vila Operária e a criação da Juventude Operária Católica – JOC que passou a ser coordenada pelo padre Francisco das Chagas Carvalho, pároco, escolhido por Dom Avelar, para ser um dos assistentes da Ação Católica – AC.

Como assistente da JOC nomeado por provisão por Dom Avelar, eu mais um grupo de jovens, rapazes e moças, entramos de cheio na programação de conscientização do trabalhador, procurando fazer com que eles descobrissem o seu valor e vivesse como jovens cristãos. [...] Tínhamos aqui em Teresina, sede própria, uma casa alugada. As pessoas reuniam semanalmente, e conversavam sobre a caminhada da JOC, sobre a aceitação e não aceitação dos trabalhadores, rapazes e moças da JOC, e sobre carteiras assinadas e não assinadas. E tudo isso nós estávamos por dentro mesmo, com toda garra, com todo sacrifício, dispostos a tudo que viesse acontecer.<sup>355</sup>

O sindicato no Brasil foi reconhecido pelo Estado no governo de Getúlio Vargas, mas tendo a característica de ser o único órgão a representar os trabalhadores e patrões. À época, a greve era proibida, caso as negociações entre patrões e empregados não conseguissem chegar a um acordo, a autoridade federal passaria a intervir para que acontecesse um acordo entre as partes. A Igreja vai condenar esse monopólio sindical exercido pelos Estados fascista, na Itália e no Brasil, através da *Carta del lavoro*, do Papa Leão XIII. No Brasil a Liga Eleitoral Católica incluiu entre seus postulados para as eleições de 1933, a liberdade sindical. Como consequência na Constituição de 1934, o artigo 120 acrescenta: “Os sindicatos e as associações profissionais serão

---

<sup>355</sup> CARVALHO, Francisco das Chagas. *Depoimento cedido para Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina 1998. p. 01.

reconhecidas de conformidade com a lei. Parágrafo único: A lei assegurará a pluralidade sindical e a completa autonomia dos sindicatos.”<sup>356</sup>

Em 1951, a Igreja de Natal, realiza a 1ª Semana Ruralista e alerta, através de uma Carta Pastoral, que a situação do campo estava sendo influenciada por “uma fermentação ideológica”,<sup>357</sup> proveniente da cidade e fruto de análise superficial da região. Em 1956, dezenove bispos do Nordeste se encontraram na cidade de Campina Grande para buscar soluções para o campo, e influenciar o governo de Juscelino Kubitschek. Esse presidente se fez presente no encerramento e recebeu, então, um documento com reivindicações para o Nordeste. Outra reunião em que o Presidente se fez presente foi a de 1959, em Natal, em que fez discurso realçando o o papel da Igreja Católica da região nordestina.

Como se executaria o planejamento regional agora feito pela Operação Nordeste, se a força normal da Igreja não tivesse ajudado o governo a articular e entrosar elementos oficiais e particulares que, embora atuando na mesma região, não se prestavam mútuo auxílio, não se completavam, trabalhando fragmentariamente, com grande desperdício de verbas e técnicos?<sup>358</sup>

O presidente reconhece o apoio e a influência da Igreja Católica na Operação Nordeste – OPENO que veio desembocar, como uma das soluções para os problemas, na criação da SUDENE. Naquele encontro de 1959 Dom Avelar faz as seguintes declarações sobre a OPENO no jornal *O Dominical* mostrando sua posição e da Igreja:

Os bispos reconhecem a necessidade de um planejamento de desenvolvimento econômico, que venha libertar o Nordeste de seu quase crônico sub-desenvolvimento. Acham que não deve ser exclusivo da Operação o problema da industrialização e

<sup>356</sup> BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização. In. PIERUCCI, A. F. de O. ... [et. al.]. *Op. Cit.* 1995. p. 314.

<sup>357</sup> PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira; SOUZA, Beatriz Muniz de e CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. Igreja Católica: 1945-1970. In. PIERUCCI, Antonio Flavio de Oliveira ... [et. al.]. *O Brasil republicano: economia e cultura.* 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 19995. p.356.

<sup>358</sup> OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek de. Discursos. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1960 *Apud* PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira; SOUZA, Beatriz Muniz de e CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. Igreja Católica: 1945-1970. In. PIERUCCI, Antonio Flavio de Oliveira ... [et. al.]. *O Brasil republicano: economia e cultura.* 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 19995. p. 369.

dos transportes. Reclamam tratamento igualitário para a agricultura [...].

[...]

O Sr. Arcebispo, com interpelações diretas, formulando perguntas ao Dr. Celso Furtado, conseguiu daquele grande técnico o seu pensamento quanto à real posição do Piauí na OPENO. Soube então que o Piauí, enquadrado com o Maranhão no Nordeste Ocidental, será obrigatoriamente objeto de preocupação, porque formará com o Estado vizinho uma área de especializada do Nordeste, exigindo exame *in loco* de seus problemas. Assim sendo, a Comissão de Técnicos para o Piauí já foi designada para um exame objetivo de seus problemas da base, a saber: Energia – Transporte – Colonização.<sup>359</sup>

A busca de um tratamento igualitário para a agricultura com relação à indústria e ao transporte foi uma das reivindicações dos bispos do Nordeste. No que diz respeito ao Piauí, especificamente, havia uma preocupação do governo central e do Arcebispo quanto às questões rurais, sendo que estas não se desenvolviam no Estado, por falta de investimento de base, como a própria inexistência de usinas de energia elétrica que abastecessem o Piauí, sendo que a única que havia, à época, era uma, termelétrica, na capital à base da queima de madeira e que funcionava até às vinte três horas.

O envolvimento de Dom Avelar com o movimento ruralista surgiu no período em que foi bispo de Petrolina, onde promoveu *As Semanas Ruralistas*. Quando chegou em Teresina, em maio de 1956, logo nos primeiros meses, especificamente nos dias 6 a 11 de agosto estava a Arquidiocese e o Ministério da Agricultura patrocinando a *Primeira Semana Ruralista*, em que foi debatido assuntos, como: a mecanização da lavoura; emprego e vantagens do uso das sementes selecionadas; situação do reflorestamento e queimadas no Piauí; problemas sanitários no Piauí; conservação do solo e adubação; necessidade de estudo do solo piauiense; educação de base, fator de progresso social de um povo e de uma região; demonstração sobre sistema de irrigação; colheita, beneficiamento e fiscalização do algodão; carnaúba, babaçu, oiticica e tucum; valor econômico da fruticultura no Piauí; considerações sobre as doenças das plantas cítricas; cooperativismo e associativismo; aspectos dos problemas sociais em Teresina; exposição agropecuária; criação extensiva no Piauí; o

---

<sup>359</sup> ENCONTRO dos bispos em Natal. Jornal *O Dominical*. Teresina, ano XXIII, 07 jun de 1959, n° 23/59. p. 01.

gado Guerasey e sua vantagens – comportamento em nosso meio; doenças mais comuns aos animais domésticos do Piauí; crédito rural B.N.B.; incremento à caprinocultura – necessidade que se impõe ao nosso meio; pequena açudagem, poços, serviço social rural<sup>360</sup>.

Dentro da programação da *Semana Ruralista* percebemos que vários foram os assuntos abordados, numa tentativa de abranger um leque que fosse o mais amplo possível. Temas, como o plantio e o manuseio de várias espécies nativas da região como o algodão, o babaçu, a carnaúba, o oiti, incluindo as árvores frutíferas. A utilização e conservação do solo tendo destaque para as queimadas, prática comum aos que plantavam, naquela época. A criação de animais desde os domésticos até o gado e a caprinocultura. A convivência com a seca estava incluída entre os temas através do debate sobre os pequenos açudes e a perfuração de poços.

Contudo, devemos ressaltar aqui um destaque especial para o tema da manhã do dia oito – *Educação de base, fator de progresso social de um povo e de uma região* e o tema da tarde do dia nove – *Cooperativismo e Associativismo*. Estes temas foram abordados devido ao fato de os agricultores já estarem se organizando no Estado, mas esta não era uma prática apenas no Piauí, conforme as fontes encontradas. Contudo, o processo de organização daquela parcela da sociedade, de acordo com os registros encontrados, iniciou-se, no Piauí, com a chegada de Dom Avelar.

A Igreja Católica encontrava-se em processo de organização dos trabalhadores rurais desde a implantação da Ação Católica Brasileira – ACB, especificamente com a Juventude Agrária Católica – JAC, onde o secretariado nacional da JAC participou de diversas semanas ruralistas pelo país, colaborando com a parte organizacional dos eventos.<sup>361</sup> Mas é a partir de 1949 que os *bispos nordestinos* vão se reunir para o primeiro *Curso para Sacerdotes da Área Rural*, na Universidade Rural, no Rio de Janeiro, Estado da Guanabara. Outras reuniões aconteceram, em 1950, em Caxambu, no Estado de Minas Gerais, coordenada por Dom Frei Inocêncio Engelke. Também, em

---

<sup>360</sup> PRIMEIRA Semana Ruralista no Estado do Piauí. Jornal *O Dominical*. Teresina, ano XX, 29 jul 1956, n. 31/56. p. 01.

<sup>361</sup> Cf. *Revista do assistente eclesialístico* de n° 33 de junho de 1950 e a de n° 38 de janeiro-fevereiro de 1951 *apud* BANDEIRA, Marina. *A Igreja Católica na virada da questão social (1930-1964): anotações para uma história da Igreja no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes Educam. 2000.

1950, no Rio Grande do Norte, organizada pelo padre Eugênio Salles, com a participação dos bispos vizinhos.<sup>362</sup>

Percebemos que, no Estado do Piauí, aquele movimento cresceu com a chegada de Emílio Burlamaqui de Oliveira,<sup>363</sup> convidado por Dom Avelar para trabalhar na Arquidiocese, em 1962 conforme declaração dele: “eu [Emílio] aceitei a incumbência de Dom Avelar e iniciei o processo de sindicalização rural, movimento, com a formação de liderança do meio rural. Essas lideranças, em grande parte, indicadas pelo párocos, pelos vigários nos municípios do interior”.<sup>364</sup>

Mas este trabalho de Dom Avelar junto aos agricultores, estimulando-os a praticarem a forma de associativismo para reivindicar seus direitos através dos sindicatos rurais não foi muito bem aceito por parcela da sociedade piauiense. Este grupo, que fazia oposição a esta lida da Igreja Católica no Piauí, teve como seu principal porta voz Simplício de Sousa Mendes, que era presidente da Academia Piauiense de Letras. Depois do golpe civil-militar de 1964 ele publica alguns artigos em sua coluna *Televisão*, no jornal *O Dia*, nos quais se referia diretamente ao apoio dado pela Igreja Católica do Brasil, especificamente por Dom Avelar, aos sindicatos rurais.

[...] não escapa aos homens públicos do Brasil e ao Episcopado Brasileiro, orientado pela renovada doutrina da Igreja contra o comunismo universalista, - a necessidade plena de reestruturar-se, em plano amplo, justo e cristão, - democrático e altamente cívico, - o teor de propriedade nacional da terra, em benefício geral e no interesse comum do povo, que, neste momento subversivo e reformador, deve ser encarado, num sentido de melhor promoção de vida, - pelos políticos, pelo Episcopado Nacional, zelador da democracia espiritual e por todos os homens de pensamento e de altruística consciência social.

E eis por que S. Exa. Revma. Dom Avelar Brandão Vilela, em cumprimento mesmo de sua sagrada missão de *Evangelizar e Humanizar*, e, mesmo em cumprimento de decisão do episcopado Brasileiro, voltou-se para o *Campo*, para a população rural – para o camponês – no intuito elevado de

<sup>362</sup> BANDEIRA, M. *Op. Cit.* 2000. p. 218-219.

<sup>363</sup> Teresinense, advogado e envolveu-se com a Igreja Católica a partir do Curso Mundo Melhor. Funcionário da Secretaria de Planejamento, foi nomeado por Dom Avelar para ser o Secretário de Planejamento da Mitra-Arquidiocesana.

<sup>364</sup> OLIVEIRA, Emílio Burlamaqui de. *Depoimento cedido a Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina: 1998, p. 01.

reorganizá-lo e proporcionar-lhe melhores condições de vida e de trabalho.<sup>365</sup>

Em outro artigo ele continua a dizer que este *voltar-se para o campo*, estimular e apoiar o movimento sindical rural é um erro de responsabilidade maior da Igreja Católica do Brasil e que, por Dom Avelar Brandão Vilela ser um bispo desta Igreja, compartilha do erro por influência.

O erro, não propriamente de D. Avelar, mas do Episcopado, foi o de aceitar essa via [o sindicalismo] contraindicada, para chegar-se a uma Reforma Agrária, - pacífica, justa e cristã, tal qual é da doutrina social da Igreja. Não prevaleceu o perigo iminente das idéias marxistas que pairavam no ar e envenenavam o ambiente. E ninguém se apercebeu de que o ruralismo brasileiro, - especialmente no nordeste, o trabalhador é primário, ignorante, sem condições de selecionar idéias, compreender direitos e distinguir o bem do mal.

[...]

[...], S. Exa. D. Avelar, não encontraria em nosso meio social, - auxiliares idôneos, esclarecidos, com auto-crítica e cultura bastante para o alto desempenho de missão de tanto relevo, evidentemente espinhosa e difícil. A *sindicalização*, no caso, daria lugar, fatalmente, ao antagonismo, de que se aproveitou o espírito *antidemocrático*, para investir contra a propriedade privada, - declinando-se para a violência e a espoliação, tal qual se deu no Rio Grande do Sul, em Minas, no Estado do Rio, em Paraíba, Pernambuco.

[...]

Pelo *sindicalismo*, não; jamais, por este caminho liberticida, se chegará a enrolar as velas e encostar os barcos em porto amplo e seguro.<sup>366</sup>

A atuação da Igreja no meio rural prescindiu de uma análise apurada da realidade e de falta de homens que pudessem dar suporte técnico para atuação de Dom Avelar, pois o homem do sertão nordestino era rude e ignorante. Neste sentido, o Arcebispo deixou-se influenciar por pessoas que tinham uma proposta *antidemocrática*. Em outro artigo encontramos Simplício Mendes reforçando que o erro de Dom Avelar provinha de um erro maior da Igreja Católica do Brasil que se deixou influenciar pelo governo federal que

<sup>365</sup> MENDES, Simplício de Sousa. D. Avelar. Jornal *O Dia*. Teresina, ano XIV, 23 abr 1964, n. 1.222. p. 03.

<sup>366</sup> MENDES, Simplício de Sousa. Democracia e socialismo. Jornal *O Dia*. Teresina, ano XIV, 24 abr 1964, n. 1.223. p. 03.

antecedeu a ditadura militar, o qual tentou instalar, no país, uma ditadura sindicalista.

O Episcopado Brasileiro – na intenção de humanizar o trabalhador do ruralismo nacional, - adotou a política enganosa do governo da República, embora de boa fé e no sentido da justiça Social preconizada e ditada pela Igreja nas encíclicas pontifícias.

D. Avelar, levado por esse mesmo espírito humanitário, lançou-se à obra sindical na sua jurisdição eclesiástica, levado por idêntico intuito de amparar e de melhorar o nível da vida do trabalhador sertanejo.

Não deu certo, aqui e além, não só por falta de auxiliares psicologicamente idôneos, capazes, compreensivos, como também, - acima de tudo – porque o processo sindical distendido pelo governo da República aos meios rurais brasileiros, era um processado errado, inadequado ao *hinterland* sertanejo do Piauí e do Brasil.

[...]

D. Avelar, - no seu idealismo elevado, puro e cristão, - somente quis o bem, a harmonia, a promoção social do trabalhador agrícola, - a Justiça para todos. E não levou em conta o seu próprio sacrifício em face das dificuldades imensas do empreendimento e dos fatores subversivos e negativos, que teriam de surgir, - inutilizando o alto devotamento de S. Exa. ao próximo.

S. Exa. deve ser melhor julgado, com mais compreensão, com mais isenção, - com o necessário espírito de Justiça dos seus jurisdicionados, a quem S. Exa. só deseja o bem, a paz, e um melhor teor de vida.<sup>367</sup>

O erro praticado pelo Episcopado brasileiro e conseqüentemente por Dom Avelar, segundo o artigo, advinha de influências do Governo de Jango, que procurava através do movimento sindical enganar a população do país, para implantar uma República Sindicalista. No dia dez de maio, no jornal *O Dominical*, Dom Avelar publica uma Carta Aberta em resposta aos artigos de Simplício Mendes:

1º) – O Episcopado, no trabalho que resolveu empreender nas várias áreas subdesenvolvidas do Brasil e especialmente do Nordeste, procurou ouvir unicamente a voz de sua consciência pastoral. Não se prendeu a este ou àquele Governante, no sentido de servir a seus planos cleros ou ocultos.

---

<sup>367</sup> MENDES, Simplício de Sousa. Os sindicatos. Jornal *O Dia*. Teresina, ano XIV, 25 abr 1964, n. 1.224. p. 03.

2º) – Se o caminho que seguiu porventura não correspondeu à sua expectativa ou à expectativa de uma parte de seus dirigidos espirituais, a reta intenção existiu, e os motivos determinantes dessa atitude foram válidos. Quanto ao julgamento definitivo desse esforço, é cedo demais para fazê-lo. Vai pertencer à história.

[...]

6º) – Não adiantaria perguntar se havia intenções maldosas pairando no ambiente, se havia perigo comunista rondando o homem do campo, na hora que o Episcopado iniciou o seu trabalho.

Se nenhum perigo existisse, não se explicaria um esforço tão grande e tão rápido do Episcopado, pois o problema não era especificamente seu.

O desafio, porém, fora lançado. Era um fato a entrar pelos olhos.

A liberdade da democracia dava o direito de livre reunião e, como se sabe, tanto se pode usar como se pode abusar desse direito.

E a verdade é que o movimento das Ligas Camponesas e outros iam buscar os líderes naturais do meio rural onde eles se encontrassem, e pretendia prepará-los para a luta de classe o Episcopado foi também ao meio rural para encontrar-se com esse homem abandonado, com a dupla missão: - fazer evitar que fosse presa fácil nas mãos dos comunistas e dar-lhe a noção da justiça social, dentro das normas cristãs.

[...]

11º) – Quanto às invasões de terra propriamente ditas (e aqui me refiro a litígios e reclamações, objeto puro e simples de exame e decisão da Justiça), e ao sangue derramado em alguns pontos do País, em razão de choques armados entre proprietários e trabalhadores, queremos declarar que tais atitudes não partiram dos sindicatos rurais patrocinados pela Igreja, mas de outras entidades que atuavam no campo também.

Se, na defesa dos direitos do trabalhador, houve algum excesso comprovado, nos sindicatos de inspiração cristã, não mereceu nem merecerá o nosso louvor.

12º) – Convém ser esclarecido que, no campo, eram muitas as entidades que funcionavam em matéria de sindicatos:

- a) organizações comunistas, socialistas, liguístas(sic), etc;
- b) organizações de orientação cristã, patrocinadas pela Igreja;
- c) organizações estatais (Supra);
- d) organizações patronais que promoviam não só a criação de seus sindicatos próprios, mas também patrocinavam a criação de sindicatos de trabalhadores rurais<sup>368</sup>.

A resposta de Dom Avelar não foi publicada no jornal *O Dia*, mas a encontramos no jornal da arquidiocese, *O Dominical*. Ela está dividida em três momentos, em uma primeira parte onde é feita uma análise dos conceitos

<sup>368</sup> Carta aberta de Dom Avelar ao prof. Simplício. Jornal *O Dominical*. Teresina 1 de maio 1964. Arquivo particular do padre Raimundo José.

utilizados por Simplício Mendes em cada artigo. A segunda parte é composta de doze itens nos quais Dom Avelar discutia as críticas e se posicionava. Na última parte, ele resumiu tudo, mostrando, em nível nacional e estadual, o posicionamento da Igreja Católica e o seu. A resposta foi traçada como um diálogo respondido item por item. Ressaltou, Dom Avelar, em sua resposta, que todo seu trabalho junto às formas de associativismo, em destaque o sindicalismo, estava em consonância com um projeto da Igreja Católica, desligado de qualquer governo. Dentro desse processo ele não desconhecia as influências diversas que o sertanejo brasileiro, destacando o nordestino, recebia de diversas correntes vinda das regiões urbanas. Ainda ressaltava o papel da Igreja em ser coerente com suas linhas gerais, traçadas pelos Papas, desde Leão XIII, com a *Rerum Novarum*, até João XXIII, com a *Mater et Magistra*. Coerente, também, com seu lema *Evangelizar e Humanizar*. Ainda na Carta, Dom Avelar informa que essas atividades da Arquidiocese, o apoio aos sindicatos, cessaram devido a exigências do governo que se instalara, mas que “fazendo cessar as atividades de sindicalismo rural continuaremos a pregar o nosso lema de Evangelizar e Humanizar que um dia desfraldamos no Piauí”.

Diante da discussão sobre os sindicatos rurais, Dom Avelar se posicionava claramente em outro documento encontrado, uma carta deixada para o padre Raimundo José Airemorais, em três de setembro de 1963, quando da sua viagem para a reunião do Concílio Vaticano II, convocada àquele ano pelo papa Paulo VI. Ao mesmo tempo deixa claro que esse posicionamento não é só seu, mas dos arcebispos do nordeste.

Estou de partida para o Concílio Ecumênico Vaticano II, convocado pelo Santo Padre Paulo VI.

Estarei em Roma até dezembro, quando se presume seja concluído o segundo período desse memorável conclave.

Com toda a probabilidade, ainda haverá uma terceira convocação, em 1964.

Deixo o Piauí, com algumas preocupações graves, em face de certos acontecimentos que estão sendo interpretados, sem a devida reflexão.

Sobre a posição da Igreja, relativamente aos problemas agrários, devo declarar o seguinte:

a) - existe um problema a resolver, na zona rural, que não é dado a ninguém desconhecê-lo.

b) – várias forças estão penetrando no meio rural, com a intenção de ajudá-lo ou convulsioná-lo.

c) - A Arquidiocese de Teresina, ao lado de todas as Arquidioceses do Nordeste, resolveu também tomar posição diante do problema.

d) – O assunto não é desses que se possam resolver pela simples cogitação, mas pela ação in loco, dentro das normas do direito, da verdade, da justiça e do amor.

e) – E foram surgindo os sindicatos rurais, órgãos de classe, para os trabalhadores do campo, já conscientes de sua situação, e de que devem se esforçar por melhorá-la, nesta hora de reivindicações comprovadas.

f) – A Igreja olha o sindicato como um instrumento de luta pacífica mas decidida pela causa justa do trabalhador rural.

g) – Os sindicatos rurais não representam tudo o que a Igreja pensa acerca da agricultura nacional, convém afirmá-lo, sem subterfúgios.

h) – Embora saiba a Igreja que os sindicatos possam ser trabalhados por elementos contrários a seus ideais, não há de ser por isso, que irá abandonar o campo à própria sorte. Pelo contrário, essa consideração deve levá-la a compreender em maior profundidade a urgência de sua ação equilibrada em favor da causa comum.

i) – Aviso à opinião pública do Piauí que, além dos sindicatos rurais, outros movimentos trabalham no meio do campo, movimentos cujas intenções desconheço na sua plenitude, e cujos métodos e objetivos não coincidem com aqueles adotados pela Igreja.

j) – Dito isso, para orientação dos proprietários e dos trabalhadores do campo, desejo salientar que a Igreja quer a promoção do homem rural, mas não admite a luta de classe, dentro do conceito leninista-marxista. Não quer a luta de uma classe contra a outra, luta de extermínio, luta que pretendesse destruir tudo para instalar a ditadura do proletariado, à procura de uma sociedade sem classe, que não existe, nem existirá, em lugar nenhum do mundo.

l) – Não admitindo a luta de classe no seu sentido original, a Igreja, nem por isso, deixa de reconhecer a necessidade de que os direitos da pessoa humana sejam colocados em termos de justa reivindicação.

Essa justa reivindicação faz apelo à compreensão, à consciência cristã bem esclarecida e à justiça social. Ela é também uma exigência do bem comum, dentro do qual os direitos e os deveres devem ser levados em consideração.

m) – Não aceita, pois, a Igreja qualquer atitude de violência em si mesma, não aceita revolução sangrenta, como instrumento de conquistas sociais, não aceita a invasão de terras, pura e simples, como se não existisse o direito a propriedade particular.

n) – Mas, por outro lado, não concebe o direito de propriedade senão como direito e jamais como processo de exploração do homem pelo homem.

Por isso mesmo, distingue o uso e abuso desse direito.

E Lembra que o direito de propriedade está limitado pelo direito primário e fundamental determinado pela destinação universal dos bens da terra. (Pio XII)

o) – Acho que, nesse trabalho de implantação de reformas, há necessidade de criar-se um clima de confiança mútua entre proprietários e camponeses, de tal modo que nem os primeiros queiram ser exploradores nem os outros fabricantes sistemáticos de casos.

p) – Chamo a atenção de todos para o seguinte: - ninguém suponha que tudo está bem como está. É preciso modificar as estruturas, encontrar novos métodos de trabalho, mais preocupação na valorização do homem e de seu esforço na obra de desenvolvimento econômico e social.

q) – Novas experiências estão sendo feitas no mundo inteiro. As experiências coletivistas determinadas pela força têm fracassado continuamente. Ou o homem não está preparado para enfrentá-las, ou não encontra estímulo no esforço supremo que realiza em favor do Estado, ou se cansa de tanto empregar-se pelo coletivo, sem jamais elevar-se como pessoa e como grupo social. E tais experiências haverão sempre de fracassar, uma vez que são atentatórias dos direitos e interesses da pessoa humana.

r) – Enquanto isso, sente-se a necessidade de que, neste século da civilização de trabalho, se compreenda que o trabalho não é escravo do capital, mas é a atividade de um ser humano, de milhares de seres humanos empenhados na vitória de uma causa, na realização de um ideal.

s) – Deve ser o trabalho tratado dignamente, colaborador que é do capital, na realização do bem comum. O trabalho deve [não identifiquei a palavra] proporcionar ao trabalhador não apenas a estrita satisfação de suas necessidades primárias, mas também a possibilidade de uma ascensão humana, honesta, justa e merecida.

t) – Sei que a grande maioria dos proprietários compreende essas necessidades, e não imaginam seja o trabalhador rural um simples caboclo eternamente ignorante e sem direito a ser um dia instruído e melhor tratado, mas, ser também de outro lado, que se sente impossibilitado de fazer, pela falta de recursos e de meios adequados.

u) – É aí que se percebe a urgência de uma reforma que não seja espoliativa, mas que não seja paliativa, e venha em socorro do direito de propriedade ameaçado e em defesa do camponês impedido de melhorar suas condições de vida.

Se não encontrarmos esse novo caminho, não vejo como podermos garantir a segurança de que precisamos para um trabalho tranqüilo e fecundo, neste Nordeste subdesenvolvido, batido pelas secas e pelas inundações, cheio de analfabetismo, de doença, e de tantos outros problemas acumulados.

v) – Finalmente, desejo afirmar que continuo patrocinando a causa dos Sindicatos rurais. E que está a frente desse movimento o dr. Manuel Emílio Burlamaqui de Oliveira.

Sei que esse nome vem recebendo restrições consideráveis por parte dos proprietários, na sua maioria.

Há quem se queixa amargamente de seu programa “Desperta, camponês”, programa de sua inteira responsabilidade.

Quero dizer que a missão de organizar sindicatos rurais não é simples passeio pelos campos. É trabalho árduo e penoso. Difícil e complexo.

Há no dr. Manuel Emílio de hoje um conjunto de qualidades que é preciso reconhecer de público.

Se, num ou noutro programa, se excedeu em palavras, não há de ser por isso que devo obscurecer o seu exaustivo e continuado trabalho pela causa do sindicalismo rural.

As expressões, um dia, julgadas ofensivas à classe dos proprietários representam um episódio do passado que se tornou mais contundente sobretudo pela maneira como foi apresentado.

É preciso que esse moço seja compreendido e seja ajudado.

Eu, que não costumo conduzir as pessoas em termos de camisa de força, sempre acredito que o polimento final surgirá também na sua personalidade inquieta, à proporção de sua maior experiência, e na medida em que todos os homens do campo se decidirem a colaborar mais intensamente na solução dos problemas, na erradicação sobretudo das causas que estão determinando os males de nossa época.

Não imagino que sua obra seja perfeita, nem poderia imaginá-lo.

Mas considero uma obra necessária e útil, embora digna de revisão, sob certos aspectos, como todo trabalho pioneiro que se faz.

x) - Como testemunho de desejo de cooperar para o bem comum, designo a seguinte Comissão de Assuntos Agrários para examinar e resolver, acerca da matéria, os problemas que surgirem:- Mons. Joaquim Chaves, Padre Raimundo José Airemorais, Prof. Raimundo Santana, Dr. Mariano Castelo Branco, dr. Ribamar de Castro Lima e dr. Manuel Emílio B. de Oliveira.

y) - Além dessa Comissão, ficará também funcionando outra Comissão de Relações Públicas para verificação de certos aspectos práticos que antigos e novos problemas possam suscitar.

z) - E, agora, meus caros diocesanos, com as minhas despedidas, a minha bênção pastoral.<sup>369</sup>

Dom Avelar se viu impelido a escrever esta carta, primeiramente, porque iria se ausentar de Teresina por um longo período e sem data para retornar, seu destino era a segunda reunião do Concílio Vaticano II, a primeira convocada pelo papa Paulo VI. O segundo motivo anunciado por Dom Avelar para deixar a carta *são as várias forças que estão penetrando no meio rural*, ele estava se referindo ao grupo de pessoas que defendiam o marxismo, idéia que a Igreja Católica repelia. Dom Avelar na carta não se referia diretamente às Ligas Camponesas.

---

<sup>369</sup> VILELA, Dom Avelar Brandão. Carta endereçada ao Padre Raimundo José Airemorais. Teresina 09 set 1963.

Para Francisco Julião<sup>370</sup>, intitulado coordenador das Ligas, as reformas deveriam acontecer com base no marxismo.

E por mais que se diga a nossa preocupação era de ordem puramente reformista, eu achava que a reforma agrária, nesse caso, implicava uma preparação para a revolução social mais profunda. Há dois tipos de reformista: o que faz a reforma para deter um processo revolucionário, e o que utiliza a reforma precisamente para acelerar esse processo. Eu estava nessa segunda categoria, porque sou marxista.<sup>371</sup>

Apesar de Julião falar em reformas que acelerassem o processo revolucionário, Dom Avelar falava em reformas que pudessem ser implantadas em um clima de confiança mútua. Reformas que visassem ao coletivo e não a uma pessoa, em benefício do Estado sem o uso da força.

Além das forças oriundas das Ligas e de outros intelectuais ou aventureiros, outra força que atuava, naquele momento, no campo era a Igreja Católica. Nesse sentido, sabendo da força da Igreja nesse movimento rural, Dom Avelar aproveitou para deixar claro o seu entendimento, não apenas o seu, mas o da Igreja, sobre o papel do sindicato rural como um instrumento de conscientização e de luta pacífica, de reivindicação de melhorias para o sertanejo nordestino. A luta de classe e a ditadura do proletariado são elementos do discurso marxista/comunista que a Igreja não admitia.

---

<sup>370</sup> Julião foi deputado estadual em duas legislaturas. Eleito deputado federal por Pernambuco em 1962, foi cassado e preso em 1964. Ao ser liberado em 1965, foi incentivado a se exilar. Viajou para o México, onde permaneceu até ser anistiado em 1979. Aliado de Leonel Brizola, filiou-se ao PDT e tentou ser novamente deputado federal em 1988, quando foi derrotado. Segundo alguns, foi fundador das Ligas Camponesas, porém, segundo seu próprio relato, de 1940 a 1955, foi advogado dos camponeses, e segundo suas próprias palavras: Francisco Julião, por livre e espontânea vontade, durante quinze anos, entre 1940 e 1955, peregrinou pelos canaviais da zona da mata de Pernambuco conquistando a confiança dos camponeses como advogado. Tinha feito uma escolha. Não queria defender os poderosos. Transformado em líder das Ligas Camponesas, Julião foi considerado um "santo" entre os sem-terra. Aos olhos de quem os combatia era chamado de agitador, incendiário, comunista, Julião agradece o título de "agitador". É e sempre foi. "Mas dentro da lei". Afinal de contas - diz ele - "até remédio você precisa agitar antes de usar"... E só ler a bula. A primeira instrução é: "Agite antes de usar". Comunista nunca foi. "Minhas divergências com os comunistas permanecem até hoje". O que pouca gente sabe é que Julião é um dos fundadores do Partido Socialista Brasileiro, ao lado de Otávio Mangabeira. *(sic) não fundei a Liga, ela foi fundada por um grupo de camponeses que a levou a mim para que desse ajuda. A primeira Liga foi a da Galiléia, fundada a 1 de janeiro de 1955 e que se chamava Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco.* Cf. [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org) acessada em 27 de março de 2008.

<sup>371</sup> JULIÃO, Francisco. Depoimento concedido a Dênis de Moraes. MORAIS, Dênis de. In. *A esquerda e o golpe de 64: vinte e cinco anos depois, as forças populares repensam seus mitos, sonhos e ilusões.* Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989. p. 224.

Nesse sentido, começa a existir naquele momento duas forças expressivas com posições divergentes com relação ao encaminhamento das reivindicações dos agricultores. O primeiro movimento tem um apoio dos grupos e militantes de esquerda, e que em grande parte dos Estados nordestinos foi intitulado de Ligas Camponesas e, por outro lado, com o respaldo da Igreja Católica o fortalecimento dos sindicatos rurais.

Percebemos que, apesar de não aceitar os sindicatos rurais dentro das diretrizes das Ligas Camponesas, a Igreja Católica se fazia presente no campo, em 1961, foi realizado, o 1º Congresso de Trabalhadores e de Camponeses do Piauí, onde, segundo Dom Avelar, se fizeram presentes quatro grupos.

Forças político-partidárias, sem ideologia definida, dispostos a receber os ventos de todos os lados...

Forças extremistas preocupadas em conduzir o Congresso dentro do rumo de suas perspectivas.

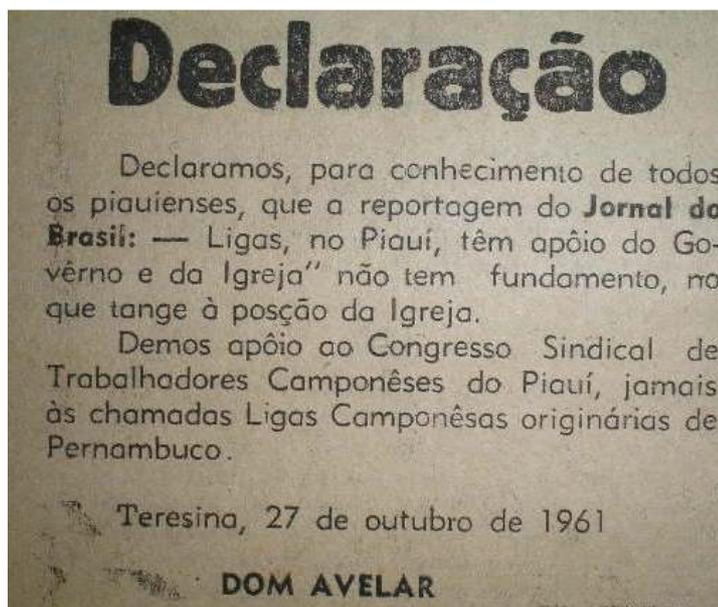
Forças operárias, despreocupadas, mas desejosas de fazer do Congresso um instrumento de promoção da classe.

E, finalmente, a Igreja, como força de equilíbrio, procurando evitar o pior e tentando com sobriedade conduzir os problemas dentro de uma linha razoável, em meio à diversidade de pensamento e de aspirações.<sup>372</sup>

Neste depoimento de Dom Avelar como na Carta dirigida ao padre Raimundo José, a Igreja porque ela reconhece a presença de diversas correntes se infiltrando no campo apresentado diversos caminhos a serem seguidos pelos trabalhadores rurais. Contudo, Dom Avelar enfatizava nos dois documentos, a posição da Igreja como o equilíbrio dessas forças, como uma terceira via, entre as propostas que radicalizam suas atuações. No entanto, Dom Avelar se pronunciou contra as propostas das Ligas Camponesas, e quando um jornal cometeu o engano de ligar a Arquidiocese de Teresina a este movimento, ele cuidou energicamente em desmentir.

---

<sup>372</sup> VILELA, Dom Avelar Brandão. 1º Congresso de trabalhadores e de camponeses do Piauí: palavras pronunciadas por Dom Avelar em a Hora Católica de 4 do corrente. *Jornal O Dominical*. Teresina, ano XXVI, 07 maio 1961, nº 18/61. p. 01.



Fotografia 29

Posicionamento de Dom Avelar sobre as Ligas Camponesas.  
 Fonte: *Jornal do Piauí*, Teresina, ano XI, 27 de novembro de 1961,  
 n° 977 p. 04.

Outro movimento apoiado pela Igreja de Teresina foi a Juventude Agrária Católica – JAC, masculina e feminina. Para conhecer melhor a atuação da Igreja Católica, o padre David Mendes foi indicado por Dom Avelar, para participar, em Natal, da primeira reunião nacional da JAC masculina. O encontro realizou-se de 27 de julho a 4 de agosto de 1959. A JAC feminina encontrava-se mais à frente pois no mesmo mês, havia acontecido o V Encontro Nacional. Desta forma, percebemos que esta maneira de atuação da Igreja foi mais bem aceita entre as mulheres. A este descompasso entre o movimento da JAC masculina e feminina não foi dada nenhuma explicação nem pela bibliografia estudada nem pelas fontes pesquisadas.

Este capítulo foi motivado pela observação da discrepância entre os fatos de a Igreja Católica se considerar anticomunista e de Dom Avelar, grande representante católico do Piauí, no mesmo período, ter sido adjetivado de comunista. Este passeio feito, inicialmente, pelo golpe civil-militar de 1964 serviu para chamar atenção para o fato de que ser comunista ou não no Brasil pode ser entendido como uma forma de classificar quem era a favor ou contra o golpe. Assim quem era a favor, recebia a alcunha de direitista, conservador etc. Por outro lado, quem era contra ao golpe ou tinha atitudes reprovadas pelo

governo militar era denominado de comunista. Desta forma, o epíteto de comunista, aplicado a Dom Avelar surgiu por sua postura de apoio ao movimento sindical rural, ao Movimento de Educação de Base – MEB. Mas, mesmo recebendo essa denominação, houve, por parte do arcebispo, a iniciativa de mostrar qual a posição da Igreja Católica frente ao comunismo, que vinha se implantando em diversos países. Neste sentido, para entender o porquê de tal recusa por parte de Dom Avelar em aceitar o título de comunista, retornamos a Doutrina Social da Igreja, para entender a forte crítica efetuada por ela, tanto ao capitalismo e como ao comunismo, principalmente, o russo, o chinês e o cubano, de acordo com as orientações pontifícias através das encíclicas. Dom Avelar, em um primeiro momento apoiou o golpe civil-militar, como uma recusa também à instalação do comunismo no Brasil. Contudo, diante da tortura aos opositores daquele sistema que acabava de se instalar, o Arcebispo se colocou como opositor e como um interlocutor dos oprimidos pelo regime, participando, inclusive, da Comissão Bipartite. No que diz respeito ao movimento sindical, a sua organização e criação foi proposta de Dom Avelar, desde que chegou ao Estado, enfatizando sempre que a sua atuação deveria ser de forma pacífica dentro da lei, e se posicionando claramente contra as Ligas Camponesas, que tinham um teor marxista, como diz seu orientador, Francisco Julião. “Os sindicatos apoiados pela Igreja eram chamados a afirmar a doutrina social cristã acima e contra o ‘materialismo’ das Ligas”<sup>373</sup>.

---

<sup>373</sup> KADT, Emanuel de. *Católicos radicais no Brasil*. João Pessoa: UFPB, 2003. p.169.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A passagem de Dom Avelar Brandão Vilela pelo Estado do Piauí e em particular por Teresina, sede da Arquidiocese, deixou profundas marcas, em consequência da sua participação na *história da Igreja* e da *cultura política* piauiense e brasileira durante 15 anos. Para registrar este acontecimento, este trabalho partiu da constituição da vida pública de Dom Avelar; se fez necessário estudar o contexto local, nacional e internacional, no qual viveu o Arcebispo. Nos valem do conceito de “batalhas de memórias”, visto que este estudo buscou as continuidades e os conflitos de memória, com relação às marcas deixadas pelo Arcebispo, com o intuito de compreender a construção da sua imagem sob a ótica dos piauienses e a dele próprio. A sua marca primeira foi a forma de perceber as transformações que o mundo passou a sofrer a partir da segunda metade do século XX e implementá-las, na Igreja Católica piauiense, o que o distinguiu do seu antecessor.

O século XX foi marcado por profundas transformações na Igreja Católica, especialmente no Brasil. As primeiras mudanças aconteceram nos anos que iniciaram o século XX, motivadas pelo término do padroado, em 1890 e, por causa disso, a Igreja procurou uma nova maneira de se relacionar internamente e com as várias instituições, inclusive o Estado. No Piauí, foi criada a Diocese do Piauí e, na administração de Dom Severino Vieira de Melo, o Estado piauiense se transformou em uma Província Eclesiástica, ficando em Teresina a sede: a Arquidiocese. A segunda metade do século XX, trouxe no seu interior transformações profundas para a Igreja Católica na maneira de se representar e se relacionar com os fiéis. Este processo iniciou, no Piauí, com Dom Avelar, quando, em 1960, ao comemorar seu 25º aniversário de ordenação sacerdotal, realizou o 1º Congresso Eucarístico, em Teresina, uma cidade aparentemente sem suporte para realização de um evento daquela magnitude e que só se tornou possível a sua concretização pela importância de Dom Avelar e o poder da Igreja Católica local. Em âmbito geral, as mudanças aconteceram com a realização do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), no qual Dom Avelar participou como parte do integrante por ser arcebispo e na

América Latina as mudanças chegaram através do Congresso de Medellín, em 1968, organizado pela Conferência Episcopal Latino-Americana - CELAM da qual Dom Avelar era o presidente.

Estes eventos deram ao Piauí uma visibilidade nacional e internacional, mas isto aconteceu, principalmente, por meio da projeção pessoal de Dom Avelar, fazendo com que os piauienses, de uma maneira geral, dessem grande importância a ele, o que, também, muito contribuiu para construção de sua memória. Ao mesmo tempo vale ressaltar que a realização deste estudo assumiu uma complexidade maior devido ao respeito que a esse papel atribuído a Dom Avelar.

Em 1956, quando Dom Avelar chegou ao Piauí seu primeiro olhar foi para as questões rurais. Neste sentido, foi realizado o primeiro encontro com trabalhadores rurais no qual foram discutidas questões técnicas sobre o plantio de diversas culturas e criação de várias espécies de animais, como também as diversas formas de associativismos e a sua importância, para as conquistas de uma vida melhor. No Brasil, o sindicalismo rural foi a forma mais usada para dar voz às reivindicações daquele segmento populacional, por esse motivo a Igreja Católica e, especificamente, a Arquidiocese de Teresina, através de Dom Avelar, resolveu apoiar essa forma de associativismo e a reforma agrária. Devido a esse apoio alguns atritos foram gerados entre os latifundiários e a forma de governo instalada em 1964. Dom Avelar, na busca de fazer um discurso geral, procurando usar uma forma de linguagem que fosse compreendido pelas diversas estratificações sociais, foi representado por diversos adjetivos, principalmente, depois de 1964, quando a sociedade brasileira passou a ter um discurso dicotômico, onde as pessoas eram rotuladas de conservadores, aqueles que apoiavam o regime militar e de comunistas aqueles que se opunham ao sistema. Por esse motivo, a Igreja se fracionou nesses dois grupos, segundo a revista *Veja*, o primeiro liderado por Dom Sigaud e o segundo liderado por Dom Hélder Câmara, enquanto que Dom Avelar, dependendo do grupo que estava dialogando procurava adequar o seu discurso, o que levava a ser compreendido como ora membro de um grupo, ora do outro.

Ressaltamos que muitos cortes, escolhas e desistências foram realizadas na elaboração deste estudo como é comum acontecer numa dissertação.

Neste sentido, se abrem novas possibilidades para outras escritas historiográficas, como a sua vida sacerdotal em Aracaju, o período que viveu em Petrolina na função de bispo daquela diocese, e, ainda na administração da Arquidiocese de Salvador, quando foi concomitantemente Bispo Primaz do Brasil. Quanto à sua permanência em Teresina, uma possibilidade a ser estudada seria o seu envolvimento com a educação que foi desenvolvida pela Arquidiocese, como a implantação das escolas da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos - CENEG, as aulas radiofônicas promovidas pelo Movimento de Educação de Base - MEB e o ensino universitário com a criação da Faculdade Católica de Filosofia – FAFI, dos cursos de medicina e odontologia e o apoio para a implantação da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Outra possibilidade para estudo foram as atividades assistenciais desenvolvidas pela Ação Social Arquidiocesana – ASA através dos Centros Sociais e os apoios emergenciais diante de calamidades públicas, como enchentes e secas.

Várias foram as dificuldades encontradas para a confecção desta dissertação, dentre elas, encontra-se, primeiramente, o próprio fazer historiográfico devido às múltiplas atuações de Dom Avelar, o que gerou a necessidade de fazermos escolhas, que de certo modo, prejudicaram a profundidade deste trabalho. Outro problema foram as entrevistas, posto que, tivemos que cancelar as que foram realizadas por motivos de doença dos sujeitos que haviam se disponibilizado para colaborar com este trabalho: o Monsenhor José Luís Soares e o Monsenhor Isac Vilarinho. Diante desta situação, recorreremos a entrevistas que se encontram no Núcleo de História Oral da Universidade Federal do Piauí, e aos depoimentos cedidos por Maria do Amparo Alves de Carvalho. Quanto ao acesso à documentação, o seu péssimo estado de conservação constituíram barreiras, que tivemos de transpor, para realizarmos os objetivos que nos propusemos.

Este trabalho foi produzido com base em pesquisa de textos bibliográficos, hemerográficos e depoimentos. Diante desta gama de documentos, construiu-se o contexto no qual foi inserida a trajetória de vida de Dom Avelar, entre 1956 e 1971, quando este foi o Arcebispo de Teresina, Província Eclesiástica do Piauí.

## REFERÊNCIAS E FONTES

### Referências

ALENCAR, Francisco; CARPI, Lúcia; RIBEIRO, Marcus Venício. *História da sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

ANDRADE, Wilma Therezinha Fernandes de. *A origem e evolução da diocese*. Disponível em: [www.diocesedesantos.com.br](http://www.diocesedesantos.com.br) acesso em 12 fev 2008.

ARTIÈRES, Philippe. *Arquivar a própria vida*. Sd, p. 3

BANDEIRA, Marina. *A Igreja Católica na virada da questão social (1930-1964): anotações para uma história da Igreja no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

BARROS, Jesualdo Cavalcanti. *Tempo de contar: o que vi e sofri nos idos de 1964*. Teresina: Gráfica do Povo, 2006.

BEOZZO, José Oscar. Presença e atuação dos bispos brasileiros no Vaticano II. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATTO, Vera Ivanise (orgs.) *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004.

BONFIM, Washington Luís de Sousa e SANTOS Jr., Raimundo Batista dos. Formação política. In SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro. *Piauí: formação, desenvolvimento e perspectivas*. Teresina: FUNDAPI, 1995.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

\_\_\_\_\_. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (orgs.) *Usos e abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

BRANDÃO, Wilson de Andrade. Formação social. In SANTANA, Raimundo Nonato (org). *Piauí: formação, desenvolvimento perspectivas*. Teresina: FUNDAPI, 1995.

BOSCATO, Luiz Alberto de Lima. *Vivendo a sociedade alternativa: Raul Seixas no panorama da contracultura jovem*. Tese de Doutorado em História Social, apresentada à FFLCH/USP em 2006.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In BURKE, Peter (org.); *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Protestantismo brasileiro e mudança social. In. SOUZA, Beatriz Muniz e MARTINO, Luís Mauro (orgs) *Sociologia da religião e*

*mudança social*: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. São Paulo: Paulus, 2004.

CARVALHO JR, Dagoberto Ferreira de. *História episcopal do Piauí*. Teresina: COMEPI, 1980

CARVALHO, Maria do Amparo Alves de. *História e repressão: fragmentos de uma memória oculta em meio às tensões entre a Igreja Católica e o regime militar em Teresina*. Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenação do Mestrado Acadêmico em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. Teresina: 2006.

CASTRO, Adyr Fiúza de. Depoimento concedido a Maria Celina D'Araújo e Gláucio Ary Dillon Soares em março de 1993. In: D'ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio Ary Dillon; e CASTRO, Celso. (orgs) *Visões do golpe: a memória militar de 1964*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: v. 7, n. 13, 1994.

\_\_\_\_\_. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1990.

CLAUDINO, Assis. *O monstro sagrado e o amarelinho comunista: Gilberto Freire, Dom Hélder Câmara e a revolução de 64*. Recife: Opção, 1985.

COELHO, Celso Barros. A Faculdade Católica de Filosofia do Piauí na conjuntura dos anos 60: aspectos legais, administrativos, políticos e pedagógicos. (mesa redonda) SOUSA, Francisca Mendes de; BOMFIM, Maria do Carmo Alves do e PEREIRA, Maria das Graças Moita R. (orgs) *Presente do passado: a Faculdade Católica de Filosofia na história da educação do Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2002.

COELHO NETO, José Luiz. Depoimento concedido a Maria Celina D'Araújo, Gláucio Ary Dillon Soares e Celso Castro em janeiro de 1993. D'ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio Ary Dillon; e CASTRO, Celso. (orgs) *Visões do golpe: a memória militar de 1964*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

CORALINA, Cora. *Meu livro de cordel*. São Paulo: Global, 1994.

COSTA FILHO, Alcebíades. *A escola do sertão: ensino e sociedade no Piauí, 1850-1889*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006.

D'ALESSIO, Márcia Mansor. Fragmentos e contexto: uma forma de pensar a história. *Projeto História: trabalhos da memória*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo. EDUC FAPESP, n.5, 1998.

DAVIS, Natalie Zenon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

D'ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio Ary Dillon; CASTRO, Celso. (orgs) *Visões do golpe: a memória militar de 1964*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

DAVIS, Natalie Zenon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DOBAL, H. *Obra completa II: prosa*. Teresina: Corisco, 1999.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

\_\_\_\_\_ *Mozart: sociologia de um movimento*. Jorge Zahar editor, 1995.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 4. ed. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1996. p. 473-477.

FENELON, Déa Ribeiro. *Biografia e Memória. Projeto História: trabalhos da memória*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo. EDUC FAPESP, n.5, 1998. p.471-474.

FERRARI, Liliana. *Ação Católica*. In BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. (orgs) *Dicionário de política*. 1v. 5. ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília. 2000.

FERRO, Maria do Amparo Borges. *Educação e sociedade no Piauí republicano*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

FESTER, Antonio Carlos Ribeiro. *Justiça e paz: memórias da comissão de São Paulo*. São Paulo: Loyola, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Vozes, 1972  
\_\_\_\_\_ *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã, meu irmão...* um caso de parricídio do século XIX. 6. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

FREITAS FILHO, Benedito da Rocha, A Faculdade Católica de Filosofia do Piauí na conjuntura dos anos 60: aspectos legais, administrativos, políticos e pedagógicos. (mesa redonda) SOUSA, Francisca Mendes de; BOMFIM, Maria do Carmo Alves do e PEREIRA, Maria das Graças Moita R. (orgs) *Presente do*

*passado: a Faculdade Católica de Filosofia na história da educação do Piauí.* Teresina: EDUFPI, 2002.

FREITAS, Sonia Maria de. *História Oral: possibilidades e procedimentos.* São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GALLI, A. e GRANDI, D. *História da Igreja.* 3. ed. Lisboa: Paulistas, 1964.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia.* 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GODINHO, P. A. de Oliveira. *Catolicismo, comunismo e outros assuntos.* Rio de Janeiro: Agir, 1947.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário enciclopédico piauiense ilustrado: 1549-2003.* Teresina: Halley Gráfica, 2003.

GUERRY, Arcebispo Emile Maurice. *A Igreja Católica e o comunismo ateu: carta pastoral ao clero e militantes da sua diocese.* Lisboa: Sampedro Editora, 1960.

GUIDOM, Niède e LAGE, Maria da Conceição Soares Meneses. Piauí pré-histórico: história e cultura. In: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro. *Apontamentos para a história Cultural do Piauí.* Teresina: FUNDAPI, 2003.

KADAT, Emanuel de. *Católicos radicais no Brasil.* João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

KEHL, Maria Rita. Leopoldina, ensaio para um perfil. In: KANN, Betina; LIMA, Patrícia Souza (orgs). *Dona Leopoldina: cartas de uma imperatriz.* São Paulo: Estação da Liberdade. 2006.

KLOPPENBURG O.F.M., Frei Boaventura. Introdução Geral. In: VIER O.F.M., Frei Frederico (org) *Compêndio vaticano II: constituições, decretos e declarações.* 10 ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1976.

KRUEL, Kenard. *Djalma Veloso: o político e sua época.* Teresina: Halley Gráfica e Editora, 2006.

LEGOFF, Jacques. São Francisco de Assis. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (orgs.) *Usos e abusos da história oral.* 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

LIMA, Nilsângela Cardoso. *Invisíveis asas das ondas ZYQ-3: sociabilidade, cultura e cotidiano em Teresina (1948-1962).* Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenação do Mestrado Acadêmico em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. Teresina: 2007.

- LIMA, Maurílio César de. *Breve história da igreja no Brasil*. Rio de Janeiro: Loyola, 2001.
- LOUZEIRO, José. *Elza Soares: cantando para não enlouquecer*. São Paulo: Globo, 1997.
- LÖWY, Michael. *Marxismo e teologia da libertação*. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1991. Coleção polêmicas do nosso tempo v. 39.
- MAGALHÃES, Monsenhor Walter. *Dom Avelar Brandão Vilela: meio século de pregação*. Salvador. Arquidiocese de Salvador. 1985.
- MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- MARIAE, Servus (Raimundo Caramuru de Barros). *Para entender a Igreja no Brasil: a caminhada que culminou no Vaticano II (1930-1968)*. Petrópolis- RJ: Vozes, 1994.
- MARTINS, Agenor de Sousa. ... [et. al] *Piauí: evolução, realidade e desenvolvimento*. 3. ed. Teresina: Fundação CEPRO, 2003.
- MATOS, Henrique Cristiano José. *Introdução à história da Igreja*. 2v., 5. ed. Belo Horizonte: O Lutador, 1997.
- MEDEIROS, Antonio José. *Movimentos sociais e participação política*. Teresina: CEPAC, 1996.
- MELO, Padre Cláudio. *Piauí, diocese e província eclesiástica*. Teresina: Arquidiocese de Teresina, 1993.
- MENDES, Felipe. *Economia e desenvolvimento do Piauí*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2003.
- MORAES, Denis de. *A esquerda e o golpe de 64: vinte e cinco anos depois, as forças populares repensam seus mitos, sonhos e ilusões*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *História e memória da Rádio Pioneira de Teresina*. Teresina: Alínea Produções, 2004.
- NUNES, Odilon. *Pesquisas para a História do Piauí*. 2. ed. Teresina: ARTENOVA, 1972 v. 1.
- OLIVEIRA, Marylu Alves de. Considerações sobre o discurso anticomunista no jornal *O Dia*. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides. e SANTIAGO Jr., F. C. Fernandes. *Encruzilhada da história: rádio e memória*. Recife: Bagaço, 2006.
- PADIN, Dom Cândido. Depoimento concedido a João Francisco Regis de Moraes. Itaici 1980. p. 01. In: MORAIS, João Francisco Regis de. *Os bispos e a*

*política no Brasil: pensamento social da CNBB*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1982.

PAPA PIO XI. Encíclica *Quadragesimo Anno* In: PIMENTEL JUNIOR. *A Doutrina social da Igreja*, São Paulo: Dominus, 1963.

PEREIRA, Luciana Lima. *O discurso da Igreja Católica de Teresina e a formação do ideário cristão através de "O Dominical" (1950-1956)*. Monografia de conclusão de curso apresentada ao Departamento de Geografia e História da Universidade Federal do Piauí – Teresina: 2005.

PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira; SOUZA, Beatriz Muniz de e CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Igreja Católica: 1945-1970*. In: PIERUCCI, Antonio Flavio de Oliveira ... [et. al.]. *O Brasil republicano: economia e cultura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. *Brasil: da independência aos dias de hoje*. 10. ed. São Paulo: Ática, 1996.

PINHEIRO, Áurea Paz. *Notas sobre história, memória e biografia. História: publicações avulsas*. Teresina. Universidade Federal do Piauí. Departamento de Geografia e História, n.1, 2002.

\_\_\_\_\_. *Notas sobre o gênero biográfico*. In: PINHEIRO, Áurea Paz; NASCIMENTO, Francisco Alcides do. (orgs.) *Cidade história e memória: Teresina 150 anos*. Teresina: EDUFPI, 2004.

\_\_\_\_\_. *As ciladas do inimigo: as tensões clericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX*. Teresina: FCMC, 2001.

\_\_\_\_\_. *O desmoronar das utopias. Abdias Neves (1876-1928): anticlericalismo e política no Piauí nas três primeiras do século XX*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas de Campinas - São Paulo: 2003.

PINHEIRO, Odette de Godoy. *Entrevista: uma prática discursiva*. In: SPINK, Mary Jane. (org.) *Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2000.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: vol. 2. n. 3. 1989.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves. 1994.

\_\_\_\_\_. *A importância da borracha de manijoba na economia do Piauí: 1900-1920*. 2. ed. Teresina: FUNDAPI, 2006.

RASCHIETTI, Estevão. *O Concílio Vaticano II como evento universal e missionário: memória histórica e considerações teológicas a 40 anos de sua abertura*. p. 04. Disponível em: [www.missilogia.org.br](http://www.missilogia.org.br) acesso em 14 fev 2008

RODRIGUES, Marly. *A década de 50: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

ROSENDAHL, Zeny. Cultura e cidade: para uma geografia das relações entre espaço, religião e política. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges (orgs.) *Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2003.

ROSENTHAL, Gabriele. A estrutura e a gestalt das autobiografias e suas conseqüências metodológicas. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (orgs.) *Usos e abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SCHMIDT, Benito Bisso. Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema. In: SCHMIDT, Benito Bisso. (org) *O Biográfico: perspectiva interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul- RS: EDUNISC, 2000.

\_\_\_\_\_ Construindo biografias ... historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. Revista *Estudos históricos*. Rio de Janeiro: n. 19, 1997.

\_\_\_\_\_ *Em busca da terra da promessa: a história de dois líderes socialistas*. Porto Alegre: Palmarinca, 2004.

SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SINGER, Paul. Interpretação do Brasil: uma experiência histórica de desenvolvimento. In: PIERUCCI, Antonio Flavio de Oliveira ... [et. al.]. *O Brasil republicano: economia e cultura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SOARES, Raimundo José Airemorais. A Faculdade Católica de Filosofia do Piauí na conjuntura dos anos 60: aspectos legais, administrativos, políticos e pedagógicos. (mesa redonda)

SOUSA, Francisca Mendes de; BOMFIM, Maria do Carmo Alves do e PEREIRA, Maria das Graças Moita R. (orgs) *Presente do passado: a Faculdade Católica de Filosofia na história da educação do Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2002.

SOUSA, Jessie Jane Vieira de. *Círculos operários: a Igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

SOUZA, Ney. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATTO, Vera Ivanise (orgs.) *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004.

VILELA, Dom Avelar Brandão. *A prece que brota da vida*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1983.

VOLDMAN, Daniele. Definições e usos. In. FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Orgs). *Usos e abusos da História Oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

## Fontes

1º Congresso Eucarístico de Teresina: começou o congresso. *Jornal O Dominical*. Teresina, ano XXIV, nº 46/60, 13 nov 1960.

A LIÇÃO de Dom Avelar. *Jornal O Dia*. Teresina, ano VII, 24 out 1957, nº 505.

A Marcha do Congresso. *Jornal O Dominical*. Teresina, ano XXIV, nº 29/60, 17 jul 1960.

CARTA ABERTA de Dom Avelar ao prof. Simplício Mendes. *Jornal O Dominical*. Teresina, 01 de maio de 1964. acervo particular do padre Raimundo José.

CARTA Pastoral e Mandamento do Episcopado Brasileiro sobre o Comunismo Ateu. Rio de Janeiro 08 jan 1937.

CARVALHO, O. G. Rêgo de. *Deus e os Homens*. *Jornal O Dia*. Teresina, ano VII, n. 502, 13 out 1957 p.01 e 04.

CENEG inaugura hoje novo prédio do ginásio popular de Teresina. *Jornal O Dominical* Teresina, ano XXX, 15 ago 1965, nº 33/65.

CHAVES, J. Vieira. Evangelizar e Humanizar: 15 anos depois. *Jornal O Dia*. Teresina, ano XX, n. 3321, 04 maio 1971, p. 06.

Cópia da ata, folhas oito a dez, da sessão da Câmara Municipal de Crateús, do estado do Ceará, do dia 16 de maio de 1969, do dossiê de Dom Antônio Fragoso, do  
DOPS, arquivado no Arquivo Público de Fortaleza

DOM AVELAR completa 15 anos na Arquidiocese de Teresina. *Jornal O Dominical*. Teresina, ano XXXVI, n. 09/71, 05 maio 1971, p. 01.

DOM AVELAR concedeu entrevista coletiva à imprensa. *Jornal O Dominical*. Teresina: ano XXXIII, 11 jul 1968, n° 46/68.

DOM AVELAR protesta contra ameaça ao Bispo de Crateús. *Jornal do Piauí*. Teresina, ano XVII, n. 1946, 23 nov 1968 p.01. DOPS, arquivado no Arquivo Público de Fortaleza

ENCONTRO dos bispos em Natal. *Jornal O Dominical*. Teresina, ano XXIII, 07 jun de 1959, n° 23/59.

E SILVA, Cunha. O novo arcebispo. *Jornal O Dia*. Teresina, ano VI, n. 351, 29 abr 1956.

FORTES, Clemente H. P. A propósito de “Ulisses” – novela de O. G. Rego de Carvalho. *Jornal O Dia*. Teresina, ano VII, 15 set 1957, n° 494.

GUERRA, S. D. JOÃO XXIII não morreu. *Jornal O Dia*. Teresina: ano XIII, 06 jun 1963 n° 1105.

IGREJA – Brasil – América Latina. *Revista Visão*. São Paulo: 16 ago 1968. vol. 33, n° 04.

MENDES, Simplício de Sousa. *D. Avelar*. *Jornal O Dia*. Teresina, ano XIV, 23 abr 1964, n. 1.222.

MENDES, Simplício de Sousa. Democracia e socialismo. *Jornal O Dia*. Teresina, ano XIV, 24 abr 1964, n. 1.223.

MENDES, Simplício de Sousa. Os sindicatos. *Jornal O Dia*. Teresina, ano XIV, 25 abr 1964, n. 1.224.

MONSENHOR JOAQUIM Chaves fala sobre a Pioneira. *Jornal O Dia*. Teresina, ano XIII, n. 1122, 09 set 1963.

NETO, Helmano. *JOÃO XXIII o grande pontífice*. *Jornal O Dia*. Teresina: ano XII, 06 jun 1963, n° 1105.

NOTA. Teresina, ano XXXIV *Jornal O Dominical* 05 jan 1969 n° 81/69

O Congresso em marcha. *Jornal O Dominical*. Teresina, ano XXIV, n° 28/60, 10 jul 1960.

O Congresso em Marcha. *Jornal O Dominical*. Teresina, ano XXIV, n° 32/60, 07 ago 1960.

O Congresso em Marcha. *Jornal O Dominical*. Teresina, ano XXIV, n° 35/60, 28 ago 1960.

O Congresso em Marcha. *Jornal O Dominical*. Teresina, ano XXIV, n° 28/60, 10 jul 1960.

O Congresso em Marcha. *Jornal O Dominical*. Teresina, ano XXIV, n° 41/60, 09 out 1960.

O NOVO "Caso" O. G. *Jornal O Dia*. Teresina, ano VII, 15 set 1957, n° 494.

O que é Congresso Eucarístico. *Jornal O Dominical*. Teresina, ano XXIV, n° 28/60, 10 jul 1960.

O SENTIDO de paternidade do bispo. *Jornal O Dominical*. Teresina, ano XX, n. 19/56, 05 maio 1956.

O SOCIALISMO, Editorial. *Jornal O Dominical*. Teresina ano XXX 19 dez 1965 n° 50/65.

O TESTAMENTO de Dom Severino. *Jornal do Piauí*. Teresina, ano IV, n. 369, 05 jun 1955.

PALESTRA proferida por Dom Avelar na AL. *Jornal O Dominical*. Teresina. ano XXXIII, 06 out 1968 n° 64/68.

PAULO VI na América Latina: a mensagem de fé do Vaticano. *Revista Manchete*. Rio de Janeiro: ano 16, 31 ago 1968.

PIANO Piano. *Revista Visão*. vol. 20 n° 12. São Paulo: 23 mar 1962.

PRIMEIRA Semana Ruralista no Estado do Piauí. *Jornal O Dominical*. Teresina, ano XX, 29 jul 1956, n. 31/56.

QUE DISSE o padre belga? *Revista Visão*. São Paulo: 05 jul 1968, v. 33, n° 1. *Revista Caravana*, Rio de Janeiro GB, ano XIV, janeiro de 1961.

ROCHA, Marcos; WOLF, José e CASTILHO, Carlos. A Igreja está precisando de uma reforma? *Fatos e Fotos*. Brasília: ano VIII, 26 dez 1968, n° 412.

*Revista do assistente eclesiástico* de n° 33 de junho de 1950 e a de n° 38 de janeiro-fevereiro de 1951

ROCHA, Marcos; WOLF, José e CASTILHO, Carlos. *A Igreja está precisando de uma reforma?* *Revista Fatos e Fotos*. Ano VIII Brasília: 26 dez 1968 n° 412.

RODRIGUES, Nelson. *Jornal O Globo* *apud* QUE DISSE o padre belga? *Revista Visão*. São Paulo: 05 jul 1968, v. 33, n° 1.

ROLLO, Orlando C. Ocorrência lamentável. *Jornal O Dia*. Teresina, ano VII, 11 jul 1957, n° 475.

SANDES, Valdemar. Nossa solidariedade. *Jornal O Dia*. Teresina, ano VII, 11 jul 1957. n° 475.

SOARES, Luís. A cidade cresce. *Jornal O Dominical*. Teresina, ano XXX, 28 mar 1965, n° 13/65.

Trecho do discurso do deputado federal Carvalho Neto na Câmara *apud* QUE DISSE o padre belga? Revista *Visão*. São Paulo: 05 jul 1968, v. 33, n° 1.

VASCONCELOS, Cônego Antônio Cardoso de. *Dom Severino Vieira de melo: post mortem*. *Jornal O Dominical*. Teresina, ano XIX, n. 26/95, 26 jun 1955.

VILELA, Dom Avelar Brandão. *1º Congresso de trabalhadores e de camponeses do Piauí: palavras pronunciadas por Dom Avelar em a Hora Católica de 4 do corrente*. *Jornal O Dominical*. Teresina, ano XXVI, 07 maio 1961, n° 18/61.

VILELA, Dom Avelar Brandão. *Carta aberta de Dom Avelar ao prof. Simplício*. *Jornal O Dominical*. Teresina 10 maio 1964. p. 01, 03 e 04.

VILELA, Dom Avelar Brandão. Carta endereçada ao Padre Raimundo José Airemorais. Teresina 09 set 1963.

VILELA, Dom Avelar Brandão. D. Avelar a O. G. Rego de Carvalho. *Jornal O Dia*. Teresina, ano VII, 20 out 1957, n° 564.

VILELA, Dom Avelar Brandão. *Meu caro dr. Lourival Parente*. Carta/ofício de 9 de julho de 1970. Arquivo da Cúria Metropolitana.

VILELA, Dom Avelar Brandão. O Governo Arquidiocesano: A batina e o clergyman. *Jornal O Dominical*. Teresina: ano XXX, 07 fev 1965, n° 06/65.

VILELA, Dom Avelar Brandão. *Oração por um dia feliz*. *Jornal O Dominical*. Teresina ano XXX 30 maio 1965 n° 22/65.

VILELA, Dom Avelar Brandão. *Oração por um dia feliz*. *Jornal O Dominical*. Teresina: ano XXXIV 05 jan 1969. p. 06.

VILELA, Dom Avelar Brandão. *Oração proferida por S. Exa. Revma. Dom Avelar Brandão Vilela, na Missa de Ação de Graças pelo 1º aniversário da Revolução de 31 de março*. *Jornal O Dominical*. Teresina, ano XXX, 04 abr 1965 n° 14/65.

## Depoimentos

AIREMORAES, Raimundo José. *Depoimento concedido a Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina 1998.

BATISTA, Tony. *Depoimento concedido a Francisco Alcides Nascimento*. Teresina, 2002, p. 12

BOMFIM, Maria do Carmo Alves do. Depoimento concedido a José Maria Vieira e Luciana de Lima Pereira. Teresina, 2003, p. 03.

CARVALHO, Francisco das Chagas. *Depoimento concedido a Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina, 1998.

CARVALHO, Luis Fernandes de. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, [s.n.],

CASTRO, Adyr Fiúza de. Depoimento concedido a Maria Celina D'Araújo e Gláucio Ary Dillon Soares em março de 1993. In: D'ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio Ary Dillon; e CASTRO, Celso. (orgs) *Visões do golpe: a memória militar de 1964*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

CHAVES, Monsenhor Joaquim. *Depoimento concedido à Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina, 1998.

COELHO NETO, José Luiz. Depoimento concedido a Maria Celina D'Araújo, Gláucio Ary Dillon Soares e Celso Castro em janeiro de 1993. D'ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio Ary Dillon; e CASTRO, Celso. (orgs) *Visões do golpe: a memória militar de 1964*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

DANTAS, Declécio *Depoimento cedido a Francisco Alcides Nascimento*. Teresina, 2002.

JULIÃO, Francisco. Depoimento concedido a Dênis de Moraes. MORAIS, Dênis de. In. *A esquerda e o golpe de 64: vinte e cinco anos depois, as forças populares repensam seus mitos, sonhos e ilusões*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

LIMA, Carlos Augusto de Araújo. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 2002.

MEDEIROS, Antônio José. *Depoimento cedido para Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina 1998

NETO, Antonio. *Depoimento cedido para Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina 1998.

OLIVEIRA, Emílio Burlamaque. *Depoimento cedido a Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina, 1998

RÊGO, Maria Isabel Vilela Marinho Fortes do. *Depoimento cedido a Warrington Wallace Veras de Araújo*. Teresina, 2007.

SANTOS, José Lopes dos. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 2002.

SANTOS, Teresinha de Jesus. *Depoimento cedido para Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina 1998.

SOARES, João Gualberto dos Santos. *Depoimento cedido para Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina 1998.

SOARES, Palmira Luzia. *Depoimento cedido para Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina 1998.

SILVA, Joel. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, 2002.

TAJRA, Jesus Elias. *Depoimento concedido a Francisco Alcides do Nascimento*. Teresina, [s.n.].

VILARINHO, Monsenhor Isaac. *Depoimento cedido para Maria do Amparo Alves de Carvalho*. Teresina 1998

## Site

[www.cepisa.com.br](http://www.cepisa.com.br)

[www.celam.org](http://www.celam.org)

[www.cnbb.org.br](http://www.cnbb.org.br)

[www.diocesedesantos.com.br](http://www.diocesedesantos.com.br)

[www.missiologia.or.br](http://www.missiologia.or.br)

[www.noticias.cancaonovca.com](http://www.noticias.cancaonovca.com)

[www.passionista.org.br](http://www.passionista.org.br)

[www.pimentanegra.blogspot.com](http://www.pimentanegra.blogspot.com)

[www.wikipédia.org](http://www.wikipédia.org)

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)